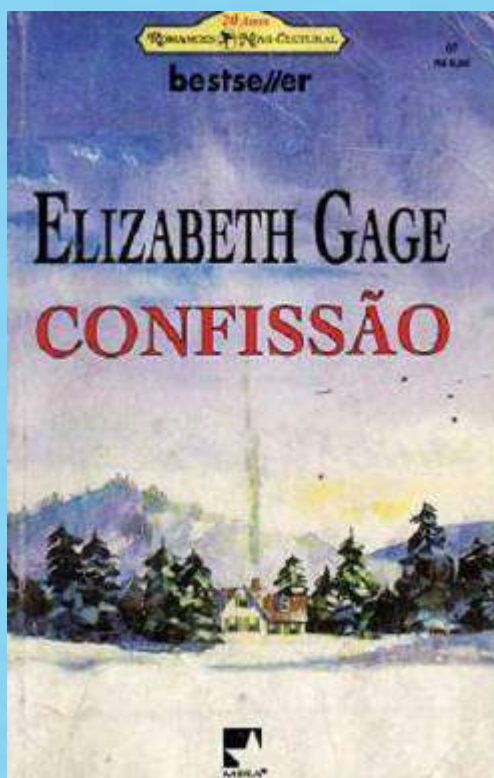


CONFISSÃO

"Confession"

Elizabeth Gage



Um único pecado numa vida inocente mudou esta família para sempre.

Rebecca: Ela é a esposa e mãe perfeita... aparentemente. Mas a verdade é que, apesar de não demonstrar, está vivendo em desespero.

Damon: Ele é rico, poderoso e invejado. E infiel! Rebecca aprendeu a fechar os olhos para os defeitos do marido... até para o fato de ele ter uma amante.

Dusty: Ela é a única filha do casal, a riqueza de ambos. E está crescendo rapidamente e se afastando de sua família "perfeita".

Então, Dusty traz para casa seu jovem noivo. Ele é tudo que os pais poderiam desejar para a filha. Mas o destino arma sua teia...

Digitalização: Joyce

Revisão: Valdiléa

Formatação: Cyntya D.

PROJETO REVISORAS



BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Copyright © 1998 by JSL Productions, Inc. Originalmente publicado em 1998 pela Mira Books.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Mira Books.
Mira e o colofão são marcas registradas e licenciadas e patenteadas.

Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas
terá sido mera coincidência.

Título original: Confession
Tradução: Luís Fernando Martins Esteves
Editor: Janice Florido
Chefe de Arte: Ana Suely Dobón
Paginador: Nair Fernandes da Silva

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Rua Paes Leme, 524 - 10s andar
CEP: 05424-010 - São Paulo - Brasil
Copyright para a língua portuguesa: 1999
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Fotocomposição: Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

PRÓLOGO

Havia neve por toda a parte. Os montes chegavam aos dois metros de altura. A pilha ao lado das estradas de interior quase soterravam as placas de trânsito.

Em seu ápice, durante a tarde e a noite de sábado, a tempestade paralisara tudo. Apenas veículos de trabalhos e providos de esquis podiam atingir o centro da cidade; as estradas vicinais foram oficialmente fechadas. Por sorte a eletricidade não foi interrompida, mas toda a atividade cotidiana cessou. Algumas pessoas com raquetes de neve se aventuraram a explorar as colinas próximas ao lago. Todos os outros permaneceram dentro de casa.

No domingo a nevasca arrefecera o suficiente para permitir a limpeza das ruas, e na segunda feira todos voltaram para o trabalho.

A menininha estava com Pam, a babá, porque sua mãe fora fazer uma entrevista de emprego. Pam estava no interior da casa assistindo à televisão, e a menininha construía um boneco de neve quando o estranho chegou.

Era um homem alto. Seus cabelos estavam pontilhados de flocos de neve. O belo rosto encontrava-se avermelhado do frio.

— Oi. Qual é seu nome? — perguntou ele.

— Natalie.

— O que está fazendo, Natalie? Ela sorriu.

— Fazendo um boneco de neve.

Ele recuou e cruzou os braços para avaliar o trabalho. A bola de neve mal tinha trinta centímetros de diâmetros.

— Pelo jeito ainda falta bastante, não é mesmo? Natalie não respondeu.

— Não tem ninguém para ajudar você? — quis saber o estranho.

— Só Pam. Mas ela tem que assistir ao programa até as duas — respondeu ela.

— Oh — fez o homem, olhando em direção à casa. — Bem, se você quiser eu ajudo.

Disse isso e ajoelhou-se, enfiando as mãos sob a bola, rolando-a com rapidez pelo quintal. A textura era apropriada, pois a temperatura se elevara um pouco durante a noite; em pouco tempo a bola tinha um metro de altura.

— Pronto — disse ele. — Já é um bom começo, não acha?

A criança inclinou a cabeça, cruzou os braços, e olhou com atenção.

— Acho que sim.

— Agora precisamos fazer outra bola. Para a parte do meio do corpo — explicou o homem, encarando-a em seguida. — Você sabe como é chamada a parte do meio do corpo de uma pessoa?

Natalie sacudiu a cabeça numa negativa.

— E você? Sabe?

— Sei, sim. Chama-se torso.

— Torso — repetiu a menina, fazendo careta. — Que nome bobo.

Confissão

— É, acho que é bobo mesmo — concordou ele, sorrindo. — Mas mesmo assim vamos fazer um torso para nosso boneco, está bem?

Estavam ajoelhados juntos quando Pam saiu da casa. Tratava-se de uma menina gorda de catorze anos, com cabelos loiros e uma compleição que devia trazer-lhe problemas psicológicos. Havia colocado um casaco às pressas.

— Posso ser útil?

O homem levantou-se, deixando a criança ajoelhada na neve. O rosto de Pam demonstrou desconfiança e a curiosidade juvenil, pois parecia bem-apegoado.

— Espero que sim. Estou procurando uma casa — disse ele. — Como não conheço a cidade, estou perdido.

— Que casa está procurando?

A babá sempre morara em Lake Geneva, uma cidade pequena. Conhecia todas as famílias e todas as casas, a não ser aquelas luxuosas dos veranistas e os novos prédios próximos ao hotel.

— Aqui está o endereço — afirmou o estranho, entregando um papel dobrado, que retirou do bolso.

Ele sorriu o tempo todo, portanto Pam não pôde deixar de retribuir.

— Já sei. É do outro lado do lago! Estou contente que tenha perguntado para mim. Não teria sido fácil de encontrar.

Ela observou Natalie, que puxava o paletó do estranho.

— Vou desenhar um mapa. Volto já — informou Pam, caminhando na direção da casa.

— Eu fico aqui com Natalie — anunciou ele. — Ainda temos de rolar o torso, não é?

A menina fez uma careta à menção do nome aprendido.

Pam hesitou por alguns instantes ao pensamento de deixar a menina com o estranho. Afinal de contas, Natalie era sua responsabilidade. Reparou que o homem não usava luvas e tinha as mãos avermelhadas.

— Precisa usar luvas para fazer isso. E veja só suas calças — disse ela, apontando.

As calças dele eram finas demais para o frio que fazia. Não era possível enxergar os sapatos, pois eles se encontravam sob a camada de neve. Ele não usava roupas apropriadas. O casaco era mais sofisticado do que os vendidos pela região.

Ela foi para o interior e conseguiu um par de luvas masculinas no armário e as atirou para ele da porta. Em seguida pegou papel e lápis na cozinha, dispondo-se a desenhar o mapa. Quando ela retornou, o homem erguia a segunda bola para a sua posição, enquanto Natalie observava, deslumbrada. A menina perdera seu contato com homens desde que o pai partira.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

— A primeira coisa que você precisa fazer é voltar para a cidade — começou Pam, mostrando no mapa o local onde se encontravam. — Vá pela rua Center direto até a Elm, depois vire à esquerda. Com isso vai dar a volta ao lago.

Pensou em oferecer-se para acompanhá-lo até lá, mas considerou o fato de que ele era um estranho, e ela não deveria entrar no carro com ele. Além disso, havia Natalie para pensar.

— Mais ou menos dois quilômetros depois, vai encontrar um pequeno restaurante chamado Pine Top. Então vire à direita no sinal seguinte. Há um bairro ali com mais ou menos quatro ruas. É só subir até a parte mais alta, e depois virar a primeira à direita.

Ele balançava a cabeça num gesto afirmativo, sorrindo.

— Falei depressa demais? — indagou ela.

— De jeito nenhum. Só vou ajudar Natalie a enrolar a cabeça desse pobre homem de neve, e logo partirei.

Rapidamente ele ajudou a garotinha a rolar a bola de neve e colocou-a no lugar. O boneco ficou alto e imponente.

Inclinou-se para apertar a mão de Natalie.

— Veja se encontra um chapéu bem bonito. E um cachimbo, também — acrescentou ele. — Seu pai por acaso não tem um cachimbo rolando pela casa em algum lugar?

Pam lançou um olhar significativo na direção dele.

— Ela mora com a mãe. Mas nós encontraremos um cachimbo, não é Natalie?

A menininha concordou.

O homem ergueu-se, espanando a neve dos joelhos.

— Assim vai acabar ensopado — disse Pam.

Se estivesse em sua própria casa poderia secar a calça dele no aquecedor e oferecer um pouco de café.

— Está... só de passagem? — quis saber ela.

— Bem, acho que isso depende. Pode ser que a gente se encontre por aí — respondeu ele, aparentemente divertido pelo interesse dela. Devolveu-lhe as luvas. — Agora é melhor eu ir andando.

— Obrigada por ajudar Natalie.

— Foi um prazer. Há muitos anos eu não fazia um boneco de neve.

Ela o observou enquanto caminhava através da parte limpa da calçada, depois entrava no carro. A capota e o capo estavam molhados, mas não ostentavam sinais de neve. Ele deveria ter dirigido desde muito longe. Todos os cairos na cidade tinham neve na capota.

O veículo seguiu pela estrada, os pneus afundando na neve recente, uma camada grossa sobre as árvores e telhados. As duas meninas acenaram, observando um braço elevar-se pela janela e responder. Pam apertou os olhos para ver se ele chegava ao local que ela indicara, do outro lado do lago. Havia uma rua com poucas árvores, mas não viu o veículo ali. Percebeu então que se esquecera de perguntar o nome da família que ele pretendia visitar. Bem, não havia pressa, pensou. Mais cedo ou mais tarde acabaria sabendo. Era uma pequena cidade.

— Vamos procurar por um chapéu e um cachimbo — sugeriu ela à pequenina. — Ou melhor ainda, por um cachecol para o seu boneco de neve!

Ele seguiu as indicações da menina, dirigindo para o centro da cidade, onde as decorações natalinas pendiam nos postes luminosos e fios. Era uma cidade pequena, com pouco trânsito. Os hóspedes permaneciam no hotel, de forma que os únicos veículos eram os dos moradores, com predominância de carros e caminhonetes fechados.

Encontrou o restaurante, que estaria fechado até a primavera, de acordo com a placa, e dirigiu-se para a colina. O bairro parecia antigo, com pequenas casas, algumas das quais abrigavam barcos nos quintais. Porém a rua na direção do alto da colina era mais nova, com muitos terrenos vagos além de casas.

Encontrou o endereço que procurava e passou por ele. Estacionou o carro trinta metros além e desligou o motor.

Assim que saiu do veículo, percebeu quanto suas mãos e pés estavam frios. Colocou a mão direita sob o paletó, para esquentá-la. A rua oferecia uma bela vista do lago. A água próxima à margem já estava congelada e coberta de neve, porém o meio ainda se conservava azulado.

Sentiu uma ponta de preocupação ao parar em frente à casa. Perguntou a si mesmo se seria capaz de continuar com aquilo até o final. Então revisou mentalmente os pontos sobre os quais refletira durante a viagem. Depois de seguir desde a premissa até a conclusão, como sua mente estava acostumada a fazer, relaxou. Sabia que tinha razão.

Viu as marcas de pneus desde a garagem até a rua. Caminhou lentamente pela calçada e espiou por uma das janelas, através do vidro. Havia uma lareira e um velho sofá, onde estava deitada uma mulher. Um livro estava aberto a seu lado. Ela parecia adormecida.

O homem caminhou até a frente e esticou a mão para a campainha. Impulsivamente pareceu mudar de idéia e experimentou a maçaneta. A porta não estava trancada. Um hábito comum numa cidade tão pequena.

Entrou sem hesitar e fechou silenciosamente a porta atrás dele.

Além dos ruídos, ele sabia que a súbita corrente de ar frio poderia denunciar sua entrada.

Mas não havia perigo.. Ela estava deitada próxima ao fogo, cujas toras já em brasas aqueciam o ambiente inteiro.

O rosto dela parecia em paz; o sono a tornava mais bela ainda. Ao aproximar-se percebeu as rugas na testa. Provavelmente estava tendo um pesadelo.

A arma estava na sua mão. Seu coração foi até ela. Não seria nada fácil.

Causa e efeito, pensou ele. Crime e castigo. A arma apontava para ela, firme, imóvel, como se estivesse pendurada num fio. A sensação de frio em suas mãos se fora. Gostaria que ela estivesse acordada, mas hesitava em quebrar o silêncio.

Não foi preciso. Os olhos dela se abriram, como se apenas a presença dele bastasse como estímulo para despertá-la. Sorria, através de sua perplexidade.

— Você fez isso — disse ele.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Ela não deu mostras de haver entendido. Estava meio-adormecida, ou pouco desperta. Mas sabia quem ele era.

A arma demonstrou vontade de vacilar, mas quando ele percebeu que os olhos dela estavam postos ali, buscou forças no próprio reconhecimento. Ela o levava a fazer aquilo. Que o ajudasse naquele momento.

Foi o que ela fez. Sorriu com ar sonolento, aceitando-o, enquanto a arma disparava.

Parte 1

CAPÍTULO 1

Dezoito meses antes

Numa tarde quente de julho em Nova York, Rebecca Lowel estava em seu quarto num apartamento do Upper East Side, olhando para o espelho.

Não era uma tarefa que a agradasse. Eram necessários muitos ajustes. Havia mudanças a serem feitas na face que a observava do espelho, naturalmente. Pequenos toques que a tornariam apresentável para os outros. Mas haviam também mudanças a serem realizadas no interior, de forma que quando se afastasse do espelho tivesse uma imagem de si mesma com a qual fosse capaz de conviver. Essa era uma tarefa muito mais difícil.

Rebecca não se considerava uma mulher atraente. Nunca fora. Nem mesmo quando era magra e ativa, antes que o nascimento da criança lhe tivesse engrossado a silhueta e o rosto.

Não que suas feições fossem ruins. O nariz e o queixo eram finamente modelados. Olhos grandes e inteligentes dominavam o rosto, algumas vezes produzindo um ar triste. Os cabelos curtos, os cachos um pouco mais claros do que o tom acinzentado da cômoda. A pele parecia pálida. Com o tempo haveria rugas, como as de sua mãe, mas por enquanto ainda parecia jovem.

Possuía uma inegável dignidade, um certo ar de maturidade. O calor de uma mulher que vivera, sentira e desejara. Mas não possuía o charme que tornava algumas mulheres atraentes e outras bonitas. Mesmo naqueles olhos interessantes se podiam perceber oportunidades inexploradas, algo jamais testado. E ninguém enxergava isso mais claramente do que a própria Rebecca.

Olhou para outro lado. Uma dúzia, de vezes por dia ela se voltava com o mesmo olhar, aquele olhar no qual encontrava a si mesma e pensava: Você agora é o que poderia ter sido. Deixou de lado aquele pensamento na mente, aprumou os ombros e enfrentou o mundo com uma expressão de respeito-próprio que fazia os outros confiarem tanto nela que ela mesma quase se convencia.

— Rebecca, ajude-me com isso, sim?

Seu marido entrou no quarto de vestir. Aos cinquenta anos ele era alto, bronzeado, de movimentos rápidos, ainda bom jogador de tênis, assim como golfista, com cabelos prateados e olhos que apresentavam o mesmo brilho em todas as fotografias. Damon Lowell era, de longe, o homem mais bonito em seu círculo social, provocando a inveja de todos os seus amigos.

Ele procurou poder e prestígio, e jogou com sabedoria e charme o jogo por mais de vinte anos. Sócio em sua firma, membro de todos os clubes e organizações sociais importantes, tornara-se um pilar da sociedade na qual vivia. Tinha realizado tudo que seus diplomas de Harvard sinalizaram, e muito mais. Demonstrava uma segurança que

quase assustava Rebecca, embora sempre fosse solícito nas pequenas delicadezas. Puxava sempre a cadeira para que ela se sentasse, abria a porta e com frequência lhe fazia carinhos em público. Pequenas observações cheias de orgulho sobre o bom humor da esposa eram parte corriqueira de suas conversas. O verdadeiro amor era menos importante para Damon do que a imagem do casamento.

Seu pai, segundo a família, portara-se da mesma forma com vovó Lowell. O velho dr. Lowell fora médico além de advogado e se especializara em patentear remédios e tratamentos novos, e estava em seu leito de morte quando Rebecca o conhecera. Mas os álbuns de família confirmavam uma estranha semelhança entre o sorriso duro do pai e o de Damon. De fato, o filho percorreu a trilha do sucesso talhada para ele uma geração antes por seu pai, e parecia que ele estava retocando os últimos traços da própria personalidade para se enquadrar ao molde. Curiosamente isso apenas aumentava seu poder aos olhos dos outros.

— Muito obrigado, querida — agradeceu ele, enquanto ela atava sua gravata com movimentos habilidosos.

A pele bronzeada do pescoço aproximou-se dela enquanto os dedos se moviam, e ela sentiu o aroma de frescor e de terra. Percebeu que os olhos deles passaram pelo aposento. Ele permanecia sempre em alerta, sem descansar um segundo. Ela costumava imaginar que pensamentos estariam escondidos atrás daqueles olhos brilhantes. Naquele momento não sabia.

— Pronto — informou ela, com um piparote na gravata.

Ele inclinou-se para beijá-la em agradecimento.

— Você está elegante, hoje. Mas é melhor se apressar, meu bem. Roy vai me escarpelar se eu chegar atrasado mais uma vez.

Ambos se preparavam para a festa na casa de Roy Minter. Os sócios estariam lá... Bob Krieg, Evan Gaeth e os outros, assim como alguns representantes do governo. A firma estava fazendo todo o trabalho jurídico para o Hightower Land Development Project, no qual o prefeito apostava seu futuro político; o governador se apoiara bastante em Bob Krieg, um colega de classe e de quarto na época de estudante, tanto em conselhos quanto em influência, desde seus dias como vereador, mas o projeto Hightower era caro e atraía inimigos assim como amigos, em ambos os lados.

Para Damon, ser o representante da firma num assunto tão controverso, era como ter uma pena no chapéu. Sua fotografia aparecia nos jornais todas as semanas desde que se envolvera com o assunto. Até mesmo a revista New York publicara uma matéria sobre ele numa edição da primavera anterior. Seu trabalho naquele projeto podia levar a uma indicação para ocupar um cargo federal algum dia, pois o projeto, quando completo, iria alterar a aparência da cidade assim como o Rockefeller Center fizera antes dele.

Damon iria passar um bocado de tempo entre Nova York, Albany e Washington. Isso não significava que ele passaria menos tempo em casa. Simplesmente significava que ele estaria num lugar diferente.

— Encontro-a na porta — informou ele, saindo do aposento.

Um instante depois que a porta se fechou, Dusty, a filha do casal entrou, sem bater. Como um ator que logo substitui outro em cena.

— Pode me ajudar com isso, mãe?

Dusty ia sair num encontro com seu novo namorado e tinha vindo para casa com o intuito de apanhar um vestido que esquecera de levar para seu apartamento na cidade. A calça negra e a blusa de seda eram modelos básicos e caros. Rebecca comprara o conjunto no início do verão.

— Deixe-me ver — disse ela, apanhando a pulseira de ouro da filha.

Dusty era loira, de boa conformação física, com exceção das coxas um pouco grossas. Os ombros e mãos eram bonitos, a pele bronzeada como a do pai e os olhos belos e enigmáticos. Todos diziam que ela tinha os olhos de Damon e a expressão de Rebecca: quieta, um pouco preocupada e evasiva.

Ela era uma moça rica, acostumada com coisas sofisticadas, destinada ao sucesso e criada para ser feliz. Ainda assim, não parecia completamente à vontade nesse papel. Nisso, lembrava a mãe.

— Preciso sair logo. Esqueci que o trânsito é lento a essa hora — disse Dusty.

— Não podemos levá-la? — ofereceu Rebecca.

— Não, obrigado. E fora do caminho de vocês. Não fora a primeira vez que Rebecca notara que

Dusty não cumprimentara, o pai ao entrar. Aguardara que ele saísse.

Havia anos ela cultivava o hábito de manter distância do pai. Pelo menos desde que chegara à adolescência, talvez antes.

Não que Dusty não gostasse do pai. Ela o admirava, gostava de exibi-lo às amigas e parecia gostar quando os membros da família diziam que herdara a boa aparência dele. Mas ela o adorava a distância. Não o aproximava.

Damon, ocupado com os próprios compromissos, ou ignorava essa distância ou escolhera não se queixar sobre ela. Rebecca não dizia nada a nenhum dos dois sobre a situação. Gostaria que ambos se comunicassem melhor, mas acreditava não poder fazer nada sobre isso sem irritar um deles.

O novo namorado, cujo nome Rebecca sempre esquecia, era o último de uma longa série; Dusty falava sobre ele cada vez com maior seriedade durante o último mês. Era um estudante de direito em Harvard, de uma ótima família. Como era mesmo o nome dele? Rebecca nunca conseguia lembrar-se.

— Como estou? — quis saber Dusty, dando uma volta pa*ra que a mãe pudesse examiná-la.

Como pode estar alguém aos vinte anos, com esse brilho nos olhos? perguntou-se Rebecca.

— Venha cá.

A filha aproximou-se, e ela retirou um fio solto da blusa, sentindo o aroma de laquê no cabelo.

— Suas pontas estão partidas outra vez. Por que não vai até Sally essa semana? Posso telefonar para marcar hora se você quiser — ofereceu Rebecca.

Sally era sua cabelereira, um verdadeiro achado. Por algum motivo, Dusty recusara-se a entregar seus cabelos para a outra, preferindo frequentar uma garota próxima à universidade, que vinha cuidando de seus cabelos nos últimos dois anos. Rebecca sempre achara o penteado da filha pomposo demais, porém não queria fazer disso um problema. A menina estava repleta de vida e ficaria ótima ainda que usasse rabo de cavalo.

— Não se preocupe, mãe.

— Tudo bem.

Não havia sentido em provocar a filha. Rebecca atravessava aquele período da vida em que tudo parecia estar fugindo ao controle ao mesmo tempo. Sua mãe estava doente, alguns dos amigos também, e a cada dia que passava alguma esperança diminuía ou era esquecida. Dusty crescia rápido, e a semelhança entre ela e Rebecca começava a tensionar o relacionamento que se ajustava às mudanças da vida de ambas. Era importante manter uma porta aberta para que Dusty se comunicasse com ela. Por isso jamais criticava as roupas da filha, o uso que ela fazia do tempo ou os namorados que escolhia. Algumas vezes fazia um ar de tolerância afetada sobre as preferências de Dusty; escondia a preocupação e o sentido de proteção atrás disso.

Dusty parecia irradiar felicidade ao encontrar os olhos da mãe no espelho.

— Mamãe, quero que conheça Tony.

Tony! Era esse o nome: Tony Delafield. Cada vez que Rebecca lembrava do primeiro nome, o segundo vinha com facilidade. Era um nome tradicional, e ela conhecia vários ramos da família Delafield, através de sua própria família e da de Damon.

— Quer mesmo? Pensei que quisesse esconder o rapaz de nós.

— Não. O problema é que ele é muito ocupado. Rebecca estivera' cismando sobre Tony porque

Dusty parecia evitar trazer o rapaz para casa. Comportava-se um pouco como se o estivesse poupando de alguma coisa. Esse fato fazia com que ela suspeitasse que as intenções da filha a respeito dele eram sérias. Geralmente ela trazia seus namorados

inconseqüentes, mas nunca levava Brandon, o universitário de Baltimore, nem Michael, o rapaz que conhecera através da amiga Suzan. Algo na forma como ela conversava sobre aqueles dois fizera Rebecca ficar atenta. E depois do rompimento com Brandon, Dusty ficara chateada um mês inteiro.

— Eu adoraria conhecer esse rapaz. Seu pai, também, tenho certeza.

Dusty ficou em silêncio por um instante. Estava olhando para si mesma no espelho.

— Mãe, você acha que meu rosto é largo demais? Rebecca sorriu.

— O que ele acha?

— Ele diz que sou perfeita de todas as formas. Mas sabe como são os homens — comentou Dusty, sentindo que o rosto se ruborizava.

Certo ou errado, Rebecca tomou aquilo como indício de que ela estava dormindo com o jovem. Mas deixou a especulação de lado. Há muito resolvera não querer saber coisa alguma sobre a vida sexual da filha, a não ser o que ela própria contasse. Felizmente nunca contara nada.

Não eram tempos fáceis para uma mãe. O sexo não era o que fora uma década atrás. A promiscuidade não era mais uma questão de gravidez e propriedade, mas de vida e morte. Porém Dusty era uma menina consciente. Nunca fora particularmente teimosa ou aventureira quando criança e mostrara todos os sinais de haver herdado a cautela materna, agora que estava mais velha.

Rebecca sentia uma mistura de arrependimento e alívio a esse respeito. Arrependimento porque sua filha provavelmente jamais faria nada notável na vida além de resignar-se a ser esposa e mãe, como a própria Rebecca e suas amigas; alívio, porque esse destino tranqüilo era melhor do que os problemas que a maioria das mulheres enfrentava nos dias atuais. Não eram tempos para se vacilar, mesmo que se estivesse disposto a pagar o preço.

Dessa forma, Rebecca não fazia perguntas. E Dusty apreciava esse comportamento. Mãe e filha passava horas agradáveis juntas, conheciam-se até onde desejavam e gostavam da companhia uma da outra.

Agora Dusty pretendia trazer para casa um rapaz com o qual tinha intenções sérias. Rebecca suspeitava que estivessem planejando um noivado. Dusty estava a ponto de iniciar seu último ano na escola. Um casamento em junho poderia estar marcado em algum lugar da mente dela.

Novamente a mistura de alívio e tristeza invadiu o coração de Rebecca.

— Já disse a seu pai que já era hora de conhecer esse homem maravilhoso. Pretende trazê-lo para jantar?

A referência à história de Tennessee Williams perdeu-se em Dusty. Um dos traços de personalidade de Rebecca é que ela vivia fazendo citações literárias, um hábito adquirido na juventude, e que nem Damon nem Dusty davam mostras de entender ou perceber.

— Não. Gostaria que ele fosse até nossa casa em Sand Point, no próximo fim de semana — respondeu a filha. — Os pais dele têm uma casa em Kings Point, assim ele pode ir e vir com facilidade. Quero que venha nadar conosco. Podemos almoçar...

— E quanto a seu pai? — indagou Rebecca. — Não acha que ele pode se sentir excluído?

— Achei que seria melhor se você o conhecesse primeiro. Ele está um pouco... bem, você sabe como os rapazes se sentem a respeito de papai. Rebecca sorriu para a filha.

— Bem, então diga que ele venha com traje informal. Afinal, somos gente simples.

— Adoro você, mãe — disse Dusty, com um abraço rápido. — Divirta-se esta noite.

— Você também, querida.

Damon ficaria na cidade durante o final de semana. Mais tarde escutaria com interesse o que quer que Rebecca tivesse a dizer sobre o jovem. Damon fingia grande interesse nos namorados da filha e desejava aprovar o que ela escolhesse. Ficava chateado por nunca haver encontrado Brandon e Michael, manifestando-se ocasionalmente sobre a própria existência deles.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Dessa forma, seria um almoço importante e um dia importante. Maiores razões para tratar de forma oposta o assunto, pelo menos ao alcance dos ouvidos de Dusty.

Dusty saiu da sala de vestir, deixando Rebecca sozinha, a olhar para a própria imagem no espelho, pensando na noite que tinha pela frente. Os sócios e suas esposas eram tão familiares como as roupas mais antigas em seu armário. Porém a presença dos políticos, incluindo os mais importantes assessores do prefeito, iria adicionar interesse à festa. Rebecca teria de tentar parecer interessante. Damon a estaria observando pelo canto dos olhos.

— Vai demorar muito, Rebecca?

Era a voz do marido, cortante e poderosa, vinda da sala. Ele não queria se atrasar naquela noite. Muitas pessoas importantes esperavam por ele.

Mais tarde ele a traria para casa e sairia outra vez. Naquela noite dormiria sozinha. Quando ele finalmente retornasse, de madrugada, ela fingiria estar doente. O odor de um banho recente estaria na pele dele, e, sob aquele, outro aroma, aquele que ela aprendera a aceitar ao longo dos anos, percebendo que não havia nada a fazer sobre o assunto. Tentando evitar esse pensamento, cometeu o erro de olhar-se mais uma vez para o espelho. Encontrou os próprios olhos e girou a cabeça.

CAPÍTULO 2

A festa fora exatamente como Rebecca temia. Algumas das esposas conversaram com ela. Doreen Blackman, já enrolando um pouco as palavras, elogiou-a por seus cabelos. Barbara Krieg passara vinte minutos tecendo comparações sobre as carreiras acadêmicas das filhas de ambas. Cindy Krieg iria formar-se no ano seguinte em Wellesley, e fora lançada por Bárbara em competição direta com Dusty desde a sétima série. Caron Minter, a esnobe mais famosa do grupo, não chegou ao menos a cumprimentar Rebecca.

Os homens, naturalmente, não podiam ser incomodados. Com muitos anos de convivência com Damon, eles sabiam que não era esperado deles que prestassem atenção às esposas.

Todos sabiam que Damon era infiel. Pior ainda, os sócios e suas esposas sabiam quem era sua amante atual. Essa era a grande mágoa de Rebecca, e o motivo principal pelo qual detestava as festas da firma.

A amante de Damon era uma lobista chamada Alison Shore. Trabalhava para alguma companhia têxtil, e Damon a conhecera anos atrás. Não era uma mulher linda, mas era exuberante, como costumam ser as lobistas. Usava os cabelos compridos, talvez escuros demais, e gostava de vestidos com alças finas. Tinha ombros atraentes e eretos que faziam com que sua silhueta se sobressaísse numa sala. Sua gargalhada era arrogante e sensual.

A srta. Shore, solteira, não era a primeira amante de Damon, mas ele a mantivera por muito tempo, e segundo todos os relatos, era fiel a ela. Que ironia! Não tinha outra amante que Rebecca soubesse. Duas vezes por ano ele viajava sozinho para Chicago, a negócios; Rebecca sabia que ele passava esse tempo com Alison, num hotel no Wisconsin.

Provavelmente eles agiam como um casal que convivia há muito tempo, e esse era o detalhe que mais incomodava Rebecca.

A próxima viagem para Chicago teria lugar em setembro, e isso tornava a festa um pouco mais dolorosa do que normalmente. Um dos sócios, Evan Gaeth, chegara a mencionar o fato em frente a Rebecca.

— Então você vai para Chicago na primavera, é isso?

Damon sorriu, sem se dar por vencido.

— Nem sei se terei tempo esse ano, com o negócio do Hightower progredindo como está — disse ele, encolhendo os ombros.

Evan assentiu, e, com uma olhada para Rebecca, afastou-se.

Depois da festa, Rebecca não conseguiu dormir. De alguma forma a espera pelo retorno de Damon era humilhante demais para ela. Depois que ele finalmente chegou e se deitou, ela permaneceu ao lado dele, tremendo levemente por meia hora, quando então se levantou.

A fadiga da noite insone permaneceu com ela a semana inteira. Passara a quinta e sexta-feiras respondendo cartas e fazendo planos para a organização da festa que Damon ofereceria ao prefeito no mês seguinte. Falou por duas vezes com sua mãe, que morava na Flórida e recentemente fora operada.

Irene, a mãe de Rebecca, era viúva duas vezes e estava morrendo de câncer. Ou talvez morrendo não fosse o termo adequado. Recebera o diagnóstico quando seu primeiro marido, Frank, ainda estava vivo. Desde então casara e enterrara um segundo marido, Roger. Agora vivia com outro sujeito, chamado Wes, que a acompanhara em suas viagens quando ainda tinha condições de viajar.

Irene era uma mulher exigente e teimosa. Embora seu câncer tivesse sido diagnosticado como incurável por parte dos especialistas esse fato não a limitara de atividade alguma. Convivia com a doença havia quinze anos, fizera uma fortuna no mercado imobiliário da Flórida depois da segunda operação e viajava mais do que nunca. Rebecca não podia evitar a idéia de que o câncer não era páreo para sua mãe. Agora que a sentença de morte fora pronunciada por alguns médicos, a doença fizera o pior. A velhinha venceria ao final.

Wes, o namorado, era tão dócil quanto fora Roger, e seguia a esteira da energia de Irene como um acólito. Frank Winthrop, o primeiro marido, tivera maior bom senso. Casara-se com Irene porque a família de ambos eram intimamente ligadas na sociedade de Boston, contudo nunca a amara de verdade. Abandonara Irene quando Rebecca ainda era Criança, concedendo um generoso acordo de divórcio para que ela se afastasse. Rebecca vira o pai apenas duas vezes antes que ele morresse. Ele comparecera à formatura da faculdade, parecendo alcoolizado e sem ser convidado; e ao casamento com Damon, cuja família, os Lowell, eram ligados por laços numerosos aos Winthrop. Um homem mais velho àquela altura, e já alquebrado pela doença que poria fim à sua vida, Frank demonstrou afeição por Damon e pouco entusiasmo por Rebecca, que era como uma estranha para ele depois de todos aqueles anos de separação.

Na sexta feira à noite, Rebecca e Damon foram ao jantar na casa dos Parker, na mesma rua. Os Parker eram velhos amigos, e Damon jogava tênis todos os domingos com Judd numa quadra coberta. Rebecca algumas vezes almoçava com Mimi, mas naquela semana não haveria tempo.

Mimi perguntara a ela sobre o novo namorado de Dusty.

— Você já o viu?

— Amanhã vou conhecê-lo.

— Dusty está mesmo apaixonada por ele?

— Parece que sim — concordou Rebecca. — Mas ela já teve namorados sérios antes. Você nunca sabe o que é sério de verdade com essa geração de hoje.

— Acha que eles estão... — Mimi interrompeu-se e olhou para os lados antes de continuar em voz baixa: — Transando?

— Para dizer a verdade, não sei.

A curiosidade dos amigos era uma cruz que odiava ter de carregar. Vivia numa sociedade onde toda a capacidade intelectual das mulheres era devotada aos

mexericos. Rebecca nunca se dera muito bem com aquele tipo de coisa. Não que estivesse acima das outras todas, mas pensava sobre os fatos e os amores e tragédias dos amigos e vizinhos eram irrelevantes. Conhecera apenas mais uma mulher que ora imune à tentação das fofocas: sua colega de quarto, Katie, que mais tarde se casou com um corretor e o deixou para viver com outra mulher em Old Town, Chicago.

Por que insistia em pensar em Chicago? Ah, sim... a viagem de Damon.

No sábado, Rebecca dava os últimos retoques à mesa de almoço. Fazia um belo dia em Sand Points e poderia comer na varanda, sombreada pelo telhado com trepadeiras. Rute, a cozinheira, preparara um práctico assado que se podia servir frio com salada de batatas, acompanhado de molhos mexicanos. O vinho estava gelado, havia bastantes petiscos para os jovens e a mesa fora posta da maneira mais informal possível.

Teria sido diferente se Damon estivesse ali. A prataria e a porcelana teriam de ser das mais sofisticadas, e o vinho teria de ser Montrachet ou Pommard de uma boa safra. Damon sempre esperava um espetáculo em sofisticação. Jamais esquecia quem era.

Dissera a Rebecca para avaliar bem o novo namorado da filha e depois passar as impressões para ele.

— Confio em seu julgamento — afirmara ele, de forma lisonjeira.

Em particular, Rebecca ficara aliviada. A presença de Damon sempre a deixava tensa. Ele naturalmente iria passar o jovem por seu escrutínio, pois acreditava que nenhum deles era bom o suficiente para Dusty. Rebecca nunca cessava de se surpreender com a possessividade de Damon sobre uma criança pela qual não demonstrara nenhum interesse.

Sabia que Dusty fora afetada por isso. Rebecca não era psicóloga, mas podia imaginar com facilidade que a decisão de se casar com um homem como

Damon ou um homem mais sossegado, devia pesar na mente de Dusty. Seus namorados anteriores, pareciam ter um compromisso com o modelo de Damon. Eram fortes, confiantes, aparentemente destinados a ter grande sucesso na vida. Sempre fora Dusty a romper o compromisso. Rebecca podia sentir o alívio na filha a cada vez, como se a experiência dolorosa de escolher um homem como o pai tivesse terminado, pelo menos por algum tempo.

Veleiros navegavam por toda a parte, imprimindo ao dia um ar de festa. Embora estivesse ao final do verão, o sol tinha todo o brilho otimista do auge da estação. Tudo parecia brilhar.

Rebecca, como sempre, estava adiantada. Faltava ainda uma hora para que Dusty e o rapaz chegassem. Tamborilou o dedo na bancada, observando o horizonte através da janela.

A voz de um anunciante ecoava pelo alto-falante de um veículo de propaganda, vinda de algum lugar além do gramado. Uma gaivota flutuou próxima à janela, depois partiu. Um cachorro latiu na vizinhança.

Repentinamente Rebecca resolveu ir até a praia para aproveitar o sol. Afinal de contas, ela mesma insistia em informalidade. Podia muito bem estabelecer o tom

informal tirando as roupas quentes. Foi para o andar superior, colocou o biquíni que fazia mais justiça ao seu corpo, permitindo-se o clima de visita masculina, vestiu a capa de seda e caminhou pelo gramado, levando uma toalha, uma cadeira dobrável e um exemplar do livro de contos de Paul Bowles que estivera lendo naquela semana.

Sua casa era a única num raio de quase um quilômetro para cada lado, que possuía uma faixa de areia com praia. Aqueles cinquenta metros haviam custado a Damon um bom dinheiro quando compraram o local, mas ele insistira que o valor do investimento justificava o excesso.

Realmente, o dia parecia magnífico. Rebecca sentou-se na cadeira com o livro no colo, depois abruptamente abandonou a idéia de ler. Esticou a toalha na areia, deixou o livro sobre a cadeira e deitou-se, olhando diretamente para o céu, incrivelmente azul.

Ela permaneceu absorta na intensidade da cor, piscando de vez em quando. O sol a aquecia como um cobertor quente na pele. Escutou sons distantes. O grito faminto de uma criança, o pipocar do motor de um aparador de grama. Tudo logo passou a fazer parte de uma sonolência ao seu redor. Depois de um instante ela cerrou os olhos; o suspiro do oceano pairava na brisa. Sentiu a deliciosa mistura de sol quente e ar frio, ambos lutando para impressionar seus sentidos.

Ela deve ter adormecido, pois um tipo diferente de ritmo começou a embalar seus sentidos. Atrás dos olhos cerrados, viu imagens confusas de pessoas em lugares, estranhos, gesticulando e chamando-a de coisas incompreensíveis. Um homem agarrou sua manga e pendurou uma dúzia de rosários em seu antebraço: Atrás dele uma mulher sem braços saltava para cima e para baixo, berrando impropérios.

A voz do sonho deu lugar a outra, mais familiar, vinda da direção do mar. Era a voz de Dusty, que a chamava.

— Mãe... mãe! — a voz parecia alegre.

Rebecca abriu os olhos para ver dois jovens correndo pela praia na direção dela. O sono permaneceu em seus olhos, conferindo ao cenário uma aparência irreal. Dusty dançava pela areia, o biquíni branco mostrando a pele com o bronzeado que ela aperfeiçoara o verão inteiro. Atrás dela, mais devagar, vinha o jovem. Ambos estavam molhados.

O sol movera-se, e os olhos do rapaz estavam sombreados. Ele era alto, com pernas longas, ombros quadrados e um tórax masculino que testemunhava sua juventude. Deixava que Dusty caminhasse à frente, mantendo as mãos ao lado do corpo. Olhava na direção de Rebecca.

— Desculpe, acho que cochilei. Há quanto tempo estão aqui?

Dusty ajoelhou-se ao lado da mãe.

— Nós a vimos aqui fora e decidimos nadar um pouco. Não pode continuar aqui no sol, mãe. Vai ficar com queimaduras graves!

Rebecca baixou os olhos para os braços. Realmente estavam avermelhados. Ela não se bronzeava com facilidade e não se lembrara de colocar nenhum creme protetor ou filtro solar antes de sair.

— Bem, eu precisava mesmo me queimar.

Já era hora para que ela se dirigisse ao jovem. Dusty parecia ter esquecido suas obrigações sociais no momento. O rapaz ainda estava atrás dela, sem mover-se.

— Deve ser o sr. Delafield — arriscou Rebecca.

— Desculpe, mãe. Tony, essa é minha mãe, mamãe este é Tony.

— Muito prazer — disse ela, estendendo a mão sem levantar-se.

O jovem curvou-se para cumprimentá-la.

— Muito prazer em conhecê-la, sra. Lowell. Dusty me falou muito a seu respeito.

— Com certeza. Que tal ser um cavalheiro e ajudar uma velha senhora a ficar em pé?

Não sabia onde fora buscar a familiaridade com a qual falara com ele, mas o rapaz pareceu ficar encantado. Tomou-a pela mão. A palma estava quente, ainda úmida de água salgada. Ela sentiu os pêlos nas costas da mão e os músculos esticando-se quando ele a puxou em sua direção.

— Obrigada.

O rapaz permaneceu em silêncio. Os olhos de Rebecca ficavam à altura do peito dele, e o oceano, além dos ombros, parecia mais azul do que nunca.

— Muito bem, quais são os planos? — indagou Rebecca, olhando da filha para o rapaz.

Formavam um belo casal, a menina pequena e loira ao lado do rapaz moreno de olhos cor-de-mel.

— Estamos morrendo de fome — declarou Dusty, com uma olhadela na direção de Tony.

— Nesse caso, vamos comer já — disse Rebecca, tentando retirar o livro da cadeira. — Já está tudo pronto. Passei maus bocados com Rute, hoje de manhã, mas...

— Deixe que eu a ajudo — adiantou-se Tony, dobrando a cadeira e colocando-a sob o braço.

Estendeu a mão para apanhar o livro, que Rebecca entregou de bom grado. Recolheu a toalha e olhou na direção da casa.

— Gosta de Paul Bowles? — indagou o rapaz.

— Para dizer a verdade, gosto muito — sorriu Rebecca. — Há anos ele tem sido um de meus favoritos. Desde que eu tinha a sua idade, eu acho.

— Havia um livro dele em nossa lista de leitura do primeiro ano da faculdade — disse Tony. — Te *Sheltering Sky*. Não cheguei a ler. Mas gostei do título.

— E verdade, é um bom livro dele. Faz muitos anos que não o leio, mas me lembro bem.

— Os contos são como os romances?

— Bem... não exatamente — respondeu Rebecca, estimulada. Há anos que ninguém lhe fazia uma pergunta sobre livros. — Você devia ler, algum dia. A maioria deles acontece no norte da África. O calor e a poeira... parecem produzir certo efeito no cérebro. Pelo menos com as pessoas brancas.

Ele concordou com gestos de cabeça enquanto transportava a cadeira. Virou o livro nas mãos. Ela reparou que os dedos eram longos e sensíveis. Tudo nele revelava

um rapaz à beira de se tornar homem. Caminhando com cada um de um lado, Rebecca sentiu uma aura de envolvente proteção por parte do jovem.

Estou imaginando tudo isso, pensou ela, olhando para a firmeza e a juventude - de Dusty, a seu lado. O jovem só está sendo simpático com a mãe da namorada.

Apesar de tudo, sentiu que ele permaneceu atencioso durante o almoço. Não apenas respondia prontamente as perguntas que ela fazia sobre a família e amigos, mas parecia estimular a conversa. Muitas das perguntas eram sobre ela, ao invés de ser sobre a família de Dusty.

— Conheço alguns Delafield — comentou Rebecca. — Minha mãe costumava visitá-los em Northeast Harbor. Eram Keenan e...

— Trina. São primos de meu pai. Na verdade, não os conheço. São apenas nomes para mim.

Por algum motivo, Rebecca ficou contente ao escutar aquilo.

Ele comeu com apetite típico da idade, porém demonstrando educação refinada. Dusty brincou com ele sobre a natação e outros assuntos triviais e uma das vezes Tony tocou-lhe o ombro enquanto riam.

Pareciam mesmo um casal perfeito. Poderiam ter sido combinados por um especialista para se adaptarem sem o menor atrito.

Tony ainda não se havia formado completamente, e isso fazia parte de seu charme. Sentia-se que alguma coisa nele se resguardava, sem querer assumir compromisso definitivo com nenhum futuro em particular. Algo suave, ainda incipiente, demonstrando a impaciência masculina pela vida. Não era de se admirar que Dusty fosse atraída por ele. Os olhos dele lembravam os de uma gazela, só que penetrantes.

Ainda assim... estaria ela imaginando? Rebecca continuou a sentir o toque pessoal dele, uma intimidade respeitosa nas perguntas que Tony lhe dirigia. Falava de seus livros favoritos, um deles Ana Karenina, outro Madame Bovary, e parecia solicitar com ansiedade aprovação de seu gosto. Quando Dusty lhe chamou atenção, ele sorriu e voltou-se para Rebecca:

— Não acredite em tudo o que escutar. Parecia determinado a obter a aprovação dela, não apenas como mãe da namorada, mas como pessoa.

— Sinto muitíssimo que meu marido não esteja aqui. Está ansioso para conhecê-lo.

Rebecca percebeu o olhar de Dusty quando terminou de falar. Significava que sua filha estava visivelmente contente pela ausência do pai. Obviamente desejava que Tony conhecesse a mãe primeiro; se ela pudesse ficar ao lado do namorado, seria uma arma poderosa contra qualquer oposição que o pai viesse a fazer.

— Bem, compreendo como ele é ocupado. Um homem importante...

— Ele só acha que é — objetou Dusty. — Mas por baixo daquela pose ele é dócil como um ursinho de pelúcia.

Mas os olhos do rapaz estavam em Rebecca, e ela pressentiu que ele avaliava o fato de ser casada com um homem de grande poder. Talvez imaginasse que fosse uma verdadeira carga para ela. E de fato, era.

Depois do almoço o casal voltou para nadar mais um pouco e velejar. Quando voltaram já era hora de Tony partir.

— Tive um dia maravilhoso — afirmou ele, segurando-lhe a mão. — Muito obrigado por me haver recebido, sra. Lowell.

— Foi um prazer — respondeu Rebecca. — Volte a nos visitar. E dirija com cuidado.

— Não se preocupe com isso. Sempre ando devagar. Essa última observação foi acompanhada de um olhar doce e estranho. Depois ele se foi, caminhando naquelas pernas longas, enquanto Dusty se apressava a seu lado, sempre brincando com ele sobre alguma coisa.

Rebecca não se apressou a retirar a louça do almoço. Sabia que Damon não voltaria para casa até tarde da noite. Ele telefonara para avisar que pretendia jantar na cidade. A solidão a atingiu, como acontecia algumas vezes; permaneceu na cozinha, olhando através da janela.

Impulsivamente retornou para a praia, levando a mesma toalha. O sol encontrava-se alto, mas a luz era diferente. Mais triste. Uma espécie de névoa púrpura pendia sobre as velas dos barcos retardatários como um refrão que termina. A praia vazia a chamava.

Sentou-se onde se sentara antes, escolhendo intencionalmente o mesmo local. Sentiu um eco breve do langor vespertino, mas os olhos permaneceram abertos. O azul das ondas era pungente em sua eloquência...

Quanto o oceano já testemunhara! Quantas manhãs famintas, quantas crianças berrando de felicidade ao chegar, queixando-se quando obrigadas a partir. Quantos amantes jovens, aqueles que brincavam na areia sob o sol, ou vinham à noite, para propósitos mais escusos.

Aquelas ondas eternas haviam visto de tudo. Não apenas as coisas que se passaram perante suas espumas, mas também a esperança e sonhos, apenas imaginados. Era por isso que pareciam tão tristes? Talvez fosse meramente a harmonia de uma saudade ilimitada.

Rebecca permaneceu sentada por mais de uma hora, observando a água ficar mais azul, e o céu mais escuro. Então, com sede, resolveu voltar para casa. Ao levantar para sacudir a toalha, viu mais uma vez a imagem dos dois rindo e caminhando da água em sua direção. A voz de Dusty chamando-a enquanto o rapaz permanecia mais atrás, oculto na sombra.

Algo se passara entre ela e Tony, decidiu Rebecca. Algo nascido do desejo dele agradá-la e impressionar, e da própria vulnerabilidade. Algo que Dusty mal notara: Algo que provavelmente não deixara nenhuma impressão naquela cabecinha jovem e ocupada.

Suspeitava, porém, que seria o suficiente para mantê-la acordada durante a noite.

CAPÍTULO 3

Era quarta-feira.

Rebecca sentia-se estranha desde o final de semana. Não conseguia dormir bem. Impulsos incomuns a mantinham acordada. Tentava deitar e via os próprios pensamentos marchando ao longo da mente, como carneiros saltando uma cerca de madeira. Mas não funcionou. Os pensamentos abrigavam-se profundamente demais para serem examinados. Qual o problema comigo?

Continuava a ver Dusty sair do oceano com o rapaz. De alguma forma desejou ter tido um filho. Havia intimidade e compreensão no relacionamento entre mãe e filha, contudo faltava algo importante, algo que vibrasse, como a lealdade feroz da mãe a um rapaz. Essa era uma entre as muitas coisas que Rebecca sentia falta em sua vida.

Revia o namorado da filha, Tony, em seus pensamentos. Ele tocara Dusty com inocência, olhando-a com o riso nos olhos, nos quais o desejo do rapaz não era visível. O filho que Rebecca desejava não teria se comportado de maneira diferente. Ao contrário de Damon, que jamais apresentara essa vulnerabilidade juvenil, e já era líder de homens e uma rocha de ambição, aos vinte anos.

Rebecca examinou o próprio passado. Pensando bem, não havia jovens nele. Ela jamais tivera um irmão e nunca se aproximara dos primos. Frequentara uma escola feminina, e como tinha comportamento exemplar, perdera a chance de ter namorados durante sua adolescência. Damon chegara mais tarde, quando ela estava terminando a faculdade. Nunca tivera intimidade com um rapaz na adolescência. Nunca pensara muito sobre eles antes, agora pareciam exóticos. Quase como criaturas de uma outra vida.

Rebecca permaneceu acordada durante a noite, como de hábito. Na segunda-feira, reparou que Damon não dormira em casa. Sentiu uma onda de raiva em seu interior, embora soubesse que não era possível confrontá-lo, depois de tantos anos. Como ele ousava tomar como certo seu amor e sua paciência?

Encontrou a si mesma, na cama, pensando sobre os anos de sua juventude. Naquela época acreditava que poderia fazer qualquer coisa, ser o que quisesse. Costumava flutuar em seus devaneios, sem pensar em reprovar a si mesma pela frivolidade deles. A frustração ainda não lhes empanara o brilho.

Como menina, seus olhos se fechavam à noite conjurando a imagem de braços masculinos pressionados aos dela, e, como num passe de mágica, todas as roupas de camas se metamorfoseavam no homem do sonho. Havia uma qualidade de Cinderela em seus devaneios naquela época, principalmente porque sempre terminavam abruptamente, como a badalada da meia-noite encerrando a aventura de Cinderela.

Até mesmo os dias pareciam ser alegres. Quando se levantava para ir até a escola ou para as aulas de equitação no final de semana, tudo parecia novo e fresco. O

sol brilhava na janela, a cortina de tecido leve se agitava à brisa fresca... tudo era pungente e cheio de promessas. O mundo ainda não havia acertado o passo, não havia se acomodado; qualquer coisa podia acontecer. Qualquer coisa.

Na terça-feira, Damon voltara cedo para casa. Talvez tivesse percebido a reação dela à sua ausência de segunda-feira à noite. Foi para a cama com ela antes da meia-noite. Ela já desligara a luz. Sentiu a mão em seu ombro, quase convidativa. Manteve os olhos fechados.

Na quarta-feira, ele a convidou para almoçar no Tre Scalini. Iria acomodá-la entre os compromissos na firma pela manhã e suas reuniões à tarde na câmara dos vereadores.

Rebecca sabia por que era convidada. Ele vinha saindo à noite mais do que normalmente. E as férias com a amante estavam chegando. Damon importava-se pouco com os sentimentos de sua mulher, mas permanecia alerta o suficiente para saber quando a sua própria indiferença a estava ofendendo mais do que normalmente. Almoços como aquele não eram uma forma muito sutil de pedir perdão, mas era a maneira dele de mantê-la sob controle.

Era um pequeno e simpático restaurante, com boa comida italiana, mas Rebecca jamais tinha apetite ao meio-dia, e menos ainda quando estava num restaurante. Algo com aqueles ternos de seda e bronzeados de executivos dissolvia completamente sua fome.

— Você tem sorte, sabia? Estou deixando o prefeito Lazare esperar para almoçar com você — declarou Damon.

— Sou uma mulher privilegiada.

— Preciso me policiar quando estou com ele, sabia? O homem tem toda a sutileza de um mineiro e o instinto de um rato de sarjeta. Mas é esperto. Sabe como Bob Krieg está perto de ser governador. Está observando a todos nós como um falcão. Está nos usando assim como usamos a ele. — Damon suspirou. — Não tenho me sentido tão tenso há anos. Mal consigo dormir à noite.

Rebecca reprimiu um sorriso. O discurso de Damon, uma proposta de tréguas, tornou-se uma involuntária confissão de culpa antes que ele conseguisse parar. Era uma conversa típica entre marido e esposa, na qual geralmente não mencionavam detalhes concretos da vida.

Rebecca nunca brigara com Damon por sua infidelidade. Considerava-se uma pessoa controlada, e à medida que crescia, o auto-respeito a fizera manter-se acima desse tipo de coisa. Não podia fazer nada sobre as escapadas de Damon, ou sobre sua figura humilhante como esposa. Mas era capaz de controlar seu, próprio comportamento.

Talvez sua educação falasse mais alto depois daqueles anos todos. Sua mãe, embora egoísta e impulsiva, sempre respeitara a si mesma. E seu pai, antes da morte, fora um homem de dignidade impressionante; Eram ambos de famílias tradicionais de Boston, famílias que se levavam muito a sério. Ironicamente o catolicismo de Rebecca viera do pai, embora tenha sido ele a abandonar as duas.

Realmente, até certo ponto fora a dignidade de Rebecca que atraíra Damon no princípio. Ele costumava cumprimentá-la durante o período de namoro, chamando-a de "mulher de verdade" em comparação às garotas que ele conhecia. Estaria pensando, já naquela época, que tipo de mulher seria uma boa esposa de advogado? Não havia resposta para isso.

Às duas e meia ele consultou o relógio.

— Preciso ir. Quer que peça para James deixá-la em algum lugar? — ofereceu ele.

— Não, obrigada. Preciso fazer algumas compras. James era o motorista da limusine da firma. Ele levava Damon, a não ser nos dias em que a hora do rush tornava inviável a longa viagem, e era mais fácil dirigir para casa pela via expressa Long Island. Algumas vezes um sócio ou dois participava da viagem.

Diminuir o ritmo no final de semana se tornava cada vez mais difícil para Damon, durante a última década. O apartamento na cidade fora comprado originalmente com esse problema em mente. Mas à medida que a infidelidade de Damon tornara-se parte de sua vida doméstica, ele ficara cada vez mais na cidade. O apartamento era mantido escrupulosamente limpo, mas isso não impedia que Rebecca visse ali os sinais da traição do marido. Talvez por esse motivo a própria Rebecca jamais tivesse dormido no apartamento, a não ser em alguma ocasião social, em que a hora tardia inviabilizava a viagem para casa.

Ela observou Damon entrando no carro, que saiu para o tráfego como um produto encaixando-se na linha de montagem. Então começou a caminhar pela rua Cinquenta e Oito.

Depois de dar alguns passos, estacou ao som de uma voz que não era inteiramente desconhecida.

— Que bom encontrá-la aqui.

Era o jovem Tony Delafield, elegante num terno escuro com gravata listrada, já estendendo a mão para cumprimentá-la.

— Oh, você me assustou — disse ela, empalidecendo. — Eu não esperava...

— Estou aqui para fazer uma entrevista, numa firma de advocacia. Eles provavelmente vão me mandar passear, mas meu pai diz que intercedeu a meu favor.

Rebecca admirou-o. O terno fazia um contraste grande com os calções de banho com os quais o conhecera, depois a calça e camisa esporte que ele colocara para almoçar na ilha. A praia apareceu por um instante diante dos olhos dela, depois dissolveu-se como um sonho, deixando-a lutar para controlar-se. Por um instante ficou impressionada como as pessoas tinham a capacidade de saltar intervalos de tempo e reaparecer num ponto tão distante do inicial.

Compreendeu que ainda segurava a mão que ele estendera. Corando ligeiramente, soltou-a.

— Não se preocupe. Eles vão reconhecer um jovem de futuro quando o virem. E com esse belo terno, será o candidato mais bonito.

— Você é >muito simpática. O que está fazendo por aqui?

— Acabei de almoçar com meu marido.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Um tom de amargura bailou nessas palavras, mas o jovem não percebeu.

— Acho que eu deveria sentir muito por não tê-lo encontrado — afirmou Tony.

— Mas não sinto. Pelo que escutei de Dusty, não sei se ele vai me aprovar.

— Não diga uma coisa dessas. Tenho certeza de que ele vai gostar de você — respondeu Rebecca, sem muita convicção.

Seria a primeira vez.

— Escute, se não tiver nada urgente no momento, poderia tomar uma xícara de café comigo? — pediu ele. — Talvez você me dê mais coragem para fazer essa entrevista.

Rebecca consultou o relógio. Embora acalentasse outros planos, a idéia parecia intrigante. Seria uma oportunidade para conhecer melhor o namorado de Dusty.

— Bem...

A própria timidez a surpreendeu.

— Por favor? — insistiu ele, inocente como um filhote de cachorro. — Estou me sentindo sozinho aqui. Nunca gostei aqui do centro da cidade.

— Nem eu. Está bem.

Ele a conduziu até um café, no mesmo quarteirão. Estava quase vazio, porém a música da jukebox soava, bem alta. Era um rock -antigo, cuja melodia parecia submersa pelo contrabaixo.

— Li o Paul Bowles que você carregava na praia, outro dia — disse Tony.

— Já? Meu Deus, quanta energia.

Outra vez Rebecca usou um tom quase maternal, que correspondia pouco aos seus sentimentos verdadeiros.

— E que gosto de bons livros — objetou ele, passando o dedo no copo de água sobre a mesa. — Nunca havia bons livros em casa quando eu era criança. Quando fui para a faculdade, senti-me como um verdadeiro caipira.

— Seus pais não lêem? . Ele riu.

— Meu pai já foi visto abrindo o New York Times, a minha mãe estuda a revista People com todo o cuidado. Não, nenhum dos dois tem o hábito de ler.

— E quanto à sua irmã?

Rebecca tinha a impressão de haver escutado Dusty mencionar uma irmã.

— Irmãs, quer dizer. Tenho três.

— Três! Qual o nome delas?

— A mais velha se chama Beth e tem vinte e seis anos. Judy é mais nova do que eu. Depois Amy. Ela tem dezesseis.

— E como é ter tantas garotas pela casa?

— Não é muito divertido — respondeu ele, dando de ombros. — Às vezes gostaria de ter um irmão.

— Irmãs não batem tão forte.

— Não tive problemas com Beth quando eu era pequeno. E quando entrei no primário eu já tinha crescido mais do que ela. Ela realmente não era má. Em compensação as outras duas eram umas pestes.

Os dois fizeram silêncio. Rebecca pilhou-se a pensar se as irmãs seriam tão bonitas quanto ele. Pensou em perguntar se ele tinha alguma fotografia delas. Então resolveu que mais tarde perguntaria a Dusty..

— A respeito do Paul Bowles, li o primeiro conto. "Um Episódio Distante". Achei bastante estranho. Quer dizer, o sujeito perdeu tudo. Tornou-se um animal, vim escravo.

Rebecca esforçou-se para lembrar.

— Por acaso é aquele sobre... o professor?

— Isso, sobre o professor.

— Bem, se gostou daquele, sei que vai gostar do conto que dá origem ao título. É uma mulher, não um homem que vai se desintegrando. Li quando tinha mais ou menos sua idade. Nunca mais esqueci.

Era um conto perturbador sobre uma americana sofisticada apanhada por árabes no deserto, que se tornara escrava de um deles. Rebecca ficara chocada, depois fascinada pelo sacrifício quase voluntário da mulher de modos ocidentais, sua decadência para um divertimento sexual, enquanto ela fica prisioneira numa sala trancada sem nada para fazer o dia inteiro a não ser esperar a próxima visita de seu amante árabe.

— Então você é uma literata — observou Tony.

— Na verdade, não. Não acho que seja uma especialista em literatura, mas já li muitos livros.

Ele a observava fixamente. Ela sentiu um impulso de mencionar Dusty, mas algo a deteve. Ele dirigira a conversa para as coisas que tinha em comum com Rebecca, e ela não podia deixar de apreciar.

— Do que mais você gosta?

— Gosto de bons filmes. Museus de arte, algumas vezes... não muitas. Tenho alguns discos de Mozart, mas não aprecio muito música clássica.

— Televisão?

— De vez em quando.

— Canais públicos?

— É uma coisa muito inglesa para mim — respondeu ela, sacudindo a cabeça.

Sentiu-se corar. Via muitas horas de televisão enquanto esperava por Damon. Costumava assistir principalmente programas de entrevista. De vez em quando passavam um filme antigo do qual gostava, mas cada vez mais era difícil concentrar-se em filmes. Mais e mais ela parecia viver no interior de si mesma, quase sem prestar atenção ao que acontecia ao redor.

— E que tal você?

— Não quero falar sobre mim — afirmou ele, sorrindo.

Ela baixou os olhos para os dedos sensíveis, que acariciavam a xícara quente que a garçonete trouxera.

— É uma observação estranha. Pensei que os homens adorassem falar sobre si mesmos.

Novamente o olhar intencional.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

— Eu, não. Embora Dusty possa ter dito outra coisa. O fato é que não me interessei ainda por algo definitivo. Escola, faculdade, muitos amigos ruidosos... sempre penso sobre tudo isso e não me parece muita coisa.

Essa admissão, vinda de um jovem, não teria surpreendido Rebecca se não fosse por algo, ou antes, por alguém que ele não mencionara. Não poderia falar sobre isso sem ressaltar a falta de tato dele.

— Você está sendo crítico demais consigo mesmo.

— Acho que honesto seria um termo mais apropriado. Muitas vezes penso que fiz pouco em minha vida.

— A verdade é que você tem toda a sua vida para grandes realizações.

Ele não respondeu.

— Sinto muito ter dito isso. É uma carga pesada para se aceitar, não é? Ter a vida toda pela frente. Acho que não é certo que nós, de idade, invejemos vocês, jovens. Ser jovem não é nenhum piquenique.

Ele inclinou-se para a frente.

— Você diz coisas interessantes. E tem razão — admitiu ele. —h Gostaria que todos os adultos vissem as coisas como você.

Ela riu.

— E isso o que acha que sou? Uma adulta?

— Não parece com um elogio, mas a intenção foi essa — observou ele.

— Você é muito gentil — agradeceu Rebecca, consultando seu relógio. — Agora preciso ir. Foi ótimo encontrá-lo assim de repente. Que mundo pequeno, não? Aqui está você bem no meio de Manhattan.

Sempre me surpreendi com a capacidade de as pessoas estarem em dois lugares ao mesmo tempo. Para mim, você ainda está na praia, correndo na minha direção com Dusty a seu lado. Ou pelo menos estava, até meia hora atrás.

Ele a auxiliou com a cadeira e caminharam em direção da porta. Uma nova música começara no jukebox, desta vez, lenta. O contrabaixo não encobria a voz.

Rebecca sorriu com a ingenuidade da letra de amor. Quando olhou para Tony, ele parecia perturbado.

— Não foi coincidência. Eu sabia que você estaria aqui hoje.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Como?

— Dusty me contou. Ela me disse que você iria almoçar com seu marido hoje. Telefonei para sua governanta a fim de saber em qual restaurante.

A medida que saíam do café, o ruído do tráfego substituíra a música. Buzinas e brecadas. Ela ergueu os olhos para ele.

— Então por que você... e a sua entrevista? — ela perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Não há entrevista alguma. Eu queria vê-la.

— Quería me ver? Mas... por quê? Ele sorriu.

— Você não devia perguntar uma coisa dessas. Rebecca empalideceu.

— Você não pode estar falando sério.

Ele aproximou-se, de forma que o, peito largo quase tocou o rosto dela.

— Que coisa tola para dizer. Nunca falei mais sério em toda a minha vida.

— Mas...

O nome da filha lhe veio aos lábios, com os cabelos loiros e o olhar confiante. Depois pensou na mulher branca do romance, esperando no quarto pelo belo árabe que a capturara...

Suas mãos estremeceram.

— Não vou pressioná-la. Tente não pensar mal de mim. É que eu precisava contar agora... senão ia explodir.

— Estou muito lisonjeada — disse ela, tentando dominar o tom de frieza que usara ainda há pouco. — Mas é melhor você ir para casa e esquecer tudo isso.

— Nem pensar — respondeu Tony, rindo.

Ela recuou um passo, mas isso apenas reforçou a impressão de proximidade. Os pedestres passavam ao redor deles como peixes num riacho.

— E quanto a você? Vai esquecer? — indagou ele.

— Para sua segurança, vou. Não compreende o que está dizendo? O que está colocando em risco? Existem outras pessoas que devem ser consideradas.

— Eu já pensei nisso. Só que não há como retroceder.

Rebecca franziu a testa. Ele pareceu ter atravessado estágios sobre os quais ela não sabia coisa alguma, e tomado aquela decisão havia muito tempo. Agora pedia que ela saltasse os estágios intermediários e se juntasse a ele em sua paixão. O tempo estava a favor dele. Sentiu-se encurralada.

— Preciso ir. Por favor, não fale mais nesse assunto.

Sentiu algo na mão. Era o pulso dele. Ela o segurara sem se dar conta. Apressadamente o soltou. O ruído do trânsito pareceu aumentar.

— Faço qualquer coisa que você quiser — declarou ele. — Mas você precisava saber. Por isso eu vim vê-la. Para que soubesse. Vai me... ajudar.

Rebecca estremecia. A mão que segurara o pulso dele parecia ter se queimado. Olhou para os lados, evitando o rosto dele.

— Quer que eu consiga um táxi para você? — ofereceu ele.

Ela negou com um gesto de cabeça, mais confusa do que nunca. Olhou-o uma última vez e viu Dusty em sua mente.

Então girou nos calcanhares e afastou-se. O sinal de pedestres estava fechado, e ela foi obrigada a parar na esquina da Quinta Avenida. Não teve a presença de espírito necessária para dobrar a esquerda e sumir de vista. Aguardou, cercada por pedestres. Trechos de conversas reverberavam em seus ouvidos:

— Não conseguem ganhar um jogo nem para salvar as vidas...

— Todos estão mesmo viciados em cocaína... Um ônibus brecou, seguido pelo assobio do freio

a ar de um caminhão. Por fim o semáforo ficou verde. Rebecca pisou no asfalto, sentindo uma poça não observada molhar seu sapato. Apressou-se, parando na metade da rua para olhar atrás. Tony não saíra do lugar. Olhava para ela do mesmo local na

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

calçada. Escutou o resmungar de um pedestre impaciente, incentivando-a a andar. Olhou para a frente e terminou de atravessar.

CAPÍTULO 4

Faltavam apenas duas semanas para a festa. Rebecca tentava manter-se ocupada com infindáveis pequenas tarefas. Ela decidiu que precisava de novos guardanapos e procurou em meia dúzia de lojas antes de encontrar alguma coisa na Quinta Avenida, numa loja chamada Metisse. Reparou que os estofados da sala pareciam gastos, e contratou uma firma de limpeza para realizar o serviço às pressas. Depois experimentou a mesa com os guardanapos novos, e a toalha pareceu usada. Comprou uma nova, para descobrir que com toda a mesa montada, as cadeiras é que passaram a parecer deslocadas. Contratou outra vez a firma de limpeza, que realizou o serviço em todas as cadeiras da sala de jantar.

Preocupou-se com sua aparência. Compreendeu que esse novo envolvimento com o prefeito Lazare era importante para Damon. Foi até Sally e encomendou uma nova permanente para a ocasião. Comprou maquiagem nova. Lutou contra o sentimento de que sua falta de atrativos poderia magoar Damon com seus associados políticos. Depois de se abandonar por vinte anos, teve o sentimento desesperado de tentar reconstruir toda a aparência em apenas duas semanas.

Pensou pouco em Tony Delafield. Na verdade, quando isso acontecia ela corava e meneava a cabeça. A arrogância dele era um absurdo em si e um insulto a Dusty. Rebecca estava ofendida demais pela filha para sentir-se lisonjeada por ela mesma.

Todo o episódio parecia irreal quando ela o recordava. A despeito de sua paixão óbvia, Tony parecia personagem de uma peça. Isso tornava o comportamento dele ainda mais perturbador.

Gostaria que Dusty rompesse com ele. Esse pensamento era sempre a conclusão de suas meditações, que aparecia com clareza. Obviamente ela não podia permitir que a filha continuasse o romance com ele sob nenhuma circunstância, muito menos casar-se com ele. A situação era ultrajante.

Porém as coisas teriam de ser manipuladas com sutileza. Dusty estava nitidamente envolvida com Tony; todo o seu comportamento sugeria que ela o considerava um sério candidato ao casamento. As coisas haviam ido longe. Talvez longe demais.

No entanto, Dusty confiava na mãe. Isso significava que uma recusa sutil a aprovar Tony por parte de Rebecca, poderia influenciar. Talvez até levar a um rompimento de relações. Possivelmente não, mas haveria uma semente de dúvida, o suficiente para romper a confiança. Com o tempo e a presença inevitável de outros rapazes, Dusty escolheria seu marido em outro lugar.

Sim, dessa forma as coisas poderiam funcionar. Nesse caso, por que essa idéia perturbava tanto Rebecca? Como se o fato de separar a filha do rapaz ratificasse a verdade oculta e impronunciável sobre ele. Tudo isso a enlouquecia.

Desde o malfadado encontro com Tony, não saía de casa sozinha. Damon comparecia a um número cada vez maior de reuniões, ligando para cancelar o almoço, depois o jantar, depois os planos para a noite. Dusty não ligara desde o dia em que perguntara o que achara de Tony. Infelizmente Rebecca falara bem dele, dizendo que parecia um bom rapaz. Até então interpretava o esforço dele como uma tentativa de fazer amizade com a mãe da namorada, e seu absurdo desejo de ter tido um filho. Não desconfiava do que viria pela frente.

Quando Rebecca ficava sem com o que se ocupar, andava pela casa como um animal enjaulado, como se esperasse alguma coisa. Lia revistas, assistia a programas de entrevista, mas só conseguia se concentrar neles na medida em que reparava como era vazia a vida das pessoas que contavam seus segredos em público. Como havia pouco auto-respeito no mundo das mulheres! Quão dependentes eram dos homens para quase todas as impressões, cada emoção.

Ao final ela desligava a televisão. Era um espelho irritante dela mesma, que revelava mais que o espelho do quarto de vestir.

Uma vez o telefone tocou quando ela estava sentada em silêncio em seu quarto. Ela o atendeu.

— Alô ?

Ninguém respondeu. A linha permaneceu em silêncio, o tempo suficiente para trair uma intenção humana do outro lado. Ela estava a ponto de se repetir, quando pensou na possibilidade de que podia ser ele. Segurou o fone, escutando o silêncio. Depois desligou.

Talvez tivessem discado número errado. Ou fosse uma ligação de ladrões para ver se existia alguém em casa. Ou um tarado que só esperava seus sinais de medo para começar a respirar forte no bocal, esperando pela reação que ele provocava.

Com esse pensamento, a mão de Rebecca começou a tremer. Ela ergueu-se, andou pelo quarto, depois pela casa inteira, que dava a impressão de se fechar ao redor dela como aquela embalagem transparente de plástico que usam no supermercado. Não conseguia respirar direito.

Ela continuou pensando que era seu dever como mãe separar Dusty do namorado. Que escândalo se os dois resolvessem se casar, e ela, a mãe, soubesse desse segredo horrível! Jamais teria paz.

Talvez por causa disso sua insônia estivesse pior do que nunca. Começou a girar na cama assim que se deitou. Uma pulsação em sua cabeça, quase como o bater de seu coração, mantinha sua mente funcionando quando deveria descansar. Os pensamentos sobre Dusty eram como uma maldição. Não conseguia parar de pensar sobre isso.

Sua fadiga estava começando a colorir as coisas com uma luz estranha. Nada dava a impressão de ser real. Objetos familiares pareciam distantes, como se fossem vistos através de óculos com graus inadequados. Quando estendia a mão para o interruptor ou para algum alimento, seu braço parecia ter um quilômetro de comprimento.

Certa tarde, desesperada com a fadiga, ela tomou uma pílula para dormir e deitou-se ao meio-dia, esperando descansar até as três da tarde. Revolveu-se na cama

por uma hora, os sentidos lutando contra o efeito da pílula. Então deslizou para os sonhos sinistros, como um sonâmbulo cambaleando escada abaixo.

Nesses sonhos ela retornara ao chalé dos pais, no lago Angela. Nadara com David Plummer, o vizinho do lago. Na verdade David jamais reparara em sua existência, mas no sonho ele retirava o calção e deitava nu a seu lado. A mão deslizava por seu corpo e começava a acariciar-lhe os seios.

O mundo girava loucamente, e o movimento parecia repercutir em seu interior... um, dois, um dois... até que o toque do telefone a acordou. Agarrou o receptor sem pensar. Porém ocorreu-lhe que podia ser a ligação anônima e abafou o alô nos lábios. Saiu como um suspiro, ecoando no silêncio telefônico.

— Mãe? É você?

— Oi, minha querida — respondeu Rebecca, ofegante.

— Você está bem? Será que liguei numa hora errada?

— Não, meu bem. Estou acabando de chegar da rua. Como está?

— Estou ótima — respondeu Dusty, animada. — Mãe, será que posso levar Tony para jantar na sexta-feira?

— Sexta feira? — repetiu Rebecca, tentando lembrar seu programa para o final de semana. — Deixe eu ir até a cozinha para ver meu calendário...

— Já falei com papai. Ele adorou a idéia. Diz que vai estar em casa, de qualquer forma.

— E mesmo? Bem, então acho que está resolvido. Pode trazer Tony na sexta-feira. Mas não pense que precisam se vestir em traje formal. Somos...

— Já sei, mãe. Somos pessoas simples. Não se preocupe. Que tal às seis da tarde?

— Quando você chegar, começaremos.

— Ótimo. Adoro você, mãe.

Depois de desligar, Rebecca considerou a situação. Os efeitos da pílula de dormir perduravam, e ela encontrou a si mesma concentrada em planos maquiavélicos. Ficou feliz por Damon finalmente conhecer Tony. Por um lado, iria lembrar ao jovem que Dusty tinha um pai protetor e poderoso. Que Rebecca possuía um marido que amava, um homem com o qual não se brincava. Ora, ela poderia demonstrar um pouco de afeição extra por Damon, enquanto estivesse na presença do rapaz. E Damon, claro, rotineiramente brindava Rebecca com pequenos abraços, sorrisos e carícias. Tudo isso causaria boa impressão.

Contudo, havia mais. Era provável que Damon não se sentisse ameaçado por Tony. Afinal de contas, ele nunca apreciara nenhum namorado de Dusty. E Tony era indeciso, não era ambíguo o suficiente para agradar Damon. Certamente o marido o reprovava. Isso impressionaria Dusty. Naturalmente sempre existia a possibilidade de que a oposição de Damon fizesse Dusty insistir em manter o relacionamento, porém Rebecca não queria considerar isso no momento.

Rebecca tinha a esperança de passar uma noite agradável, na qual a família pareceria unida em sua estrutura, e conseguiria expulsar Tony. Na verdade, a família

não possuía uma estrutura. Não seria talvez, a família mais saudável nem íntima, mas até fraquezas produziam um sentido de intimidade.

Isso faria com que Tony se sentisse um intruso, um forasteiro.

Simplesmente nada aconteceu daquela forma. Tony apareceu vestindo um belo paletó esporte com gravata, conseguindo uma aparência bastante adulta. Damon o convidou para tomar um aperitivo no estúdio, e os dois conversaram em voz baixa enquanto as mulheres se ocupavam na cozinha.

Quando finalmente o jantar foi servido, Rebecca adivinhou com facilidade que Damon gostara de Tony. Inesperadamente foi a própria insegurança juvenil de Tony que de alguma forma tocou a Damon. Ao contrário dos outros namorados de Dusty, obviamente moldados da mesma forma que o pai, Tony era mais inocente. E aparentemente Damon achava aquilo atraente.

— Vou falar com alguns amigos meus sobre esse jovem promissor — anunciou ele, orgulhoso. — Ele precisa de um pequeno empurrão, só isso.

A despeito de sua exasperação, Rebecca não conseguiu deixar de sentir uma ponta de orgulho, como se fosse ela mesma quem tivesse trazido o jovem para a aprovação de Damon.

A verdade é que ela percebeu sinais de tensão em Damon quando ele viu Tony e Dusty juntos numa postura carinhosa. Porém ele pareceu superar sua própria emoção, demonstrando uma espécie de orgulho paterno, um tanto deslocado.

A noite transcorreu em clima ameno e agradável, com a própria Rebecca permanecendo um tanto distante. Dusty ficou nitidamente feliz que seu pai tivesse gostado de Tony.

— Eles não ficam ótimos juntos? — comentou Dusty com a mãe na cozinha. — Fico tão aliviada. Sabe como papai é exigente.

Por sua parte, Damon encontrou um momento sozinho com Rebecca para murmurar:

— Representa uma melhora e tanto sobre o tipo que geralmente aparece, não acha? Gostei dele.

Rebecca havia se resignado ao rumo que as coisas tomavam, quando seu pior receio se realizou.

Ela estava no andar superior após o jantar, saindo do quarto, quando encontrou com Tony.

— Desculpe — disse ele. — Dusty disse que o banheiro era aqui. Não sou muito bom em encontrar lugares.

— Não se preocupe, é essa casa maluca — sorriu Rebecca, acendendo a luz do corredor. — É bem depois da porta... bem onde ninguém pode encontrar. Você não é o primeiro, acredite.

Começava a passar por ele, talvez esperando o que viria, quando ele tocou-lhe o quadril para detê-la.

— Essa vontade está me matando — murmurou Tony.

Beijou-a ternamente, nos lábios. Um beijo casto, mas o aroma dele a impregnou.

Rebecca permaneceu imóvel quando ele se afastou. Escutou a porta do banheiro fechar-se. Em seguida, desceu a escada com mão trêmula.

Era tudo uma mentira. A noite agradável, a admiração mútua, a família feliz acolhendo a filha com os braços abertos.

Tudo mentira. E a verdade feia, a verdade com a qual Rebecca passara a semana lutando, estava vívida em seus lábios nesse momento.

Quando ela atingiu o final da escada, viu Dusty e Damon sorrindo para ela com ar conspiratório. A família registrava suas impressões favoráveis sobre a noitada. Rebecca não conseguiu suportar o clima por mais do que alguns momentos e refugiou-se na cozinha, onde esperou até escutar Tony descendo a escada.

Depois disso, a noite dirigiu-se para sua conclusão com a graça de uma peça bem ensaiada. Dusty mostrou a Tony velhos álbuns de família. Damon fumou um charuto e contou a Tony sobre a adolescência da filha. O rapaz falou sobre sua própria família e suas irmãs. A pedido de Damon ele pegou uma fotografia da carteira e mostrou-a. Quando foi passada para as mãos de Rebecca ela olhou para os rostos, sentindo os olhos de Tony sobre ela.

Então os jovens disseram boa-noite e saíram.

Naquela noite, entre outras tantas, Damon resolveu fazer amor.

Estavam no quarto, e ele colocou os braços ao redor de Rebecca. As mãos deslizaram pelas costas dela até a cintura e puxaram-na contra si.

— Faz tempo — murmurou Damon, com voz rouca. — Tempo demais.

Os dedos conheciam bem aquele corpo, embora sempre parecessem visitantes. Ele a ajudou a retirar a roupa e apagou as luzes.

Então aproximou-se dela, com suas carícias experientes mas previsíveis, tocando as mesmas partes, quase sempre o mesmo tempo de contato. Ainda assim ele parecia ficar excitado. A respiração aumentou rapidamente e logo Damon estava dentro dela.

Rebecca não sentiu nada. Nada em absoluto. Damon podia bem ser um ruído no aposento ao lado, tão pouco efeito teve seu toque sobre ela. Até que, próximo ao final, ele tocou os lábios dela com os seus, num sinal raro de afeição.

Repentinamente um espasmo quase doloroso sacudiu-lhe o corpo, e ela lembrou o toque suave da boca jovem, mesmo que tudo o mais parecesse estar a um milhão de quilômetros de distância.

Assim terminou a noite para Rebecca.

CAPÍTULO 5

Os dias mais quentes estavam reservados para o final do verão e naquele momento o céu todo parecia em chamas. A cidade reverberava. O trânsito parado era um pesadelo quente. Havia cortes de luz em todos os bairros de Long Island. Rebecca permaneceu dentro de casa e manteve o ar-condicionado ligado. Nos primeiros anos em que morara ali, ela não gostava de ligar p ar-condicionado, mas no momento sentia-se grata por ele.

Desejava sentir frio. O calor explodia em sua cabeça como uma nuvem de pensamentos barulhentos. Procurava paz, silêncio e imobilidade. Procurou nas estantes um livro que a agradasse, quase se decidindo por Madame Bovary, escolhendo por fim Tentações de Santo Antônio de Flaubert. Havia lido pela primeira vez na faculdade, e desde então não o relera. O exemplar de capa mole parecia uma peça de museu, escurecido pela idade.

Sentou-se no estúdio, evitando o solário, que parecia próximo demais ao calor, e começou a ler. A fluência do francês não retornou de uma. só vez, pois o estilo intenso de Flaubert utilizava um vocabulário rico. Mas gostou do esforço, que libertou sua mente do restante do mundo.

Dusty ligou na terça-feira com boas notícias.

— Tony vai me levar com sua família para Aspen, em outubro — anunciou ela. — Eles vão todos os anos. Só vou perder uma sexta-feira na escola. Por favor, mãe, posso ir?

— Vou ter de perguntar ao seu pai. Mas acho que ele não vai colocar nenhum empecilho, meu bem. E só não quebrar osso algum.

Dusty parecia muito excitada. As aulas estavam prestes a começar. Era seu último ano, e todas as matérias, com exceção de uma, eram diretamente relacionadas a jornalismo. Tanto quanto Rebecca sabia, a filha planejava ingressar na faculdade. Contudo, Dusty vinha mantendo silêncio sobre o assunto desde que conhecera Tony. Rebecca não podia evitar a suspeita de que os planos de casamento tinham ficado no caminho da formatura da escola.

Dusty conhecera os pais de Tony, que ela contara serem maçantes, mas decentes. A essa altura já havia percebido que os pais haviam gostado de Tony. E ela mesma aparentemente solidificara seus sentimentos por ele.

Tudo isso deixou Rebecca impassível. Já havia resolvido usar a própria influência para que Dusty desistisse de Tony. Porém desde o malfadado jantar, no qual Damon tão prontamente simpatizara com Tony, ela sentira que havia um processo inexorável a caminho, impossível de deter sozinha. Dusty estava ainda mais envolvida com Tony depois que o pai dera o aval. A menina resplandecia de contentamento.

Rebecca era a única que conhecia o segredo de Tony. Como mãe, não podia se conformar que a filha casasse com uma pessoa daquelas. Ainda assim, todos os outros incentivavam o casal. Parecia falta de sensibilidade jogar um jato de água fria nesse entusiasmo. Mas se Dusty se casasse com ele.?

A simples idéia fazia com que ela estremecesse. Imaginava visitas de família, feriados, até mesmo netos... e sempre aquele olhar intencional do genro, talvez uma palavra furtiva, uma carícia proibida de vez em quando, só para lembrá-la da terrível

verdade. O pior seria aquela lembrança constante em seu cérebro enquanto ela se fingia de mãe inocente.

Dessa forma, Rebecca escondia-se do calor e dos próprios pensamentos, lendo Flaubert. Recordava sua personalidade no tempo de colégio enquanto procurava as palavras no dicionário Larousse. Era uma personalidade muito diferente da que Dusty demonstrava, refletiu ela, uma personalidade que jamais conhecera a felicidade que a filha demonstrara há pouco.

O calor aumentava, trinta e quatro graus centígrados durante o último final de semana de agosto, a cidade inteira desmaiando de calor. Rebecca refrescou-se.

Com o passar dos dias, o calor diminuiu. A temperatura acomodou-se em torno de trinta e dois graus, e segundo os últimos boletins meteorológicos, uma onda de temperatura mais amena estava a caminho.

Rebecca não via Dusty havia mais de uma semana. A solidão pesava sobre ela em todas as horas, mas naquele instante era bem-vinda, pois desejava ficar sozinha, para manter o mundo a distância.

Na terça feira decidiu ir até a praia com seu exemplar de Flaubert e uma toalha. Tomara tão pouco sol nos últimos dias que seu bronzado esmaecera. Pretendia reconquistar sua cor antes da festa que planejavam oferecer.

Damon viria jantar naquela noite. Ela estava preparando seu assado preferido, que ficara marinando desde a noite anterior. Aguardava com antecipação a companhia dele. As notícias sobre o negócio da Hightower iriam distraí-la.

O telefone tocou quando ela descia para o jardim. Apressou-se escada acima e atendeu no quarto toque. Era Damon.

— Rebecca, vou ter de ficar na cidade esta noite. Lazare resolveu oferecer um jantar à última hora.

— Oh... bem, se não existe outro jeito.

— Detesto a idéia de perder o assado. Você deve ter caprichado.

Sabia que ele estava mentindo. A solicitude era um dos traços de caráter dele. Ficaria com a amante naquela noite.

— Posso congelar, se você quiser.

— Claro. Você parece sem fôlego.

— Eu estava descendo para a praia. Tive de correr para atender o telefone.

— Vou propor uma coisa: que tal você me encontrar na cidade amanhã à noite? Poderemos sair para jantar, só nós dois. Aceite, eu esperarei ansioso por esse encontro.

Agora ela sabia que ele estava mentindo. Foi obrigada a sorrir pela galanteria.

— Está certo.

— Ótimo. A gente se vê amanhã, então. Quando se despediram, o tom de Damon já era de preocupação com outro assunto.

Rebecca desligou o telefone, apanhou o assado na geladeira e jogou-o no lixo. Depois foi para a praia.

A brisa parecia fresca, mas o sol brilhava fortemente. Era um daqueles dias em que os raios parecem morder a pele das pessoas apesar do ar frio. Pensou em voltar,

mas acabou deitando-se, já que viera até ali. Leu por alguns instantes, depois cerrou os olhos. Estivera lidando com pensamentos demais naquelas últimas semanas, cada caminho levando a um beco sem saída.

Deitou-se de frente, cornos braços ao lado do corpo. Estivera adormecida naquela posição no dia em que Dusty levara Tony para almoçar.

Os sonhos começaram a surgir, entre a areia e o calor. Viu Santo Antônio contra um céu bíblico, opondo sua fé às tentações de um milhar de demônios, atormentado por sua consciência, que repetia sem cessar: "Até mesmo sua resistência à tentação não passa de orgulho disfarçado!" Viu o deserto em Marrocos, e o ônibus levando a heroína de Paul Bowles, penetrando mais e mais no mundo árabe, onde mais tarde ela perderia todo o seu orgulho e se tornaria uma escrava enjaulada, aguardando a visita de seu senhor para fazer sexo.

Os sonhos perduraram como imagens por alguns instantes, depois acomodaram-se na superfície da mente. Era preciso lutar contra os demônios, contra a educação rígida e tradicional. A criação de alguém era como uma pedra fundamental colocada no terreno. Por outro lado, o terreno era constituído apenas de areia, que não dava firmeza à construção. A própria estrutura erodia sob a ação do vento, tão sólida quanto a areia.

Rebecca começou a aprofundar-se em seu sono. Que o sol queimasse sua pele, pois o alívio era grande. Só desejava dormir. E naquela noite dormiria sozinha.

Escutou um som abafado na areia e sentiu uma sombra obstruir o sol. Em seguida veio o toque de lábios macios sobre os seus. Um contacto que ela reconheceu.

Abriu uma fresta dos olhos. O jovem estava agachado sobre ela com delicadeza, tocando-a apenas com a boca. O sol escondera-se atrás do rosto dele, uma silhueta inacreditavelmente próxima, mas sem feições.

— Sabia que você viria.

Ele a beijou novamente e com carinho moveu os lábios pelo rosto, pela sobrancelha e pela curva do pescoço.

Uma rajada da brisa abriu uma das capas do livro. A boca passou pelo colo, pousando na curva dos seios. Ela refletiu que tudo havia conspirado para que ela chegasse até aquele momento: o longo silêncio, as esperanças da filha, suas próprias evasivas, mesmo o velho livro em francês que lhe pertencera quando tinha a idade de Dusty. Agora o sol poente e a brisa marinha apressavam sua rendição. Sentiu os lábios dele querendo conhecê-la como ela jamais se conhecera.

Até mesmo a resistência não passa de orgulho...

Uma segunda rajada, mais forte do que a primeira, fechou a capa.

— Vamos para dentro... — sussurrou ele.

— Rute...

— Ela não está. A casa está vazia. Vamos, Rebecca. Foi a primeira vez que ele pronunciou seu nome.

Ela abriu os olhos e examinou-lhe o rosto. Parecia mais belo do que antes, inocente apesar do desejo.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Seu próprio corpo sentia-se inocente, também. Mais do que em qualquer outra época de sua vida. Erguei se, aceitando a mão estendida. Seguiu o rapaz, se insinuando, livre da inocência da carne, livre para crescer eternamente.

Deixou-se conduzir na direção da casa.

CAPÍTULO 6

Na quarta feira à noite, depois de dormir nos braços de Alison Shore, Damon Lowell voltou para casa, em seu apartamento em Park Avenue, onde pretendia encontrar Rebecca esperando por ele.

Damon estava cansado,. Passara quase seis semanas em reuniões com os assistentes e advogados do prefeito, tentando criar um plano financeiro eficiente para o projeto Hightower. Porém o pessoal do prefeito não passava de gente sem opinião, tão submissos aos seus mentores políticos que suas propostas invariavelmente levavam a adiamentos, pontos de estrangulamento e deturpação financeira do projeto.

O governador estava atrás do projeto por motivos próprios e cedera alguns de seus melhores homens, a maioria dos quais Damon conhecia. Porém o prefeito odiava o governador e pretendia utilizar o Hightower como base para sua campanha contra o governador nas próximas eleições estaduais. Lazare nunca ficava contente com nenhuma solução, a menos que fosse vista como danosa ao governador e boa para a cidade. No caso do Hightower simplesmente não era possível conseguir os dois propósitos num só projeto financeiro.

Tratava-se de uma negociação delicada, que exigia nervos fortes. Damon precisava tentar conduzir o prefeito para uma posição mais razoável sem dizer diretamente ao exército de assessores como eles eram tolos. Assim era a política. Damon não era um novato. Ao longo dos anos lidara com egos frágeis, tanto no interior da firma quanto entre clientes importantes. A educação de um advogado incluía a diplomacia social. Entretanto, jamais tivera de lidar com tantos idiotas ao mesmo tempo, e seus nervos sofriam com isso.

Naturalmente ele apreciava ser o centro de atenções. Sua fotografia estava nos jornais pelo menos uma vez por semana, com histórias sobre suas habilidades de mediador e de profundo conhecedor do assunto. O projeto Hightower o levava a travar contato com os detentores do poder no Congresso e na Casa Branca. Se o projeto fosse bem-sucedido, ele poderia ser uma opção forte para cargos de confiança, talvez, em nível federal.

Apesar de todas as vantagens envolvidas, todo o assunto exigia demais dele. Os nervos estavam tão abalados, ao final do dia que ele não conseguia mais suportar às noites sem descansar nos braços de Alison. Naquela noite, ele a encontrara no apartamento dela em Riverside Drive, e depois de um jantar tranquilo ambos tomaram conhaque e fizeram sexo. Menos por excitação do que para acalmar os nervos. Alison sabia e desempenhava sua parte muito bem. Damon sentia-se culpado por passar tanto tempo fora de casa. Dusty precisava dele, agora que tinha um namorado sério. E havia Rebecca. Notara um certo ar distante nela, ultimamente. Parecia preocupada, ausente. Por isso fizera amor com ela na semana anterior. Se conseguisse manter as coisas

como estavam até que o ano escolar de Dusty começasse, estaria livre para tirar suas férias com Alison. Então poderia relaxar de verdade.

Naquela noite, queria ver Rebecca. Tinha idéia de fazer amor outra vez. Poderia melhorar o humor dela, o que era importante com a festa se avizinhando. Havia algo que o intrigara no encontro da semana anterior. Ela fizera amor de um jeito diferente, embora ele não soubesse explicar exatamente o que fora. Alguma coisa nela parecia mais remota e ao mesmo tempo, mais física. Queria saber se aconteceria outra vez.

Porém quando terminou o trabalho não conseguiu resistir a uma passada na casa de Alison. Ela o recebeu de robe transparente e logo fizeram amor. Ficara tão cansado que fora preciso dormir pelo menos por uma hora. Quando acordou tomou uma bebida e telefonou para Rebecca, a fim de dizer que se atrasaria, porém não obteve resposta. Talvez estivesse no chuveiro, pensou ele.

— Como vai indo com Lazare? — quis saber Alison, bebericando seu conhaque.

— Mais descontrolado do que nunca — queixou-se ele. — Já estive com clientes difíceis e temperamentais por muitos anos, mas jamais tinha visto a lógica tão completamente destruída pelo ego das pessoas. Nunca.

Tocou a coxa da amante com dedos vagarosos.

— O estranho disso tudo, é que Lazare gosta de mim. Não sei por quê. Conta-me piadas sujas, quase me implora para jogar golfe com ele todos os domingos. E é o pior jogador que já vi.

— Acho que ele precisa de um amigo com hábitos saudáveis. Devia se sentir contente por ele ter escolhido você. Aposto que é o primeiro homem de Harvard com quem eleja teve intimidade — comentou Alison.

O prefeito Lazare era um sujeito rude e sensual, mas possuía enorme vitalidade. Parecia atirar-se contra a calma profissional de Damon, como se lhe estivesse pedindo aprovação. Sabia que Damon vinha da mesma sociedade do que o governador: ambos haviam freqüentado Harvard, o mesmo alojamento, e eram membros de clubes, nos quais o prefeito sabia que não seria aceito, mesmo atualmente. Lazare queria sentir que Damon estava a seu lado por causa do projeto Hightower.

Algumas vezes ele puxava Damon de lado para lhe contar uma história particularmente escandalosa de seu próprio passado sexual. Fazia parecer que tinha levado para a cama cada mulher no ambiente político durante os últimos vinte anos. Damon precisava forçar um sorriso. As histórias o deixavam nervoso, porque seu caso com Alison começava a ser de domínio público, o que talvez encorajasse o prefeito a conversar com ele de homem para homem.

— Às vezes fico tenso só por estar na mesma sala que ele — declarou Damon.

— Já ouvi isso antes. Ele é como uma força da natureza. Foi assim que chegou onde está. Mesmo as pessoas que o odeiam não conseguem resistir a ele.

Essa observação deixou Damon pouco à vontade, embora não soubesse bem por quê. Voltou-se para abraçar Alison. Gostava de sentir o contato com o corpo dela. Estava mais velha agora, com quase quarenta anos, porém isso fazia parte do encanto. Algo feminino e maduro viera juntar-se à sexualidade que o atraía no início.

Recentemente começava a considerar a possibilidade de divorciar-se de Rebecca para estar com Alison. Precisava de uma mulher que o entendesse.

Se mais tarde Alison ficasse velha demais para lhe dar o que desejasse fisicamente, sempre haveria mulheres jovens para isso. Reparara, nos últimos anos, que a visão de jovens bonitas começava a perturbar-lhe com mais frequência, tanto de admiração pela juventude quanto por erotismo. Algumas vezes não se sentia muito à vontade perto de Dusty, embora a semelhança com a mãe sempre evitasse que parecesse atraente para ele.

Bem, casar-se com Alison não seria problema. O problema era Rebecca. Ela ficaria terrivelmente magoada. Dusty estava numa idade em que não haveria problemas com a custódia! Porém a verdade era que não queria magoar Rebecca. E não podia esquecer suas ambições políticas. O divórcio teria de ser tratado com delicadeza. O momento precisava ser escolhido com precisão.

Até um determinado ponto, seria necessária a colaboração de Rebecca. Talvez até o conselho dela. Várias vezes confiara no tato e no passado dela. Precisaria disso outra vez. Dificilmente ela iria recusar. Era uma mulher generosa. Ele lhe dera vinte e três bons anos. Tomara conta dela. E não era, verdade seja dita, uma presa muito difícil. Ela o possuía.

Esse pensamento se encontrava em sua mente quando ele voltou para o apartamento. O porteiro, William, tocou a aba do boné quando ele passou.

— Boa noite, senhor.

— Como vai, William? Viu a sra. Lowell esta noite?

— Esta noite, não, senhor. Mas entrei no serviço às seis horas. Ela deve ter chegado antes disso.

— Deve ser isso.

Damon tomou o elevador para seu apartamento e entrou.

— Rebecca? Desculpe ter me atrasado. Onde está você?

O apartamento estava escuro. Ele o percorreu com rapidez, acendendo as luzes à sua passagem. Não havia sinal de Rebecca.

Onde estaria ela?

Não podia ter havido mal entendido com seus planos para aquela noite. Ela fora bem clara ao telefone, no dia anterior.

Chegou à cozinha e procurou por algum recado no refrigerador ou no bloco ao lado do telefone. Não havia bilhete algum. Ele franziu a testa. Se não fora por imaginar que Rebecca estaria à sua espera, teria ficado mais tempo com Alison.

Apanhou o telefone na parede e ligou para casa, em Long Island. Aguardou o segundo, terceiro e quarto toques. Então a secretária eletrônica atendeu, e ele ouviu a voz gravada da esposa.

— Alô. Ninguém pode atender no momento, mas se você deixar seu nome e telefone, ligaremos assim que pudermos.

O sinal eletrônico soou. Damon limpou a garganta.

— Alô, sou eu. Estou na cidade. Achei que iria estar aqui. Está em casa?

Silêncio. Ninguém atendeu.

— Rebecca, você está aí? — insistiu ele, permitindo que certa irritação transparecesse na voz.

Ninguém respondeu.

— Rebecca, aqui é...

A secretária desligou, interrompendo-o.

Fosse o que fosse, estava cansado demais para lidar com o assunto naquele instante. O dia fora exaustivo. Tomaria um banho de chuveiro, tentaria telefonar mais uma vez, depois iria dormir.

Mas o telefone tocou, despejando adrenalina por seu organismo. Ele não largara o receptor e, imediatamente, levou-o à orelha.

— Alô?

— Papai?

— Dusty! Por que está ligando a uma hora dessas?

— Eu queria falar com mamãe — respondeu a filha, com voz contrariada.

Ela jamais fora boa em esconder seus sentimentos. Algo não ia bem.

— Bem, eu... — começou ele. Como poderia dizer à filha que não sabia onde estava Rebecca? — Ela não está aqui agora, meu bem. Alguma coisa que eu possa fazer?

— É que eu telefonei para casa, e ninguém respondeu — disse Dusty, com um tremor na voz. — Eu precisava falar com ela.

Damon deu de ombros e balançou a cabeça, inconformado.

— Bem, para dizer a verdade, eu não sei onde ela está. Acabei de entrar esperando encontrá-la, e ela não estava aqui. Nós devíamos ter jantado juntos — disse ele, olhando ao redor da cozinha vazia. — Liguei para a casa, e ela não atendeu. Só a secretária responde.

Um silêncio antecedeu a resposta.

— Quer dizer que ela não deixou um bilhete, nem nada parecido?

— Não. Eu mesmo não entendi muito bem.

— Eu queria... Então o senhor não sabe onde ela está?

— Tenho certeza de que ela está bem. Provavelmente fez outros planos e esqueceu de me avisar a respeito. Vai aparecer. É melhor irmos dormir um pouco. Pedirei para ela ligar para você assim que acordar, de manhã.

— Bem...

— Não se preocupe, Dusty, vou tomar conta de tudo. Vá dormir um pouco. Veja se consegue, sim?

Com relutância, a filha desligou e seguiu o conselho. Damon passou mais dez minutos preocupado com a esposa, depois tomou um banho de chuveiro, um comprimido para dormir e foi para a cama.

Ele dormiu pouco e acordou com os olhos ardendo, às sete da manhã. De alguma forma recordou o telefone da casa de Rute e ligou, antes de se levantar. Rute não sabia de nada sobre o paradeiro da patroa.

Damon ligou mais duas vezes para a casa enquanto se vestia, depois foi para o escritório. Havia uma montanha de trabalho esperando por ele. Tinha um compromisso

para o almoço com Tom Blackman e os outros. Seria um longo dia, e ele precisava dormir um pouco.

Disse à sua secretária que tentasse entrar em contacto com Rebecca ao telefone. Sua primeira reunião o manteve ocupado por quarenta e cinco minutos. Em seguida ele acionou o intercomunicador.

— Nancy, você encontrou a sra. Lowell?

— Não senhor, ninguém respondeu no apartamento da cidade. Falei com a governanta em sua casa da praia, e ela disse que também não tinha visto a sra. Lowell.

Com essas palavras, Damon percebeu, pela primeira vez que havia alguma coisa errada. Se algo estava errado, principalmente algo embaraçoso, seria melhor a secretária não saber de nada.

— Tudo bem — disse ele. — Já sei onde ela está. Eu mesmo telefonarei, obrigado.

Alguns minutos mais tarde, ligou para Rute.

— Algum sinal dela? Nenhum bilhete?

— Não que eu tivesse encontrado, senhor. Ela não disse aonde ia?

Novamente o instinto de prudência tomou conta de Damon, que optou por não externar a profundidade de sua preocupação. Sabia que tinha de agir com cautela.

— Houve um desencontro apenas. Pode continuar seu trabalho. Um de nós falará com você mais tarde.

— Sim, senhor — respondeu Rute, em tom de dúvida.

Enraivecido, Damon passou o resto da manhã em reuniões que pareciam arrastar-se indefinidamente. Antes do almoço ele ligou para Irene, em Sarasota. Ela pareceu desconfiada desde o primeiro contato, pois ele não tinha o hábito de ligar. Ele perguntou sobre a saúde dela, e depois quis saber se ela falara com Rebecca recentemente.

— Desde a semana passada não falo com ela — disse Irene.

— Ela parecia preocupada?

— Eu não diria isso. Como você sabe, ela dificilmente comenta seus problemas.

Damon sorriu perante a acidez da observação.

— Bem, cuide-se. Tenho certeza de que ela deve ligar antes que a semana termine.

— Até logo, Damon..

A voz de Irene transmitia seus sentimentos. Jamais apreciara o genro, pois naturalmente sabia sobre Alison.

Depois do almoço ele ligou para Mimi Parker e perguntou se ela soubera algo sobre Rebecca. Ela informou que não falava com a amiga desde dois dias antes. Damon disse que aguardava a presença dela na festa e desligou.

Ligou para Alison, avisando que chegaria mais tarde naquela noite. Ao final do dia resolveu ir até sua casa em Long Island para satisfazer sua curiosidade. A casa permanecia em silêncio. Rute terminara o trabalho e saíra. Os pratos e os outros apetrechos para a festa estavam empilhados na cozinha.

Não havia o menor traço da presença de Rebecca.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Damon procurou no armário dela. Não sabia se alguma coisa estava faltando. Ela possuía muitas roupas, como todas as mulheres, e ele nunca prestara atenção suficiente para saber o que ela havia juntado ao longo dos anos. O mesmo valia para as malas. Damon nem ao menos conseguia lembrar-se da aparência e da cor delas.

Estava no, quarto, misturando preocupação com uma raiva surda na mente, quando o telefone tocou. Ao menos uma vez não precisava escutar a voz gravada no aparelho. Atendeu.

— Alô.

— Papai, é você?

Era Dusty. A voz dela soava mais preocupada do que na noite anterior.

— Já encontrou mamãe? — perguntou ela.

— Não, meu bem. Ainda não.

Damon estava zangado demais para esconder a verdade da filha. Foi para o banheiro, levando o telefone sem fio. Os cosméticos pareciam continuar em sua variedade habitual. Se algum deles estava faltando, não era possível saber:

Então reparou em suas próprias coisas e percebeu algo diferente. A caixa de pílulas, feita de prata, que Rebecca lhe dera alguns anos atrás não estava em seu lugar habitual.

Abriu o armarinho. A caixa estava na prateleira. Sob ela, havia um bilhete. Naquele instante lhe ocorreu que Rebecca poderia tê-lo colocado ali porque sabia que Rute jamais abria aquele armário.

Dusty dizia alguma coisa ao aparelho enquanto ele abriu o bilhete.

— Espere um pouco, meu bem — pediu ele. Segurando o fone contra o ombro, leu o bilhete.

Querido Damon,

Fui embora. Desculpe pela dor.

Damon ficou olhando as palavras. Sua boca abriu-se, em sinal de descrença. O significado da caixa no armário começou a penetrar em sua mente.

A voz de Dusty parecia cada vez mais desesperada, quase histérica.

— Desculpe, meu bem..O que estava dizendo, mesmo?

— Papai, Tony desapareceu. Simplesmente sumiu.

CAPÍTULO 7

Para Damon, os dias que se seguiram foram uma forma de tortura.

O pior da situação é que só ele sabia o que acontecera e não podia confiar em ninguém. Na verdade, seria crucial manter segredo sobre aquele assunto. Era o pior momento em sua carreira para que permitisse quaisquer rumores sobre problemas matrimoniais, quanto mais que sua esposa o deixara. Se a notícia chegasse até o prefeito, ou mesmo em sua própria firma, todo o projeto poderia ficar comprometido.

E havia ainda Dusty para pensar. Ele imaginou por quanto tempo poderia adiar a verdade para a filha.

Colocou seus problemas de lado. No momento não podia lidar com aquilo. Ao invés disso, concentrou-se em inventar uma boa desculpa para ganhar tempo.

— Nancy — disse ele à secretária. — Ligue para cada um dos sócios e diga que a mãe de Rebecca está muito doente. Rebecca foi para a Flórida, ajudar a tomar conta dela.

— Eu os avisarei. Sinto muito, senhor.

— Obrigado.

Damon respirou um pouco. A história era perfeita, já que todos sabiam da gravidade da doença de sua sogra.

A preocupação seguinte era o prefeito e as pessoas no projeto Hightower. Damon esticou a mão para o telefone uma dúzia de vezes para dizer à sua secretária que cancelasse o jantar. Mas ao final, suas obrigações profissionais prevaleceram. Ele decidiu continuar com a festa, e dizer a todos que Rebecca esperava estar presente. Então, quando ela não estivesse, sua ausência se reverteria em simpatia para Damon. Ele a podia usar como vantagem, se quisesse.

Damon conhecia uma agência de detetives confiável. Hamlin Associates, que vinha sendo utilizada por sua firma havia anos. Conversou com Dick Hamlin, o presidente, e explicou a situação.

— Rebecca se foi. Não existe possibilidade de engano. Ela deixou... um bilhete. Mas eu preciso saber onde ela está.

— Ela deu algum aviso?

— Nenhum. Ultimamente andava um pouco ausente, mas isso é perfeitamente normal para ela.

— Ela parecia zangada com alguma coisa? — quis saber Dick.

— Não. Nós não discutimos há anos — declarou Damon, com um toque de orgulho pela tranquilidade de seu casamento. — Por isso estou preocupado.

Dick enviou um agente para procurar pistas na casa e no apartamento. O sujeito fora bastante metódico e discreto. Encontrou evidências que Rebecca levara algumas roupas e alguns cosméticos. Parecia ter feito a mala às pressas.

Também levava dez mil dólares de suas economias e passara no cofre, onde retirara jóias e ações negociáveis que estavam em seu nome.

Damon disse a Dick Hamlin para encontrar Rebecca e fornecer seu paradeiro, mas que não entrasse em contato nem fizesse esforços para trazê-la de volta. O próprio Damon cuidaria disso.

Agora não tinha alternativa senão contar a Dusty a verdade. Ligou para ela naquela mesma noite, depois que o detetive foi embora.

— Não sei por quê, meu bem, mas ela foi embora — disse ele. — Levou algum dinheiro e algumas roupas. Eu não me preocuparia muito com isso. Suspeito de que ela deve ter assuntos que prefere resolver sozinha. Tenho certeza de que ela vai entrar logo em contato conosco. Eu a mantereí informada.

Dusty ficou abalada, a ponto de perder o controle. Continuava sem notícias do namorado, que não aparecera. Naquele momento não levou muito a sério o assunto.

— Falou com os pais dele?

— Falei ontem. Eles também não sabem de nada. A mãe dele está apavorada. Não consigo entender uma coisa dessas.

— Então me mantenha informado, sim? Se eu puder ajudar de alguma forma, pode contar comigo.

— Obrigada, papai. Até logo.

Damon não atribuíra nenhum significado à coincidência entre o desaparecimento de sua esposa e do jovem Tony Delafield. Encarou aquilo como um fator de confusão que tinha de deixar de lado para clarear sua mente e resolver o desafio da ausência de Rebecca.

Começava a compreender os motivos da partida dela. Coisas que estavam erradas no casamento, erradas demais. Ele era ausente como marido. Achava que ela estava conformada com aquela vida, nos últimos anos. Mal se incomodara em ocultar seu relacionamento com Alison. A vida de Rebecca vinha sendo difícil, cada vez mais. Ela perdera o pai quando ainda era menina e agora a mãe, a quem era muito ligada, estava doente. Ela mesma ficava mais velha. A meia-idade não era uma época fácil para uma mulher. Ela não se queixara desde que Dusty fora para a faculdade, mas Damon reparara que a ausência de Dusty parecia haver retirado alguma coisa dela. Ela parecia solitária.

Tais reflexões acalmavam Damon, pois elas o ajudavam a compreender um evento que a princípio parecera insano, incompreensível. Agora sua mente de advogado conseguia reproduzir o estado de espírito de Rebecca, e lidar com ele.

Quanto mais ele pressentia entender, mais certeza ele reunia de que ela voltaria.

— Ela simplesmente não é o tipo de mulher que se afasta do casamento e da filha sem pensar duas vezes — raciocinou ele, em voz alta. — Não parece Rebecca.

Algum tipo de dor interior deve tê-la afastado. Mas a necessidade de amor, o amor familiar, seguramente a traria de volta. Tinha certeza disso.

— É só uma questão de tempo — repetiu para si mesmo. — Talvez algumas semanas...

Nesse meio tempo ele precisava enfrentar algo que jamais sonhara enfrentar: os primeiros dias de um marido abandonado. Rebecca deixara um buraco em sua vida. Havia o jactar. Mesmo agora precisava responder telefonemas que Rebecca teria respondido. Telefonemas de convidados, do florista, dos fornecedores. Precisava colocar Rute e Nancy para tomar conta dos detalhes. Não nutria ilusões que ambas poderiam lidar tão bem quanto Rebecca com as tarefas.

Era preciso considerar as consequências físicas Parker. — Todos esses anos com esse assunto pendendo sobre a cabeça dela. Como está ela?

— Está bem, considerando as circunstâncias — comentou Damon.

Fora uma noite difícil. Não apenas Damon precisou manter a história de que Rebecca estava na Flórida, como ainda teve de fingir perturbação pela doença de Irene. A verdade é que ele e a sogra jamais haviam desperdiçado sentimentos um com o outro, e Damon nunca conseguira entender por que Rebecca ainda se ligava afetivamente a uma pessoa tão egoísta e frívola como Irene.

Os sócios foram mais comedidos em suas manifestações de simpatia, e o pessoal do prefeito, objetivo como sempre, nem tocou no assunto. Porém Damon percebeu que seu instinto lhe valera. A história funcionava para angariar simpatias para ele. Fez o papel de um homem corajoso, cuja esposa passava por um momento difícil.

Apesar de tudo, quando a festa terminou, Damon estava emocionalmente exausto. Deixou Rute e o pessoal contratado a limpar a casa e foi direto para o apartamento de Alison. Ela o aguardava de braços abertos.

— Venha cá, meu bem — convidou ela, usando um robe de seda transparente, parecendo mais excitada do que normalmente.

Damon evitara a bebida durante a noite toda, e o conhaque envelhecido que lhe foi oferecido enviou uma onda de calor através de seus sentidos. Retirou sua roupa e de Alison e deitou-a na cama. Ela ficou agradavelmente surpresa com o ardor demonstrado e, por um instante, os dois gargalharam sem motivo aparente. Damon pensou no corpo de Rebecca quando viu os mamilos escuros de sua amante, e nos olhos dela quando encarou os olhos travessos que buscavam os seus.

— Você já teve uma noite bem longa. Tem certeza do que quer?

— Vamos deixar que você julgue o assunto — respondeu ele.

Fizeram amor sem freios de nenhuma espécie, quase como se ele usasse o próprio prazer para vingar-se de sua esposa. Alison parecia mais jovem e mais sexy do que nos últimos anos. Damon permaneceu unido a ela um longo tempo, movendo-se até que toda a sexualidade dela fosse transformada em êxtase. Assim que ele percebeu, permitiu a si mesmo a conquista do próprio prazer.

Em seguida caiu num sono sem sonhos, com a cabeça no colo dela, a fadiga juntando-se ao frenesi dos sentidos de uma forma tão agradável que ele quase teve a impressão de não estar sozinho.

CAPÍTULO 8

Prace Island possuía uma qualidade ilusória e ambígua. Como se não conseguisse decidir-se que tipo de lugar seria. Ou pior ainda, como se não tivesse a menor idéia sobre o tipo de lugar que desejava ser.

Nessa época do ano os nevoeiros começavam em horas estranhas do dia. Deslizavam pelas encostas das montanhas e permaneciam como tufo de algodão doce nas esquinas, praias e parques. Algumas vezes um pedaço de nevoeiro fazia amor com o cimo de uma árvore, ou a cobria tão completamente que o tronco dava a impressão de se perder nas alturas como o pé de feijão da história infantil. Era algo familiar para as crianças na hora do recreio desaparecer na massa branca ao subir nas árvores, depois aparecer, rindo, em um lugar inesperado e assustar os colegas.

O alto dos prédios ficava boa parte do tempo oculto; em outras oportunidades era possível enxergar o décimo terceiro andar com clareza, os vidros dourados pelo sol, enquanto a base do prédio permanecia oculta.

A maior parte dos turistas desaparecera, pois o feriado já se fora. As vagas nos hotéis aumentaram muito, e os quartos ocupados duas semanas atrás por centenas de dólares ao dia, agora estavam ocupados com executivos que iam para suas reuniões, homens ocupados que só veriam a neblina se abrissem as janelas em seus escritórios. A maior parte dos quartos dos hotéis permaneceria vazia até junho.

Economicamente a cidade possuía personalidade dividida. Hotéis e apartamentos espalhavam-se ao longo de dez quilômetros de praia para oeste, que geralmente eram preferidos por turistas ricos ao longo do Canadá, e cada vez mais, dos Estados Unidos. Por outro lado, o centro da cidade era um local de comércio, com grandes arranha-céus de aço e vidro, trânsito pesado e uma certa quantidade de poluição misturada aos nevoeiros. Demasiada, segundo a população local. Os habitantes eram famosos por sua palidez, assegurada pela falta de luz solar, a não ser em julho e agosto. A maior parte dessa população agora vivia em comunidades dormitório a quarenta e cinco minutos das praias. Havia favelas na costa leste e no centro da cidade; algumas ficavam a apenas uma hora de caminhada dos hotéis. O desemprego atingia grande parte da população.

Havia falatório sobre a legalização do jogo, de forma que os cassinos poderiam atrair turistas o ano inteiro. Mas o conselho da cidade era bastante conservador, descendendo de colonos católicos, de forma a não fazer nada para apressar as coisas.

O pessoal que morava lá queixava-se de que não podiam permitir-se viver na própria cidade no verão e que não podiam pagar, o suficiente para visitar a cidade em outra estação, por causa do nevoeiro. Não constituía surpresa o alto índice de alcoolismo na cidade. O índice de suicídio, também.

O Royal Grace não era o melhor nem o pior dos hotéis à beira da praia. Possuía quadras de tênis, duas piscinas, um ginásio e um átrio, e fora construído havia quinze anos mas depois fora esquecido quando hotéis mais luxuosos surgiram na cidade. Havia alguns com duzentos quartos, a maioria deles vagos.

No quarto 617, Rebecca Lowell estava deitada com um cobertor leve e Tony Delafield nos braços.

No momento não havia nada em sua mente. Sentia a própria respiração e a de seu amante. Sentia os lençóis contra suas pernas e os travesseiros, macios demais, contra a cabeça. As cortinas estavam fechadas, mas ela sabia que se estivessem abertas não haveria nada em sua janela a não ser o nevoeiro. Uma branquidão que escondia as coisas e impedia as pessoas de saberem o que acontecia a seu redor.

Rebecca saboreou sua ausência de pensamento. Sua mente sempre fora ativa, cheia de preocupações, planos e decisões. Agora não havia nada ali a não ser uma atenção flutuante, que não encontrava objetivo. Nunca imaginara que tal estado de espírito fosse possível. Percebia que poderia levar à calamidade, mas mesmo essa consciência parecia fazer parte da droga que a paralisava.

O súbito despertar dos sentidos também tinha alguma coisa a ver com esses sentimentos. Pela primeira vez em sua vida, a existência independente e bela de seu corpo poderia chegar até ela. Inicialmente chocada, agora aprendera como entregar-se a esse sentimento, deixando que os próprios ritmos a conduzissem.

Rebecca sentiu o rapaz nos braços e viu seus cabelos desalinhados próximos ao rosto. Como parecia jovem e inocente! Algo acabado de criar para aquele momento.

Recordou-se do dia em Manhattan quando dissera que ele parecia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Agora era verdade para ela, também. Ela carregava a antiga vida em seu interior, em cada detalhe; ainda assim, sua aparência mudara, como um caleidoscópio girando, e todas as velhas certezas estavam espalhadas, sem o significado habitual. Procurava apreciar o processo que se desenvolvia dentro dela, deixando o mundo penetrar de uma forma nova.

Sabia que precisaria pagar o preço algum dia. Ninguém pode rasgar o tecido da própria existência e esperar não cair no buraco. Mas sentia pouco medo. Estava aprendendo a dar as costas ao pensamento prudente. Saltara. Agora ousaria cair.

Tony acordou. Como uma criança, ele se aproximou dela antes de estar completamente acordado. Os braços longos a envolveram. Enterrou o rosto nos cabelos dela.

— Você ainda está aqui — murmurou ele.

Isso provocou um sorriso em Rebecca. Ele tinha o hábito de preocupar-se com o que sonhava e sempre achava que quando acordasse ela não estaria ali.

Rebecca beijou-lhe a testa, depois os cabelos escuros.

— Que horas são?

Juntos, olharam para o pequeno relógio na penteadeira. Passavam quinze minutos das cinco horas. A luz lá fora era tão ambígua que poderia ser dia ou madrugada.

— É hora de acordar e ir andando — disse ela. — Não podemos continuar assim para sempre.

Impressionada, ela se deu conta de que haviam passado toda a tarde na cama. Se descontassem o café da manhã, fora o dia inteiro.

Confissão

— Mas a gente podia desejar que sim — argumentou ele.

— Claro.

O joelho dele deslizou por entre as coxas dela, e a mão acariciou o contorno dos quadris. Tudo parecia morno, macio e sonolento, mas naquele momento estavam relaxados demais pelo prazer para mover-se.

— Esta noite vamos sair para jantar — decidiu ele, a ponta dos dedos brincando com os cabelos dela. — Vamos parar de nos esconder. Conheço um bom lugar. O porteiro falou comigo pela manhã e me indicou.

— Está bem.

— Quero que você se arrume. Quero mostrá-la — declarou ele, apoiando-se num cotovelo.

Ela corou. Já sentia os olhares dos porteiros sobre ela, além do punhado de hóspedes que a viram com Tony. Ele tinha metade da idade dela, jovem o suficiente para ser o filho, mas não tentava esconder sua possessividade física. Ele a tocou, passou o braço ao redor dela, tomou-lhe a mão. Naturalmente ocupavam o mesmo quarto, um quarto com apenas uma cama.

Ela tentara não se sentir culpada e sem vergonha do que fazia, para lançar sobre o rosto dos outros. Mas não estava ao alcance dela. Portanto evitava os olhares de todos, e deixava Tony lidar com isso. E ele se mostrava à altura da ocasião. Comportava-se como o chefe, como se estivesse no controle. Era ele quem falava e fazia todos os arranjos.

— E melhor você também se vestir — disse ela.

— Por que não? Estamos comemorando, não estamos?

Essa era outra das brincadeiras que faziam. Não importa o quão pequena fosse a ocasião, ele sempre dizia que iriam comemorar. Comemorar o quê? A libertação de ambos do mundo.

Ele ficava muito bem com as roupas. Os ternos escuros, as gravatas de seda e os suéteres finos se ajustavam nele com perfeição. E também sem elas, saindo do banheiro de calção e ajustando-o, com uma ponta de timidez enquanto caminhava na direção dela. Era tão jovem, tenro e inacabado.

Ele ergueu-se da cama e Rebecca esticou-se e espreguiçou-se, observando a porta batendo atrás dele. Novamente pensou em questionar a felicidade dele, depois desistiu.

No banheiro, Tony admirava-se ao espelho.

Seus olhos, em sua opinião quase sempre monótonos e sem atrativos, estavam brilhando. Os cabelos estavam desalinhados. O sono e o tempo que passaram fazendo amor podiam ser lidos em seu rosto, como uma medalha de honra.

Ele viu o corpo familiar, a pequena verruga sob o braço esquerdo que ele quisera remover, o bíceps que acreditava não ser grande o suficiente, os peitorais que tentava aumentar levantando pesos. Era tudo igual, mas parecia diferente aos seus olhos. Pela primeira vez em sua vida não se sentiu bonito.

Tudo por causa de Rebecca. Sua imaginação não o preparara para aquela profundidade, aquele mistério. Ele a desejava fisicamente, claro, desde o início aquilo fora uma obsessão. Entretanto, o que ele sentia no momento era mais do que físico. Era como se ela o chamasse para a própria vida.

Desde que ele passara da meninice para a adolescência, sentia que estava faltando alguma coisa.

As aventuras de praxe com garotas, bebidas e farras faziam com que ele se sentisse deslocado, fora de ritmo.

Por muitos anos pensou que existisse algo de errado com ele. Chegou a imaginar se era homossexual. Suas experiências físicas com o sexo oposto o deixavam frustrado. Quando em alguns casos, chegava a completar o ato sexual, o espasmo que sentia aumentava seu desejo ao invés de satisfazê-lo.

Dusty fora a última em sua lista de garotas bonitas e inocentes. Dissera a si mesmo que ela era diferente. Daquela vez imaginara que ele mesmo era diferente. Pensou que fosse se casar com ela.

Então ela o apresentara a Rebecca. Ele viera completamente desavisado, saindo da água. De uma longa distância, Rebecca parecia uma mulher de meia-idade adormecida na areia, com um livro ao lado. Contudo, assim que levantou e começou a falar, foi como se lançasse um encanto sobre ele. Seu coração caminhou até ela. Sentiu vontade de afogar-se, imergir na melancolia que ela apresentava. Perder-se na tristeza e no mistério que existiam naquela mulher.

Ao final do primeiro almoço sabia que precisava tentar conquistá-la. Seu próprio impulso o deixara assustado a princípio, pois achava loucura persegui-la. Depois começou a parecer mais natural.

Rebecca lutara contra ele, e por um instante ele acreditou que não valeria a pena insistir. Porém algo na forma como ela falara no dia em que a encontrara em Manhattan, no pequeno café, dera-lhe esperanças. Podia senti-la enfraquecendo mesmo enquanto tentava afastá-lo.

Tentara tudo de uma vez na segunda tarde na praia, quando sabia que a casa estaria vazia. Não tinha a menor certeza de sucesso. Vendo-a deitada na praia, com os olhos fechados, quase perdera a coragem e batera em retirada. Porém algo em seu interior exercera seu poder, forçando-o a acreditar em seu poder de sedução.

E ela se entregara.

Desde então os dois viveram plenamente. Ele saboreava cada momento que passavam juntos. Recordou seus sonhos sobre o assunto e percebeu como ela os ultrapassara a todos.

Olhou-se mais uma vez e apagou a luz. Quando voltou ao quarto, ela ainda estava deitada, observando-o com um sorriso no rosto.

— Estamos atrasados. É melhor irmos andando.

O som da voz dela teve um efeito provocador. Embaraçado, sentiu-se enrijecer só de olhar para ela. Percebeu que ela reparara.

Palavras vieram até seus lábios, mas não foram ditas. Nu, deitou-se sobre ela e beijou-lhe os lábios.

— Menino bobo... insaciável — murmurou ela. O lençol agitou-se entre os corpos de ambos. Tony ergueu-se alguns centímetros e o retirou. A pele dela brilhava à luz mortiça do nevoeiro. Com cuidado, ele abaixou-se até tocá-la.

CAPÍTULO 9

Damon Lowell estava aprendendo a fazer as coisas por ele mesmo.

Trazia o jornal para dentro e fazia o próprio café. Mandava a roupa para a lavanderia. Abria a própria correspondência e pagava as contas.

No começo ele ficara relativamente impotente por não saber bem como ele gostava das coisas. Ao longo dos anos de seu casamento foi Rebecca quem levou a cabo suas instruções sobre o ponto do café, a quantidade de goma em suas camisas, o tipo de suco de laranja, o exato cozimento dos ovos quentes. O gosto de Damon refinara-se ao longo dos anos. Não gostava de massa de alho em sua salada, preferia um pouco mais de molho inglês no tempero da ostra... e a esposa aprendera a satisfazer todos os seus gostos. Contudo, o próprio Damon não sabia nada sobre fazer café, dar instruções à lavanderia ou espremer laranjas.

Ao final ele começou a descobrir como se faziam as coisas. Achou surpreendentemente natural o processo. Era simplesmente um outro uso para sua habilidade executiva, com sua própria casa como foco dos esforços. Ele deixou a mulher da limpeza fazer seu serviço até que percebeu que algumas coisas não eram feitas. Percebendo que era a própria Rebecca que as realizava, disse à arrumadeira para começar a fazê-las. Algumas vezes chegava ao extremo de escrever bilhetes de compras para si mesmo enquanto estava no escritório, e guardá-los na carteira. Resolveu não fazer pessoalmente as compras, mas começou a reparar no preço dos mantimentos, nos anúncios de jornal. Ficou surpreso ao constatar como o café e as bebidas haviam se tornado caros. O preço das carnes, então, era escandalosamente alto. Não ocorrera a ele que pagava tão caro por um prato de costeletas de carneiro.

Sentou-se com a agenda de Rebecca e ligou para a firma de manutenção da fornalha, o jardineiro, a firma que faria a manutenção do telhado no outono. O jardineiro em especial pareceu surpreso ao escutar a voz de Damon, mas aceitou rapidamente as instruções.

Foi simples repassar a papelada de Rebecca para saber como ela desempenhava as várias tarefas. Um par de finais de semana foi o suficiente para que Damon controlasse o ritmo do trabalho. Não conseguiu evitar o pensamento de que sua esposa levava uma vida fácil, afinal de contas. Se essas tarefas relativamente simples eram tudo o que Rebecca fazia, ela devia ter um bocado de tempo livre. Esse último pensamento apagou o sorriso do rosto de Damon; não soube dizer por quê.

Damon sentiu que estava lidando bem com tudo. Por outro lado, não podia negar que a súbita perda da esposa deixara-o emocionalmente abalado. Algumas vezes olhava para si mesmo no espelho enquanto estava arrumando a gravata e sentia uma onda de tristeza, que distorcia suas feições e umedecia seus olhos. A gravata sempre fora função de Rebecca.

Muitas vezes acordou chamando o nome dela. Nas manhãs, fazendo café como ela costumava, às vezes sentia ondas de pânico, como um menino cuja mãe está no hospital e não consegue fazer almoço para ele. Voltar do trabalho era uma rotina solitária; voltar da casa de Alison no meio da noite era pior. Sempre tinha algo para conversar, e só depois compreendia que não havia ninguém a seu lado. Algumas vezes descobria a si mesmo deitado na cama, com certo receio da escuridão ao redor, escutando alarmado os pequenos ruídos na mobília e dos painéis na parede... porque não havia uma esposa para partilhar seu mundo.

Durante esse período ele dependia muito de Alison. Encontrava-a para almoçar na cidade sempre que possível e passava tantas noites quanto possível na casa dela. Quando estava com ela, tentava esquecer o silêncio do apartamento e a assustadora solidão da casa de Long Island.

Alison era calorosa e compreensiva. Ela também parecia preocupada com Dusty e perguntava se podia ou não fazer alguma coisa para ajudar. Ele sentiu o impulso maluco de pedir a ela que falasse com Dusty, para consolá-la. Mas percebeu a tempo o absurdo da situação. Homens não utilizavam amantes como madrastas para suas filhas.

Quando Alison perguntou a Damon como ele estava lidando com a situação, ele externou o que lhe ia pela cabeça.

— Não parece ela. Você pensa que conhece uma pessoa... quer dizer eu achava que conhecia Rebecca tão bem quanto conhecia a mim mesmo. Simplesmente não é uma coisa que ela faria.

No silêncio que se seguiu Alison observou a Riverside Drive através da janela. Damon não conseguia enxergar-lhe os olhos.

— Bem, acontece algumas vezes — disse ela.

— Acredito que ela vá voltar. Se não por ela, pelo menos por Dusty. Não está nela fazer algo assim com a filha. Tenho certeza disso.

Agora Alison Shore franzira levemente a testa. As belas sobrancelhas, um de seus melhores traços, arquearam-se um pouco na tez bronzada e uniforme. Ao pensar na filha de Damon, o encadeamento de suas idéias alterou-se.

A própria Alison já passara da idade de criar filhos. Jamais sentira o genuíno instinto maternal, pelo menos não que ela se recordasse.

Vira Dusty Lowell apenas uma vez. Uma criatura jovem e loira, mascando chicletes e sorrindo, obviamente vulnerável, mesmo quando vista a distância. Conhecedora de psicologia feminina, Alison imaginou ter compreendido que alguma coisa na vida de Dusty não era segura, desde o princípio. Ela interpretava mal o papel de garota rica. Tratava-se de uma estimativa feita sem dados objetivos, porém as histórias de Damon sobre Dusty confirmavam essas impressões. De forma interessante, o pai não parecia se dar conta disso. Enxergava a vida da filha como simples e frívola, comparada às dores de cabeça de sua própria existência.

Alison descobriu-se raciocinando para medir a coragem ou o desespero que permitira que Rebecca deixasse para trás um marido poderoso como Damon. Ainda mais imponderável era a força que a impelira a abandonar uma filha como Dusty.

Por outro lado, talvez para Rebecca o marido não fosse tão poderoso. Vinte anos de casamento podiam empanar o brilho de qualquer homem aos olhos da esposa. E talvez Dusty, por mais importante que fosse, não pudesse avaliar o que estava ocorrendo no íntimo de Rebecca. Como pode uma mulher conhecer o coração de outra?

— E seus detetives? — indagou ela. — Já descobriram alguma coisa?

— Ainda não. Mas Dick Hamlin garante que não vai demorar muito.

Dusty representava seu pior problema. A história de Damon sobre a doença de Irene, que funcionara tão bem com todos os outros, não podia ser estendida para a filha, pois Dusty se dava bem com a avó e já falara com ela diversas vezes sobre o desaparecimento de Rebecca. Não podia mentir para Dusty.

A maior parte de seus contatos com a filha eram por telefone. As aulas dela estavam começando e ela assumira uma série de outras obrigações. Além do mais, pai e filha sentiam uma certa relutância em ficar juntos fisicamente. Os motivos não eram aparentes para Damon.

Na terça feira finalmente conseguiram marcar um jantar. Foram a um pequeno restaurante chamado Crandall's, próximo ao campus, servido por estudantes. Felizmente era um lugar sossegado, onde se podia conversar sem tornar público o assunto.

Dusty parecia a mesma, em princípio; quanto mais Damon a observava, achava-a mais bonita. Percebeu que ela perdera peso. Parecia dispersiva.

Ia começar a perguntar diretamente sobre Tony, mas resolveu iniciar a conversa de outra forma.

— Bem, infelizmente eu não tenho nenhuma novidade sobre o paradeiro de sua mãe. Não gabemos para onde ela foi. Dick está intrigado. Não pode compreender por que não existem recibos ou reservas na conta do cartão de crédito dela — disse ele, pouco à vontade.

Dusty estava olhando para outro lado. Não respondeu.

— Não se preocupe, ele vai encontrá-la. E só uma questão de tempo. Esses detetives têm os segredos deles — declarou ele, percebendo que aquela linha de raciocínio não estava ajudando.

Tomou um gole de martini antes de continuar. A filha continuava imóvel, o olhar -fixo na distância.

— Meu bem, não quero que se preocupe demais com esse assunto — continuou Damon. — A verdade é que não tenho sido o melhor marido do mundo. Meu trabalho ocupa boa parte de meu tempo e me deixa preocupado mesmo quando não estou no escritório. Quando aceitei participar do projeto Hightower, as coisas pioraram muito.

A imagem de Alison formou-se em sua mente. Perguntou a si mesmo se Dusty seria capaz de ler seus pensamentos. De qualquer forma, não conseguiria falar sobre a amante. Portanto concentrou-se em acusar a si mesmo de marido inadequado, defendendo Rebecca.

— Acho que mal posso ficar zangado com sua mãe. Ela agüentou um bocado de provocação. Quero que saiba, meu bem, que ela nunca teria abandonado você a menos que simplesmente não tivesse outra escolha. Ela a ama de todo o coração.

— Então por que não escreveu para mim? Foram as primeiras palavras de Dusty desde que o pai abordara o assunto.

Damon não tinha resposta para aquela pergunta.

— Ela deve ter um bom motivo. Não pense que é culpa dela.

— E para onde ela foi? — perguntou Dusty, deixando que sua raiva transparecesse.

— Não sei. Estou tentando saber — respondeu Damon.

— E o que vai fazer quando encontrá-la? Vai se divorciar dela?

O rosto de Damon avermelhou-se.

— Claro que não! O que está pensando, Dusty? Amo sua mãe. Nem pensaria em me divorciar dela — respondeu ele, indignado.

— Especialmente agora.

— O que está querendo dizer? — indagou Damon. A filha não respondeu. Ele, no entanto, sabia que ela estava se referindo à política. Dusty era mais perspicaz do que ele imaginara; talvez até fosse uma referência velada a seus planos futuros com Alison. O tom frio e conhecedor das palavras parecia deslocado na boca delicada, cuja inocência e simplicidade de coração sempre fora o aspecto mais lembrado pelo pai.

— Provavelmente vou me ajoelhar e pedir que ela volte — afirmou ele, com falsa humildade. — Posso ter me comportado mal, mas não sou idiota, meu bem. Sei reconhecer quando estou errado.

— E se ela não voltar?

A pergunta era um desafio. Ele encarou com preocupação os olhos da filha. Mal a reconheceu. Encontrou algo cínico e indiferente, que ele jamais percebera antes.

— Bem, vamos supor que ela volte. Mesmo que ela não queira ficar comigo, ela ainda é sua mãe

— argumentou Damon. — E a ama muito.

Dusty olhou para o outro lado. O garçom se aproximava, portanto houve um silêncio forçado pela discrição.

Então por que não escreveu para mim?

Por que ela foi embora?

As perguntas começaram a assombrar a cabeça de Damon. Pela primeira vez ele sentia a culpa incurável de um pai cujo casamento se desmoronara bem à frente da filha que amava. Apenas nesse momento ocorreu a ele que o ocorrido poderia produzir resultados danosos e permanentes em Dusty... ou que seu passado pouco recomendável já a tivesse marcado.

Por sorte, Dusty se animara depois da saída do garçom. Começou a falar de suas matérias novas e de seus amigos. O último ano era excitante. Ela estava tendo as matérias mais importantes sobre jornalismo, aquelas que aguardara desde o início do curso secundário. Naquele outono estaria procurando empregos e estágios. Finalmente chegara à fronteira de seu futuro.

Damon ficou alegre em escutar a filha falar de sua vida dessa maneira. Pelo menos havia uma certa semelhança com a realidade.

Então pensou em Tony.

— O que você tem de novidades da parte dos Delafield?

O rosto dela anuviou-se.

— Eles não sabem de na.da, ainda. Falei com a sra. Delafield na noite passada. Ela está preocupada de verdade. Parece pensar que está relacionado à família deles. Algo que ela não quer dizer, eu acho.

Depois de um silêncio curto, Damon manifestou-se.

— Falei com o sr. Delafield, ontem à tarde.

A expressão de Dusty mesclou um pouco de embaraço, de raiva e de alívio, quase ao mesmo tempo.

— O que ele disse? — quis saber ela.

— Isso fica só entre nós dois, está bem? — começou Damon, aguardando que ela concordasse com um gesto de cabeça antes de continuar. — Ele culpa a si mesmo. Acha que não entende Tony muito bem. Aparentemente o filho sempre foi mais ligado à mãe. E as três filhas receberam toda a atenção do pai. O relacionamento dos dois sempre foi difícil. Por isso acha que o filho o evitava. Suspeita até mesmo que Tony nunca quis mesmo ir para a faculdade de direito. Só estava se esforçando porque o pai queria assim. Não sei se é verdade... ele falava nesse assunto com você?

— Falava. Acho que é isso mesmo — confirmou Dusty, depois de pensar um instante.

— Bem, talvez seja isso o que está por trás de tudo. Tony está numa encruzilhada. Talvez queira sair da escola por algum motivo emocional, e essa foi a única forma que encontrou de fazer isso.

Damon sentia necessidade de afirmar a Dusty que o namorado não a abandonara. O olhar da filha parecia refletir um pouco de esperança.

— Acredito que ele deva entrar em contato com você um dia desses — acrescentou ele, em tom de confiança. — Na verdade eu não ficaria surpreso se resolver mandar buscá-la.

O olhar suavizou-se.

— Ele a pediu em casamento? — quis saber Damon.

— Pediu.

— Mesmo assim ele foi embora — raciocinou ele. — As duas coisas não se contradizem necessariamente. Na verdade, como advogado, eu seria obrigado a presumir que não existe contradição.

Ela ergueu os olhos para o teto, como se estivesse analisando um complexo problema jurídico.

— Talvez ele tenha sentido que ficou sem escolha — declarou ele. — Talvez as coisas se tenham acumulado sobre ele, e Tony simplesmente não tenha sido capaz de encarar o início das aulas. Ele não seria o primeiro jovem a afastar-se quando se sentiu pressionado pela situação. Eu mesmo posso lembrar de um sentimento parecido quando tinha essa idade.

Aquilo era mentira, mas veio-lhe à mente com facilidade. Resolveu continuar, animado pela reação da filha:

— Pode ser que ele só esteja esperando pelo momento certo para pedir que você se junte a ele. Talvez queira que você entre na faculdade. Pode até ser que não tenha coragem de pedir a você que faça esse sacrifício. Você se sente segura o suficiente para largar tudo por ele?

Damon percebeu o olhar de orgulho que brilhou por um instante. Os elogios funcionavam.

— Você iria? — insistiu ela.

— Papai...

— Estou falando sério. Iria? Ela pareceu pensativa.

— Tenho a minha própria vida. Existem coisas que pretendo fazer. E ele sabe disso.

Damon apreciou o rumo da conversa. Tornava-o uma espécie de conselheiro impessoal, ao invés de um pai preocupado. Alguém que falava com ela como mulher adulta, não como uma criança. Ele tinha certeza de que a estava trazendo em sua direção, como se estivesse num tribunal. Também fazia com que Dusty se sentisse mais próxima a Tony, tornando impensável que a partida do namorado não fosse parte de um plano maior para casar com ela, para ficar com ela.

— Parte do amor é sacrifício — declarou ele. — Talvez ele acredite que não possa se casar até fazer sua escolha profissional. Talvez ele imagine que isso seja injusto com você. Afinal, ele se apresentou como um futuro advogado. Talvez imagine que você o encare como um mentiroso se não cumprir o que disse. Talvez até duvide que você queira continuar com ele se não for assim.

Dusty permaneceu em silêncio, escutando com atenção.

— Você sabe... se eu tivesse pensado assim vinte e cinco anos atrás, as coisas poderiam nunca ter chegado aonde chegaram. Eu devia ter pensado com mais seriedade em tudo. Eu só fiz o que fiz porque isso era o esperado de mim. Era o meu... estado de espírito. Só que eu me apaixonei por sua mãe. Eu a queria mais do que qualquer outra coisa na vida. Agora, olhando para trás, imagino se ela soube de verdade quais eram minhas prioridades. Talvez se eu tivesse parado para pensar um pouco, eu tivesse assumido o casamento com uma atitude mais madura.

Dusty permaneceu em silêncio.

— Rebecca é uma mulher extraordinária. Ouso dizer que fazer o que ela fez foi uma prova disso. Receio que durante nosso casamento eu a tenha feito sentir-se como uma pessoa comum. O trabalho de um homem, retira tanto de sua personalidade... Meu trabalho levou-a para longe de mim. Não deixei que restasse o suficiente para Rebecca. E para você também... sinto muito.

Ela suspirou. O pai continuou:

— Talvez tudo isso tenha sido o melhor para acontecer. Talvez Tony tenha visto um futuro igual para ele. Talvez, ao contrário de mim, ele esteja saindo enquanto ainda há tempo. Talvez você seja o mais importante na vida dele.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Quase tudo o que Damon dizia era mentira, a seus olhos. Um quarto de século como experiência em advocacia moldava suas palavras, conferindo-lhes valor e credibilidade. Seus argumentos eram tão convincentes que ele mesmo acreditava. Esticou a mão para tocar a de Dusty. Sentiu-se mais próximo a ela do que jamais fora em muitos anos. Pela primeira vez imaginou que estava realmente conversando com ela, comunicando-se.

- Papai? — chamou Dusty, olhando para as mãos entrelaçadas.
- O que foi, meu bem?
- Será que Tony fugiu com mamãe?

CAPÍTULO 10

Querida, não sabe como meu coração se sente próximo a você nesse instante. Mesmo que eu tenha de deixá-la... e acredite, se tivesse existido uma escolha, qualquer que fosse, eu jamais teria saído dessa forma, sem me despedir nem explicar. Eu me sinto próxima a você, ligada a você por algum sentimento permanente, fora do tempo em si.

Porém, entenda, minha querida, foi o tempo quem trouxe essa terrível e repentina mudança, e talvez necessária. Meu erro foi passar tantos anos fingindo que não existia um enorme vácuo dentro de mim. Esse fingimento é que produziu as mudanças da forma como aconteceram, em silêncio, para que finalmente explodissem. Eu me escondi de mim mesma por tempo demasiado. Agora estou pagando o preço. É um preço que eu pagaria de bom grado por mim mesma. Porém o conhecimento de que minha decisão magoou-a vocês e dividiu nossa família... isso quebra meu coração.

É muito difícil para mim escrever para você quando estou no meio de uma mudança que me leva a abandonar os velhos valores, sem conhecer e nem mesmo entender meus novos sentimentos. Mas você precisa acreditar que não importa quanto eu possa me distanciar de minha antiga personalidade, não estou me distanciando de você. De jeito nenhum. Você está comigo a cada segundo, e aconteça o que acontecer, nunca me perderá. Sempre serei sua mãe, não importa o resto do mundo.

Rebecca fez uma pausa, a esferográfica suspensa no ar. Estava sentada na cama, recostada nos travesseiros, o caderno suspenso contra o risqué-rabique timbrado do hotel. O papel no qual escrevia, porém, não era timbrado. Tony saíra para comprá-lo.

Usava apenas o roupão. A sensação de tocar o amante ainda se encontrava na ponta dos dedos. A caneta estremecia levemente, tornando diferente sua escrita.

Ergueu a cabeça.

Tony encontrava-se à escrivaninha, escrevendo sua própria carta. Usava apenas calção. As pernas longas perdiam-se abaixo da mesa. Podia distinguir a marca de nascença na pele das costas, logo abaixo da omoplata esquerda. Sorriu. Recordava-se de tê-la beijado dezenas de vezes, assegurando a ele que era perfeito, quando Tony se queixava sobre a mancha.

Sentiu uma espécie de aumento de temperatura só de observar o corpo dele. A caneta ainda tremia entre os dedos. Quando leu as palavras que escrevera para a filha uma onda de fracasso e resignação a assaltou. Como podia escrever para Dusty? Que palavras de conforto podia oferecer para amenizar a agonia que oprimia o coração da filha naquele instante?

Você nunca me perderá. Serei sempre sua mãe...

Releu a carta. Como as palavras perdiam a força, se com paradas com a enormidade do que ela fazia. Reparou que ao menos mencionara Tony. Nem tivera essa

intenção. Não tinha coragem de fazer referência alguma ao ponto mais sensível de sua vergonha. Sua intenção era escrever, enviando seu amor e suas desculpas. Apenas aquilo. Não fazia promessas de voltar ou restaurar a antiga vida que tinham e não valorizavam. Simplesmente afirmava seu amor, contínuo e infinito.

Seria o suficiente? Seria o amor suficiente em face da traição e do abandono?

O próprio pai de Rebecca a abandonara, assim como Irene, quando ela ainda era criança. Ela jamais conseguira superar completamente o fato. Irene casara-se mais uma vez depois de perder Frank e comportava-se como se o casamento fosse meramente uma nota em sua vida. Rebecca não fora tão feliz. Embora raramente conversasse sobre seu pai com Damon ou qualquer outra pessoa, o vácuo que ele deixara marcara-a de forma que ela não queria aceitar.

Olhou para Tony. Preocupava-se também por ele. O sentimento de estar deslocada aplicava-se também a ele. Ele era mais novo, tinha menos experiência. Mesmo sem o relacionamento, iria envolver-se numa crise de identidade nessa idade. O mundo esperava que se decidisse entre o menino que fora até àquele dia e o homem que deveria se tornar.

Assim era com Dusty. Ainda era uma menina, contudo precisava assumir responsabilidades de mulher. No momento, graças à mãe, aceitava a maior das dores femininas.

Entre dois infinitos, escrevera Pascal. Rebecca estudara aquela frase na escola e sempre a achara desinteressante, uma máxima banal. Começava agora a compreender os meandros ameaçadores, múltiplos e perigosos; significados que não podia decifrar de uma só vez e sim aprender dolorosamente, pouco a pouco, mesmo que a pessoa não desejasse.

Repentinamente ocorrera a Rebecca, olhando para o corpo quase nu de Tony, sentado à escrivaninha como um aluno fazendo seus deveres, que sentia uma emoção surpreendentemente próxima à sua por Dusty. Ela queria proteger, queria envolver. Porém contra algumas coisas não havia proteção.

Com esses pensamentos ela relanceou os olhos pela carta em suas mãos. Não me sinto distante de você... Que mentira! Naquela sala acinzentada, com o nevoeiro pressionado contra a janela como o hálito de um amante, ela sentiu-se tão distante de sua filha como das estrelas. Como poderia enviar algum sentimento de cautela ou desculpas quando ela mesma havia fugido?

Deixou escapar um suspiro, e Tony escutou. Recostou-se na cadeira, deixou a própria carta sobre a escrivaninha e veio até ela.

— Qual o problema? Ela deixou a carta cair.

— Não consigo! É impossível — respondeu Rebecca. Ele deitou-se ao lado dela e aconchegou-lhe o rosto ao peito.

— Eu sei. Nada podia ser pior.

Tony beijou-a com suavidade, primeiro na sobrancelha, depois nas bochechas, como se a estivesse descobrindo. Rebecca jamais tinha sido beijada ou acariciada dessa forma. Com certeza não por Damon. E agora percebia que fazia parte da demonstração da afeição física de Tony por ela. Um novo hábito, para dizer a verdade.

Assim como um milhar de pequenas coisas se tornam parte do total de um relacionamento, de um casamento. O tempo os estava aproximando.

Porém o tempo também destruía os laços que a uniam ao passado, à sua filha.

Lágrimas vieram com esse pensamento.

— Calma, calma — pediu ele, num tom estranhamente paternal. — É só esse coração enorme que você tem fazendo alarde. Não se preocupe.

— Não me preocupar? — gemeu ela.

— Você sempre vai fazer a coisa certa. Não está em você fazer o que é errado, Rebecca. Por que pensa que a amo tanto?

Houve uma pausa.

— Então por que fiz isso? Por que nós...

— Porque nossas vidas estavam erradas mesmo sem o outro. Não podíamos ser inteiros, da forma que era — argumentou ele. — Isso era o que estava errado. Para corrigir isso, precisamos fazer outro mal. Mas vamos corrigir isso também. Sempre existe um jeito... quando as pessoas se amam. Não se desespere. Você vai ver que tenho razão. No final, vai dar tudo certo.

Como era delicioso ser consolada por ele daquela forma. Nem tudo era verdade, mas em compensação havia verdade no que ele dizia. Para corrigir a grande mentira de sua vida, ela tivera de fabricar novo começo. Certamente haveria mais chances de salvação ao longo desse caminho do que ao longo do antigo. Porque o amor com certeza era uma estrada melhor para a salvação do que a morte espiritual da pessoa.

Tal era a argumentação de Tony. Como um bom jesuíta, ponderou Rebecca, ela procurou o cerne da bondade em si mesma, e no outro. Pois aprendera bem sua lição na igreja: a verdade sem caridade não era verdade.

Olhou para a folha de papel ao seu lado. Estava levemente amassada, pois apoiara-se nela.

— Você sabe como amar, Rebecca. É isso o que você precisa colocar na carta. É o que você vai mandar para ela.

Rebecca encarou os olhos juvenis.

— Meu Deus — murmurou ela, puxando-o para si. A paixão de ambos foi súbita, mais urgente do que a qualquer tempo desde que ela o conhecera. Porém daquela vez não havia nada erótico... a princípio. Ela o puxou contra si de uma forma quase frenética, como se suplicasse que ele apagasse o restante do mundo. E ele o faria por ela. Ela se encheu com a inocência dele. Era o suficiente, ou quase o suficiente, para silenciar todo o resto.

A carta estava amassada e aquecida pelos corpos de ambos e finalmente acabou entre os lençóis pelos movimentos de sua paixão. Mais tarde ela reescreveu-a, quase com as mesmas palavras. E ele terminou a própria carta, também para Dusty. Naquele dia seria o começo. No dia seguinte e nos outros, poderiam escrever outras cartas. Tony para seu pai, e Rebecca para Damon, depois para sua mãe. Mas naquele dia davam o primeiro passo, a primeira olhada para trás.

Foi Tony quem colocou no correio as duas cartas, uma hora antes do jantar. O balconista o chamou de volta:

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

— Senhor! O caminhão já levou a correspondência. Estas cartas só seguirão amanhã.

— Não tem importância — sorriu Tony. — Amanhã está bom. Obrigado de qualquer forma,

— Certo, senhor.

O balconista ocupou-se com alguns documentos sobre a mesa. Depois, enquanto Tony desapareceu no interior do elevador, relanceou um olhar para o homem do outro lado do saguão, que realizou um breve aceno de cabeça e olhou para o outro lado.

CAPÍTULO 11

O prefeito Lazare acomodava-se atrás da escrivaninha, olhando para Damon Lowell, depois para os outros três homens em seu gabinete.

— Vocês precisam entender — disse ele. — Não importa quantos iguais a esses homens existam. Precisamos cuidar deles. Só isso. Temos de cuidar deles.

O mais alto dos homens, um enviado especial do governador, inclinou-se para a frente em sua cadeira.

— Senhor prefeito, se quiser saber a verdade, acho que eles não vão nos pressionar.

O prefeito, um homem corpulento, recostou-se em sua cadeira reclinável, o que provocou um guincho parecido com um grito de surpresa. Meses atrás isso costumava produzir um esboço de sorriso nos lábios de Damon.

— Você acha que não? — perguntou o prefeito.

— O governador acha que não vão pressionar — disse o enviado. — E são todos membros do mesmo partido. Eles se falam ao telefone todos os dias. 'Duvido que possam estar planejando ficar contra nós nesse assunto sem que percebêssemos.

O prefeito balançou na cadeira, estudando as expressões à sua frente. Não confiava nos homens do governador. Desde a eleição, o governador tinha pressionado os problemas fiscais do município, afirmando de forma mais ou menos óbvia que os verdadeiros talentos do governo estavam em Albany. No projeto Hightower, entretanto, o estado e a cidade estavam trabalhando juntos. Sem a ajuda do governador o projeto não poderia ser iniciado. Era o partido dele que dominava a assembléia. Isso significava negociações morosas, desconfiadas e arrastadas entre o prefeito e o homem que o odiava mais do que qualquer outro, exceto, talvez, o presidente.

— Esperem um minuto — pediu Lazare, apanhando o telefone. — Phoebe, ligue para o governador.

O silêncio arrastou-se, pesado, por quase um minuto, preenchido pelo olhar do prefeito que passou por todos os rostos. Alguns sinais de impaciência começaram a aparecer nos homens que aguardavam.

— Ron! — cumprimentou ele por fim, um grande sorriso surgindo nos lábios volumosos. — Bom ouvi-lo. Estou com Damon, Leo e os outros aqui em meu escritório e estivemos falando sobre os seus colegas de partido.

Enquanto os outros esperavam, o prefeito repetiu tudo ao governador. Tratava-se de um desafio pouco sutil a Leo Coyle, um dos homens mais próximos ao governador, ali enviado com o objetivo de levar a mensagem do governador. Também pretendia mostrar aos presentes que o governador estava sempre ao alcance do prefeito.

Essa era uma das fraquezas do prefeito. Demonstrar seu poder e autoridade a homens que não eram importantes nem influentes. Ele tinha uma necessidade interior

de sublinhar as entrelinhas. Vinha do seu ambiente de família e de sua relativa falta de estudo, sem mencionar o ego irritável. Com o pessoal do projeto Hightower ele era pior do que habitualmente, porque os diplomas costumavam deixá-lo nervoso e inseguro.

Infelizmente o efeito foi o oposto do que ele imaginara. A fala alta demais e os modos espalhafatosos tornavam-no pequeno e consciente de suas fraquezas. Quanto mais íntimo tentava parecer, mais tolo ficava. Damon havia aprendido a esconder os sentimentos durante esse tipo de episódio, pois sabia que o prefeito era terrivelmente sensível aos deslizes.

Era de admirar que um homem tão pouco convincente tivesse uma imagem tão boa com o público. Um refinado mentiroso quando em particular, o prefeito se tornava uma figura pública adorável quando um câmara ficava à vista. Possuía dois assistentes, quase como guarda-costas, que ficavam de sobreaviso com os jornalistas. Como resultado disso, nenhuma câmara havia capturado o lado frágil do prefeito, e ele permanecia uma figura popular com o público, a despeito de suas falhas como executivo. Por esse motivo o governador fora forçado a trabalhar com ele no Hightower. O projeto seria bom para a imagem do estado quando estivesse concluído: e nunca seria completo sem a ajuda do prefeito e seus comparsas.

Damon observava tudo com interesse, como se fosse um psicólogo. O prefeito estava de todas as formas agindo em respeito aos homens com os quais trabalhava, embora jamais duvidasse de sua capacidade de manipulá-los. Ele sempre ligava para Damon tarde da noite, com uma nota de ansiedade na voz, para escutar afirmações positivas sobre as chances do projeto, e para falar sobre suas próprias idéias.

Nesses momentos, Damon sentia uma dependência emocional infantil, que ficava um tanto deslocada para um político.

Lazare era um homem intenso, o rosto rude e o corpo volumoso, desagradável de olhar, principalmente depois de uma manhã suarenta e meia dúzia de charutos. Ainda assim, era irresistível para muitas mulheres. Tratava-se de um enigma. Ele possuía qualidades demais para um homem só. Talvez esse fosse um pré-requisito para um político tão brutal.

A reunião terminou com afirmações vazias de lado a lado, e com o prefeito contente por haver falado com o governador. Os assessores foram os primeiros a sair, porque o prefeito os havia dispensado, pedindo a Damon que ficasse por um instante.

— Damon, eu soube do seu problema — disse Lazare. — Queria que soubesse como fiquei chateado.

Damon sorriu.

— Obrigado, senhor. É muito bondade sua.

— Como Rebecca está suportando a situação? — quis saber o prefeito, com falsa preocupação estampada no olhar.

— Rebecca é muito forte.

— Isso é bom. Dê minhas lembranças, quando tiver oportunidade de falar com ela.

— Com certeza. E muito obrigado.

— O que os médicos dizem?

— As notícias não são boas. Mas naturalmente já faz algum tempo que sabemos com o que estamos lidando.

Nesse ponto, era duplamente difícil falar sobre a doença de Irene, pois em sua malaleta Damon levava um fax de Dick Hamlin. Ele descobrira onde estava

Rebecca, e com quem. As notícias o deixaram abalado. Ainda não as encarava de frente.

O prefeito encontrava-se em pé, com a mão suspensa, chamando a atenção de Damon. Suas sobrancelhas estavam franzidas. Sem dúvida, ele estava preparando um pequeno discurso para a ocasião, pensou Damon.

— Doença e morte são as duas coisas nesse mundo sobre as quais não temos controle — disse o prefeito.

— Por outro lado, podemos controlar a forma de lidar com elas quando é preciso. Podemos controlar nossas próprias ações. E onde os homens... e mulheres de verdade mostram de que são feitos.

Houve um silêncio embaraçado. Damon estava contrariado não apenas pelas especificações do prefeito, mas pelo princípio em que se baseavam.

— Rebecca é feita de ferro — concluiu o prefeito.

— Tenho certeza de que tem muito orgulho dela.

— E verdade, muito obrigado.

— Se houver algo que eu possa fazer... é só ligar a qualquer hora.

Damon aproveitou a oportunidade e apressou as despedidas, andando com rapidez até o carro que o esperava. Precisava ainda passar no escritório de Dick Hamlin a fim de saber mais, antes de retornar ao escritório para se reunir com os sócios. Nunca sentira tanta raiva em sua vida. Se apenas pudesse assassinar Rebecca! E também o prefeito, com todos os seus ajudantes, junto com os homens do governador.

No momento seguinte após a partida de Damon, o ajudante do prefeito retornou ao saguão do escritório. Permaneceu em silêncio perante a grande escrivaninha de noqueira.

O prefeito estava olhando para o exterior, profundamente pensativo. Voltou-se.

— O que achou disso?

— Ótimo... para um advogado. O prefeito concordou.

— Sabe, encontrei Rebecca algumas vezes. Uma mulher franzina, que parecia incapaz de fazer mal a uma mosca. Essa foi uma atitude inesperada. Fugir de um homem como Damon...

— É mesmo, senhor.

— Acha que tem alguma coisa a ver com Alison? Naturalmente o prefeito conhecia bem Alison Shore e sabia de sua ligação com Damon, como quase todo mundo no governo.

— Não sabemos. Depois de tantos anos, não me parece provável. Mas talvez tenha sido a proverbial gota d'água que faz o copo transbordar.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

— Descubra o que for possível. E mantenha um olho nele ordenou o prefeito. — Uma coisa dessas pode abalar um homem. Mesmo um homem como Damon. Por baixo de todo aquele verniz, ele deve estar magoado. Não quero que nenhum problema interfira no projeto Hightower.

— Sim; senhor — respondeu o assessor, sentando-se. Havia ainda muitos negócios a tratar naquela tarde.

CAPÍTULO 12

Ao custo de diminuir os horários de suas reuniões, Damon conseguira tempo para passar o final de semana com Alison na Cote d'Azur, em um hotel e spa que se intitulava um clube de tratamento física, que na verdade era um lugar popular para encontros românticos. Fora inaugurado recentemente, portanto ninguém das relações de Damon devia estar lá. Não que se importasse muito, já que todos sabiam sobre Damon e Alison.

Ele suplicara a Alison para conseguir alguns dias livres, de forma a poder passar algum tempo com ele. Desde que recebera a notícia de Dick Hamlin, não falara com ninguém sobre o assunto. Não apenas precisava pensar no controle dos danos, mas também curar a dor de um ferimento emocional que Damon não esperara.

Ainda não descobrira uma forma de passar as notícias para Dusty. As conversas recentes haviam sido tensas. Dusty parecia distante e irritada. Ela afetava uma alegria quebradiça pontuada por intervalos de silêncio mortal, nos quais seu rosto parecia uma máscara de acusação. Não era agradável ficar perto dela. A despeito de si mesmo, Damon mais de uma vez usara o pretexto das reuniões com o prefeito como desculpa para não vê-la.

Sob as circunstâncias atuais, Damon era forçado a ser a fonte principal de informações de Dusty. Esse papel não vinha naturalmente para ele, pois ele jamais fora tão íntimo da filha quanto gostaria. Sempre deixara para Rebecca o trabalho de "entender" Dusty. Agora não tinha escolha, a não ser lidar com a filha. Sabia que as notícias sobre Tony iriam tornar as coisas piores, talvez insuportáveis.

Ele e Alison não iriam aproveitar todo o final de semana. Encontraram-se na sexta feira às nove horas da noite, depois de comparecerem a coquetéis em que eram esperados. Teriam diante de si toda a noite de sexta feira, o dia de sábado e a noite, depois de comparecerem a jantares de negócios.

Alison já sabia sobre Tony e Rebecca. Damon telefonara do escritório para contar a ela. No momento ele estava em estado de choque. Por algumas semanas tentará se acostumar com a idéia de que Rebecca o deixara. Agora defrontava-se com o impensável: ela, fugira com outro homem. Com o namorado da filha! Era um fato tão insano e inacreditável, que Damon até então fora incapaz de absorver e compreender as implicações.

— Ainda não consigo acreditar — disse a Alison depois de fazerem amor. — É simplesmente intolerável.

Alison voltou-se de lado para observá-lo. Sua expressão era impenetrável.

Pensava que Damon mudara muito. Talvez tivesse atingido o ponto de equilíbrio emocional. Embora estivesse ainda bronzeado e em boa forma física, parecia menos do que o homem com o qual ela começara a envolver-se.

Reparara também que, quando faziam amor, aquela intimidade partilhada a princípio não parecia mais existir. Agora havia algo desgracioso e desesperado no toque da pele. Não era de estranhar que ele falasse em Rebecca logo depois.

— Sei que estou me repetindo, mas é que estou abalado. Acho inacreditável — insistiu ele.

— Bem, coisas inacreditáveis acontecem — comentou ela, bebericando o conhaque.

— Eu poderia compreender se ela fugisse por uns tempos, só para me dar uma lição. Ou até de forma permanente. Mas fazer uma coisa dessas com Dusty! Com o namorado da própria filha!

Alison permaneceu em silêncio. Não tinha nada a dizer.

— E ainda me deixar com todo o trabalho de casa justo nessa fase da minha carreira... — continuou Damon. — Além de fugir com o rapaz, ainda deixa quem, entre todos, para consolar Dusty? Justo eu! Se ela quisesse causar o maior dano possível, não poderia ter escolhido uma forma melhor.

Alison continuou calada. Pensava que, sem perceber, ele apontara algo importante sobre Rebecca.

— O mais incrível de tudo, é como ela conseguiu chamar a atenção do rapaz. Não entendo isso. Rebecca não é um tipo de mulher exuberante, que atraia a atenção de algum homem.

Damon pressionou os lábios, fazendo distraidamente um carinho no mamilo dela. Pensou em Irene. Quando telefonara para falar da fuga de Rebecca, suplicando que ela ajudasse com a história da própria doença, ela não dera mostras de haver ficado chocada. Ao contrário, demonstrou ter ficado impressionada pela ousadia da filha.

— Nunca pensei que ela tivesse essa coragem dentro dela — comentara Irene, com voz fria e evasiva.

Na hora, ele não pudera evitar uma expressão de repulsa. Afinal, Irene passara por dois maridos e a infidelidade não era uma coisa nova para ela. Porém presumira que a filha fosse diferente. Ficou surpresa, e pela percepção de Damon, divertida pelo rumo dos acontecimentos.

Damon colocou de lado a lembrança de Irene.

— Pelo amor de Deus... Rebecca tem idade suficiente para ser a mãe dele...

Alison colocou o copo de conhaque ao lado da cama, fazendo um gesto de impaciência que Damon não percebeu.

— Talvez seja apenas atração física — disse ela, sem muita convicção.

— Incrível. É simplesmente incrível. Alison suspirou.

— Bem, não pode ser tão incrível assim, já que aconteceu mesmo.

Damon encarou-a. Percebeu que atingira um ponto sensível de alguma forma. Estava preocupado demais consigo mesmo para notar.

Algo sobre a distância de Alison o incomodava. Ele acreditava que ela o devia apoiar nesse momento de crise.

— Ainda não consigo acreditar que ela seja igual à mãe — disse ele, consciente do desafio em sua voz.

— Bem, Damon, acho que havia mais em Rebecca do que você viu — afirmou ela, olhando para outro lado.

— O que está querendo dizer?

Ela encarou-o, acendeu um cigarro e inalou profundamente antes de responder.

— Estou querendo dizer que se Rebecca fugiu quando você achava impossível que fugisse, isso diz algo sobre ela. Algo que você desconhecia. Ela o surpreendeu. Isso dificilmente pode ser acidental.

Houve uma pausa. Damon tentou pensar numa resposta para o que Alison dissera. Ela continuou:

— Se ela roubou o namorado da própria filha, uma coisa que você não a julgava capaz de fazer, então isso também diz algo sobre o que você sabia e sobre o que desconhecia.

Damon corou, irritado com o tom de explanação que ela imprimia à conversa.

— Está dizendo que eu deveria saber mais sobre ela? Que eu deveria estar consciente de que minha mulher era capaz de fazer o que fez? Por quê? Para que eu pudesse tomar precauções? Meu Deus, Alison, se eu soubesse que ela era assim, teria me divorciado há muito tempo. Jamais teria me casado com ela.

— Talvez naquela época ela não fosse assim — sugeriu ela.

— O que está acontecendo aqui? Você está tomando o partido dela?

— De jeito nenhum. Estou apenas afirmando o que é óbvio. Ela não é o tipo de mulher que você imaginou que ela fosse. Talvez você desconheça coisas muito importantes sobre seu casamento e sobre sua esposa. Agora ela fez uma coisa notável. Talvez isso sirva para abrir seus olhos.

— Não estou entendendo aonde quer chegar — respondeu Damon, olhando-a.

— Conheço-o há muitos anos, Damon. Sempre foi honesto comigo. Você nunca fingiu que seu casamento era um relacionamento sólido e íntimo, nem se importou com os sentimentos de Rebecca. Use o raciocínio. Você só está colhendo o que plantou.

Damon tentou absorver aquilo. As palavras dela pareciam verdadeiras, claro, de uma certa forma. Mas ele não podia entender sua participação como culposa naquela história. Afinal, Rebecca é que fugira de casa. Ainda mais, ele se rebelava com a noção de que existiam partes profundas da personalidade de Rebecca que ele não conhecia. O que quer que ele não conhecesse, não poderia ser importante.

— Por isso nunca me casei — continuou Alison. — Você pensa que conhece a outra pessoa, só que quanto mais tempo fica casado, menos conhece o companheiro. Os dois acabam somente usando o corpo um do outro, em busca de segurança.

Ela terminou de falar com um sorriso enigmático abaixo da cortina de fumaça do cigarro.

— E o que você sabe sobre o assunto? — indagou ele, com um tom de irritação na voz, que Alison percebeu.

— Acho que tem razão. Nunca fui casada. Acho que no final é uma espécie de bênção arrevesada, não acha?

Ela ergueu-se da cama e ficou olhando para ele. Havia algo majestoso na postura dela, mas ele reparou quê os seios estavam menos empinados, assim como havia mais volume ao redor dos quadris, que ela suava muito para manter firmes.

— Por um lado, não tenho ninguém para me cumprimentar com um beijo quando chego em casa, mas por outro, tenho privacidade sempre que quero. E não preciso ser o consolo de ninguém. Só respondo por mim mesma.

Alison terminou de falar e entrou no banheiro. Damon repousou outra vez a cabeça no travesseiro. Percebeu o que viria a seguir, mas não fez nada para evitar. Alison o tinha irritado com o que dissera sobre Rebecca e com o juízo mesquinho que fazia dele. Era uma mulher de meia idade tomando as dores da outra, contra o macho. As mulheres atuais tinham uma inclinação para agrupar-se e culpar os homens pelos seus problemas.

Alison era inteligente, não havia dúvida, mas se achava ainda mais esperta do que ele. Mas decididamente não tinha mais uma aparência que combinasse com sua postura. Estava exagerando no próprio charme.

Quando ela saiu do banheiro, estava vestida, trazendo a valise que usava quando passava a noite fora.

— Espere, Alison — disse ele, pensando no fim de semana que passaria sozinho. — Não seja tão impulsiva.

Naquela noite fora a primeira vez em que haviam feito amor no espaço de uma semana. Só aguçara seu apetite.

Ela afastou uma mecha de cabelo dos olhos com a ponta do dedo esguio. Estava envelhecendo, é verdade, mas ainda era bonita. Naquele instante, com os olhos brilhando de ironia, parecia mais atraente que nunca.

— Eu costumava ser uma garota impulsiva. Mas agora não sou mais — disse ela, com firmeza.

— Sabe, Damon, não sei se já se deu conta desse fato, mas existe uma diferença com as mulheres adultas. Sempre sabemos exatamente o que estamos fazendo.

CAPÍTULO 13

— Quero que saiba, acima de tudo, que a última coisa no mundo que eu desejava era magoá-la.

As coisas acontecem na vida da gente. O que aconteceu comigo pode parecer repentino, mas estava havia muito tempo em preparação. Talvez você compreenda que, quando finalmente aconteceu, eu já não tinha mais controle. Era tarde demais.

Talvez isso só a magoe, porém a verdade é que ainda a amo muito. Sempre vou amá-la. Você é uma pessoa maravilhosa, especial e eu sempre a levarei em meu coração, seja aonde for.

De uma forma estranha e complicada, sinto que o que fiz foi uma forma de amá-la. Talvez me odeie por dizer isso, mas, mesmo assim, é como me sinto.

Me perdoe, Dusty, se conseguir. Viva sua vida e seja feliz. Tente esquecer isso tudo.

Dusty manteve a carta no colo. Surpreendentemente suas mãos não tremiam. Lera a carta muitas vezes. A cada leitura ela parecia mais controlada, sem palavras e sem emoções.

Sua companheira de quarto apareceu à porta.

— O que aconteceu?

Dusty deixou que a dobra fechasse a folha de papel.

— Nada. É só uma carta. E você, como vai? Brit permaneceu apoiada contra a cômoda. Tinha um corpo levemente rechonchudo, mas era bonita e apresentava uma personalidade exuberante. Muitos rapazes a procuravam, e Dusty suspeitava de que possuía uma vida sexual ativa. Sempre voltava tarde quando saía e às vezes ficava fora a noite inteira.

— Suzie, Jane e eu vamos a uma festa na casa de um amigo de Jane. Por que não vem conosco? Você fica tempo demais aqui, Dusty.

A carta foi colocada na superfície da escrivaninha. A verdade é que ela não saía do apartamento, a não ser para ir à aula ou jantar com seu pai, desde que as cartas de Tony e de sua mãe haviam chegado. Fazia quase quinze dias.

Num impulso súbito, resolveu aceitar o convite.

— Claro. Quando vocês vão?

— Depois do janta. Mas não há pressa. Jane só vai chegar às oito horas.

— Está ótimo para mim.

— Quer me ajudar a cozinhar? Estou fazendo batatas à lionesa.

Brit era excelente cozinheira para uma garota com sua idade, especialmente quando preparava seus pratos favoritos.

— Vou pensar sobre isso. Talvez nem jante. A amiga olhou para a carta.

— Isso não é sobre Tony, é?

— Não. Coisa de família, só — respondeu Dusty. Ela contara a Brit sobre o desaparecimento? de

Tony. Era a única amiga à qual podia confiar aquele tipo de informação. Sabia que podia contar com a discrição de Brit, que também possuía seus próprios segredos. Aparentemente sabia como conquistar a intimidade de uma amiga.

Porém não desejava revelar a Brit, ou a ninguém mais, a terrível verdade que agora conhecia. A amiga imaginava que ela apenas levara um "fora" do namorado... com a história de que havia desaparecido.

Dusty percebia as limitações impostas pelo acontecido. Precisava tornar-se mais reservada e não podia confiar totalmente nem em seus amigos mais íntimos, como já fizera antes. Só a idéia de que soubessem disso e falassem no assunto em sua ausência era insuportável.

Afastou tais pensamentos da mente e colocou a carta de Tony no interior da gaveta.

— Ah, esqueci-me de dizer. Seu pai telefonou. Pediu para você ligar para ele. Alguma coisa sobre jantar na cidade. Amanhã — informou Brit.

— Está bem.

— Vejo você mais tarde.

— Até mais.

Brit fechou a porta devagar. Se havia percebido pela expressão de Dusty a importância da carta, esse gesto silencioso poderia ter sido a forma de a amiga demonstrar. Dusty nunca fora muito eficiente para esconder emoções.

Abriu a gaveta e apanhou a carta da mãe. Abriu-a só um pouco, como uma criança espiando o interior de um quarto pela fresta da porta.

Você está comigo a cada segundo, e aconteça o que acontecer, nunca me perderá.

Dusty abriu mais a folha de papel e leu outras frases. Depois de um rápido tremor, apanhou a carta de Tony, comparando as duas lado a lado. O tom fatalista de desculpas parecia o mesmo, assim como as desajeitadas afirmações de amor. Até mesmo algumas palavras eram as mesmas. A linguagem da traição é sempre a mesma, filosofou Dusty com amargura.

O papel era do mesmo tamanho. Branco e simples. As cartas haviam chegado no mesmo dia. As marcas nos carimbos eram idênticas. Mesmo assim, nenhum dos dois mencionara o nome do outro. Que tentativa infantil de esconder as coisas. Ou teria sido por discrição? Ou vergonha? Não poderiam negar a terrível verdade, portanto encheram suas mensagens com desculpas esfarrapadas e a deixaram tirar sozinha as próprias conclusões.

Aproximou as cartas, sobrepondo-as devagar. A escrita delicada da mãe desaparecia sob as letras grandes de Tony. Dobrou-as assim, para que parecessem uma única carta de duas folhas.

Caminhou para o banheiro. Entrou e ajoelhou-se ao lado da privada, mergulhando as mãos na água limpa e fria. Deixou que as folhas de papel se encharcassem, e

começou a rasgar o papel barato, observando com curiosidade algumas palavras a flutuar.

maravilhoso...

perdoe...

sempre amarei...

Pequenas palavras e pedaços de frases ficaram na água enquanto ela retirava as mãos. Alguns ficaram grudados em sua pele molhada. Sacudiu os dedos para livrar-se de todos, como se fossem sanguessugas aderidas à sua pele.

Apertou a descarga, observando o rodamoinho a engolir cada fragmento, substituindo-os por água limpa.

Em seguida telefonou ao pai para aceitar o convite para o jantar da noite seguinte. Ele se encontrava em reunião, portanto deixou a confirmação com a secretária.

Mais tarde resolveu ajudar Brit a fazer o jantar. Brincaram bastante, como era hábito, e a amiga percebeu que Dusty parecia mais alegre do que nos dias anteriores. Mesmo assim, a perda do namorado era visível em seu rosto. Dava a impressão de que alguém tinha morrido. Brit sabia como ela e o namorado se davam bem; Dusty chegara a dizer para ela que talvez pensassem em casamento na primavera seguinte. As duas eram amigas havia algum tempo, e Brit jamais a vira tão abalada.

Dusty estudou por uma hora antes de chegar a hora de vestir-se. Colocou sua blusa favorita, de algodão com bordados em motivos do Oriente Médio. Fora um presente de Rebecca em seu último aniversário.

Encontraram-se com Suzie e Jane, depois foram caminhando até o local da festa. Tratava-se da casa de um amigo de Jane formado em teatro.

Ao chegar, repararam que não conheciam boa parte das pessoas que se reuniam ali. Havia estudantes formados, professores assistentes, instrutores e dois catedráticos cujos cabelos grisalhos e maneiras sóbrias, que se destacavam dos outros.

Havia vinho e música agradável; num dos quartos um grupo fumava maconha. Tratava-se de uma noite barulhenta, e longe de ser agradável. Dusty percebeu que aquelas pessoas deviam ter se divertido muito no passado, juntas, e tentavam recriar o clima de alegria e naturalidade, sem obter muito sucesso, como se tivessem obrigação de estar ali se divertindo.

Ela encontrou algumas colegas do departamento de teatro, agradáveis, porém um tanto agressivas.

Encontrou também três ou quatro rapazes, todos demonstrando interesse por ela, antes de sair para conversar com os amigos.

Por volta de onze horas, ela foi apresentada a um homem de pouco mais de trinta anos, professor universitário, que visitava alguns amigos. Perguntou a ela se queria fumar, mas ela recusou.

Tratava-se de um homem alto, careca no topo da cabeça, com cabelos ruivos, dedos alongados e unhas sujas. Conversaram um pouco sobre arte, depois sobre política. Era membro de uma organização que ela mal prestara atenção ao nome, e em

seguida afirmou que detestava tudo o que se relacionava com órgãos governamentais. Declarou veementemente que as mudanças sociais só podem ser feitas por pessoas letradas. Ela imediatamente lembrou do discurso do pai, ligado ao governo estadual, mas não disse nada. Ao invés disso terminou sua taça de vinho e pediu outra.

O homem perguntou se Dusty queria sair dali com ele, e ela aceitou. Caminharam pelas ruas, que exalavam o agradável odor do outono, com uma nota de gasolina e comida quente dos restaurantes. O braço dele pousou sobre o ombro de Dusty. Nenhum dos dois disse nada.

O lugar onde ele estava hospedado era uma casa com fachada de pedra. Entraram pela porta da frente. Dusty escutou uma televisão ligada na sala, mas dirigiram-se diretamente para a escada. Havia quartos na frente, mas ele a levou para o quarto dos fundos.

Esperou que ele oferecesse uma bebida, e teria apreciado isso. Mas ele manteve-se calado. Ficou atrás dela, massageando-lhe os seios por sobre o tecido da blusa. Depois levantou-lhe a saia e fizeram amor. Ela achou a posição difícil e desajeitada, porque não tinha onde se segurar para manter o equilíbrio. Ele pareceu gostar. Realizou alguns movimentos ritmados, com as mãos segurando-lhe os quadris, depois terminou com movimentos desajeitados e grunhidos.

Ela foi ao banheiro. Quando voltou, ele estava deitado na cama com um livro. Perguntou se ela queria juntar-se a ele. Ela deitou-se, imaginando que iriam fazer sexo outra vez. Mas ele começou a ler e, depois de alguns minutos, apagou a luz.

Dusty dormiu um pouco. Quando acordou, consultou o relógio, que marcava três horas da madrugada. O professor roncava. Vestiu-se no escuro e saiu da casa, totalmente às escuras, deixando a porta da frente sem trancar. Não conhecia bem o quarteirão, mas em poucos minutos de caminhada avistou ruas que lhe eram familiares, e por volta das quatro horas já estava na própria cama. Não tomou banho.

A única coisa em sua mente era o rodadoiro que sumia no ralo, e a forma como os pequenos pedaços de papel com palavras falsas se misturavam ao desaparecer. A sensação era tão forte que ela sentia até mesmo o gosto da água só de pensar naquilo.

Adormeceu. Pela primeira vez em duas semanas dormiu profundamente. Brit precisou acordá-la às onze horas da manhã para lembrar-lhe o horário da prova.

Parte 2

CAPÍTULO 14

Minha filha, que pecados você tem para confessar? Silêncio. A distância podiam ser ouvidos sons dos fiéis perante o altar, o murmúrio das senhoras devotas, o tilintar das contas dos rosários manipulados.

— Que pecados você tem para confessar?

— Não posso dizer, padre.

Outro período de silêncio. O padre percebera o tom de contrição da voz, porém a ausência de palavras se transformara quase num gesto de rebelião.

— Minha querida, você precisa confessar.

— Sei disso, padre.

Mas calou-se. Ele quase escutava a batalha interior que se processava, entre a abnegação religiosa e algo mais. Algo que ele não deveria julgar apressadamente como orgulho.

— Deus não recusa nenhum pecador que se arrependa de seus pecados — lembrou o sacerdote.

— É verdade, padre.

— Contra quem você pecou, minha filha? Mais um instante de silêncio.

— Contra todos... contra tudo.

— Nenhum pecado é terrível demais para se confessar — incentivou ele. — Deus é misericordioso. Pense na paz que a aguarda depois da confissão. O alívio... Ela não disse nada.

— Sua agonia vai piorar a cada dia se não se confessar. Estará fechando as portas do céu para si mesma. Não é tarde demais. Nunca é tarde demais. Diga o que vai em seu coração.

Porém, ela não alterou sua atitude. Profundo conhecedor de silêncios, o sacerdote sentiu da fiel um desejo de punir a si mesma pela solidão e pelo exílio.

Escutou o farfalhar das roupas quando ela se moveu.

— Desculpe, padre. Em seguida, ela se foi.

Grace Island estava imersa no nevoeiro matutino, que parecia aderir aos prédios, postes e até mesmo aos lampiões.

Tony sentia o nevoeiro penetrando no interior de sua mente toldando-lhe a visão, evitando a nitidez das idéias. Seus pensamentos eram tão estranhos quanto aquela cidade insólita.

Sem que Rebecca soubesse, ele marcara uma entrevista numa firma proeminente da cidade para aquela manhã. Dissera a ela que tinha algo para fazer na cidade e sugeriu que ela fizesse compras.

Tony queria agir. Precisava demonstrar a Rebecca que era capaz de tomar conta dela, que a relação deles não era uma fuga do mundo real e sim um ingresso nele. Isso significava que precisava encontrar um emprego e iniciar sua vida profissional.

Sua entrevista não transcorreria muito bem. A despeito de suas credenciais, suas notas excelentes nos exames e no primeiro ano, o empregador não fora muito animador:

— Lembre-se, aqui é o Canadá. Só estamos interessados em estagiários com experiência nas leis canadenses. O mesmo vale para nossos associados. Você terá de fazer um exame aqui. Suas credenciais americanas são boas, mas não apropriadas.

— Que conselho me daria? — indagara Tony.

— Bem, acho que deveria voltar e terminar o que começou. Não desperdice o primeiro ano. Vá e se forme. Depois, se ainda quiser praticar sua profissão no Canadá...

— disse o entrevistador, erguendo as sobrancelhas de forma significativa, como se indagasse por que um americano com tão boas referências queria se profissionalizar no Canadá. — Nesse caso você poderia fazer os exames necessários e começar em seguida.

Tony agradecera ao homem e saíra. As ruas de Grace pareciam particularmente hostis em sua caminhada para o hotel. Algumas vezes o nevoeiro parecia um cobertor, tornando impossível enxergar mais do que três metros à frente. Em outras épocas ele teria ficado surpreso, ao ver uma criança brincando com a luz solar, o casaco preso à cintura por causa do calor do sol.

Tratava-se de um mundo exclusivo e isolado, cujos habitantes conheciam o mecanismo de funcionamento e as possibilidades de sucesso. Pareciam deixar Tony do lado de fora. Ele e Rebecca estavam usando o lugar para fugir, porém agora desejava que se tornasse um lar, um lugar para se viver. E a primeira tentativa para adaptar-se ali tinha falhado.

Mais do que falhado, se fosse honesto consigo mesmo. O entrevistador colocara-lhe o dedo na ferida: ele deixara para trás uma poderosa rede de relacionamentos e influência. O pai de Tony era conhecido de todos os professores em Columbia. Ao menos seriam necessárias recomendações escritas. O sobrenome era tão conhecido que a admissão de Tony em Columbia fora uma consequência lógica.

Os professores que o haviam encorajado tanto durante o primeiro ano eram todos amigos de seu pai. Vários deles estavam envolvidos comercialmente com sua firma, até mesmo como sócio.

O caminho de Tony para uma bela carreira como advogado estava traçado pela influência e pelo dinheiro de seu pai. Porém a influência funcionava no interior de um determinado grupo de advogados. Ao afastar-se desse mundo, renunciando a ele, Tony se desligara das raízes. Agora essas raízes não trabalhavam a seu favor.

Estava ilhado num país estranho, sem nenhuma perspectiva pela frente. Em casa, ele era um jovem razoavelmente brilhante.

De qualquer forma, teria de pensar em outra coisa, pois não pretendia desistir de Rebecca. Fizera sua escolha.

Apressou-se a subir os degraus do hotel. Tivera a perturbadora sensação de ser uma criança perdida num lugar estranho, desesperada para chegar em casa, onde seria amada e confortada. Precisa estar com Rebecca.

Quando entrou no quarto, ela não se encontrava lá. Consultou o relógio: 11:30. Haviam ficado de almoçar juntos. Sentiu saudade.

Tony observou o relógio por alguns minutos, depois começou a andar pelo quarto. Tentou seguir a linha de pensamentos desde a frustração da manhã, depois imaginar outros caminhos, novos planos. Mas não conseguiu concentrar-se.

Retirou o paletó e pendurou-o junto aos outros. No piso do armário enxergou sua valise empoeirada, um lembrete do lugar de onde viera e de que coisas deixara para trás. Retirou a gravata e pendurou-a no suporte.

Depois retirou os sapatos e então teve a idéia de despir-se completamente para Rebecca, para surpreendê-la quando chegasse. Ficou excitado com isso. Seus dedos tremiam ao desabotoar a camisa. Abriu o zíper e deixou que a calça escorregasse para o chão. Sentiu que respirava mais rápido imaginando Rebecca a se despir depois que chegasse, expondo a pele branca e sedosa... sorrindo enquanto ele lhe beijava os seios.

Terminou de tirar a roupa e foi para a cama. A espera pareceu interminável. Observou o ponteiro do relógio mover-se de onze e quarenta para onze e quarenta e cinco. Ela estava atrasada. Onde poderia estar?

Ele estava ficando faminto. Aquela manhã fora especialmente cansativa, e ele não comeria nada antes de sair. As exigências de seu corpo começaram a interferir uma com a outra, caminhos contraditórios para o controle de sua mente. Começou a erguer-se para colocar a roupa, depois mudou de idéia.

Finalmente a chave girou na porta, e Rebecca entrou.

Seus olhos se arregalaram ao perceber sua nudez. Porém ela não sorriu. Parecia preocupada.

— Você está atrasada — disse ele suavemente. — Onde esteve?

— Só fazendo compras — respondeu Rebecca, forçando um sorriso. O rosto estava pálido. — Como foi sua manhã?

— Nem boa nem ruim. E a sua?

O desejo que sentia por ela foi aumentado pelo vestido e o olhar de preocupação no rosto. Por quase uma hora ele estivera ansioso para ficar nu com ela e mergulhar no calor acolhedor.

— Muito boa.

— Então venha até aqui — convidou ele, estendendo-lhe os braços.

Ela soltou a bolsa e continuou olhando para ele. Ela parecia em desequilíbrio. Com graça natural, tirou os sapatos e sentou-se na beira da cama.

Seus olhos estavam vermelhos.

— Você esteve chorando. O que houve? — indagou ele, encarando-a.

Ela acariciou-lhe nervosamente as sobrancelhas e passou a mão sobre a testa.

— Alguma coisa está perturbando você. Conte-me o que é, Rebecca.

A voz dele ciciava, convincente e segura, no tom paternal que usava para dar prazer a ela, fazê-la feliz. Rebecca sorriu debilmente.

— Gosto de ouvi-lo dizendo meu nome.

— Conte-me — pediu Tony, segurando-lhe ambas as mãos.

Ela suspirou antes de responder.

- Fui à igreja... confessar.
- Foi fazer uma confissão?

Tony sentiu um choque a lhe percorrer o corpo. Apertou as mãos dela por um instante, depois as libertou.

Rebecca assentiu.

- Por que você faria uma coisa dessas?
- É difícil explicar...
- Quanto tempo fazia que você não se confessava?
- Um bom tempo — riu Rebecca. — Muitos anos.
- Mas agora desejou fazê-lo — afirmou ele, observando-a com cuidado.
- Sim.

O desejo que sentira anteriormente já não existia, ou melhor, transformara-se. Tony sentiu-se cordato e tolo em sua nudez. A atitude dela colocara tudo sob uma luz diferente.

Ela sentiu o desinteresse dele e beijou-o nos lábios.

- Não há nada do que se envergonhar. Não precisa ficar chateado. Só que ele ficara chateado.

Sentou-se, colocou as mãos atrás da cabeça e olhou para Rebecca.

- Talvez você devesse ter me contado por que resolveu fazer isso?
- E... talvez. Mas eu resolvi não contar. Não sei bem por quê. Não parecia direito.

— Claro, era um assunto particular — disse ele, com uma ponta de irritação na voz.

— E mesmo. E particular. Imagino que esse seja o motivo. Sabe, eu não queria incomodar você com isso...

- Nada em seu coração vai me incomodar, Rebecca.
- Deus o abençoe por dizer isso — falou ela, beijando-o novamente.

Tony soube que não iriam fazer amor. Algo mais surgira entre eles.

— Por outro lado, talvez me incomode mesmo. — Não, Tony. Não deve incomodá-lo.

Ela tentava suavizar o assunto, para descartar como um ritual sem significado, porém era tarde demais para isso. Já admitira que fora a primeira vez em muitos anos.

- O que foi confessar? — indagou Tony.

Ela desviou o olhar. Por um átimo de segundo considerou a possibilidade de dizer a ele a verdade, que ela não fora capaz de dizer nada ao padre, que lhe faltara coragem. Contudo, por algum motivo obscuro, não conseguiria fazer aquilo.

— Foi a nossa relação, não foi? — quis saber ele, mantendo as mãos atrás da cabeça.

Ela não respondeu. Os olhos se anuviaram outra vez.

- O quê, sobre nós, você achou que precisava confessar?

O tom de pai carinhoso parecia agora o de um inquisidor.

— Oh, Tony... não me entenda mal. Não existe nada para nos desculpar, ou para lamentar... — explicou ela. — Isso é... outra coisa. Uma coisa que eu precisava fazer.

— Por quê?

— Por favor, meu bem. Não vamos fazer disso um interrogatório, está bem? Tente compreender.

Entretanto, Tony não compreendia.

Ponderava suas próprias emoções. Parte dele ficava a considerar o fato de que ela ocultara dele fatos de suma gravidade. A confiança entre os dois deveria ser total. Parte dele irritou-se pelo fato de Rebecca ter relatado esses mesmos fatos a um desconhecido, alguém que jamais encontrara em sua vida, um sacerdote. O pior era a idéia de que ela tivesse falado a essa terceira pessoa sobre ele, sobre o amor deles, sobre a vida que tinham juntos.

— Compreender o quê? Que o assunto não me interessa? — perguntou Tony, erguendo o corpo.

Sentou-se e cruzou os joelhos à frente do corpo, formando com eles uma barreira física entre ambos.

— Também não é assim — sorriu Rebecca.

— Tudo que diz respeito a mim é da sua conta. Por isso estou contando a você. Mas, Tony, isso é uma coisa especial. Se você tivesse sido criado como eu, entenderia.

— Entenderia o quê?

Ela franziu o cenho, buscando as palavras certas, a lógica correta. Ela mesma nunca pensara muito no assunto até aquele momento. Sentiu-se como se apanhada com a guarda aberta.

— Que confessar sobre nós não significa que eu não aceito nossa ligação. De certa forma significa o oposto. Eu queria tornar tudo...

— Oficial? — ofereceu Tony, sorrindo.

— E... oficial. Isso mesmo. Num certo sentido é isso mesmo.

Porém ela não tinha feito isso. No último instante refreara sua língua. Só que agora era tarde demais para admitir isso.

Ele fez uma expressão pensativa.

— Mesmo assim, foi uma confissão e não um anúncio jubiloso, certo?

— Tony, foi um anúncio de que eu era um ser humano, vivendo fortes emoções. E isso não é algo para se lamentar.

Ele desviou os olhos. Do lado de fora da janela flutuava a espessa neblina, preenchendo com um acolchoado de silêncio a atmosfera fria. Haviam escolhido manter as cortinas abertas mesmo quando faziam amor, porque a neblina era como uma camada de branco que tornava impossível a visão do interior. Uma nuvem que os abrigava a protegia.

Porém agora a privacidade se fora.

— E o que disse o padre? O seu confessor? Rebecca empalideceu.

— Tony, não podemos esquecer esse assunto?

— Está me dizendo que o assunto ficará entre você e ele?

Ela suspirou.

— Bem... sim. Você precisa entender que os católicos possuem uma forma especial de encarar o padre. Não significa que meu coração deixa de pertencer a você. Só significa que eu mesma, como pessoa, escolhi partilhar minhas ações com Deus.

— Nesse caso, o que disse Deus?

Atingida pelo sarcasmo patente, ela pensou por um segundo, depois respondeu:

— Nada.

— Isso não parece uma resposta divina para mim — observou Tony, olhando para o exterior através da janela. — Ele não a acusou de ser uma pecadora?

— Tony...

— Enquanto a mim? Ele deve ter dito que eu era um pecador, também, não foi?

Rebecca realizou um leve gesto de protesto, colocando a palma das mãos sobre o peito dele.

— Meu bem, como você poderia ser um pecador? É jovem demais para ter pensamentos maus.

Aquilo não pareceu satisfazê-lo.

— Mesmo assim, você se confessa com Deus e conta o que fez comigo. Como acha que devo me sentir?

Rebecca começou a falar, nervosa e desajeitadamente sobre o que fizera. Tentou fazer com que Tony sentisse que sua confissão era uma afirmação do amor entre ambos. Contudo, quanto mais falava, mais podia sentir que ele se recolhia em si mesmo. Ela quase podia ler seus pensamentos. Ele estava culpando a si mesmo por ela estar atravessando uma crise espiritual. Também tinha inveja da fé dela, do sacerdote que lhe escutara as confidências e de Deus, que conhecia os pensamentos mais secretos de Rebecca. Tony, seu amante, é que não conhecia.

Porém ela não havia confessado. O próprio ato sobre o qual discutiam não acontecera. Esse parecia o pior de todos os segredos. Havia permanecido em silêncio enquanto o sacerdote a incentivava a falar o impronunciável.

Tony parecia convencido de que, a despeito das proteções dela, em um nível profundo e desconhecido ela o havia negado. Ele não estava se esforçando muito para entendê-la. Rebecca percebia que, de uma maneira peculiar, ele tinha razão.

— Meu bem, não consigo suportar isso. Pare de agir assim. Não se zangue. Por favor — suplicou ela.

Ele ainda lhe segurava as mãos. Libertou-as e correu os dedos pelo braço nu até os ombros. Em seguida, devagar, envolveu os dois seios com a palma das mãos, e depois começou a desabotoar os botões frontais.

Ela o encarou. Tony media a intensidade de suas emoções com o olhar. O vestido agora tinha a parte superior aberta, assim como o sutiã. Ele elevou o rosto até o mamilo, beijando-o e em seguida sugando-o de leve.

Ela sabia bem o que ele pretendia. Estava pedindo que ela escolhesse um novo caminho para eles. Que lhe desse algo não mostrado antes. Se negasse, ele saberia que ela não lhe pertencia como ele imaginara.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Tomou a cabeça de Tony entre as mãos e o acarinhou. Ele terminou de retirar a parte superior do vestido. Rebecca via todo o corpo nu de Tony, as pernas alongadas curvadas, como as de uma criança, enquanto ele se atirava a seu seio.

Deitou-se, com ele e o restante das roupas foi retirado como resoluções abandonadas. O farfalhar dos tecidos a lembrou dos ruídos ampliados pelo silêncio no interior do confessionário. Em pouco tempo estavam fazendo amor, e a onda de calor que se iniciara no mamilo espalhou-se por toda a superfície da pele. O suspiro veio na forma de um gemido longo, que lhe estremeceu o corpo inteiro.

Rebecca entregou-se. Jamais o recebera de forma tão completa, nem mesmo naquele primeiro dia em que ele a procurara na praia, em Sands Point. Contudo, mesmo no auge da paixão ela não tinha certeza de que ele se sentia da mesma forma. Parecia estar procurando algo que não pertencesse a ele ainda, que ainda não se tivesse rendido. Não havia paz em nenhum dos amantes.

Os movimentos bruscos dele provocaram gemidos apaixonados em Rebecca. Mas ela sabia que essa ânsia de entrega não era natural, como antes. O terrível calor em seu interior era algo novo, algo que a separava dele, ao invés de unir. Agora sabia que a discussão alterara alguma coisa, transformara algo em ilusão.

Rebecca não devia ter tocado no assunto com seu amante. Se tivesse contido sua língua, o silêncio poderia ter permanecido completo e o véu, imaculado.

CAPÍTULO 15

Damon não encontrou mais Alison depois da discussão no Cote d'Azur.

Primeiro ele imaginou que fora porque ele andava ocupado. Suas disputas com o prefeito e seus assessores ocupavam todas as horas do dia; sua angústia sobre Rebecca e Dusty devorava as noites.

Porém antes que muito tempo se passasse, foi forçado a admitir que era o orgulho, que surgira entre ele e Alison, como um muro. Os dias se passavam sem que ela telefonasse; cada novo dia de silêncio o deixava mais relutante em dar o primeiro passo para procurá-la.

Não conseguia perdoar Alison por ter tomado o partido de Rebecca contra ele durante a discussão. Ela falava como mulher, havia cerrado fileiras com a grande irmandade das mulheres magoadas, ao tomar o lado de Rebecca. Aquilo deixava Damon louco de raiva, particularmente porque ele, e não Rebecca, representava a parte atingida. Além de Dusty, claro.

Sendo assim, não conseguiu perdoar Alison. E sabia que, a seu modo, Alison era uma mulher orgulhosa. Sabia disso havia anos. Ela tinha um lado insensível, uma determinação feroz em fazer as coisas a seu próprio modo, em ser tratada com respeito.

Essa teimosia interior fora crucial para o sucesso da carreira dela. Era também parte da maneira como ela fazia amor. Não se entregava ao prazer: procurava-o e tomava-o para si. Conquistava-o. Damon gostava disso nela.

Agora que tinham discutido, ele imaginava como ficara tantos anos com ela sem perceber-lhe o lado mesquinho. Alison era uma mulher exigente e sarcástica quando desejava. O próprio Damon não era o homem mais fácil de se conviver, nem o mais atencioso. Falando de forma geral, ele se fechava em si mesmo. Afinal fora essa a causa de seu problema com Rebecca. Não conseguiu deixar de perguntar-se como ela conseguira conviver com ele durante tantos anos.

De qualquer forma, ela se fora e não adiantava tentar recuperar alguma coisa. Ela nunca se desculpava, nunca telefonaria se ele não telefonasse. Damon não se sentia com disposição para fazer as pazes. Sentia-se como se ela o tivesse chutado enquanto ele estava mal. Agora cabia a ela humilhar-se e pedir para voltar.

Assim as coisas permaneceram até que Damon compreendeu que seu orgulho ferido não poderia sustentá-lo. Alison deixara um buraco em sua vida, tanto sexual quanto emocionalmente. Depois do dia exaustivo de trabalho, ele tinha o hábito de vir a ela como uma criança faminta. Nunca precisara tanto de satisfação física como agora.

Estava sozinho havia semanas e precisava de outra mulher.

Encontrou-a com facilidade.

Ashley trabalhava como assistente administrativa no escritório de um dos assessores. Ele a vira muitas vezes a caminho das reuniões da cidade, e numa delas reparou o nome que vira escrito na placa sobre a escrivaninha dela. Lembrou o rosto dela e apanhou o telefone quase sem pensar.

Ligou para o escritório do assessor e pediu para falar com ela. Imediatamente foi atendido.

— Alô?

— Aqui é Damon Lowell. Sabe quem sou eu? Depois de um breve silêncio, veio a resposta

— Claro.

— Já vi você muitas vezes, mas nunca fomos apresentados formalmente. Você é muito bonita.

— Bem... obrigada.

— Gostaria de jantar comigo esta noite?

— Claro. A que horas? — respondeu ela, quase sem hesitar.

Damon levou-a para um discreto restaurante italiano na área do Village, o mesmo em que costumava levar Alison.

A garota tinha vinte e um anos de idade. Tinha um diploma de bacharel da City College e um diploma de secretária. Começara uma firma de advocacia dois anos antes mas desistira em função dos salários ruins e do trabalho excessivo. Ele brincou, dizendo que ela jamais deveria voltar a trabalhar para um advogado.

Ashley possuía um belo corpo, pernas elegantes e coxas alongadas. Tinha uma aparência de frescor, cabelos loiro avermelhados, pele leitosa e sardas no nariz bem feito. Os olhos, de um azul-claro quase transparente sempre apresentavam aquela expressão que o atraía havia quase um ano, quando, a vira pela primeira vez. Pelo olhar, não era inteligente demais, mas parecia consciente e disposta a novas experiências.

Não estava errado. Ela fez amor com ele, no apartamento, na cama que ele partilhara com Rebecca, com ardor. Embora lhe faltasse experiência, isso era amplamente compensado pelo frescor e pela depravação da imaginação dela.

— É bom quando eu faço assim? — indagou ela, agachada à frente dele nu.

A visão dos seios jovens e firmes o excitava enquanto ela corria a ponta dos dedos pelas coxas dele.

— É...

— E assim? É melhor?

As mãos tornavam-se mais ousadas.

Ela gostava de provocá-lo com palavras sussurradas que por algum motivo não identificado o excitavam muito. Damon ficou impressionado com a diferença que existia entre ela e Alison, que fazia amor de uma forma sutil e madura, porém previsível demais para ele, depois de tantos anos.

Cancelou uma reunião com um dos advogados do prefeito e a possuiu outra vez. Descobriu que precisava dela. Saiu do banheiro e a encontrou nua, na cama, com um dos joelhos levantados e estendendo os braços para ele.

— Venha, meu homem. Quero você — convidou ela.

Ele enterrou o rosto no seio jovem, sentindo como se uma porta pela qual passara muitas vezes, se abrisse para ele, mostrando seus segredos.

Ashley possuía o tipo de mente prática de qualquer boa secretária. E tinha a fibra dos que tinham sido criados nas ruas dos bairros afastados. Por um instante pensou com quantos amantes ela já tinha dormido por aí, mas dispensou a idéia quando as delícias do corpo dela o dominaram.

Depois de terminarem, separaram-se, e ela ficou olhando-o fixamente.

— Dizem por aí que você é um ótimo advogado — comentou ela.

— Dizem?

— Dizem. Ouvi dizer que você brigou com seu melhor amigo para obter uma decisão favorável no tribunal.

Isso surpreendeu Damon. Ele pensava em si mesmo como alguém venerável, um homem que trabalhara para construir seu caminho até uma posição mais elevada, usando seu cérebro, seu charme e inflexibilidade. Um homem que exigia respeito. Jamais se ouvira caracterizado como um homem frio ou impiedoso. Naturalmente várias vezes fora inflexível, nesses anos todos. Afinal, a intimidação era parte integral da estratégia, no melhor interesse do cliente.

Percebeu que Ashley, a respeito de sua frivolidade sexual, respeitava-o, ou pelo menos estava impressionada com ele. Havia uma nota diferente nos olhos claros quando o observava falar, um ar sério, nascido da consciência de sua importância, de seu poder.

Lisonjeado, ele deixava a si mesmo cair em auto-adoração quando estava com ela, gabando-se do papel importante que desempenhava no projeto High-tower, além de brindá-la com piadas pessoais sobre o prefeito.

— Algumas vezes, fico pensando que ele deseja que eu faça o nó da gravata dele, de tão dependente que o prefeito é, você acredita?

— Acho que Lazare detesta homens muito cultos. Afinal, ele não devia ser um homem do povo, e tudo o mais?

— Não — respondeu Damon. — Essa é só a imagem dele. Na verdade ele é bastante ambivalente com os assessores vindos das classes superiores.

— Ambivalente? Como assim? — perguntou ela. Damon percebeu que ela não conhecia o significado da palavra.

— Por um lado ele se ressentia dos que tiveram facilidades na vida — explicou ele. — Por outro lado gostaria de ser um deles. Não sabe o que pensar sobre o assunto. Por algum motivo, gosta muito de mim. Me chama quase todos os dias. Age como se tivesse medo de fazer qualquer movimento sem minha aprovação.

— Ele provavelmente reconhece os cérebros de verdade quando os encontra — comentou Ashley.

— Isso eu não sei — replicou Damon, com falsa modéstia. — Ele não consegue enxergar além de um sobrenome de família tradicional e um diploma em Harvard.

— Não se venda barato. Você tem coragem, além de inteligência — afirmou ela.

Encerrou o assunto, beijando-lhe ousadamente o corpo todo. ,

Damon descobriu-se tentando reservar mais tempo para estar com Ashley, nas semanas seguintes. Ela oferecia um descanso mental para o estresse de seu trabalho. Ele dormia melhor do que em muitos anos. Quando, pela manhã, via Ashley, andando nua pela cozinha, a preparar a primeira refeição, as pernas jovens movendo-se graciosamente, sentia-se revigorado e até mesmo imaginava estar num lar. Ambas as coisas eram bem vindas, e o faziam esquecer a solidão anterior.

Havia ainda o problema de esconder Ashley de Dusty, naturalmente. Agora a filha vinha com maior frequência, inclusive para fazer o jantar algumas vezes, e depois saíam juntos. Não havia forma de evitar isso, e na verdade Damon queria que fosse assim. Afinal, ele e Dusty haviam sido abandonados por Rebecca. Agora só tinham um ao outro.

Dusty nunca ficava até tarde. Ela sempre tomava um táxi de volta para o campus por volta das dez horas da noite, dez e meia no máximo. Damon sabia que a filha não se sentia tão íntima dele quanto gostaria e que não era o confidente ideal para ela num momento de dor e mágoa. A vergonhosa verdade sobre Tony, de quem não falaram mais, tornava impossível para eles trocarem idéias com o candor que deveria aproximá-los.

Portanto havia uma certa cerimônia nas conversas telefônicas entre eles, nos jantares e nas noites ocasionais em que iam ao teatro ou a um bale. Damon cumpria seu dever em relação a Dusty, que por sua vez, tomava conta do pai abandonado.

As noites o deixavam frustrado, e suas frustrações logo se transformavam em desejo. Muitas vezes ligava para Ashley assim que Dusty virava as costas, pedindo que ela viesse na mesma hora. Apenas meia hora separava as visitas da filha e de sua amante loira e sensual, pouco mais velha que Dusty. Ele ponderava as enormes diferenças de educação, finanças e de ambição das duas moças. Era literalmente impossível pensar que Dusty e Ashley tivessem algo em comum. Mesmo assim, a idade era próxima.

Certa vez Ashley veio sem vestir nada por baixo da capa. Assim que a vestimenta foi arrancada pelas mãos dele, o corpo ficou exposto, mas ele ficara com a lembrança da capa de Dusty, retirada da mesma forma algumas horas antes. Nesse instante percebeu a semelhança entre os corpos das duas, a firmeza dos movimentos jovens e confiantes.

Havia tanto entre ele e Dusty que não podia ser abordado, tanta dor a suportar, ao passo que Ashley perambulava nua pelo apartamento, com toda a calma e displicência de uma garotinha órfã no mundo, a nudez como emblema da inocência.

Uma vez Dusty telefonara quando ele estava na cama, com Ashley nos braços. Sentiu um instante de pânico, não tanto pela situação, como pela sensação de deslocamento em ter os olhos da amante sobre ele enquanto conversava com a filha. Nesse instante as duas pareciam próximas demais, e Damon pensou que assumia outro tipo de risco, não prático, mas psicológico, ao divertir-se com Ashley. enquanto Dusty passava por uma fase tão ruim.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Porém ele necessitava do prazer. Quando desligou o telefone, tendo prometido a Dusty que jantaria com ela na noite seguinte, esqueceu por completo a filha, e voltou a beijar a amante com ardor, como se fosse a única mulher no mundo.

CAPÍTULO 16

Dusty foi para a cama com cinco rapazes diferentes antes do final do semestre.

Na verdade não eram rapazes. Dois eram recém formados, um era professor assistente e dois eram estudantes do ultimo ano.

Dos últimos, um se chamava Dan Bowditch, e era renomado mulherengo. Duas das amigas de Dusty haviam saído com ele; as duas haviam se queixado da pressão sexual que ele fizera, entretanto Dusty suspeitava que ambas não haviam lutado muito para render-se.

Dan era um belo rapaz, alto, cabelos cor de areia, olhos preguiçosos e modos de proprietário. Era um capitão da indústria e vinha de uma família rica. Era inteligente, capaz de manter conversas sobre qualquer assunto, dependendo da audiência.

Na noite em que Dusty fora apresentada a ele, ele passara meia hora bebendo vodca com ela, as perguntas casuais mal disfarçando seu interesse em levá-la para a cama.

— Que tal, gostaria de dar uma volta ,depois? — convidou ele, consultando o relógio.

Ela aceitara, percebendo o brilho de triunfo rios olhos dele.

Dan era um amante razoável, pelo menos suficientemente calmo, ainda que ao final desse a impressão de esquecer a existência dela por completo. Ao menos se oferecera para levá-la para casa. Dusty preferiu ir sozinha, mantendo o casaco ao redor de seu corpo contra o ar frio da madrugada.

Na semana seguinte ela recebera um telefonema de outro aluno do último ano chamado Cari Weat-hergill. Ele disse que era ex-companheiro de quarto de Dan, e que Dan se referira a ela como uma "grande garota".

Dusty dormiu com Cari na mesma noite, num apartamento alugado por um grupo de estudantes, na rua Horatio. Era um lugar imundo, cheio de latas vazias de cerveja, garrafas de bebida e cinzeiros cheios. Havia dois quartos, cada um com uma cama de casal ostentando colchões com molas soltas e manchas nos lençóis.

Cari ofereceu cocaína a Dusty, mostrando como aspirá-la. Ela não sentiu nada por um bom tempo. Em seguida, quando ele tirava suas roupas, uma espécie de brilho cruel penetrou em seu cérebro e tudo o que aconteceu a seguir foi envolvido numa luz quente e sensual que a fez sentir como se estivesse queimando a própria energia.

Cari deixou-a de volta ao alojamento, beijando-a rapidamente nos lábios.

— Você é demais, garota.

Dusty nunca mais viu Dan Bowditch, mas Cari telefonou várias vezes nas semanas seguintes. Ele a apanhava na casa e a levava ao apartamento, onde faziam amor, depois ficavam assistindo televisão ou escutando música. Ele ofereceu a ela drogas mais potentes, mas depois da primeira noite disse que não conseguiu mais

comprá-las. Ela ficava nua na cama, observando-o conversar ao telefone com os amigos. Numa noite ele tivera de estudar, mas antes fizeram amor.

Como os estudantes formados conseguiam seu nome e telefone, Dusty não sabia. Eram melhores amantes do que os calouros, mas não usavam drogas. O professor assistente era terrível na cama, mas quando ela pediu, ele lhe ofereceu cocaína e cheiraram juntos.

Estudava bastante durante o dia, porque as noites ficavam cada vez mais ocupadas pelos homens. Brit e suas outras amigas repararam como ela estava ficando popular. Algumas tinham inveja, mas outras desconfiavam do que estava acontecendo.

Brit tentou conversar com ela numa noite, não muito antes do feriado de Ação de Graças.

— Dusty, esses rapazes a tratam bem?

— Homens são homens __ respondera ela, dando de ombros.

— Só não quero que fique triste — justificou a amiga. — Você já foi bastante magoada.

— Não se preocupe. Estou ótima.

Com expressão preocupada, Brit foi para a cama.

No dia de Ação de Graças, Dusty foi fazer o almoço para o pai, no apartamento dele. Ela dissera que tinha muito trabalho para fazer, e não tinha vontade de ir até a casa em Sand Point. Damon não se desagrudou, pois naqueles dias o trabalho exigia que ficasse perto do escritório.

Ele abriu um bom vinho francês e a elogiou por sua beleza.

— Você agora parece uma mulher jovem e cheia de vida — comentou ele. — Eu gostaria que...

Os dois desviaram os olhos. Ele estivera a ponto de dizer que gostaria que a mãe pudesse vê-la naquele momento. Já haviam se passado quase três meses.

Damon descobriu que seu lado paternal vinha naturalmente quando estava com Dusty. Parte desse novo relacionamento era seu papel de liderança. Ele era o responsável, quem dava as notícias, quem a mantinha informada sobre as novidades e também para tentar amenizar a dor, tentar fazer parecer que o mundo ainda era um lugar razoável onde a justiça ainda existia.

Essa era uma tarefa com a qual Rebecca lidava quando Dusty era criança. Era a mãe quem escutava as incessantes perguntas de Dusty, querendo saber o motivo de tudo, ansiosa para entender o mundo. Damon, sempre ocupado, nunca estivera disponível para ela. Quando a via, perguntava de forma normal sobre o dia na escola, geralmente recebendo uma resposta monossilábica. Jamais haviam conversado de verdade.

Agora ele precisava falar, e fazia isso. Contava a ela as próprias novidades, diminuindo-lhes a importância, naturalmente, tentando despertar histórias sobre a vida dela na faculdade. Fingia interesse nos trabalhos para as várias matérias, e pelas aspirações profissionais. Ela enviava requerimentos às faculdades e conversavam sobre isso. Ele queria saber sobre a vida social dela sem, portanto, invadir-lhe a

privacidade. Ambos precisavam evitar falar sobre a perda de Tony, e as circunstâncias monstruosas, em que isso ocorreria.

Discutiam problemas comuns aos jovens do mundo atual: desemprego, doenças sexualmente transmissíveis, divórcio. Damon descobria-se inflamado, discorrendo em tom enfático sobre as pressões que existiam para uma mulher.

— E um mundo mais difícil do que aquele em que cresci — disse ele. — Às vezes me pergunto como vocês jovens vão fazer para enfrentar tudo.

— Ah, pai, não é tão ruim assim — sorriu ela. — As coisas não são tão difíceis como você está dizendo.

— Estou contente que esteja assim tão animada.

Uma nova ternura surgira entre eles. Damon tentava protegê-la como uma mãe preocupada, mas ao mesmo tempo apresentava a impotência e a ignorância paterna sobre problemas femininos. Ela tentava deixá-lo seguro de que estava ótima, estudando bastante, que tinha mais amigos do que nunca.

O assunto Tony era doloroso demais para que eles o tratassem diretamente, mas de vez em quando Damon perguntava "como ela estava" e a resposta invariavelmente era que não havia problema nenhum, e o importante era não viver no passado.

Damon sentia seu coração vibrar por ela quando via como ela enfrentava, corajosamente a terrível carga que era obrigada a carregar. Afinal, ele era mais velho, mais experiente na vida, e Dusty ainda era adolescente. Damon sentia uma certa verdade na forma como ela se escondia atrás da máscara leve e quebradiça, enquanto ele se perdia em sentimentos de auto-piedade. Como era estranha aquela juventude, pensou ele. Teimosa, mas adaptável. Dusty sempre carregaria, aquela cicatriz e as distorções sobre o que lhe acontecera, mas mesmo assim continuaria vivendo. E algum dia seria, apenas um pequeno desvio em sua personalidade, talvez até invisível ao seu futuro marido, aos filhos. Mas estaria ali, no íntimo dela...

Damon odiava Rebecca pelo que fizera a ele e à filha, e por forçá-lo a aprender esses sentimentos novos e terríveis, num mundo de amargura que ele preferia que Dusty não tivesse conhecido. Algum dia, de alguma forma, esperava conseguir sua vingança.

Mas quando ele pensou em Dusty e em sua corajosa adaptação à vida, a raiva de Rebecca transformava-se em compaixão e esperança. Queria acima de tudo que Dusty ficasse bem. Aquela era uma experiência nova para Damon, um sentimento paterno que drenava todo o ressentimento, deixando apenas uma preocupação devoradora e amor em sua esteira.

Gradualmente ele compreendeu que a provação que enfrentava fazia com que ele crescesse como homem, forçando-o a adaptar-se ao mundo de uma nova forma. Esse novo pensamento era ironicamente correspondente aos benefícios causados por uma grande perda. Odiava Rebecca, mas o fato de ela ter fugido alterara sua vida para melhor de muitas formas. Ultimamente vinha percebendo um certo frescor em si mesmo, uma ânsia de experiências e emoções que, havia muito não sentia.

Dusty parecia responder bem a esse lado desconhecido de Damon. Ela se comportava mais carinhosamente com ele. Conversava com franqueza sobre as coisas em geral. Parecia ter deixado para trás sua volubilidade adolescente e a reticência que sempre a caracterizara. Algumas vezes comentava algum livro, um filme, ou mesmo um assunto político com uma maturidade que tornava Damon orgulhoso. Às vezes dizia uma frase de forma tão pensativa, tão grave, que Damon sentia os olhos umedecendo e tinha de olhar para outro lado para evitar mostrar-se tão vulnerável.

Esses momentos lhe recordavam a intensidade de Rebecca, que sempre tivera jeito com palavras. Damon tentava não observar esse detalhe.

No dia de Ação de Graças, Dusty não ficou para passar a noite com o pai, alegando que precisava estudar para um exame de economia. Damon insistiu em que seu próprio motorista a levasse para casa a despeito do desejo de não perturbar o homem durante o feriado. Despediu-se dela na porta, e observou-a caminhando para o elevador.

— Juízo, hein?

Assim que ela partiu, ele telefonou para Ashley, que chegou às onze para passar a noite. Sentindo o corpo jovem em seus braços, ele pensou em Dusty, e uma estranha e suave tristeza somou-se à sua excitação. Envolveu a jovem em seu abraço, e tentou compreender todos os sucessos e agonias de sua existência, entre injustiças e momentos de redenção, pensando na complexidade de seus sentimentos. Era espantoso. Teria se sentido velho naquele instante, se não fora pela garota macia gemendo em seus braços e estremecendo à medida que ele a penetrava mais fundo. O orgulho mascarou a confusão quando ele a conduziu até o clímax. Dormiu profundamente a noite inteira.

Depois de chegar em casa, Dusty fez um telefonema e foi até o apartamento na rua Horatio. Dois homens de outra universidade estavam lá, visitando amigos na cidade. Passaram a noite bebendo, fumando maconha e se revezando na cama com Dusty. Num determinado ponto, enlouquecidos pelo acúmulo de drogas, tentaram os três juntos. Dusty ficou com a impressão de que tocavam mais um ao outro do que a ela. Saiu de madrugada, convencida de que iriam fazer sexo um com o outro assim que ela se fosse.

Caminhou para casa e foi para cama sem tomar banho.

O último rosto que enxergou antes de adormecer foi o do pai. Os olhos estavam cheios de água, a expressão desanimada pela tristeza enquanto ele sorria para ela com orgulho paternal.

No dia seguinte, sexta-feira, ela estudou para a prova de economia. A despeito da ressaca e da falta de sono, sua mente permanecia clara. Concentrou-se na matéria, fazendo anotações resumidas sobre o que lia.

Mais tarde, no exame, tirou nota máxima.

CAPÍTULO 17

Natal estava chegando. Rebecca perambulava pelas ruas, admirando a decoração enquanto procurava um presente para Tony.

Contudo, ficava admirando objetos que seriam perfeitos para Dusty. Suas antenas maternas continuavam a dirigir os passos para lojas de roupas femininas que vendiam artigos ao gosto da filha, como aquele paletó em estilo conservador, que Dusty gostava de usar desde que saíra do ginásio.

Era fácil encontrar coisas bonitas. Ela conhecia o corpo da filha tão bem quanto o seu próprio. Sabia quais os tons que combinavam com os sapatos no armário, e que tipo de saia iria melhor com suéter de lã que Rebecca comprara no último inverno.

Milhares de impulsos maternas cruzavam a cabeça de Rebecca, confundindo-a. Quase podia sentir o efeito das luzes e sons de sua cidade na época dos festejos de Natal. Chegara o momento de enfrentar lembranças dolorosas. Fazer compras na Quinta Avenida, planejar a festa que ela e Damon sempre ofereciam aos sócios cerca de uma semana antes do Natal. Fazer compras para Damon, Dusty e Irene, para tios, tias e primos. Acima de tudo, esperando que a filha voltasse para passar uma semana ou duas em casa.

— O que quer que Papai Noel traga para você de presente? — sempre perguntava ela, brincando.

— Ah, mamãe... não consigo pensar em nada...

Mas Rebecca sempre fora capaz de pensar em alguma coisa. Sua escolha sempre fora correta. Conhecia sua filha muito bem.

Rebecca tivera problemas para acostumar-se à ausência de Dusty quando ela partira para a faculdade. Precisava dela mais do que se dera conta, na época. A intimidade entre as duas nunca fora aparente demais, porém nessa época Rebecca descobrira que vivia apenas para a filha. Sua habilidade em antecipar os humores e necessidades de Dusty a sustentaram por muito tempo como a única certeza da vida. Embora fosse ela a protetora, que ajudava, talvez a ligação fosse mais indispensável para ela do que para a filha. Dusty podia nem reparar nisso, mas Rebecca a recebia como uma compensação para as injustiças da vida.

De muitas.. formas mãe e filha eram parecidas. Partilhavam, uma atitude cautelosa em relação às coisas e às pessoas. Como se a aproximação de um infortúnio estivesse a espreitar todos os acontecimentos alegres. Por outro lado, Dusty sempre fora mais ambiciosa do que a mãe, mais consciente de si mesma, mais teimosa. Seu período "terrível" se estendera até os sete anos de idade, respondendo "Não!" a qualquer pedido dos pais. "Pode deixar" era outra frase freqüente sempre que havia a chance de escolha entre fazer ela mesma ou aceitar ajuda materna.

— É um espírito livre — dizia Damon, na época.

— E uma forma delicada de expor o assunto — concordara Rebecca, com ressalvas.

— Ela é como você — comentou ele, com a costumeira falta de tato.

— Mais como minha mãe, eu diria. Ela sabe o que quer e jamais aceita um não como resposta.

Por muito tempo Rebecca imaginou que essa teimosia libertasse Dusty da influência da família para viver sua própria vida. Porém à medida que a filha crescia e precisava enfrentar a competição entre adolescentes na escola, começara a se encolher para o interior de si mesma. Afastou-se dos ideais ambiciosos e escolhia amigas entre as garotas menos populares da escola. Tornou-se silenciosa, e a aparência preocupada que era parte da vida da mãe passou a existir também em seu rosto. De alguma forma, ficava diferente na nova moldura, abafando a juventude e a energia, que, apesar disso, insistia em aparecer.

Quando Dusty saía de casa para a faculdade, os dois aspectos de seu caráter pareceram descobrir um ponto de equilíbrio. Tornou-se ativa na vida estudantil, ficou intelectualmente mais ambiciosa, e quando ia para casa em férias, demonstrava uma confiança e uma despreocupação que impressionaram Rebecca. Discutia amigavelmente com Damon sobre política e expunha um feminismo que o irritava e encantava Rebecca.

De alguma forma, por respeito à nova situação de independência de Dusty, Rebecca sentia-se próxima a ela. Estava orgulhosa de sua filha e gostava de vê-la estender as próprias asas para a vida.

Contudo, o curso natural de seu progresso fora interrompido para sempre.

Rebecca expulsara Dusty de sua mente ao entrar numa loja de departamentos chamada Harper's. Procurava por um suéter ou paletó para Tony. Ele conseguira emprego como estagiário numa firma de investimentos e trabalharia o dia inteiro. Ela estava por conta própria.

Tony começara a estudar de noite, e tinha a intenção de alterar sua carreira para o ramo dos investimentos. Era bastante teimoso sobre o assunto, pois agora desejava aumentar a renda além de fazer o que gostava.

— Quero tomar conta de você — afirmara ele.

— Mas você já está fazendo isso...

— Você entendeu muito bem o que estou querendo dizer — protestara Tony, sacudindo a cabeça.

O dinheiro dela parecia deixá-lo envergonhado. Encorajava-a a gastar menos e viver dentro do que ganhasse isso a divertia porque parecia desnecessário, porém a tornava orgulhosa. Ficava emocionada pela determinação dele em tornar a vida de ambos algo sólido e sério, tão complicado e intenso quanto a vida das outras pessoas. Ela própria gostaria de partilhar coisas frívolas como a preocupação com o dinheiro.

Entretanto, de alguma forma oculta, a situação a perturbava. Por um lado, fazia com que se envergonhasse do próprio dinheiro; isso lembrava a diferença de idade, quanto vivera além de Tony. Não conseguia livrar-se do sentimento de que pareciam estar representando o papel de pessoas reais, num mundo real. Não haviam deixado a

própria natureza desse mundo quando fugiram juntos? Agora eram exilados, como provava a própria expressão no rosto de ambos. Não exilado de um lugar determinado, nem de suas famílias, mas de uma forma de viver. E todos que entravam em contato com eles percebiam logo esse aspecto.

Ao tentar conseguir um emprego e construir uma carreira, Tony desesperadamente tentava criar uma aura de normalidade no relacionamento deles. Mas era um véu através do qual, todos, acima de tudo, Rebecca, podiam enxergar.

A dúvida de continuar aquela aventura maluca até o final agora atingia Rebecca. Ela tinha idade suficiente para ser mãe de Tony. Ele brincara sobre o assunto, dizendo que existiam muitos irmãos e irmãs com a mesma diferença de idade. Porém em poucos anos ela entraria na casa dos sessenta, e Tony na casa dos quarenta, em plena forma. Depois disso... bem, o que vinha depois era melhor não pensar.

Rebecca podia ter escapado dos efeitos dessa compreensão não fosse por Dusty. Não conseguia deixar de sentir-se a mãe de Dusty. Queria estar em contato com ela, queria dar a ela presentes de Natal, escutar as preocupações para tranquilizá-la. Fazer parte da vida dela. E isso era o impulso mais básico de seu ser, agora frustrado. A ligação entre ela e a filha fora destruída. Ela mesma a destruía.

Dusty jamais lhe perdoaria. Por que deveria fazer isso? Acreditava que a própria sanidade de Dusty, nesse ponto, devia ter se inclinado a uma posição de ultraje pelo crime hediondo, para um intenso e saudável ódio da mãe. O próprio instinto maternal de Rebecca lhe dizia que devia ser assim. Ela não agiria de nenhuma outra forma.

Com isso, Rebecca, depois de vinte anos, virou mãe sem filha para cuidar. O pesadelo tornara-se realidade. O problema é que jamais se acostumaria. Por causa disso, toda a vida parecia uma ilusão.

Encontrou um paletó esporte para Tony e estava a ponto de levá-lo ao caixa quando resolveu aguardar mais um dia. Talvez não fosse exatamente o estilo de Tony.

Permitiu a si mesma caminhar pela seção de moda feminina no quarto andar, antes de sair. Viu um conjunto de saia e suéter, perfeito para Dusty, ao qual foi difícil resistir e não comprar. Sabia que não teria coragem de enviar, mas não conseguiu evitar.

Sentindo-se ainda mais culpada, entrou no elevador em direção ao andar térreo. O interior antigo do elevador condizia com sua velocidade; os números em relevo eram indicados por uma agulha de bronze que se movia em semicírculo.

Rebecca observava o movimento desse ponteiro de metal dourado, indo do quatro para o três, depois para o dois, e depois... parou. O antigo motor simplesmente cessou o funcionamento, sem um resfolegar de aviso. A luz piscou, diminuiu e por fim se apagou. Rebecca apertou o botão do andar térreo. Nada aconteceu. Tentou apertar outro andar, depois outro ainda, mas o resultado foi o mesmo. Nada se alterou. Suspirando, tentou novamente. Em seguida resolveu esperar. Depois de um minuto inteiro sem nenhum acontecimento, ela venceu a hesitação e apertou o botão de alarme. Uma sineta soou em algum lugar ao longo do poço do elevador. Quando parou de pressionar, o som cessou.

— Maldição! — resmungou ela, apertando várias vezes o botão de alarme.

A campainha soava fraca e distante.

Ela não estava ainda a ponto de gritar, chamando ajuda. Pelo menos ainda não. Sua timidez inata evitava isso. Porém ela estava começando a sentir algo que se aproximava do pânico.

Repentinamente escutou uma voz não muito distante.

— Olá do elevador! Você está bem aí dentro?

— Tem alguém aí fora? Estou presa aqui no elevador — respondeu Rebecca.

— Estou apertando todos os botões aqui. Está acontecendo alguma coisa?

— Nada!

— Não se preocupe. Vou chamar alguém que possa resolver o problema.

Rebecca compreendeu que chegara quase ao segundo andar quando ocorrera a falta de energia elétrica. A voz estava para além da porta maciça.

Ela aguardou, escutando o som abafado da própria respiração, tentando permanecer calma. Sempre ficava um pouco nervosa em elevadores, mas nunca acontecera ficar presa num deles.

Colocou de lado a sacola de compras e ficou em pé, as mãos juntas.

— Vamos logo... vamos logo — murmurava baixinho. Depois de alguns minutos que pareceram uma

eternidade, ela escutou passos do lado de fora, e vozes envolvidas numa conversa. Então a voz que ela já escutara voltou a falar:

— Você está bem aí dentro?

— Estou. Estou ótima.

— Muito bom. O zelador foi providenciar a chave para abrir a porta. Agüente mais um pouco. Um ou dois minutos.

Rebecca permaneceu em silêncio, seu medo se dissolvendo pelo embaraço de haver atraído a atenção de tantas pessoas. Num pensamento absurdo, viu a si mesma ensaiando o que diria a seus salvadores quando saísse.

Não teve mais de um minuto para resolver o que diria, pois o elevador logo começou a mover-se para baixo. Andou menos de um metro, parando no segundo andar. As portas se abriram, e ela saiu.

— Que bom. Não aconteceu nada de mal, espero? O homem que sorria tomou sua mão, e ela o cumprimentou, em agradecimento e alívio.

— Muito obrigada. Eu estava começando a ficar preocupada.

Um homem de macacão subiu pela escada ao lado do elevador e olhou para Rebecca.

— É a senhora que estava presa no elevador? Está bem?

— Ela está ótima. Não houve prejuízo algum — respondeu o homem que falara, cujas feições pareceram familiares a Rebecca.

Ela fizera o melhor possível para convencer o zelador, que parecia mais preocupado do que ela mesma. Ele explicou algo sobre um curto circuito no painel de controle, repetindo-se várias vezes. Um gerente assistente chegou em seguida para

apresentar as mais profundas desculpas em nome da administração, perguntando se ela queria deitar para descansar por algum tempo num sofá no andar superior.

Rebecca parecia mais divertida do que aborrecida com a situação e permitiu que o homem de aparência familiar a conduzisse até o departamento de empregados.

— Estamos de volta ao normal, agora? — quis saber ele.

— Perfeitamente. Você me parece familiar. Já não nos encontramos em algum outro lugar?

— Vi você no *Royal Grace*, mas nunca conversamos — disse ele. — Meu nome é Sam Bittman.

— Muito prazer em conhecê-lo, sr. Bittman. Meu nome é Rebecca Lowell. Obrigada por vir em meu socorro.

— Ora, eu não fiz nada — protestou ele. — Não é interessante? Eu já a vi muitas vezes no hotel, mas nós provavelmente jamais teríamos falado um com o outro se não fosse por causa de um elevador com defeito.

— É verdade. O destino sempre dá um jeito de aproximar as pessoas.

Rebecca estudou-lhe o rosto. Ele possuía cabelos grisalhos cacheados e pele áspera. Sua aparência era diferente sem os óculos de leitura que geralmente usava quando o via, no saguão do hotel. Os olhos pareciam brilhantes e inteligentes, e o comportamento revelava uma educação esmerada. O terno era conservador, mas havia algo informal e atraente no traje.

Ela reparou que ele estava carregando uma sacola de compras da loja.

— Esteve fazendo compras para o Natal, também?

— Para dizer a verdade, estava tentando fazê-las. Tem certeza de que está bem?

— Naturalmente. Mas me sinto em débito com você.

— De forma alguma. Afinal, somos mais ou menos vizinhos, portanto era o mínimo que eu podia fazer — respondeu ele, reparando na sacola de compras dela. — Você estava de saída?

— Estava, sim.

— Eu também. Por que não vamos comer alguma coisa juntos? Conheço um lugarzinho na esquina onde podemos tomar um café enquanto você recupera o fôlego. Ainda parece um pouco pálida.

Os olhos dele exprimiam preocupação e amizade, mas Rebecca teve a impressão de ter visto uma sombra sob o sorriso.

Ela olhou para as próprias mãos e percebeu que tremiam. Estava mais abalada do que imaginara.

— Já estamos na hora do almoço. O que me diz? A voz dele era reconfortante. Havia um pouco de charme do velho mundo naquele homem, que transmitia segurança.

— Está bem. Vamos.

Resolveram usar a escada para descer até o andar térreo e saíram da loja através das portas basculantes. O restaurante ficava exatamente onde ele afirmara, e Rebecca lembrou de haver passado ali com Tony. Tratava-se de um local que servia comida francesa, com toalhas em padrão xadrez sobre as mesas e quadros

impressionistas nas paredes. A convite de Sam Bittman, Rebecca pediu um copo de vinho branco, o que imediatamente acalmou-lhe os nervos abalados.

Ele apontou para a sacola de compras sobre a cadeira vazia entre eles.

— Para quem é o presente? — Para minha filha.

— Não me conte... você estava passando pela seção feminina e viu alguma coisa que seria perfeita para ela.

— Como sabe? — indagou Rebecca.

— Mães... — disse Sam, com um sorriso. — Aposto que sabe exatamente o tamanho que ela usa e o que gosta, além de combinar com as roupas que ela já tem. Ah, se eu tivesse esse talento... meu presente provavelmente vai produzir mais risadas do que contentamento. Mas pelo menos, tentei.

— Devo presumir que é para sua filha, certo? Ele assentiu.

— Que idade ela tem?

— Vinte anos — afirmou ele, com um pequeno movimento de cabeça. — E como ela sabe disso...

— É filha única?

— Não! Não tenho essa sorte. Tenho três filhas. Mas ela é a mais complicada. Isso eu tenho a dizer a favor dela. As outras duas já cresceram e se casaram. Essa parece não querer crescer nunca.

Rebecca sorriu.

— Roupas para a filha que não quer crescer. Acho que entendo perfeitamente. Minha filha tem vinte e um anos.

— Eu costumava pensar que quando tivessem vinte anos, eu não ia mais precisar me preocupar com elas. O problema é que exatamente nessa idade começam as preocupações.

— Acho que você tem toda a razão — disse Rebecca.

Outra vez ela reparou na tristeza oculta que parecia haver sob as palavras dele. Talvez ele fosse divorciado, talvez viúvo.

— Reparei que está sempre no Royal. Seus negócios sempre o trazem por aqui? — indagou ela.

— A cada três ou quatro semanas. Vivo e trabalho em Wisconsin, mas mantenho negócios por aqui.

— Estou vendo.

Ocorreu a Rebecca que o próprio rosto poderia ser tão familiar a ele quanto o dele para ela. Assim como o de Tony. Felizmente o sr. Bittman não mencionara Tony ou perguntara quanto tempo pretendia ficar no Royal Grace.

Ele olhou ao redor do restaurante.

— Não gosto de estar longe de casa nessa época do ano, mas no momento não existe nenhuma chance de ficar por lá. Estou fundando uma filial da minha companhia por aqui e se não mantiver um olho nas coisas, tudo pode se desmantelar antes mesmo de ser implantado.

— Qual é o tipo de negócio? — quis saber Rebecca.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

— Bem, é uma firma de consultoria — explicou ele. — Mostramos às firmas como estabelecer um sistema de computadores que manipule o estoque e as notas, fiscais. Não é nada novo, mas o sistema e a linguagem utilizada são modernos.

— Parece complicado.

— Para dizer a verdade, há muitos detalhes importantes, mas o resultado final é a coisa mais simples do mundo. A companhia emite uma nota e você a paga. Mas estamos tentando evitar que o computador se confunda e cobre várias vezes seguidas, por exemplo, como acontece muitas vezes por aí.

— Bem, isso me traz uma luz ao assunto — disse Rebecca, sorrindo.

— Eu me aposentei do meu negócio original há alguns anos. Sempre me interessei pelo uso dos computadores e resolvi usar meu tempo vago para ver se conseguia fazer algo para resolver o problema. O estranho nisso tudo é que quando penso sobre o assunto, percebo como sou ignorante a respeito de computadores. Mas afinal, não é exatamente esse o motivo? Precisamos construir computadores que ajudem idiotas como eu, ao invés de ajudar os espertos que já sabem como usá-los.

— Parece razoável.

— Isso me mantém ocupado, pelo menos, mas confesso que algumas vezes eu desejaria estar em casa pintando a garagem ao invés de passar por tantos problemas para a implantação do sistema.

— Tenho certeza de que tudo vai dar certo. Mas você não conseguirá passar o Natal em casa?

— Não — disse ele, sorrindo. — Vou chegar em casa na véspera de Natal. Mas preciso fazer hoje todas as minhas compras. É uma experiência nova para mim. E não muito agradável, posso garantir. Vou ter de voltar para o Harper's, sem dúvida. Em algum dia no início de janeiro.

— Não tenha tanta certeza. Talvez algo caia do céu. Qual é o nome de sua filha?

— Christine.

— Ela está na faculdade?

— Está. Na Universidade de Wisconsin. Ela é caloura.

— Mora nas irmandades de estudantes? — quis saber Rebecca.

— Não. Para dizer a verdade ela é o oposto desse tipo de garota. Se estivéssemos nos anos sessenta, ela estaria marchando em Washington ou fechando a universidade. Hoje em dia ela passa o tempo protestando contra usinas atômicas ou lixo radioativo. Esse é o apelido dela para mim, quando fica brava: você é um lixo radioativo, papai.

— Não é muito educado, na verdade.

— Ela diz em tom de brincadeira. Tem uma língua afiada. Herdou da mãe. Bem, na minha época de jovem, essas quatro mulheres abusaram de mim, srta. Lowell. Christine é só uma das que sofre as consequências, e acredita que sou ultrapassado.

Retirou uma carteira do bolso e mostrou-a. A menina era mais jovem na foto, parecia estar a ponto de formar-se no ginásio, e podia-se ver que era uma bela ruiva, de olhos verdes. Não parecia bonita, mas o frescor de sua juventude a tornava

atraente. A semelhança com o pai era óbvia. Rebecca sentiu uma ponta de tristeza quando devolveu-lhe a fotografia.

— O que você comprou para ela?

— Um vestido, Gostaria de dar uma olhada?

Ele alegremente retirou a caixa da sacola e mostrou a Rebecca um vestido que dificilmente podia ser mais inadequado para a jovem com a personalidade que ele descrevera.

— Não me diga nada — começou ele, fazendo uma careta ao deparar com a expressão dela. — E um desastre como presente, não é?

— Talvez você tenha usado uma expressão forte demais, não? — comentou educadamente Rebecca.

Ele a encarou.

— Talvez você tenha espírito natalino suficiente para me prestar um grande favor.

— Qual seria esse favor?

— Seria capaz de retornar ao Harper's comigo e me ajudar a trocar esse presente?

Rebecca riu.

— Seria um pequeno agradecimento por ter me salvado do elevador parado — disse ela. — Eu adoraria.

Sam Bittman ficou visivelmente aliviado e mais relaxado. Pediram sopa de cebola e uma salada variada. A comida estava deliciosa, e Rebecca reparou que estava sentindo-se à vontade com o estranho.

Ele confirmou as suspeitas de que era viúvo, explicando que sua esposa morreria três anos antes. Essa perda era o único motivo verdadeiro para sua tentativa ambiciosa na nova carreira. Era comerciante, considerando a aposentadoria, quando sua esposa ficou doente. Em sua tristeza, ele permitiu que os sócios comprassem sua parte, e depois da morte dela, resolveu começar outro negócio. Contratou um autor de software para ajudá-lo a projetar seu novo sistema. O resultado foi vendido no Meio Oeste antes de chegar ao Canadá.

O desafio parecia combinar com ele, embora Rebecca se lembrasse de ter achado o rosto cansado quando o encontrara no hotel. Era fácil ver que ele estava tentando fugir da própria dor. Rebecca achou aquilo comovente, principalmente porque também abrigava uma grande tristeza em seu coração.

— Você parece estar lidando bem com isso — comentou ela. — Sua filha Christine...

— Não me odeia tanto quanto quer fazer parecer — completou ele. — Mas sente falta da mãe. Sabe de uma coisa, srta. Lowell? Tem razão. Estamos sobrevivendo como família, e acho que nos dias de hoje, isso já é uma grande conquista. Algumas vezes atribuo tudo a Margery. Ela nos ensinou muito antes de partir.

As filhas mais velhas chamavam-se Gretchen e Anne. Rebecca não entendeu direito o nome dos maridos. Uma delas tinha dois filhos, a outra acabara de ter um

bebê. Sam Bittman parecia terrivelmente orgulhoso de todos eles, incluindo Christine, que era a mais parecida com ele e por isso mesmo, a mais querida.

Rebecca sentiu-se tentada a conversar sobre Dusty e sua vida no lar. Era difícil escutar a conversa de Sam Bittman sem ter ciúme e ainda mais difícil não retribuir com o mesmo tipo de detalhes. Parecia haver muitas coisas em comum entre ela e aquele homem. Mas simplesmente não podia se dar ao luxo de confidenciar, porque ela própria destruíra todo o passado.

Por esse motivo seu almoço foi tão agradável quanto um sacrifício. Foi obrigada a conter-se em várias oportunidades e esconder os verdadeiros sentimentos. Sentia-se como uma espia, uma pessoa cuja resposta poderia conter algum indício revelador sobre uma verdade terrível. Como se toda a sua identidade fosse falsa.

Felizmente Sam parecia sensível à falsidade de sua posição e evitou formular a ela qualquer pergunta embaraçosa. Rebecca tornou-se a ouvinte perfeita, sorrindo com as histórias sobre a família dele e reparando que, ao falar da filha rebelde, os olhos dele brilhavam.

Depois do almoço os dois caminharam de volta até a loja, onde Rebecca ajudou Sam a escolher um presente mais adequado: uma calça justa e um top combinando, que possuía certa qualidade informal, além de sobriedade. Os olhos dele se iluminaram, ao reconhecer o tipo de roupa que a filha gostava. Pagou com cartão de crédito, e agradeceu profusamente a Rebecca.

— Você salvou minha vida — disse ele. — Mas desde já eu a previno de que pretendo assumir o crédito por isso. Vai fazer com que Crissie mude de opinião sobre seu velho pai. Esse vai ser o primeiro presente de Natal em uma década que não será devolvido no dia vinte e seis. Exceto bombons, claro.

— Eu nem queria que fosse de outra forma — riu Rebecca. — Fiquei contente em ajudá-lo, sr. Bittman.

— Sam.

— Que seja, Sam. E muito obrigada por me salvar.

— Sem problema. Afinal, para que servem os vizinhos?

Encontraram um táxi ao lado de fora do Harper's e voltaram juntos ao Royal Grace. Sam Bittman deu a mão para Rebecca e despediu-se no saguão. Ela subiu sozinha no elevador, não sem antes identificar um tremor involuntário.

Quando girou a chave em sua porta, Rebecca sentia-se exausta. Sua saída não correria de acordo com o que planejava. Estava sem o presente de Tony para o Natal e enfrentara uma complexa e delicada conversa durante o almoço.

Havia um exemplar do Globe and Mail sobre a escrivaninha. Ela virou algumas páginas, reparando nas notícias da América, depois apanhou o exemplar de Tony do Maclearis e tentou ler um artigo. Descobriu que não conseguia concentrar-se. Pensou em se sentar para ler o La Presse, que havia comprado para ajudar a melhorar seu francês, mas acabou deixando a idéia de lado.

Ainda debatia consigo mesma se tomava um banho ou deitava para tirar uma soneca quando escutou o som da chave na fechadura. Assustou-se por um instante, imaginando, absurdamente, que poderia ser Sam.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

A porta abriu-se e ela viu Tony, esplendoroso e jovem, em seu terno escuro.

— Puxa, chegou cedo em casa — comentou ela, avançando para beijá-lo.

— Terminei o que tinha para fazer. Não havia por que ficar mais por lá.

Os braços longos a envolveram. Ele tinha um aroma fresco e matinal, a despeito da nota de transpiração pela manhã inteira de trabalho. Ele a apertava, com a intensidade do desejo que despertava em ondas poderosas, e ecoava em seus próprios sentidos.

— Quem era o homem que estava com você lá no saguão? — indagou ele.

— Homem?

Os olhos dela estavam semicerrados, os corpos ainda se tocando abaixo da cintura.

— O cavalheiro mais velho, com o qual você veio de táxi quando eu estava chegando.

— Oh, aquele é o sr. Bittman — explicou ela, sorrindo. — Eu o encontrei na loja. Na verdade, fiquei presa no elevador e foi ele quem me escutou e foi buscar socorro.

— É mesmo? Você está bem?

— Estou. Durou só alguns minutos. Mas foi bom ele estar por ali. Retribuí da melhor forma que pude, ajudando-o a comprar um presente para a filha dele — disse ela, omitindo, sem saber por quê, o almoço com Sam.

— Acho que já vi esse sujeito antes. Rebecca assentiu.

— Ele fica nesse hotel toda vez que vem à cidade. Parece que dirige uma espécie de serviço de informática por aqui. Pelo que ele disse, só está começando.

— Ah... — fez ele, girando-a de encontro a si. — Ele é casado?

— É viúvo. Tem três filhas — respondeu Rebecca.

— Filhas — repetiu Tony, pensativo.

— Isso.

Mais um pouco de silêncio. Ele a encarou.

— Então não foi uma experiência traumatizante para você?

— Bem, se quer saber mesmo, na hora fiquei apavorada. Quase entrei em pânico. Mas foi apenas um descontrole nervoso passageiro. Não existiu perigo de verdade.

— Isso é bom. Como está se sentindo no momento?

— Nunca me senti melhor.

— Estou contente em saber disso.

Tony beijou-a, desta vez com maior intimidade. Suas mãos deslizaram para as pernas dela. Rebecca pretendia dizer mais alguma coisa, porém seu corpo a traiu. As palavras morreram em seus lábios. Tony carregou-a para a cama.

Só voltaram a se falar bem mais tarde.

CAPÍTULO 17

Rebecca e Tony resolveram passar o Natal numa estação de esqui chamada Cally Mountain, a cento e sessenta quilômetros de Grace Island. O tempo foi previsível o suficiente para garantir boas encostas nevadas, e os chalés, espaçosos e acolhedores, eram uma opção melhor do que passar o feriado no hotel da cidade.

No dia de sua partida, passaram por Sam Bittman 'no saguão. Ele levava uma valise pequena e prática... e uma sacola de compras.

Estava exatamente voltando-se do balcão quando o casal saiu do elevador. Seu rosto abriu-se num sorriso, e ele estendeu a mão, num aceno para Rebecca.

— Sr. Bittman, está de partida? Bom Natal — disse ela.

— Já não era sem tempo. Tive minha última reunião por aqui cerca de uma hora atrás e pretendo pegar o próximo vôo para São Francisco. Esta noite estarei em casa na cama, se todas as conexões derem certo.

Rebecca tocou o cotovelo de Tony.

— Tony Delafield, esse é Sam Bittman — apresentou ela. — Ele é de Wisconsin. Eu o conheci

quando estava fazendo compras de Natal.

— Prazer em conhecê-lo — disse Sam. — E Feliz Natal!

— O mesmo para o senhor — retribuiu Tony, apertando a mão estendida. — Soube que o senhor salvou Rebecca de um acidente no elevador?

— Não exatamente. Tudo o que eu fiz foi apanhar o telefone de emergência e chamar o pessoal da manutenção. Eles é que fizeram todo o trabalho.

— Já o vi antes, não?

— Com certeza. Venho a esse hotel com tanta frequência que eles me reservam sempre o mesmo quarto. Não é o melhor do mundo, mas enfim, também não sou. A poltrona está pedindo para trocar as molas, exatamente como uma que tenho em casa.

Houve uma pausa. Rebecca pôde sentir a tentação de Sam Bittman em perguntar coisas corriqueiras, como o que ele fazia ali, onde trabalhava, qual era seu relacionamento com Rebecca, e assim por diante. Graças a Deus, decidiu silenciar.

— O sr. Bittman tem uma filha quase da mesma idade que Dusty — comentou ela, lamentando ter falado no mesmo instante. — Qual, é mesmo o nome dela, sr. Bittman?

— Christine. E tenho o presente dela bem aqui — anunciou ele, erguendo a sacola de compras. — A srta. Lowell salvou minha vida na loja. Esse é o primeiro Natal em que eu estou pronto a bancar o Papai Noel de verdade.

Tony não respondeu.

Novo silêncio estabeleceu-se, ainda mais desagradável. Rebecca percebeu que não havia pergunta alguma que pudesse fazer sem dar- início a assuntos embaraçosos. Aquele encontro casual era um erro. Ela e Tony escolheram uma vida que tornava

virtualmente impossível manter relações sociais corriqueiras com outras pessoas, em especial americanos.

O melhor a fazer era encerrar o episódio o mais rápido possível.

— Faça boa viagem, então — desejou ela. — Vamos voltar a vê-lo antes do Ano Novo?

— Com certeza. Acho que estou preso a essa cidade por algum tempo. Começo até a gostar dela. Acho a neblina mais bonita do que as nevascas do Wisconsin.

Despediram-se com novos apertos de mão, e saíram do hotel. O frio úmido atingiu as faces de Rebecca como um tapa.

— Não gosto desse homem — disse Tony, quando se viu na rua.

— Oh, ele me parece um tipo decente. Um viúvo com uma filha jovem e um negócio novo. Está um pouco assustado com tudo isso. Mas é inofensivo.

Tony permaneceu em silêncio.

— Acho que a morte da mulher deve ter abalado muito o pobre homem — disse Rebecca. — Veja só, eu achava que ele era muito mais velho até que ele falou comigo, então percebi que era uns dez anos mais moço. Isso é o que a tristeza faz, eu acho.

Percebeu que estava a defender Sam para Tony, mas não parecia haver mal algum naquilo.

— O que foi? O que aconteceu ao seu espírito natalino? — perguntou ela, sorrindo.

— Nada. Vamos indo.

Haviam alugado um carro no hotel. O porteiro colocou seus presentes e malas no porta-malas, e logo se puseram a caminho. Não tiveram tempo para conversar enquanto atravessavam a cidade em direção à balsa. Rebecca leu o mapa e forneceu instruções a Tony. Em quarenta e cinco minutos estavam dirigindo pelo sopé das montanhas, na direção dos picos nevados no horizonte. Os sinais bilíngües da estrada ostentavam distâncias em quilômetros, fazendo com que as paisagens parecessem mais exóticas.

— Isso é maravilhoso — disse Rebecca. — Adoro aventura. É uma forma perfeita de se passar o Natal.

Tocou o braço de Tony, sorrindo perante a paisagem não familiar que vislumbrava.

— Existe uma coisa que você não sabe sobre a minha pessoa — afirmou ela. — Fico excitada como uma garotinha, na época do Natal. Provavelmente vou arrastar você para a cama às oito e meia da noite.

— Eu sempre soube que no fundo você era uma garotinha — disse Tony. Depois acrescentou algo estranho: — De qualquer forma, é melhor eu ficar de olho em você.

— Como assim?

— Você não repara no efeito que produz nas pessoas.

— O que está querendo dizer?

— Aquele velho caquético no hotel, por exemplo... ele está interessado em você. Rebecca ficou perplexa.

— Quem?

— O velho com a filha em casa. Bittman — esclareceu Tony.

— Ele? Interessado em mim? Tony, você está maluco.

Ele lhe dirigiu um olhar desconfiado e hostil.

— Não diga isso — ameaçou ele.

Rebecca voltou-se para a estrada à frente. As montanhas se aproximavam, de forma quase imperceptível. Desejou que o carro fosse mais depressa para que pudessem chegar logo. Ainda assim, naquele instante, a aproximação lenta dava a impressão de ser inevitável e quase sufocante.

Rebecca fixou o olhar no horizonte e permaneceu sem dizer nada por um longo tempo.

O feriado foi um grande sucesso.

A estação de esqui era grande e luxuosa, com decoração natalina por todos os lados. Lareiras acesas conferiam um calor acolhedor em todos os salões de chá e saguões, mobiliados com sofás confortáveis e convidativos. O lugar não parecia cheio nem vazio demais, e os convidados possuíam uma aparência despojada passeando em suéteres de lã.

O restaurante era um enorme salão com um pianista que tocava músicas natalinas com humor surpreendente frio, enchendo as antigas melodias de harmonias que lembravam Gershwin e Cole Porter. Por insistência de Tony, Rebecca fez vários pedidos, e o sujeito pacientemente a atendeu. Lembrou suas favoritas e a cumprimentou com uma delas a cada vez que ela e Tony vinham jantar.

Venceram as trilhas mais fáceis juntos, e Rebecca observava da base da montanha enquanto Tony esquiava pelas mais difíceis. Era curioso observá-lo a uma distância grande, uma silhueta pequena, fazendo curvas pela encosta nevada em silêncio, identificável apenas pelo cachecol vermelho que ela comprara para ele na loja de presentes. Tony parecia absorto e ausente ao escolher seu caminho pela montanha. Enquanto Rebecca observava, ele se tornava cada vez maior em seu campo de visão, para finalmente deslizar ao lado dela, os esquis assobiando na neve solta.

Alguma coisa no frio intenso a fazia ter vontade de fazer amor. Na noite em que chegaram, ela o reteve no chalé, onde permaneceram na cama até o limite da hora em que era servido o jantar. Na segunda noite, Tony tinha os músculos doloridos e ela o massageara devagar, incapaz de evitar a tentação, beijando-o aqui e ali, onde tinha vontade. Como sempre, as carícias levaram a mais sexo. Rebecca parecia insaciável, e Tony reparou nisso.

— Assim você vai me tornar um velho em pouco tempo.

— Não acho — protestou ela. — Você não está perdendo a vontade nem um pouco.

Ele a manteve próxima a si, naquela forma carinhosa própria dele. Rebecca beijou-lhe os pêlos do peito. Os corpos de ambos cheiravam amor e os lençóis estavam tão quentes que era difícil reunir coragem para se levantar.

Ela adorava o poder que possuía de excitá-lo. Algumas vezes brincava com isso, parando-o quando estava meio vestido para fazer amor outra vez, ou abraçando-o de repente, sabendo que o beijo o faria desejá-la novamente. Fazia tanto tempo desde que se sentira atraente!

Se pensasse bem, talvez nunca tivesse sentido seu poder de atração daquela forma. A única feminilidade, desde que conseguia entender-se por gente, foram seus instintos maternos em relação a Dusty. E mesmo esses instintos implicavam em renunciar às próprias necessidades, um sacrifício de todas as suas partes femininas que não fossem maternas. Tony, de uma única vez, trouxera tudo de volta para ela. Pois ela perdera algo essencial de sua feminilidade mesmo antes que Dusty nascesse. Perdera ou entregara de boa vontade... esse era o dualismo doloroso ao redor do qual sua vida adulta se voltara, o motivo pelo qual tinha tanta dificuldade ao olhar para si mesma no espelho.

Agora podia ficar nua à frente do espelho e observar os braços de Tony se curvarem ao redor dela vindos de trás. Podia sentir o corpo jovem e belo arder de desejo, e dizer a si mesma: Ele me quer. É a mim que ele quer.

No dia do Natal, depois de dar a Tony um suéter e uma nova valise de trabalho e receber uma bela pulseira e um conjunto de saia e blusa, passou a tarde toda na cama com ele. Fora esse realmente seu presente, um belo rapaz e a forma como a fazia sentir-se. Um presente pelo qual valia a pena sacrificar-se. Talvez até valesse tudo.

Tais pensamentos passavam por sua mente, realizando movimentos espirais na penumbra, na direção de onde repousava seu verdadeiro eu, enterrado havia tanto tempo, enquanto o feriado de Natal se desenrolava. Jamais tivera tanta consciência sobre as coisas que arriscara, assim como sobre o que perdera. Por esse motivo, sua intimidade com Tony parecia possuir um aspecto desesperado e um erotismo mais quente do que nunca.

Na noite de Natal, depois de um jantar delicioso e de um chocolate à luz da lareira no saguão, Rebecca estava nua nos braços do amante. O dia despertara seus sentidos, e os vários momentos e impressões pareciam faíscas em seu interior, deixando sua esteira luminosa a apagar-se, como devem fazer todos os momentos; até mesmo os melhores.

— Amo você — disse Tony.

— Feliz Natal.

Quando a sonolência finalmente lhe venceu os sentidos, surgiu uma breve imagem do Natal quando Dusty era pequena: abrindo caixas que continham bonecas, roupas e brinquedos. O longo dia com Tony a havia fatigado demais para lutar contra aquilo. Fechou os olhos com um pequeno suspiro e caiu num sono profundo e vazio.

CAPÍTULO 18

Era uma festa de Natal, para todos os efeitos.

Os dois alunos que haviam prometido levar cocaína não apareceram, mas um estudante formado pelo departamento de letras levava um pouco de haxixe que seu irmão contrabandeava do México no verão anterior. Seria quase o suficiente para todos. E havia um bocado de bebida.

A festa tinha lugar num depósito cavernoso que já fora uma fábrica de pianos. Havia trinta ou quarenta pessoas por lá, a maioria estudantes da faculdade, mas também outros habitantes duvidosos da cidade. Era difícil conseguir as drogas sem ter esse tipo de convidado sempre presente nas festas.

Alguém trouxera um pôster do Papai Noel com uma ereção. Os convidados que chegavam riam brevemente ao enxergá-lo, depois começavam a conversar. Talvez gritar fosse um termo mais adequado, já que o volume da música era ensurdecedor.

Dusty fora até lá com um estudante, amigo de um amigo de Dan. Mal conhecia o garoto, embora tivesse dormido com ele duas vezes. Ele se apresentara, como a maioria dos outros naqueles dias, com uma conversa ao telefone: "Olá, meu nome é Fulano de Tal. Sicrano sugeriu que a gente se encontrasse." Depois vinha o apartamento, o álcool, cocaína ou apenas maconha... além dos lençóis sujos, nos quais geralmente acordava sozinha.

Mantinha-se ocupada naqueles dias com os muitos telefonemas que recebia. Vivia uma vida dupla, trabalhando diligentemente nos estudos durante o dia e dormindo em outras camas de noite. Tinha o cuidado de permanecer em contato com seu pai, pois não queria que ele desconfiasse de nada. Prestava atenção aos detalhes da roupa e maquiagem quando ia encontrar com Damon; mais ainda do que quando saía com rapazes.

Era uma vida aceitável. Com exceção da ressaca que ela era obrigada a enfrentar todas as manhãs, Dusty não sentia nada. Era como se flutuasse num interminável oceano, cujas vagas eram suaves o suficiente para que ela se elevasse até a crista e visse o que queria ver. Gostava de ler, escrever, preparar-se para as provas, conversar sobre frivolidades com seu pai... Tudo era gradual. Nada acontecia de repente. Jamais perdia sua concentração. As notas do final do semestre haviam chegado na semana anterior. Tivera ótima média.

Naquela noite fumara um pouco de haxixe, talvez precipitadamente, depois de duas bebidas fortes. A droga parecia pulsar sob sua pele; seus dedos pareciam ter metros de comprimento ao segurar o copo. Conversava com um rapaz no qual reparara, perguntando-se se dormira ou não com ele. O nome era Rick. Alguém despejara uma bebida que parecia uísque em seu copo, proveniente de uma garrafa de plástico de meio litro. Dusty não tinha certeza se o copo já continha uísque antes. Teve curiosidade em saber qual seria o próximo gosto.

— Precisamos de mais bebida — disse alguém.

— As pessoas estão bebendo demais.

— Pode mandar que a gente agüenta — respondeu uma voz, possivelmente a sua própria.

Sorriu para o rapaz. Mas sua sobrancelha se ergueu quando reparou que não era absolutamente Rick. Era um rapaz muito mais alto, com cabelos castanhos e sardas, que não lembrava ter visto antes.

Ele perguntava a Dusty sobre os estudos. Ela respondeu em termos vagos sobre jornalismo, da mesma forma que sempre fazia nessas festas. Um ritual a ser cumprido antes do sexo. Deu um grande gole em seu copo, decidindo que devia ser uísque, e lembrou-se de que um instante atrás ele falava sobre seu trabalho. Inclinou-se em direção a ela para escutar melhor acima da música. Dusty reparou, com grande interesse, que ele parecia bastante sóbrio.

— Quer sair para respirar um pouco de ar puro? — convidou ele.

Ela concordou. Ambos se ergueram e saíram. O ar era frio, e ela trouxera, seu casaco pesado. Ele tinha a proteção de um paletó de couro e um boné, que tornava sua aparência ridícula.

O ar noturno penetrou em suas narinas. O rapaz não dizia nada. Ela sentiu uma onda de tremor. Os lampiões refletidos no pavimento negro e molhado pareciam ferir seus olhos. Dusty parou.

— O que foi? Você está bem? — indagou o rapaz, parecendo preocupado.

— Você tem um carro para... — começou ela, desmaiando nos braços dele.

A cena seguinte da qual ela se recordou foi que estava num apartamento estranho, e ele a ajudava a tirar o casaco. Ela permaneceu apoiada na porta enquanto ele o pendurava num cabide.

O rapaz levou-a até o quarto. Havia ali uma cama de casal com dossel. Dusty percebeu a um canto uma escrivaninha com um computador e prateleiras feitas de tábuas e tijolos com livros pesados.

Ela tropeçou e quase caiu na cama. Ele começou a ajudá-la com as roupas. Ela reparou no rosto dele, que parecia absorto na tarefa de abrir-lhe os botões da blusa. Reparou num brilho ambarino no centro das íris. As sardas conferiam uma aparência muito jovem ao rosto.

Desmaiou quando ele lhe erguia os quadris para retirar a saia.

Acordou sozinha. A luz passava pelas persianas para o interior do quarto. Não tinha a menor idéia sobre onde se encontrava.

Sabia que devia ser o apartamento de algum rapaz, mas não podia lembrar-se de quem seria, ou com quem havia saído na noite anterior. Permaneceu deitada por um bom tempo, ponderando a situação. Lembrou-se do efeito da bebida. A ressaca a deixava amortecida, quase incapaz de mover-se.

Forçou-se a uma posição sentada. A dor de cabeça, que até então não sentira, atingiu-a com a força de uma tijolada; Levou as mãos à testa e cambaleou na direção do banheiro.

No armário encontrou aspirinas; tomou seis. Reparou que havia pouca coisa mais no armário, além de pastilhas e dois outros remédios. Sentou-se no vaso sanitário, tão absorvida pelo latejar em suas têmporas, que deixou-se ficar. Não ligara a luz, mas pôde reparar nas cortinas do chuveiro, de plástico colorido. Imaginou se uma namorada ou a própria mãe a teria escolhido. Não parecia alguma coisa que um homem se incomodasse em comprar.

Permaneceu sentada por um bom tempo, concentrando energias para manter as pílulas no estômago. Não saberia dizer se fizera sexo na noite anterior. Tentou recordar-se de como chegara até ali, mas não conseguiu. Nem do rosto do rapaz que a trouxera.

Tomou um longo banho quente de chuveiro, que melhorou a sensação em sua cabeça. Saiu enrolada em uma das toalhas e foi fazer um reconhecimento do apartamento. Havia uma pequena cozinha, uma sala com uma televisão, uma coleção de fitas de vídeo, e prateleiras de tijolos e tábuas de madeira quase até o teto, contendo centenas de livros.

O lugar era limpo e arrumado. Mesmo as prateleiras da cozinha, com o suprimento de latas de sopa, canecas de café e pratos, estavam limpas.

Reparou num bilhete sobre a bancada.

Tem suco de laranja na geladeira e pão para fazer torradas. O café instantâneo está no primeiro armário da esquerda. Por favor, fique à vontade.

Ela colocou um copo de água no pequeno forno de microondas e esperou que fervesse. O apartamento era na verdade bem agradável, pensou Dusty. Parecia arrumado de uma forma à qual não estava acostumada. Havia pôsteres nos dois espaços da parede que não estavam cobertos por livros. Um deles era uma fotografia de Einstein, outro, de Nietzsche.

O sofá era velho, e coberto com um velho lençol. Havia um saco de couro como poltrona. Um velho tapete cobria o centro do assoalho da sala.

Quando a água ferveu, Dusty fez para si mesma uma xícara de café forte e a levou para o quarto.

Sua saia e sua blusa estavam dobradas cuidadosamente numa pequena cadeira. Ela teria sorrido com essa tentativa de hospitalidade se a cabeça latejando não a tivesse impedido. Reparou em seus sapatos, lado a lado em baixo da cadeira, e compreendeu que precisaria logo de um novo par. Rebecca havia comprado aquele para ela numa saída para fazer compras na última viagem de primavera; agora estavam gastos.

Ela fez a cama, imaginando outra vez o que teria acontecido na noite anterior, mas sem chegar até o ponto de examinar os lençóis. Então vestiu-se e penteou os cabelos.

Preparou-se para partir. Não tinha ideia de onde era seu apartamento. Teria de encontrar o caminho de volta para o campus. Consultou rapidamente o interior da bolsa. Continha dinheiro, trazido exata-mente pára uma contingência como aquela.

Seu casaco estava pendurado no armário. Ao colocá-lo, reparou que havia uma nota no bolso. Era um mapa mostrando a localização do apartamento em relação ao

campus. Encontrava-se a apenas cinco quarteirões de casa. O relógio da cozinha marcava nove e meia da manhã. Teria tempo de parar no apartamento para apanhar os livros antes de ir para a aula.

Fez uma pausa antes de partir. Havia uma fotografia de família enfiada entre os livros de uma das prateleiras sobre a televisão. Mostrava um jovem com o braço ao redor de uma mulher mais velha, sem dúvida sua mãe. Ele tinha pele com sardas, cabelos curtos e expressão de quem estudava muito. Uma garota parecida com os outros dois estava também na fotografia. Devia ser a irmã, pensou Dusty.

O cenário seria uma fachada de casa, provavelmente pela manhã. A mãe tinha olhos tristes, a despeito do sorriso. O menino apresentava a mesma expressão, mas a irmã parecia diferente. Como o pai, talvez, que não estava à vista.

Dusty colocou outra vez o mapa no bolso do casaco. Encontrou ali uma chave que não conhecia. Segurando-a, imaginou que seria a chave da porta.

Vestindo o casaco, ela voltou-se e examinou o apartamento outra vez. Certamente era um lugar civilizado, pensou.

Ainda com a cabeça latejando, saiu. Havia uma longa escadaria, cheirando a madeira antiga e verniz. Ao final, uma bicicleta estava apoiada na parede ao lado de um carrinho de bebê.

A manhã era clara, e. Dusty piscou à luz solar. A dor aumentou, mas o ar frio provocou uma sensação de frescor no rosto.

Voltou-se para o leste e dirigiu-se para o campus. A chave estava em seu bolso.

CAPÍTULO 19

Era um dia frio e úmido de janeiro, e Damon estava em seu escritório na firma, discutindo o trabalho da semana com Bob Krieg. As coisas iam bem. O trabalho estava rendendo. O prefeito apresentara o relatório escrito por Damon na última reunião de investidores e baseara toda a sua posição na lógica apresentada ali.

— Parece que você os tem ao seu lado — comentou Bob. — Quero dizer, ao nosso lado.

Damon sorriu.

— Pode bater três vezes na madeira.

— Falei com o governador ontem. Ele ficou impressionado com a forma como as coisas caminham. Tem você em alta conta — informou Bob.

— Bem, isso é ótimo.

Damon sabia que Bob era íntimo do governador, que fora seu colega em Harvard. Se Bob dissera que o governador ficara impressionado, devia ser verdade.

— Os companheiros estão orgulhosos da forma como você está lidando com esse assunto — continuou Krieg, usando um tom mais formal, como sempre acontecia quando falava em nome de outros. — Se conseguimos avançar com esse projeto Hightower, vai ser uma medalha em nosso peito. E você é o homem que vai usá-la.

— Não posso dizer que foi fácil. Mesmo porque já lidei com gente bem mais cordata em minha carreira — respondeu Damon. — Mas gostei de encarar o desafio.

— Sabemos que não foi nada fácil para você, mas... Damon percebeu que os sócios o observavam. Fazia

seis meses desde a partida de Rebecca. As perguntas sobre a morte de Irene começaram a rarear. Ele às vezes imaginava com que frequência muitos dos sócios ou suas esposas haviam tirado suas próprias conclusões sobre a ausência de Rebecca. Sua história não poderia durar para sempre. Afinal, estavam entre advogados. Uma batida soou à porta. Tom Blackman e Evan Gaeth, dois dos sócios, olharam para o interior com expressão ansiosa.

— O santuário... — murmurou Tom, respeitosamente. — O que vocês dois estão tramando aí dentro?

— Estamos só conversando um pouco sobre o Hightower. Querem participar? — convidou Bob, olhando para o dono da sala.

— Por favor, entrem! Vamos tomar alguma coisa? — perguntou Damon, em tom hospitaleiro.

Tom e Evans aceitaram. Algo dizia a Damon que os sócios estavam ali em visita oficial. Vinham parabenizá-lo por seus esforços no projeto Hightower, e pelos últimos resultados.

Nada daquilo era inesperado. Bob Krieg era o sócio mais próximo a Damon, de forma que desempenhava o dubio papel de confidente sobre o Hightower e de

repórter para os outros sobre os progressos conseguidos. Evan e Tom eram os sócios mais velhos.

Conversaram por alguns minutos, Damon incluindo detalhes precisos sobre o trabalho das duas últimas semanas. Aquela não era a primeira visita daquele tipo. Os outros vinham pelo menos duas vezes por mês para se atualizarem. Ele percebeu, com isso, que o projeto Hightower era mais importante para a firma do que qualquer dos sócios admitiria abertamente. O negócio envolvia um significativo faturamento naturalmente, e os lucros da firma nos últimos dois anos não vinham sendo tão satisfatórios quanto poderiam. Contudo, devia existir outro motivo além de dinheiro. Damon não tinha certeza sobre o que era.

— Bem, por que não continuamos essa conversa no Grill? Estou morrendo de fome — sugeriu Tom.

Ouviram um murmúrio de aprovação. Aquilo significava que a reunião iria continuar jantar afora, pensou Damon. Ou iriam fazer um interrogatório mais completo do que de hábito, ou um deles queria dizer alguma coisa. Ressentiu-se daquela intrusão em sua agenda, mas também estava querendo a realização da conversa. Orgulhava-se de sua capacidade em perceber os pensamentos de seus sócios. Por vinte anos estivera um passo adiante deles, compreendendo-os sempre melhor do que era compreendido.

— Ótima ideia. Deixe-me só avisar Nancy — disse Damon.

O telefone tocou no instante em que se levantou. Sentou-se outra vez para atender.

— Damon Lowell.

— Damon? Está sozinho? — indagou do outro lado uma voz familiar.

— Ah, como está? Que bom falar com você outra vez — respondeu ele, em tom profissional.

Era Ashley. Damon fora apanhado de surpresa. Onde estaria Nancy?

— Damon, quero transar.

Ele pensou rápido. Não via Ashley desde terça feira.

Ela deveria passar o fim de semana fora. Damon conformara-se em não se encontrar com ela até a semana seguinte. Mas algo deveria ter alterado os planos dela. Sentiu o desejo se insinuar em seu corpo enquanto fazia um sinal para que os sócios aguardassem um instante.

— Bem, como vão as coisas? Já acabou o trabalho? — disse ele ao aparelho.

Ashley não respondeu. Entendera que ele não estava em situação de falar livremente.

— Ótimo. Maravilhoso.

Bob o observava. Os outros trocavam frases rápidas, com Evan inclinando-se na direção de Tom. Damon ainda podia escutar a obscenidade dos lábios de Ashley. De repente, o rosto de seus colegas lhe pareceu velho. Não apenas em comparação ao frescor da garota atrevida do outro lado da linha, mas num sentido abrangente. Conhecia aqueles homens tão bem quanto conhecia a poeira na superfície de sua escrivaninha, como o couro da poltrona. Não havia surpresa ali para ele; nem em seu

trabalho. Era como um chapéu usado, um ritual aprimorado até perder todo o sentido, por anos de repetição. Mas Ashley era nova, ainda.

— Damon? Não pode conversar?

Foi a sua vez de permanecer em silêncio. Assentiu, com um murmúrio.

— Damon... quero você. Agora.

A sensação de calor aumentou. Ela brincava com seu embaraço perante os outros.

— Quando for necessário. Com certeza.

— Estarei lá em meia hora, Damon.

— Muito bem. Combinado.

— Está duro? Ficou duro? — perguntou a garota, do outro lado, em tom brincalhão e orgulhoso. — Deixei-o com tesão?

Damon desligou. Os outros estavam olhando para ele.

— Ela está nervosa — explicou ele, sorrindo. — Acabou de receber a resposta de um concorrente. Vamos fazer uma coisa, eu os alcanço depois. Preciso dar uma passada lá.

— Para falar com quem? — quis saber Tom.

— É só alguém da equipe do Herzog — mentiu Damon, usando o nome de um cliente recente. — Não vai demorar nada. Estarei com vocês em pouco mais de meia hora.

Ele observou os sócios saindo de sua sala. Em vinte minutos, dependendo do trânsito, estaria nu com Ashley em seu apartamento. Mal podia esperar. O erotismo na voz dela acendera um fogo no interior dele.

Era uma e meia em Grace Island. Tony Delafield estava chegando em casa ao final de mais um dia de trabalho.

Era o final de sua primeira semana inteira de volta ao trabalho. Fizera direito sua pesquisa, levando alguns dos arquivos para casa nas férias e trabalhando bastante na última semana. Sabia que ele impressionava seus superiores com a vontade de trabalhar e com sua inteligência. Era um começo lento, claro, e não seria tão fácil como a carreira de advogado que planejara em casa, mas ele faria com que funcionasse.

Sentia uma nova energia, um novo tipo de felicidade. Parecia a ele que ao retornar dos feriados para um novo ano, ele e Rebecca haviam terminado o trabalho de base no alicerce da vida de ambos juntos. Fora um longo outono, cheio de confusão e às vezes de sentimentos dolorosos. Porém o amor de ambos superara o desafio.

Agora celebravam o Natal, haviam dado os presentes um ao outro e saído para comemorar os feriados, como qualquer casal normal. Era a véspera do Ano Novo, e aquele era o mundo real. O amor deles provara ser real. De agora em diante só poderia aumentar.

A medida que caminhava rapidamente através das ruas cheias de neveiro, Tony media seu vigor da juventude contra outra emoção mais complexa.

Em Cally Mountain ele se sentira próximo a Rebecca de uma forma nova e poderosa. Não tinha certeza por quê. Quando a encontrara pela primeira vez e ficara

apaixonado, fora o mistério, acima dos outros, o fator que o atraía a princípio. Ele se entregara sem um segundo pensamento, como se estivesse sem medo de perder a própria personalidade no amor.

Ele percebia que havia alguma coisa grata, quase pia, na forma como ela manipulava seu corpo, sentindo-a envolvê-lo e confortá-lo. Era como se o calor dela fosse um dique, atrás do qual a crueldade do mundo era mantida sob controle.

Seu orgulho teria ficado magoado por esta dependência, não fosse a delícia única de se entregar quando ela o abraçava. Não fosse saber que quando faziam amor ele pertencia a ela assim como ela pertencia a ele. Abria um verdadeiro mundo novo de sentimentos para ele.

Ele se preocupava que estivesse sobrecarregando-a com a enormidade de sua própria necessidade, mas não conseguia evitar. A necessidade era grande demais, e a rendição, doce.

Tentava esconder as novas emoções atrás de carícias seguras, atrás de um domínio físico nascido da nova experiência sexual. E de fato, às vezes se poderia dizer que ele tocava o corpo dela como um instrumento precioso. Conhecia as vulnerabilidades, as vontades e os caprichos, além das próprias necessidades. Mas não era senhor dela.

Lembrou-se do livro de Proust que ela recomendara a ele em outubro. Era uma história de amor obsessivo. Quando o homem, Swann, permitira que o amor pela mulher cravasse as garras nele, chegara um instante antes que pudesse voltar, quando nem mesmo o cinismo e a vasta experiência com as mulheres podiam mais ajudar. Seu amor, como diria um médico-cirurgião, havia se tornado "inoperável". Era assim que Tony se sentia sobre o próprio amor. Tratava-se de um sentimento assustador, que gostaria de ocultar de Rebecca. Ainda assim o enchia de um orgulho secreto, como se tivesse passado por uma espécie de iniciação religiosa.

Estava a um quarteirão do Royal quando viu Rebecca saindo do táxi, ajudada por Sam Bittman.

O nevoeiro continuava espesso, mas ele conseguia discernir as formas sob a iluminação da entrada do hotel. Bittman segurava o braço de Rebecca, curvando-se em seguida, numa postura cortês. Enquanto esperava, pagou o motorista. Seu casaco estava sob o braço, e ele usava óculos. Rebecca sorria ao observá-lo. Ao voltar-se para ela o homem disse alguma coisa, e ela riu.

Tony diminuiu seus passos de forma a não cruzar com eles na porta. Permaneceram conversando por um instante na calçada, e Bittman colocou a palma da mão para cima. Rebecca usava o casaco de lã que ela comprara no último outono. Seus olhos seguiram os de Bittman na direção do céu, que como sempre parecia começar antes do final dos arranha céus. Naquele instante Tony pensou ter visto uma expressão de alegria nos olhos dela... uma que nunca vira quando ela estava com ele.

Bittman fez um gesto com a mão, como a dizer: "Naturalmente que está chovendo. Sempre chove aqui." Caminharam para o hotel, parecendo felizes e naturais juntos. O braço de Bittman curvou-se, como se pretendesse passar por sobre o ombro de Rebecca. Não o fez.

Tony girou nos calcanhares e caminhou ao redor do quarteirão antes de entrar no hotel.

As novidades em Nova York naquela noite seriam sobre a chuva gelada, que caía inesperadamente durante a tarde. Os carros estavam derrapando e batendo uns nos outros como num parque de diversões. As lâmpadas e sinais luminosos já estavam cobertos de gelo. Cabos telefônicos começavam a cair, nos bairros periféricos.

O táxi que conduzia Damon não o levaria até Ashley. O crepúsculo caía sobre o trânsito caótico, repleto de policiais zangados e pedestres imprudentes. Ele pagou ao motorista e percorreu os últimos cinco quarteirões à pé. Seus sapatos de couro italiano não eram um equipamento adequado para essas condições extremas, e ele quase caiu várias vezes.

As ruas do Village não estavam nem um pouco melhores, mas Dusty estava usando botas forradas de pêlo de carneiro com solas de borracha, que Rebecca comprara para ela, no inverno anterior. Ali estava ela, capaz de caminhar pela neve sem perigo de escorregar.

Levara a mochila com livros no ombro, além de uma pequena bolsa. Tinha terminado sua semana na escola, com aulas sobre reportagem externa. Tinha bastante tempo para estudar, pois o novo semestre apenas começara e nenhum dos trabalhos seria exigido para breve.

O final de semana estava à sua frente, vazio e sinistro. Ninguém telefonara para ela durante a semana, portanto se ela quisesse marcar um encontro teria de dar o primeiro passo. Queria fazer sexo, mas não gostava da ideia de telefonar. Ironicamente, mesmo depois de tudo pelo que passara, Dusty mantinha certos preconceitos de dama antiga. Uma coisa era tornar-se disponível e sofrer as consequências, outra bem diferente era perseguir homens.

Ela caminhou ao longo da East Fourth Street até a praça Washington Sul, e passou pelo parque na direção do oeste do Village. Passou pela biblioteca e pelo centro de estudantes, depois olhou para o parque, onde foi brindada com uma visão de traficantes e drogados escorregando no cimento enquanto tentavam fazer negócio. Uma pessoa desequilibrada tentou segurar o casaco do primeiro passante, para não cair.

Em mais duas horas o parque seria fechado; era perigoso demais durante a noite, portanto a cidade resolvera fechá-lo. Vários homens chamaram por Dusty, mas ela manteve a expressão e a postura firmes que em Nova York significavam que não se metessem com ela. Escurecia cada vez mais rápido; reflexos das luzes das ruas e das propagandas em néon brilhavam com falsa definição nas ruas negras. Um letreiro de posto de gasolina na sarjeta adicionava uma nota de graça à impressão de ansiedade nítida no ar.

Pensara em telefonar para Cari ou Chris, logo que voltasse para casa. "Está fazendo alguma coisa hoje?" ou então: "O que podemos fazer hoje?" Ensaiaava seu discurso e cerrava os dentes, aguardando a resposta do outro lado.

Seria feio, mas precisava ser feito. Não podia passar o final de semana sozinha. Poderia fazer qualquer outra coisa, mas não aquilo.

Passou pela rua Sullivan e virara à direita na MacDougal. Agora se afastava de casa. Parecia não ter vontade de fazer meia-volta. A sacola de livros estava pesada, mas ela continuava andando. De alguma forma a calçada escorregadia tornava ainda mais difícil renunciar à sua caminhada e retornar pelo caminho que viera.

Virou por uma rua que só vira uma vez antes.

Os prédios pareciam completamente estranhos naquela escuridão. Parou num deles, olhando os degraus. Enfiou a mão no bolso para sentir a chave que deixara ali.

Subiu os degraus e examinou o nome nas caixas de correio, através do vidro. Não conseguiu enxergar nomes, portanto retirou a chave do bolso e entrou.

Examinou outra vez o nome dos moradores, agora num quadro de avisos. Não os reconheceu, mas não se deu por vencida. Sabia aonde ir. Abriu a porta interior e subiu a escada. O apartamento que procurava ficava no primeiro andar, à esquerda. Parou em frente à porta, escutando atentamente o interior. Aquilo era loucura, pensou. Não sabia por que viera até ali. Era hora de voltar.

Bateu à porta. Ninguém atendeu. Enfiou a chave na fechadura e abriu a porta. Entrou com rapidez.

As prateleiras eram as mesmas. As fotografias de família, enfiadas entre os alfarrábios, ainda mostravam um jovem com o braço sobre o ombro da mãe. Havia ainda a irmã, parecida com ele. A impressão que transmitiam é que o tempo estava ao lado deles.

Dusty retirou o casaco, pendurou-o no armário onde ele ficara da última vez e sentou-se para esperar.

Damon não conseguiu chegar ao jantar com os sócios. Ligou para o restaurante, dizendo que seu cliente precisava de uma palavra de apoio e aconselhamento, que iria levar algum tempo.

Ele mesmo não tinha comido coisa alguma até antes de fazer amor com Ashley três vezes. Ela o estivera esperando, nua, em seu apartamento quando ele chegou, as pernas longas misturadas aos lençóis, os seios jovens e rijos apertados entre os braços.

— Então, você teve uma ereção, ou não?

Ele estava ocupado demais retirando as próprias roupas para responder. No instante seguinte estava sobre ela, beijando-a com sofreguidão enquanto as mãos a buscavam com ansiedade.

Não pensava mais nos sócios. Não enquanto ela lhe dava tanto prazer. Conversaria com eles na segunda-feira. Além do mais, nada que do que eles tivessem para dizer sobre o Hightower poderia ser novidade para ele.

CAPÍTULO 20

Tony e Rebecca estavam sentados em um novo restaurante que haviam encontrado na parte norte da cidade. Tratava-se de um lugar sofisticado, com um chef eclético, que misturava sabores orientais e do Oriente Médio em seus pratos franceses clássicos. Era um pouco caro para o orçamento deles, porém comemoravam o aniversário de Tony, e Rebecca insistira em abusar um pouco.

— Meus parabéns. E muitos anos de vida — desejou ela, sorrindo e tocando sua taça de champanhe na dele.

Rebecca refletiu, com certa satisfação, que ele tinha quase a metade da idade dela. Ainda assim, quanto mais velho ele ficasse, logo teria mais da metade o intervalo entre as idades iria diminuir. Só esse fato já tornava a comemoração do aniversário dele uma data alegre para ela.

— Na verdade não é meu aniversário que importa — disse ele.

— Como assim?

— Estou vivendo para o dia cinco de agosto — disse ele, tomando-lhe a mão.

— Ah...

Esse era o dia do aniversário de um ano da "fuga" deles.

— Isso sem mencionar onze de julho — insistiu ele.

— E que data seria essa?

— Foi a primeira vez que coloquei os olhos em você. Ela retribuiu o sorriso. Ficava emocionada com a

intensidade da paixão que ele nutria por ela. Nas últimas semanas, à medida que as coisas entre eles se tornavam mais difíceis, esse ponto assumira maior importância.

— Você é tão jovem para estar apaixonado — afirmou ela, sem medir o peso de suas palavras. — Não vai durar. Você vai me esquecer em pouco tempo.

— Não conte com isso — respondeu Tony, apertando-a. Rebecca riu.

— O sr. Bittman estava me contando na semana passada que a filha dele tem um namorado novo. Disse que logo agora quando ele começava a se acostumar com o anterior...

Percebeu um olhar sério e diferente nos olhos dele e arrependeu-se imediatamente. Era tarde demais... Tony estava deixando seu autocontrole se abalar, inclinando-se na cadeira. Ela teve vontade de dizer que sentia muito, mas parecia absurdo pedir desculpas por falar no amigo.

Deu um gole em sua taça de champanhe e olhou para os dedos de Tony, que apesar da raiva que sentia, seguravam a taça com uma delicadeza instintiva. Os dedos de um artista, pensou ela. Longos e sensíveis, para um jovem tão rígido e cheio de vontade!

— Você está sendo tolo outra vez — contemporizou ela.

— Não do meu ponto de vista — respondeu ele, lúgubre.

Rebecca sacudiu a cabeça, sentindo as faces se avermelharem.

— Tony, não podemos continuar discutindo dessa forma sobre uma coisa que não é importante.

— Como assim, não é importante? Não tenho tanta certeza.

— Não podia ser mais vazio!

Rebecca olhou para os lados, pois aumentara seu tom de voz.

Em sua mente, a verdade era óbvia. Sua única ligação com Sam Bittman era o fato de ambos possuírem filhas da mesma idade, estudantes; mesmo isso era atenuado pelo fato de que cada palavra que dizia precisava ser medida e avaliada, e acabava saindo como meia-verdade.

— Se não fosse por Dusty.... — começou ela, interrompendo-se.

— O que quer dizer com isso?

— O único motivo pelo qual o sr. Bittman demonstrou interesse em mim foi porque precisa de apoio moral sobre sua filha. Ele se preocupa com ela, e me enxerga como uma mãe que sabe lidar com garotas. Com a própria esposa morta, ele está passando maus momentos.

A verdade é que existia outro traço de perda comum com Sam Bittman e quando estava com ele permitia-se saborear a fantasia de que Dusty ainda era real e fazia parte de sua vida. Mas não podia admitir isso para Tony.

— Está se vendendo barato — disse Tony, sorrindo com ironia.

— O que você quer dizer com isso?

— Que essa é a desculpa dele, claro. Que ele tem muito mais em mente do que a filha.

Rebecca conseguiu sorrir.

— Meu amante impulsivo... se eu não conhecesse você melhor, iria ficar com medo que desafiasse Sam Bittman para um duelo.

— Se isso nos livrasse dele, eu não me importaria — declarou ele, pensativo.

— Assim você me lisonjeia.

— Isso não tem nada a ver com elogios — disse Tony.

Mais uma vez, Rebecca sentiu-se dividida entre o papel de mãe segura para acalmar os repentes do amante, e, ironicamente, o papel de prisioneira, alguém cujos pensamentos secretos e impulsos eram objeto de investigação para ele. E a maior ironia era que o jovem e belo Tony tinha ciúme dos homens mais velhos, de aparência comum. Na verdade, Tony parecia ainda mais irritado pelo fato de que Sam era mais velho. A falta de apelo sexual era, de alguma forma, o ponto central das suspeitas de Tony.

Existia certa verdade distorcida por trás daquilo. Sam era do tipo doméstico, não-agressivo, alguém que representava o lar que Rebecca perdera quando fugira com Tony. Foi tomada por uma espécie de nostalgia, mais ainda porque a personalidade dele era prática e devia ser bom pai. Fazia um termo de comparação fraco em relação a Damon, remoto e maquiavélico. Era possível ler as emoções de Sam na expressão dele. Rebecca sentia que podia ser ela mesma quando estava com ele, que podia ser espontânea... o que não era mais o caso com Tony.

O ciúme de Tony o privara do maior dos atrativos: sua habilidade de envolvê-la, de ser forte, na verdade compreensivo e sedutor, como fora na praia em Long Island quando dera a impressão de ler a mente dela, saber tudo o que ela desejava.

Agora era necessário reafirmar tudo constantemente. Teimoso como uma criança, ele a monitorava emocionalmente, sobressaltado à qualquer menção de Sam

até que, a despeito de si mesma, ela acabava falando nele de formas inocentes que instantaneamente pareciam provocações.

O papel de enfermeira não agradava a Rebecca. Não era por isso que ela sacrificara tudo. Não apenas ele introduziu um elemento indesejável no conflito de seu relacionamento, mas também uma nota de monotonia.

Rebecca olhou para o belo rosto de seu amante. A garrafa de champanhe repousava no balde com gelo entre os dois, um emblema da comemoração, mais uma vez empanada pela discussão.

— Tony, precisamos parar com isso. Está ficando ridículo e começando a sair fora de controle.

Ele inclinou-se para frente, intencionalmente.

— Quer terminar com tudo isso?

Por um instante, Rebecca não entendeu. Uma visão de liberdade e solidão cruzou sua mente.

— Como assim?

— Case-se comigo, Rebecca — pediu ele, tomando-lhe ambas as mãos. — Agora. Você não tem motivo algum para esperar. Isso é que está causando os problemas. Consiga o divórcio. Vamos nos casar nessa primavera. Depois tudo se resolverá.

Rebecca considerou com cuidado aquelas palavras. Na verdade, estivera protelando. Dissera para ele que suas preocupações com Dusty estavam adiando o divórcio com Damon. Não estava pronta para cortar os laços até que tivesse meios de fazer as pazes com a filha. Até então, Dusty não respondera a nenhuma de suas cartas. E não tinha coragem de entrar em contato com Damon em seu esforço para aproximar-se de Dusty.

Perguntou-se se havia verdade na ideia de que sua relutância em obter o divórcio era causada pelo comportamento recente de Tony. Parte dela tinha vontade de fazer o que ele propusera, casar-se imediatamente de forma a terminar com a falsidade de sua posição. Contudo, outra parte dela protelava, preocupada com Tony e o recente conflito na relação deles. Precisava sentir-se mais à vontade com ele antes de dar um passo definitivo. No ano que passaram juntos, sentira-se mais exilada com ele do que sozinha.

— Dê-me um pouco mais de tempo — pediu ela, segurando-lhe as mãos.

— Tempo... — repetiu ele, com amargura, como se falasse de um velho inimigo.

Rebecca não pôde deixar de admirar a premonição dele. De fato, o tempo não se encontrava ao lado deles, como ela certa vez imaginara.

CAPÍTULO 21

Damon Lowell estava deitado no meio da cama que partilhara com Rebecca por vinte e três anos.

Ashley estava sobre ele, os ombros atirados para trás, a ponta dos dedos apertadas contra o peito dele, ambos a ponto de atingirem novo clímax.

— Meu bem... agora, meu bem! Vai!

Ela sempre repetia essas pequenas obscenidades, que vinham cada vez mais rápido, à medida que o orgasmo se aproximava. Isso nunca deixara de excitar Damon no início e continuava tendo um efeito infalível.

Sentiu que um orgasmo começava. Agarrou com força os quadris da amante.

— Isso! — gritou ela, debruçando-se sobre Damon, os cabelos caídos sobre seu rosto.

Ele arqueara o corpo para penetrar melhor, mantendo-a naquela posição. Lembrava-se nitidamente de ter deslocado as costas na mesma posição, cerca de dez anos antes, provavelmente com Alison.

A garota suspirou e estremeceu por um longo tempo. Quando por fim encolheu-se contrarie, Damon ficou orgulhoso.

Depois de algum tempo ela acendeu um cigarro, embora ele já houvesse censurado aquele hábito, mas ela alegara que todos no escritório fumavam também, e recostou-se contra os travesseiros. Damon descansou o rosto contra o corpo macio dela. Escutou o ruído quase imperceptível do cigarro batendo contra o cinzeiro.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Você estava ótimo.

— Você também — respondeu ele, sentindo a pele perfumada com a fragrância que ele lhe dera de presente.

Permaneceram em silêncio por vários minutos. Ela terminou seu cigarro e acendeu outro.

— Conte-me sobre sua esposa.

Damon recostou a cabeça no travesseiro, os olhos perdidos no teto.

— Outra vez? O que acha que existe para contar? Depois de tanto tempo de convivência, Ashley já aprendemos fatos básicos da existência dele, ou pelo menos os que Damon não conseguira evitar. Sabia que ele tinha uma filha, pois muitas vezes precisava sair ou atrasar a entrada no apartamento dele, dependendo da visita de Dusty. Algumas vezes estivera presente quando a filha ligara. Também sabia, mesmo porque era do conhecimento público, de seu longo relacionamento com Alison Shore. Ele desconfiava de que, às vezes, Ashley se perguntava se tudo terminara realmente.

Porém a maior parte do tempo ela estava curiosa sobre Rebecca. Vira o rosto de Rebecca nas fotografias de família espalhadas pelo apartamento. Damon não os removera, em parte por preguiça, em parte porque ainda acreditava no retorno dela. Vira a mobília, os enfeites que Rebecca escolhera. Tudo enfim, no apartamento, desde as pinturas até a cerâmica, revelava um pouco do gosto de Rebecca. Ashley vira também as roupas, pois o armário de Rebecca era separado do de Damon, e a esposa deixara tudo ali. Damon, claro, não as havia removido.

Ashley sempre fora curiosa sobre a vida particular de Damon, as forças que os mantinha juntos e os estresses que se dissolviam. Até então procurara manter sob

controle suas perguntas. Mas sua intimidade sexual com Damon a tornara mais ousada e aguçara seu interesse.

— Por que vocês terminaram?

— Esqueça esse assunto — recomendara ele, acariciando-lhe o mamilo rígido. —

Esse assunto já passou. Não importa.

— Não, eu estou interessada.

— Por quê? — quis saber ele, encarando-a.

— Porque é parte de você. Qualquer coisa que faça parte de você me interessa.

Esse discurso aborrecia Damon. Ele não levava Ashley a sério o suficiente para explicar-lhe as coisas, como fizera com Alison. Aquela era uma experiência que ele preferia não repetir... pelo menos por enquanto. Não desejava laços emocionais com mulher nenhuma. Só levavam a brigas e discussões.

Porém Ashley, tão intensa em sua sexualidade, era intensa da mesma forma em sua vida emocional. Ele não imaginara aquilo, porém agora não podia negar o fato, tratava-se de uma barganha que precisava aceitar se pretendesse continuar com ela. Ashley tornara-se ligada a ele de uma forma que Damon ainda não decifrara completamente. Agora essa súbita curiosidade...

Apesar de tudo, a pergunta dela parecia uma invasão de privacidade. Damon permaneceu em silêncio.

Ela endireitou a coluna, sentando-se ereta.

— Ouvi dizer que ela o deixou.

— Quem disse isso? — indagou Damon, um brilho ameaçador no olhar.

A garota deu de ombros.

— Dizem por aí. Foi uma garota no escritório que me contou.

— Maldição! Essa cidade me enoja. Um sujeito não pode ir ao banheiro sem que todos comentem na assembléia.

Um silêncio seguiu a explosão de Damon.

— Como é? Deixou ou não deixou? — insistiu a garota, apagando o cigarro.

Damon fez uma careta, observando-a enquanto ela sorvia todo o conhaque da taça.

— Não acho que isso seja da sua conta.

— Oh, Damon. Só me conte essa coisinha. Quero dizer é uma coisa básica para uma mulher — pediu ela, com voz de gata chorosa. — Tenho o direito de saber certas coisas, não tenho?

Damon segurou-lhe a mão. Não gostaria de perdê-la. Era uma boa companhia na noite. Estava preenchendo um espaço importante em sua vida. Porém nada era mais doloroso do que ter de falar em Rebecca.

— Talvez. Mas no momento ainda é uma coisa dolorosa para mim, você entende? Talvez depois...

— Escutei uma história engraçada... — começou ela, com hesitação orçada.

— Qual?

— Bem, que ela deixou você por alguém muito mais novo — disse Ashley, baixando a voz. — Quase um menino, na verdade.

Damon sentiu uma onda de irritação.

— O quê? Quem contou isso para você?

— É como eu disse antes. O pessoal comenta por aí. É isso o que eles dizem.

O tom dela não era tão respeitoso quanto ele apreciaria. Para dizer a verdade, havia uma nota de desafio ali.

Damon levantou-se da cama e olhou-a de cima para baixo.

— Agora quero que vá embora.

Ela sentou-se, sem deixar de encará-lo. As mãos estavam cruzadas à altura do joelho, os seios jovens aparecendo entre os braços. Damon podia distinguir o contorno das coxas abaixo dos lençóis. A beleza só teve o poder de aumentar sua raiva.

— O que e.u disse de. errado?

— Esqueça. Vamos dar a noite por encerrada, está bem? Tenho um longo dia pela frente amanhã.

Ela não se moveu.

— Por que você não pede o divórcio?

A curiosidade da garota parecia não ter limites.

— Ashley, esse assunto não é da sua conta. Estou pedindo que você saia.agora, esta noite. Talvez a gente possa conversar sobre esses assuntos um outro dia. No momento, preciso dormir.

— Pensei que eu fosse passar a noite aqui.

Ele inspirou profundamente. Reparou que as próprias mãos estavam tremendo. Detestava o fato de que suas emoções ficassem expostas à curiosidade de uma pessoa tão imatura.

— Por favor, Ashley, não estou com vontade de discutir agora.

De repente ela se deixou cair no travesseiro, os braços acima da cabeça. Seu corpo deslizou profundamente sob os lençóis.

— E se eu não quiser ir embora? — perguntou ela, em tom de desafio. — E se quiser brincar mais?

— Chega de brincar esta noite — disse Damon, tremendo. — Tenho um dia ocupado amanhã.

Ela franziu a testa. Estava à beira de fazer um escândalo. Não gostava de ser dispensada. Mais ainda, sabia que fora a curiosidade sobre Rebecca que o provocara. Estava tentada a pressionar o assunto ao invés de obedecer-lhe. Ele pressentiu perigo.

Por fim Ashley reclamou.

— Está bem. Mas você é um chato. Damon mal conteve um suspiro de alívio.

— É verdade, sou um chato.

Ela se vestiu rápido. Damon ficou observando os pêlos sumirem sob a calcinha de rendas, coberta em seguida pelo jeans. Como ela era bonita, pensou ele. Era preciso saber o que aquelas coxas eram capazes de fazer antes de apreciar seu verdadeiro valor. O mesmo era verdadeiro para todo o resto. O corpo de Ashley era como um grande cofre de segredos suaves. As vezes ele imaginava que mesmo quando a penetrava, não tinha a chave desses segredos. Debatia-se na penumbra da própria frivolidade.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Quando ela vestiu o suéter e colocou o casaco sob o braço, veio até ele. Damon permanecia nu, deitado na cama: Ele estivera absorvido demais em observá-la pára colocar um robe.

Ela agachou-se no assoalho, e colocou a mão sobre a perna dele.

— Rebecca fez mal a você. Eu jamais faria isso, Damon. Nem em um milhão de anos — disse ela, com expressão séria.

Os olhos expressavam inocência e compromisso.

— Sei disso — disse ele.

Tentou fazer sua voz soar tão sincera quanto a dela, embora presumisse que ambos estivessem mentindo.

— Você ainda descobrirá ___ disse ela, aproximando o rosto do dele — que sou de verdade.

Depois de falar, beijou-o profundamente, a ponta da língua acariciando o contorno dos lábios, produzindo arrepios pelo corpo de Damon. A mão tocou-o no ponto mais sensível.

— Lembre-se disso — sussurrou ela, erguendo-se. Damon colocou o roupão e acompanhou-a até a porta, depois ficou ali, esperando o elevador, assim como fizera com Dusty várias vezes. Ashley manteve o olhar nele até que as portas se abriram. Caminhou para o interior com o andar cheio de juventude.

Damon suspirou e meneou a cabeça enquanto fechava a porta do- apartamento. Alguns momentos mais tarde estava entre os lençóis outra vez, dormindo do lado da cama que pertencera a Rebecca.

CAPÍTULO 22

O nome dele era Cameron Burch. Estudante formado em química.

Dusty descobriu isso no dia em que utilizara a chave do apartamento que ele lhe dera. Ele voltara tarde de uma das aulas de laboratório que ministrava e encontrara-a acomodada no sofá.

Teve lugar uma breve conversa durante a qual ele falou sobre si mesmo, e Dusty tentou lembrar o rosto dele da primeira vez em que se encontraram. Agradeceu por ele deixar que dormisse em sua cama. Em resposta a isso, Cameron confirmara que não fizeram amor. Ela ofereceu-se para pagar aquela dívida ali mesmo, mas ele recusou.

Intrigada, ela perguntou por que ele a trouxera para casa.

— Você estava completamente drogada e me pareceu um tanto solitária. Eu achei que você precisava de um lugar seguro para passar a noite, porque ficava dizendo que não queria voltar para casa.

— É mesmo? — Dusty não se recordava disso. — E por que deixou a chave para mim?

Ele pensou por um instante, voltando os olhos para as persianas, depois para ela.

— Gostei de você. Queria lhe dar uma chance para me conhecer. Mas não naquele contexto.

Não naquele contexto. Ele parecia ter pensamentos ponderados, pensou ela.

— Eu não sabia se você iria voltar — declarou ele, depois de sorrir. — Estou contente que tenha voltado.

Dusty não respondeu. Olhou para a pequena árvore de Natal artificial sobre a mesa ao lado da televisão.

— Não acha um pouco tarde para isso?

— É verdade. É que fui para a casa de meus pais nos feriados e tive muito trabalho antes de viajar. Quer me ajudar a desmontar?

Ela o ajudou a remover a pequena coleção de enfeites que encaixaram na cartolina em que haviam sido vendidos. O mesmo ocorreu com as luzes.

— O que você ganhou de Natal? — indagou ela, de repente.

— Nada de mais. Praticamente só roupas. Minha mãe gosta de suéteres; acho que pensa que não sou esperto o bastante para me manter aquecido.

Ele usava um suéter com «aparência de novo.

— Foi um dos presentes? — quis saber Dusty. Havia algo de mórbido em sua curiosidade, algo

que não poderia mencionar.

— Foi.

Ela estava próxima o suficiente dele para tocar o tecido felpudo, macio e suave.

Ele estava curvando os galhos e removendo a peça de sustentação.

— Por que não segura a caixa de papelão para mim, para que eu guarde a árvore? — perguntou, ele.

Dusty estendeu a caixa estreita, reparando na etiqueta *Made in Sri Lanka* enquanto o ajudava. Depois sentou-se e observou enquanto ele levou todas as caixas para o quarto. Um instante mais tarde Cameron voltava, parecendo triste.

— Agora tenho de esperar até o ano que vem — disse ele.

— Até o ano que vem.

— Detesto quando acaba o Natal — declarou ele, com as mãos na cintura. — É a minha época favorita do ano.

Uma breve hesitação.

— Para mim, também.

Ele a encarava. Dusty estava sentada sobre as pernas. A cabeça inclinava-se ligeiramente, conferindo-lhe um ar pensativo e frágil.

— Bem...

— Bem... — ecoou ela, sorrindo ao olhar outra vez para ele.

Dias depois, Dusty passou a morar com Cameron.

Trouxe os livros e o computador de seu apartamento e os colocou no quarto de Cameron. Ele levou algumas coisas para a sala, e fez outra escrivaninha com tijolos e uma tábua larga que comprou para essa finalidade.

Eles se revezaram para cozinhar nas primeiras duas semanas, depois começaram a cozinhar juntos. Dusty lembrou-se de algumas das coisas que Rebecca ensinara sobre cozinha e aprendeu mais com o livro *A Alegria de Cozinhar*, que Cameron mantinha na estante.

Depois dos primeiros dias, Cameron começou a dormir com Dusty. Ele não a tocava, mas ela se descobria encolhida contra ele como um bebê. Muitas vezes acordava com o braço dele ao redor dela e passava alguns instantes observando o rosto do companheiro adormecido. Era um rosto suave e triste à luz das primeiras horas da manhã, ainda que as sardas lhe conferissem um ar infantil. A personalidade parecia dividida entre uma atenção fria ao trabalho e algo infantil do qual desistira ao longo do tempo.

Ela começou a trazer mais e mais roupas. Havia um bocado de espaço no armário, pois ele possuía poucas coisas. Dusty levou os animais empalhados, inclusive a girafa que a mãe lhe dera quando se formara no ginásio.

Enquanto cozinham, conversavam. Ela ficou sabendo como fora a vida de Cameron, seus primeiros anos em Illinois, a mudança da família para o estado de Nova York, a faculdade em Buffalo e sua decisão de tornar-se professor. Os pais eram divorciados. Seu pai era um psicólogo que trabalhava numa clínica em New Haven.

Cameron perguntara sobre ela, mas limitara as perguntas aos assuntos estudantis e profissionais. Depois de algum tempo, ela mesma forneceu informações sobre seu pai, sobre a mãe e a parte da família em Boston. Contou a ele sobre a separação, mas permaneceu longe da história verdadeira sobre Tony e sua mãe. Foi fácil. Cameron parecia curioso apenas com o que ela desejasse contar. Não a pressionava com perguntas.

As conversas não eram tão longas quanto poderiam, porque Cameron precisava fazer pesquisas demoradas no laboratório e além disso precisava preparar aulas. Geralmente ainda estava trabalhando quando ela ia dormir. Dusty gostava de escutar o ruído do teclado na sala ao lado enquanto se deixava adormecer.

Nos finais de semana ambos saíam para longos passeios. Nenhum dos dois falava muito. Ele a levava ao cinema. Certa vez segurou-lhe a mão na sala escura. Ela olhou para os dedos entrelaçados e depois para a tela.

Parou sua vida sexual intensa. Dera o número de telefone de Cameron para Brit em caso de seu pai telefonar, mas não retornara ao apartamento das amigas. Brit lhe passava os recados dos rapazes que tinham o número anterior, mas Dusty jamais ligou para nenhum deles.

Saía do apartamento apenas para ir às aulas; voltava para estudar. Escutava os discos de Cameron, durante a tarde. Era uma pequena coleção de disparates, que reunia um pouco de jazz, um pouco de música folclórica e uma caixa com o casamento de Fígaro. Dusty ouviu a todos, saboreando até mesmo os riscos e defeitos, como se fosse viciada em música de vinil.

Não contou a Brit sobre a vida com Cameron. Nas duas ocasiões em que esteve com Brit percebeu que a amiga imaginava que ela estivesse morando com um dos rapazes com os quais dormia anteriormente. Brit parecia preocupada. Dusty não adiantou nenhuma informação. Parecia muito importante manter Cameron afastado de sua vida anterior. Isso incluía as colegas de quarto e amigas, assim como seu pai.

Via Damon com a mesma frequência. Ele parecia satisfeito com a aparência dela.

— Você ganhou um pouco de peso — comentou o pai.

Dusty não respondeu.

— Eu disse isso como um elogio. Você estava um pouco magra, antes.

— Obrigada.

— Parece mais feliz, também. Isso me deixa contente — disse Damon.

— Ótimo.

— Mais parecida com antigamente.

Como várias observações casuais entre os dois, aquela também trazia associações dolorosas. Mas Dusty não mais se deixava entristecer com aquela mágoa.

Não tinha certeza sobre o que sentia por Cameron. A cada vez que olhava para o rosto dele, tinha a impressão de que era fragmentado, como um mosaico. Parte era a imagem que ela conhecia atual-mente, parte era a imagem indefinida daquela primeira noite na festa. Uma terceira parte seria a imagem da fotografia, ao lado da mãe. Via todos aqueles rostos, mas não conseguia uni-los em um só. A vida dele parecia separada da dela por uma parede tão grossa quanto invisível.

Por outro lado, sorria a cada vez que entrava no apartamento e o encontrava esperando por ela. E numa noite, dormira nos braços dele, sabendo que ele não tentaria fazer amor com ela. Àquela altura, Dusty tinha necessidade dele, e temia o dia em que o tempo ou alguma outra circunstância o afastasse dela.

Gradualmente, Cameron contou mais sobre sua família. Ele não gostava do pai, que casara outra vez, mas parecia gostar da mãe, que agora trabalhava como agente

de seguros. Ela não precisava contribuir muito com as despesas dele, porque ele tinha bolsa de estudos. Parecia ser um alívio para o filho.

Sua irmã mais nova chamava-se Emily. Ele falava dela com certa ironia, taxando-a de punk. Contou também sobre seu irmão mais velho, um representante de vendas para uma firma fabricante de motocicletas, casado e com dois filhos pequenos.

Cameron não falava muito sobre seus sentimentos. Contava pouco a pouco, sem querer pressionar Dusty com realidade em excesso. Quando Brit ligou com um recado de Damon, Cameron passou o telefone para Dusty, sem comentar nada. Depois não perguntou qual fora o assunto da conversa.

O silêncio entre ambos era mais precioso a Dusty do que as poucas trocas de palavras, nas quais discutiam apenas o trivial. Ela gostava da forma como ele a respeitava, e principalmente de acordar agarrada a ele, sob o grande dossel da cama.

Numa noite ele voltou da universidade para casa e encontrou-a curvada em frente ao aparelho de televisão. Assistia a um filme, *Bunny Lake Is Missing*. Sintonizara depois de começado, mas se deixara absorver. Quando ele chegou, juntou-se a ela. Carol Lynley e Keir Dullea, irmã e irmão, brincavam como crianças num lugar escuro. O irmão, louco, acreditava que a brincadeira era real. A irmã, desesperada, tentava fazer com que ele não descobrisse que ela sabia a verdade.

— Você parece com ela — comentou Cameron, apontando Carol Lynley.

— É mesmo? — indagou ela. — Ela parece tão triste. Todos dizem que eu pareço feliz.

Ele corrigiu provas enquanto Dusty assistia ao restante do filme. Depois ela tomou banho e lavou a cabeça. Quando saiu, em seu roupão de toalha, ele estava na cama, ainda de roupas, olhando para o nada. Parecia cansado. Ela deitou e apoiou a cabeça no ombro dele.

Um longo silêncio se fez. Cameron tomou a mão dela e começou a brincar com os dedos, como às vezes fazia.

— Você é tudo o que tenho — disse Dusty.

Silêncio.

Ele voltou o rosto, sentindo o cheiro de sabonete. Os cabelos dela umedeceram o travesseiro. O robe deslizara, expondo parte dos seios, e, à sombra, ele divisou o mamilo castanho.

Ele recolocou o roupão sobre o seio. Quando Dusty acordou na manhã seguinte, o acolchoado estava sobre ela, e Cameron já tinha saído. Pela primeira vez desde que conseguia lembrar-se, estava feliz.

CAPÍTULO 23

Ashley estava se tornando um problema. Começava a ficar possessiva com Damon. Exigia mais e mais o tempo dele. A agressividade sexual, tão charmosa no início, agora parecia revelar uma personalidade teimosa e insaciável, completamente deslocada numa amante.

Damon estava insatisfeito. Por um lado, não tinha paciência para uma tolice como aquela, particularmente naquele momento de pressões que ele atravessava. Sua vida profissional estava numa encruzilhada, e ele era obrigado a lidar com as próprias emoções. Não tinha tempo para os caprichos de uma amante jovem o suficiente para ser sua filha. A imaturidade de Ashley tornava esses acessos ainda mais irritantes.

Por outro lado, a única pessoa que dava forças para Damon seguir trabalhando, desde Alison, era Ashley. O frescor e a sensualidade de uma jovem em sua cama eram uma aventura, renovada e previsível, que parecia fazer bem à sua vida. Ele precisava admitir que, de certa forma, mesmo aqueles acessos ajudavam a mantê-lo jovem, tornando sua vida excitante.

Porém a preocupação de Ashley com Rebecca estava fugindo ao controle. Ela sabia, infelizmente, o essencial sobre a partida de Rebecca com um homem mais jovem. Também fora capaz de deduzir entre o que fora dito por Damon e pelas fofocas que ouvira, que Rebecca não era uma pessoa vingativa. Era a última esposa que alguém imaginaria ser capaz de abandonar um homem poderoso como Damon. Ashley não conseguia esquecer esse enigma, como um cachorro que perseguisse determinado osso.

— Ainda sente algo por ela, não é? — insistia ela. — Por isso não pediu o divórcio ainda, não é? Por isso não se livrou das roupas dela, certo? O que ela fazia para você ficar tão preso ao seu passado desse jeito? Conte para mim. .

— O único motivo pelo qual não pretendi me divorciar foi Dusty — explicou ele. Foi um momento bastante delicado para ela. A perda da mãe resultou em um golpe terrível.

— E? — quis saber Ashley.

— E não quero que ela sinta que seus laços com Rebecca estão cortados para sempre. Não quero que ela sinta que sua família se espedaçou definitivamente.

Era mentira, mas passível de crença. Rebecca fora íntima de Dusty. Não era o tipo de mulher que abandonasse a única filha. Damon queria manter a ideia da família inteira, uma família para a qual Rebecca voltaria, por amor a Dusty.

Sua mente de advogado fabricara um bom álibi. Mas não fora o suficiente para satisfazer Ashley, que continuou insistindo.

— Você ainda sente alguma coisa por ela. Sei muito bem.

Certa vez ela confidenciara a Damon que seu pai abandonara a família quando ela era pequena. Era fácil compreender porque ela tinha fixação por homens

Confissão

mais velhos, porém não lançava nenhuma compreensão no interesse que demonstrava por Rebecca. Numa noite ela dissera, examinando uma fotografia:

— Não entendo como é que uma mulher tão sem graça conseguiu enfeitá-lo desse jeito.

— Não fale dela assim — respondera Damon, surpreendendo a si mesmo com a veemência da declaração.

Suas próprias emoções, em muitas oportunidades, o deixavam perplexo. Havia uma ponta de verdade nas acusações de Ashley. Ele sentia mesmo uma fascinação masoquista por Rebecca. Não pela maneira como ela era quando estava com ele, mas pela forma como o deixara. Era fora de padrão para ela. Por outro lado, Damon, como profissional, era obrigado a considerar todas as motivações humanas, inclusive as mais improváveis. Seria necessário integrar a partida súbita de Rebecca com a personagem que ela interpretava, abrir espaço para o acontecimento. Tudo isso tornava o assunto interessante. Alison demonstrara respeito, quando falara sobre Rebecca.

Ele pensava muito sobre a esposa. Imaginava como ela teria atraído o rapaz. Ou como ele a atraía. Rebecca era uma pessoa equilibrada. Era conservadora no que se refere a assuntos sexuais. Certamente não fora fácil para ela abandonar a família por um rapaz. O próprio noivo da filha!

De alguma forma, algum tipo de mudança ocorrera no íntimo dela. Havia uma relação como a d.o médico e do monstro dentro dela, que atormentava Damon. Freqüentemente, na cama, ele imaginava o que Rebecca estaria fazendo naquele momento. Estaria na cama com Delafield? Estaria passeando nas ruas com ele, ou talvez esperando para jantar em algum local já combinado? Quais seriam os planos dela? O que estaria pensando?

Pela primeira vez em vinte anos, a ideia de que Rebecca possuía pensamentos pessoais e particulares não deixava Damon indiferente. Era como um enigma, um segredo que ele precisasse descobrir antes de prosseguir com sua vida. Talvez sua vida não fosse tão sólida quanto ele supunha. Talvez ela tivesse deixado um buraco maior do que ele imaginara a princípio.

Assim, Ashley não deixava de ter razão em suas perguntas impacientes, dizendo que Rebecca o controlava. Embora ela não fosse sutil o suficiente para compreender a motivação que percebia através dos sentimentos de Damon. A fascinação de Ashley com o enigma de Rebecca era partilhada pelo próprio Damon. Quanto mais o tempo se passava, mais parecia que aquela era, ironicamente, a ligação mais íntima entre eles. Isso o perturbava acima de tudo.

Um dia, Damon descobriu que sua filha estava morando com alguém.

Ligou para o apartamento, tentando falar com Dusty. Brit não estava, e uma garota que ele não conhecia atendera ao telefone. Quando perguntou por Dusty, a jovem dissera:

— Ela na verdade não mora mais aqui. Só vem apanhar a correspondência.

Damon explicara que se tratava de uma emergência e perguntou como poderia entrar em contato com Dusty. Recebeu um número telefônico. Ligou, mas ninguém

respondeu. Então teve uma ideia. Numa súbita inspiração, forneceu o número para Dick Hamlin. Em menos de uma hora Dick informou-lhe que o telefone pertencia a um aluno formado em química.

Damon pensou bastante na situação. Ficou tentado a um confronto pessoal com a filha. A ideia de que ela levava uma vida à parte, desconhecida dele, enfurecia-o, principalmente porque era ele quem pagava as contas, inclusive o aluguel do apartamento que ela não estava ocupando.

Então pensou melhor no assunto. Afinal, Dusty tinha passado por muitas mudanças nos últimos seis meses e não era necessário agir apressadamente. Dick Hamlin tinha dito que o rapaz, Cameron Burch, era um aluno sossegado e respeitado, com uma bolsa de estudos para o mestrado e notas muito boas.

Depois de algum tempo, ocorreu a Damon que essa nova situação poderia ser usada por ele de uma forma inesperada. Afinal, Dusty era sua filha. Ele era um pai preocupado. Todas as garotas em dificuldades deveriam ter a devoção total da família num momento delicado.

Abandonou a ideia de conversar com Dusty diretamente sobre a situação.
Pensou em agir diferente.

CAPÍTULO 24

Rebecca estava à escrivaninha de seu quarto de hotel, escrevendo uma carta para Dusty.

Escrevia quase todos os dias. Porém só enviava as cartas mais curtas e inócuas, contando novidades insignificantes e perguntando inutilmente pela saúde da filha. Nenhuma das cartas jamais fora respondida. Rebecca perguntava-se por quanto tempo continuaria a enviá-las.

Nesse meio tempo, mantinha uma correspondência mais íntima e pessoal, que jamais tivera intenção de mandar. Ela anotava todas as coisas que teria escrito como mãe preocupada e que nunca haviam sido abordadas entre ela e Dusty. Arquivava tais cartas religiosamente, datando-as e mantendo-as numa pequena pasta que comprara para esse objetivo. Com isso criava uma ideia de reconciliação, no futuro, uma época na qual entregaria todas as cartas para Dusty, de uma só vez. Duvidava de que tal dia chegasse, mas não poderia continuar vivendo se essa ideia fosse abandonada. Usava esses canais fechados de comunicação, sentindo o coração aproximar-se de Dusty a cada carta não enviada.

Algumas vezes encontrava a si mesma expressando pensamentos novos nas cartas, ou reescrevendo alguns antigos, quase como se Dusty tivesse respondido as cartas anteriores com comentários provocativos ou perguntas. Era como se, no silêncio de sua própria alma o relacionamento pudesse crescer para sempre. Rebecca refletiu que sob um determinado ponto de vista todos os relacionamentos poderiam ser assim, crescendo, mudando e evoluindo, mas sem que qualquer dos envolvidos falasse sobre essas mudanças. Nossos esforços de comunicação não são como mensagens passadas atiradas por sobre um muro para outra pessoa que não nos pode enxergar de verdade, mesmo que nos ame? Não podemos imaginar que a pessoa leia essas mensagens, ou quais seriam os efeitos delas?

Rebecca teve essa ideia e chegou a pensar em mencioná-la na carta para Dusty. Mas sabia que a filha, com o perfil psicológico de uma pessoa prática, responderia com ironia: "Qualquer muro que exista entre eu e você, foi você quem construiu. Não fui eu quem pedi para você fugir e me deixar." Por esses motivos, Rebecca não escrevera sobre suas reflexões. Terminou a carta com palavras de amor, de arrependimento, de preocupação constante, depois ficou olhando a própria caligrafia, regular e pequena, com o coração pesado.

Escutou uma batida na porta. Levantou-se e foi até lá.

— Tony? — chamou ela, com cuidado.

Uma voz abafada e familiar soou do outro lado.

— Quem está aí? — quis saber Rebecca.

— Damon.

O ar pareceu faltar em seus pulmões. Voltou-se e apoiou as costas contra a porta, como se assim pudesse impedir a entrada de um inimigo. Então, num gesto impulsivo, voltou-se e abriu-a.

Damon estava no corredor. Usava um terno de seda e tinha o sobretudo de couro atravessado sobre o braço. Os cabelos estavam imaculadamente penteados, embora o frio tivesse lhe avermelhado as faces. Parecia elegante e imponente como sempre, contendo talvez um traço de cansaço na expressão.

Estava a ponto de perguntar como ele a encontrara, porém logo percebeu que não seria necessário. Poderia ter surpresas na conversa que se seguiria, contudo essa não seria uma delas.

— Posso entrar? — indagou ele.

Ela recuou em silêncio para que ele passasse.

Damon deu a impressão,, ao entrar, que todo o seu poder e sua influência política entravam com ele no aposento.

Porém, no instante seguinte ela percebeu que essa aura de poder era apenas pose. Quando ele viu o quarto no qual sua mulher vivia, pareceu esmorecer, mas depois lutou para readquirir o autocontrole.

— Muito bem... então é aqui que você mora. A ironia dele pareceu forçada.

O silêncio foi longo. Os olhos de Damon tomaram conhecimento da presença indireta de Tony ali. Os livros, o suéter atirado sobre a cadeira, o relógio masculino sobre a cômoda. Reparou que aqueles detalhes tornavam tudo real.

Voltou-se para ela.

— Dusty saiu do apartamento dela sem dizer nada — disse ele. — Está vivendo com um homem, no Village.

Rebecca sentiu o impacto das novidades. Não o fato de que Dusty estivesse morando com alguém, pois não sabia a direção que a vida da filha tomara depois que partira. Até então Damon e Dusty haviam permanecido como figuras congeladas na imaginação de Rebecca, como retratos num álbum, como se nada mais tivesse acontecido a eles desde que se separaram. Agora percebia que não era verdade. Dusty continuara. Mais ainda. Tendo perdido Tony, ela descobrira outro rapaz.

Lágrimas surgiram nos olhos de Rebecca, que lutou para se controlar.

— Quem é ele?

— Um estudante formado em química, ou algo parecido. Mas o ponto não é esse, certo?

Aliviada, Rebecca sentiu o coração bater mais devagar.

— Ela está bem?

— Se está bem? — repetiu Damon com um sorriso. — E, suponho que esteja bem. Quer dizer, está sobrevivendo.

— Ótimo. Muito obrigada por me dizer isso. Mas não precisava ter vindo até aqui.

Damon fitou-a.

— E quanto á mim? Não está curiosa para escutar minhas novidades? Nunca se perguntou o que aconteceu comigo depois que partiu?

A nota de auto piedade na voz dele a deixou prevenida. Ele já jogara sua carta mais forte.

— As vezes.

A palavra pareceu incomodá-lo.

— Você arruinou nossas vidas. Esfacelou nossa família. Dusty, eu e... Não está curiosa em saber como juntamos os pedaços?

Rebecca controlou-se. A imagem de Dusty em pedaços, magoada, era forte. Mas conhecia Damon. Sabia o que ele estava tentando fazer. Mesmo naquele instante ele defendia seu caso como um advogado. E, de acordo com sua estratégia habitual, não deixava chances de defesa.

— Você tem sua vida para viver. Desculpe se foi difícil.

Damon suspirou.

— Mas você tinha que fugir com o noivo de sua filha? Pelo amor de Deus, Rebecca. Se estava infeliz comigo, podíamos ter agido de uma forma mais civilizada. Mesmo que não pudéssemos ficar juntos. Mas isso... Meu Deus, como pôde fazer uma coisa dessas com Dusty?

Ela não respondeu, sustentando-lhe o olhar.

— Dusty e eu nos tornamos mais íntimos desde que você foi embora — continuou ele. — Afinal, agora, cada um de nós é tudo o que o outro tem. Ela está muito magoada, Rebecca. Eu a vi passar por períodos de sofrimento que nenhuma garota dessa idade deveria passar. Ela nunca mais será a mesma moça alegre.

Tais palavras rasgaram o coração de Rebecca, porém ela encontrou forças para duvidar dele. Essa era sua forma de partir para o ataque... usando Dusty. Por isso viera. O fato de que a filha fora morar com alguém não passava de pretexto.

— Você o conheceu? — indagou ela.

— Ela tentou manter tudo- escondido de mim — respondeu Damon. — Obviamente fez tudo para magoar a si mesma. E para nos deixar saber o tamanho do sofrimento pelo qual está passando. Acredito que você não esteja tão mergulhada em si mesma que não possa enxergar isso.

Rebecca não disse nada. Sabia que precisava se manter firme enquanto ele estivesse ali. Depois que Damon se fosse, teria tempo para deixar que os ferimentos abertos sangrassem, e chorar todas as lágrimas que viessem. Contudo, não podia permitir que ele percebesse sua vulnerabilidade. Não podia deixá-lo perceber que ainda tinha poder sobre ela.

Damon ergueu uma sobrancelha enquanto olhava para ela.

— Meu Deus, você tem um coração de gelo. Tenho de admitir que me surpreende. Nunca pensei que fosse assim. E eu que achei que conhecia você... é fria como gelo, isso sim.

Rebecca permanecia em pé ao lado da cama. Como sempre, usava saia e blusa, meias e jóias. Os cabelos encontravam-se perfeitamente arrumados, bem mais compridos do que quando ela vivia com Damon. A blusa fora um presente de Tony. Ela sempre estava arrumada como se fosse a um compromisso profissional, mesmo sozinha

no quarto, na metade do dia. Sem dúvida, um eco da criação rígida de Boston. Ela jamais deixava de usar roupa formal até que Tony voltasse para casa.

Damon continuava olhando para ela, tristeza e admiração misturadas em sua expressão. Então tudo era verdadeiro, pensou ele. A Rebecca que ele levava na memória, a pessoa afastada de seu convívio por eventos estranhos e incompreensíveis, que ele conhecia, tinha partido para sempre. Fora substituída por aquela estranha criatura fria, capaz de escutar seus argumentos sem nenhuma demonstração de emoção.

Deu um passo para frente.

— O que foi que atraiu o rapaz? Sua frieza? A falta de sentimentos?

Rebecca recuou um centímetro, depois permaneceu onde estava.

— Pensei que esses rapazes tivessem um fraco por figuras maternas. Para mim você parece mais com o carrasco que abre o alçapão.

Embora ele estivesse se aproximado, ela parecia tão distante quanto antes. Quem poderia saber quais os pensamentos que iam por trás daquele olhar indiferente? Quem poderia tocá-la, no que tivesse significado para ela? Não era a mesma mulher que conhecera. Sentiu uma pontada de tristeza em sua perda, depois uma onda de raiva.

Olhou para a cama. De uma só vez imaginou os prazeres que ela ali compartilhava com seu jovem amante, prazeres que ocupavam o mesmo espaço opaco e desumano onde agora os pensamentos dela viviam. Essa ideia se instalou no interior da mente de Damon como um veneno. Pela primeira vez desde que chegara ali sentiu que seu autocontrole vacilava.

— Foi isso que a atraiu? — indagou ele.

— Solte-me.

De alguma forma, ele a puxara para a cama. Sentiu um perfume novo, que ela nunca usara antes. O corpo dela parecia diferente. Ele quase podia sentir as possibilidades, os novos apetites. Naquela cama ela se entregava com ardor para seu amante jovem, não como fazia com Damon... nem mesmo quando eram jovens... mas de uma forma diferente, uma forma que ele não conseguia imaginar. A ideia desse lado obscuro em Rebecca o deixava maluco.

— Como faz com ele? — quis saber ele, lutando com os botões da blusa dela.

— Damon!

Rebecca colocou os braços contra o peito dele. Ele puxou a blusa de dentro da saia, sentiu a pele macia do estômago e baixou a saia pelas pernas. Fixou o olhar nas coxas, o centro cálido que se acostumara ao sexo de outro homem. Ficou cego pela raiva.

— Damon! Pare com isso! Controle-se, homem. Estranhamente o tom na voz de Rebecca era mais de aborrecimento e reprovação do que de medo. Aquela atitude aumentou sua irritação.

— Maldita seja! Maldita seja — balbuciou ele, contra o pescoço de Rebecca.

Confuso, percebeu que estava excitado ao extremo.

— Damon, não...

Ele colocou a mão sobre a boca de Rebecca. A luta tornou-se silenciosa por um instante. Não se passou muito até que cessasse a resistência. Rebecca ficara inerte, e Damon não conseguiria obter mais prazer do corpo que parecia morto.

Levantou-se com a intenção de partir. Reparou que estava estremecendo de frustração. O fôlego queimava-lhe a garganta. As mãos estremeciam ao ajeitar as roupas. Olhou ao redor do quarto estranho e localizou o banheiro. Desapareceu no interior dele.

Quando ressurgiu, parecia exatamente o homem que estivera no corredor, ao chegar. A gravata encontrava-se impecável e o terno, sem vincos. Parecia o advogado abastado que era. Apesar das próprias emoções, Rebecca sentiu uma ponta de divertimento com aquele aspecto dele.

Ele a encarou. As roupas continuavam em desalinho. Ainda assim, a seus olhos, ela parecia composta.

— Não vale a pena — disse Damon, em tom de desprezo. — Você não vale a corda que seria usada para o enforcamento.

Apanhou o casaco e caminhou até a porta. Abrindo-a, parou para observar a ex-esposa.

— Vai queimar no inferno por causa disso. Saiu, deixando que a porta batesse com força atrás dele.

Rebecca permaneceu em silêncio na cama por um bom tempo. No início não sentiu absolutamente nada, com exceção do travesseiro sob a cabeça e os lençóis empilhados ao redor. A visita de Damon fora como um sonho, menos real ainda pela raiva infantil e a fraqueza que ele demonstrara.

Porém, depois de algum tempo, as lágrimas começaram a cair, e com elas os soluços que haviam permanecido presos enquanto Damon estava ali. Sentia-se esmagada pelo que acontecera. O uso de Dusty por parte de Damon, como arma de ataque era baseado numa verdade. Rebecca esfacelara a vida da filha, Dusty agora estava tentando reunir os pedaços.

Pensou na pilha de cartas em sua escrivaninha, as cartas que escrevera e não enviara a Dusty. Eram tudo o que restara dela como mãe, aquela incapacidade de confortar uma filha que ela mesma havia arruinado.

Talvez Damon tivesse razão. Talvez ela fosse queimar no inferno pelo que havia feito. Não a ele, mas a Dusty.

Ainda estava imóvel, em desalinho, deitada na cama desfeita quando Tony entrou.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele, chocado.

Rebecca suspirou. Tentou pensar numa resposta, mas as palavras não vieram. Limpou as lágrimas da face.

— Que está acontecendo? — insistiu Tony, em pé, o paletó dobrado sobre o ombro.

Rebecca lutou para voltar a si. Fitou os olhos do amante. Estavam cheios de suspeita e reprovação. Todo o resto parecia deslocado por isso. Em Tony enxergou o namorado de Dusty, e tudo nele, inclusive a raiva, lembravam o próprio crime. Como

tudo aquilo poderia ter acontecido? O mundo dava a impressão de ter virado de cabeça para baixo.

Tony aproximou-se. Agarrou-lhe os ombros. Por um instante ela pensou que seria acariciada, confortada. Precisava dele naquele instante, mais do que nunca.

Porém foi empurrada com violência de volta para a cama.

— Ele esteve aqui? Por isso você está tão perturbada? Diga a verdade, Rebecca.

Um olhar de surpresa arregalou os olhos inchados de Rebecca, ao compreender a enormidade do mal-entendido. Depois procurou a resposta nos olhos de Tony, mas não havia nada ali, a não ser ciúme. Ele ainda esperava a explicação. Cheio de masculinidade ofendida, parecia um pouco com Damon.

— Estou esperando sua resposta, Rebecca. — Incapaz de conter-se, sacudiu-a contra o colchão, como se assim conseguisse soltar as palavras do interior dela. Responda!

Em seguida veio o tapa no rosto. A primeira vez que ele batia nela.

Rebecca o encarou com novos olhos. As palavras que vinha tentando pronunciar morreram em seus lábios.

Cheio de desprezo, Tony examinou-lhe o corpo. A saia ainda estava ao redor da cintura, mas o resto permanecia exposto. Ela ficara chocada demais pelo que acontecera entre ela e Damon para arrumar a roupa.

— Você me enoja. Não sei por que perdi meu tempo com você. Não vale a pena.

Empurrou-a de volta aos lençóis. Largou-a, como se pudesse sofrer contágio pelo contato com ela.

Atravessou o quarto, batendo a porta atrás dele, como Damon fizera.

Não iria voltar por muitas horas. Provavelmente iria beber. Preocupou-se por um instante que ele pudesse fazer uma cena com Sam. A ideia era maluca, em comparação ao que acontecera naquele quarto, mas não absurda. Repentinamente, tudo pareceu daquela forma a Rebecca: maluco, mas não absurdo.

Permaneceu deitada por algum tempo, ponderando essa ideia, e o fato de que ela mesma provocara tudo aquilo. Então levantou-se, foi para o banheiro e tomou um longo banho de chuveiro. Depois saiu para arrumar suas malas.

Quando Tony voltou naquela noite, depois de beber durante horas, percebeu que Rebecca se fora, assim como todas as coisas dela.

Parte 3

CAPÍTULO 25

Rebecca começou a viagem tomando um táxi para Beatrix, uma pequena cidade, distante cerca de cento e sessenta quilômetros de Grace Island. Dali tinha a intenção de tomar um trem ou um ônibus até uma cidade maior com aeroporto, para que pudesse pegar um avião.

Porém, aonde queria ir? Nenhum lugar na Terra a agradava em especial. Nenhuma pessoa aguardava por ela, nem a aceitaria de volta. A não ser Irene, claro. E Irene, por vários motivos, estava fora de consideração.

Beatrix era uma cidadezinha diferente, feia, com moinhos e casas de toras, que de alguma forma haviam sobrevivido cinqüenta ou sessenta anos sem serem demolidas. Havia um odor pungente e desagradável que aparentemente provinha de algum processamento da madeira. Muitas ruas, sem motivo aparente, eram amplas e largas. As pessoas que andavam por esse ambiente pareciam acinzentadas, tristes e tinham os olhos sem brilho. Mesmo os automóveis pareciam velhos. Era uma cidade deprimente.

Rebecca conseguiu um quarto no hotel, mas não desfez as malas. Só queria um dia para pensar.

Era difícil fazer isso. Deitada na cama, observava as imagens silenciosas da televisão e respirava o odor desagradável que parecia aderir a todos os objetos sólidos. A sensação desconfortável daquele lugar perdido só fazia acentuar seus próprios sentimentos de exílio.

Pela segunda vez, deixara tudo para trás. Começava a manifestar-se uma vocação, ao que parecia... deixar tudo para trás. Porém daquela vez não tinha destino.

Não tenho ninguém, pensou ela, caminhando pelo assoalho do quarto e roendo as unhas. A compreensão trouxe mais surpresa do que auto piedade. Toda a sua vida tivera alguém a seu lado. Ao custo de ser responsável por eles, talvez. Algumas vezes a um custo que a fazia esquecer partes importantes dela mesma. Mas sempre tivera alguém ao lado. Agora não tinha ninguém.

Ficou acordada até tarde, deitada na cama com os travesseiros acomodando as costas. Então caiu numa sonolência cheia de perturbações que não parecia sono. Na manhã seguinte, acordou cedo. Não havia serviço de quarto, portanto precisou sair para tomar o café da manhã, depois de andar pouco mais de um quarteirão. O odor da cidade misturava-se ali ao de ovos e toucinho na frigideira e xarope de bordo no balcão. Tomou apenas uma xícara de café preto e saiu.

Retornou ao quarto. Só precisa pensar um pouco mais, disse a si mesma. O único problema fora a noite anterior, quando, apesar de seus esforços, não conseguira pensar. E o tal sono repousante não a aproximara de nenhuma decisão. Sua mente parecia vazia.

Olhou através da janela e viu carros antigos nas ruas. O céu parecia cinzento, mas apresentava uma intensa luz difusa que incomodou seus olhos. Voltou-se para o

quarto, cujo vazio imediatamente tornou-se insuportável. Ligou para a recepção para chamar um táxi, dando a estação de trem como destino, e fechou a valise.

A estação ficava a poucos quarteirões do hotel, e parecia ainda mais decrepita do que o resto da cidade. Os bancos e guichês tinham sido fabricados no início do século. Rebecca estudou o horário com desconfiança. Havia trens para o oeste do Canadá, e uns poucos para o leste. Poderia ir para o Alasca, se quisesse. Ou até Seattle, Portland ou para a Califórnia. Uma pessoa poderia iniciar vida nova lá, pensou, sem achar graça.x

Por impulso, comprou uma passagem para Seattle, com baldeação para São Francisco. Jamais estivera em São Francisco, embora Damon tivesse ido pelo menos uma dúzia de vezes, a trabalho. Sempre sentira um certo ressentimento pelo fato de não ter sido convidada.

O trem demoraria duas horas a partir, portanto Rebecca comprou um livro de bolso e sentou-se num dos bancos duros, para ler. Em determinado momento ergueu-se, como se fosse fazer um reconhecimento da estação, mas decidiu ficar onde estava por causa das malas.

Se ao menos o trem chegasse, ela se sentiria melhor. No interior do compartimento já se consideraria fora daquele lugar.

Finalmente o trem entrou na estação. O número apareceu no horário, em caracteres antigos, que precisavam ser mudados manualmente. Rebecca apanhou sua bagagem e apressou-se até a plataforma.

Um condutor de aparência cansada a conduziu para seu lugar. Ela entrou e aguardou. Estava ficando com fome, pois não comera o dia inteiro, mas não tinha intenção de sair dali.

Uma senhora acompanhada do filho entrou no compartimento. A mulher tinha aproximadamente a idade de Rebecca, o garoto aparentava dezessete anos. Ela murmurou alguma coisa que o menino não respondeu. Imediatamente enterrou o rosto numa revista com a figura de uma garota montando uma motocicleta, na capa.

Rebecca esperou que mais passageiros entrassem no compartimento, porém isso não aconteceu. A mulher demonstrava intenção de conversar com ela, mas Rebecca evitou o contato dos olhos, pois sentia-se frágil demais para trocar frivolidades. O menino fungava enquanto virava as páginas da revista. Os joelhos estavam levantados e as costas curvadas, de forma que parecia recolhido para o interior de si mesmo, como um caracol.

Finalmente vieram os sinais de partida iminente. Nenhum aviso foi feito, mas os condutores todos retornaram à composição. Ela escutou portas de correr sendo fechadas.

O trem sacolejou. Mais uma página da revista do menino foi virada. A mãe remexeu-se no lugar, antecipando o início da jornada. Encorajada pela emoção do momento, estava a ponto de puxar conversa. Porém Rebecca colocou-se em pé, com a mala na mão. A mulher, espantada, observou-a deixando o compartimento. Um instante mais tarde entrava na cabine telefônica da estação, pedindo à telefonista um

interurbano. O trem ainda resfolegava nos trilhos, a ponto de partir, mas sem realizar o ato.

Rebecca sentiu a mão estremecer ao redor do receptor. Discou o código para os Estados Unidos. Conhecía de cor, tendo estudado a lista do Royal Grace com a fantasia de ligar para Dusty. Sabia que podia telefonar do Canadá usando seu cartão americano.

— Auxílio à lista.

— Quero fazer uma ligação para Wisconsin. Madison, Wisconsin.

No instante seguinte, ela discava o número que a telefonista lhe fornecera. Mordeu nervosamente o lábio.

Não tenho ninguém. Ninguém no mundo.

O telefone tocou três vezes, depois uma quarta. O trem ainda não se movera. Seu lugar no compartimento aguardava por ela. Rebecca estava a ponto de desligar.

— Aqui é Bittman — respondeu a voz, parecendo surpreendentemente próxima.

— É você, Sam? Aqui é Rebecca. Rebecca Lowell. Houve uma pequena pausa, suficiente para que ela sentisse o coração descompassado.

— Rebecca! Bem, que surpresa. Pelo som, parece que você está a poucos quarteirões de distância. Onde está?

Enquanto ela observava, o trem finalmente partiu.

— Estou longe. No Canadá.

— E a que devo... — A voz dele parecia cautelosa, como sempre.

Ela procurou as palavras certas. Não as achou. O silêncio parecia sufocar seus pensamentos. Quase desligou.

— Quando posso ver você? — indagou ele, em tom diferente.

— Agora mesmo — respondeu ela, quase gritando. — Quero dizer, logo que eu chegue aí. Quer mesmo que eu vá?

— Ficarei contando cada hora. E quanto a você? Quer mesmo vir?

— Quero.

Percebeu que seus olhos ficavam úmidos enquanto o trem aumentava a velocidade.

— Que bom. Ótimo, Rebecca.

Cameron foi a primeira pessoa à quem Dusty contou a novidade. Na verdade, a única. Houve uma época em que ela poderia ter falado com Brit ou Suzan sobretudo, talvez até com Marie, a companheira de quarto do primeiro ano. Agora sentia-se a milhares de quilômetros das antigas amigas e colegas. Cameron era o único ser humano no mundo no qual confiava.

Cameron não a desapontou. Abraçou-a forte na primeira noite, depois da confidência. Perguntou sobre os sentimentos dela. Dusty não soube definir exatamente o que fosse, porque ela mesma mal sabia o que estava acontecendo com suas emoções nos últimos meses. Era como se vivesse num sonho. Até certo ponto o sonho incluía Cameron, até certo ponto apenas ele era real.

Ele ajudou-a na pesquisa das clínicas médicas vizinhas à universidade. Não havia problema com sigilo, claro. Mas todas as clínicas ficavam abaixo do nível de reprovação, em padrões médicos. Cameron, entretanto, descobriu por intermédio de

uma mulher que havia uma clínica na rua Quatorze, liderada por uma médica, onde os assistentes sociais eram especialmente cuidadosos e eficientes.

Cameron acompanhou Dusty para a entrevista inicial. O assistente social ficou com a impressão errada de que ele era o pai, e perguntou o que ele achava da gravidez. Ela explicou que era apenas alguém que a estava ajudando naquele período difícil. Não sem embargo, Dusty confidenciou que não sabia quem era o pai.

O assistente social deu a Dusty alguns panfletos que explicavam os procedimentos envolvidos na operação e recomendou alguns livros sobre os efeitos psicológicos profundos do aborto. Cameron encontrou os livros na biblioteca da universidade, e ele e Dusty leram ambos. Chegaram à conclusão de que Dusty devia esperar algum problema emocional da experiência, talvez até depois de alguns meses. Devia haver uma ansiedade considerável e sintomas de tristeza, assim como perturbações da função sexual. Muitas mulheres que fizeram abortos de maneira precipitada descobriram, alguns meses depois, que não tinham mais vontade de fazer sexo. A frigidez muitas vezes durava indefinidamente, exigindo tratamento psiquiátrico.

No dia do aborto, Cameron acompanhou Dusty. Sentou-se com ela durante a entrevista final, e a pedido dela permaneceu na sala durante todo o procedimento.

Não foi tão doloroso quanto Dusty temera, embora tenha sentido seu corpo violado. A médica mostrara-se profissional demais, não tão simpática quanto ela imaginara. Explicou em termos leigos o que estava fazendo, de forma que Dusty não ficasse alarmada com as sensações. Não existia maneira para esconder ou diminuir a importância do que estava acontecendo, e a médica não tentou enganá-la.

Quando o procedimento terminou, Cameron ficou ^ com Dusty na sala de recuperação, depois levou-a para casa de táxi. Ela sangrou durante quase dois dias, depois o sangramento tornou-se intermitente. Permaneceu no apartamento, estudando sempre que a concentração permitia, vendo televisão quando não estudava.

No terceiro dia começou a chorar. Cameron a abraçara durante toda a manhã e toda a tarde, embalando-a contra o peito e dizendo o que fosse necessário para acalmá-la. Ao anoitecer, os soluços diminuíram, e ela tomou uma pílula e dormiu durante quatorze horas.

Depois disso Dusty retornou ao que parecia ser sua personalidade habitual, a não ser pelas lágrimas que se intrometiam em seus olhos durante uma conversa qualquer sobre coisas triviais. Muitas vezes ela ria de alguma coisa que Cameron dissera, e as lágrimas irrompiam de repente, quase como se rir e chorar fosse o mesmo.

No início, Cameron parecia tão evasivo com ela quanto o resto do mundo. Depois deu a impressão de entrar em foco. Ela sentiu nos braços dele um refúgio genuíno, e sua conversa começou a impressioná-la. Proporcionalmente as outras coisas ficaram desfocalizadas. A memória começou a se dissolver dentro dela, dando espaço para a própria sobrevivência.

No primeiro final de semana depois do aborto, ela precisou ver o pai. Já havia cancelado dois jantares com ele, sob pretexto de que tinha provas e precisava

estudar. Damon iria começar a ficar desconfiado se ela adiasse o assunto por mais tempo.

Cameron observou o vestido dela para o jantar. Ela escolhera um conjunto de saia e suéter que o pai já elogiara. Com exceção da palidez, parecia bem.

— Você vai ficar bem? — indagou Cameron.

— Claro.

Sentiu a voz sem força e sem entonação. Apenas o ouvido de Cameron, agora afinado com a personalidade por trás do comportamento de Dusty, sabia o quão insegura ela estava.

— Eu poderia levá-la e esperar do lado de fora. Pode precisar de mim.

— Não, obrigada. Está tudo bem — respondeu Dusty. — Como estou?

— Linda.

Ele a acompanhou até o ponto de táxi. Estava muito frio na rua. Raros flocos de neve estavam dançando entre os prédios e ao redor dos postes de iluminação. O ar frio os atingiu, entretanto uma nota distante de primavera era palpável de alguma forma no céu vazio.

Cameron segurou a porta do táxi para Dusty. Ela entrou e abriu a janela.

Ele inclinou-se para frente, apoiando as mãos sobre o teto do veículo.

— Você quer se casar comigo?

— Quero — respondeu ela, sem hesitar.

O motorista disse alguma coisa. Ela beijou Cameron e fechou a janela.

Ele permaneceu parado, sob a neve fraca, enquanto o táxi se afastava com sua futura esposa.

CAPÍTULO 26

Ashley estava sentada na cama, nua, de pernas cruzadas, ocupada em fumar um cigarro. Damon recostava-se contra os travesseiros, a observando.

— Estou grávida — anunciou ela.

Damon estreitou os olhos.

Ela não estava olhando na direção dele. Deu outra tragada em seu cigarro e soltou um pequeno anel de fumaça. Observou-o dissipar-se no ar à sua frente, enquanto apagava o toco no cinzeiro.

Como Ashley parecia diferente na ocasião em que se conheceram, seis meses antes, pensou Damon. Ainda era bonita, claro. As coxas continuavam grossas e bem-feitas, os seios firmes e a pele leitosa. Os cabelos agora estava mais compridos, pois ela sabia que ele gostava assim, e o perfume ainda era o que ele comprara para ela no Natal, Mon Baiser.

Contudo, ela estava diferente. Tinham discussões constantes sobre Rebecca, e usando uma dúzia ou mais de argumentos absolutamente previsíveis, tentara aproximar-se de sua vida particular. Não obtivera sucesso. Em sua frustração, ela fazia questão de falar mal de Rebecca e acusar Damon de ainda estar apaixonado por ela. A lentidão em obter o divórcio adicionava combustível ao fogo.

Durante esse longo período de brigas, a posição de Damon ficava cada vez mais difícil. Não podia dizer a Ashley que ela não passava de uma garota mimada e pouco sutil, que jamais iria se comparar a Rebecca em refinamento ou... uma expressão mais adequada: classe. Nem ao menos chegava aos pés de Alison Shore, que apesar de suas fraquezas era uma mulher de verdade, com personalidade.

Não podia dizer a ela essas coisas por dois motivos. Em primeiro lugar, se dissesse não poderia continuar dormindo com ela. Sentia que a ambição de vencê-lo era parte da atração dela por ele. Se Ashley acreditasse que não havia esperança, iria deixá-lo e procurar pastos mais verdes. Era uma garota ambiciosa. Não pretendia desperdiçar sua juventude com um homem que apenas a usava como um brinquedo. Queria algo em troca.

Em segundo lugar, apesar de ser rude e manipuladora era insegura e sentia profundamente as emoções. Ele pressentia nela uma instabilidade próxima dos limites. Na eventualidade de uma separação definitiva, que agora ele encarava como inevitável apesar de distante, ela poderia ficar irritada. Perigosamente irritada.

Entrementes, ela mudara. Comportava-se de forma diferente, fazia amor diferente e retornara à atitude infantil de elogiá-lo e respeitá-lo pelo poder e posição, como no início. Agora havia uma atitude de desafio e rebeldia em tudo o que ela dizia, incluindo a notícia que dera.

Talvez por estar cansado de tentar controlar Ashley, Damon reagiu com irritação:

— Como sabe que é meu?

Ela voltou-se para encará-lo.

— Porque sei.

Um silêncio seguiu a afirmação.

— Talvez você esteja errada.

— Não estou. Estou atrasada três semanas.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Talvez esteja errada em presumir que seja meu — esclareceu Damon, olhando através da janela.

— O que está dizendo? Que ando dormindo com outros homens?

— Não sou do tipo que passa pela vida de olhos fechados. Jamais imaginei que fosse o único, Ashley

— declarou ele, em tom pausado. Ela acendeu mais um cigarro.

— Mandou alguém me seguir, é?

Damon percebeu a raiva dela. Seu blefe funcionara. Não sabia nada sobre a vida particular dela, mas seu instinto de advogado lhe dissera que ela não estava se preservando só para ele.

— Com que tipo de homem acha que está lidando?

— indagou ele, com voz fria.

Ela não se voltou na direção dele. Mordeu o lábio. Retirou uma mecha de cabelo do olho. Nesse instante, Damon percebeu que fora a falta de sutileza dela que o atraía desde o início. Estava farto de mulheres sutis, queria algo mais simples, mais sensual, mais controlável.

— O que quer que eu faça?

— O que qualquer mulher que tem uma gravidez indesejada costuma fazer nesses momentos — disse ele. — Cuidar do assunto. Se existir algum problema em relação a dinheiro, é só me avisar. Fico contente em ajudar.

Ela o encarou, cheia de reprovação no olhar. E derrota.

— Afinal, é para isso que estou aqui. Para ajudar você de qualquer forma que seja necessário.

Observou-a quando ela se levantou para ir ao banheiro. Coxas tão bonitas, pensou ele. Um andar tão sensual...

CAPÍTULO 28

Rebecca tinha vinte e quatro anos no verão em que o pai a abandonara.

A cena retornava a seus sonhos, sempre em cores e com nitidez e realidade-sobrenaturais. Num sábado, ela e Josey, sua melhor amiga da escola, estavam passeando perto do parque estadual em Concorde. Era uma distância para ser percorrida de ônibus, mas as garotas haviam ouvido falar que se podia conhecer rapazes por lá e haviam saído cedo naquela manhã. Usavam camisetas e calções, mas Rebecca levava emprestado um batom do grande estoque mantido pela mãe. Ela e Josey caminhavam pela área de piqueniques, agindo da forma debochada que esperavam fosse o ideal para atrair rapazes.

Dois jovens de Boston saíram de uma das margens do lago para falar com elas. Pareciam interessados, e as garotas, entre risinhos, ousaram encorajá-los. Um pouco mais tarde, Rebecca estava próxima à catarata com um dos rapazes, entrando no bosque.

Ele talvez fosse um pouco mais velho do que ela, desajeitado, mas era um menino bonito e sua própria timidez a deixava ousada. Deixou-se beijar onde ele quis. A camiseta saía do calção, e ele a tocava, a mão detendo-se no minúsculo sutiã que ela começara a usar naquela primavera. Ela o ajudou, as agulhas de pinheiros sob os corpos, a cascata na forma de sussurro na umidade do ar do meio dia.

Mais tarde tomou o ônibus de volta com Josey, sentindo-se uma pessoa renascida. Seu corpo não parou de coçar em todo o caminho de volta. Josey parecia nervosa e excitada, mas Rebecca mentira sobre o ocorrido. Guardar segredo da melhor amiga lhe pareceu um símbolo de quão precioso e particular fora o encontro no bosque.

Quando chegara em casa, Irene estava sentada à mesa da cozinha, com os olhos vermelhos. Fora desde esse dia, conforme recordaria mais tarde, que passou a pensar na mãe como Irene ao invés de mamãe.

— Seu pai nos deixou — dissera ela. — Ele encontrou alguém a quem ama mais do que a nós. Veja você mesma!

Havia um bilhete na mesa à frente, o papel amassado pelos dedos nervosos e molhado pelas lágrimas. Ela estendeu o papel, como uma acusação. Rebecca recuara.

— Não! Não quero ler nada.

— Vamos, leia. Era isso mesmo que você queria — gritara a mãe.

Rebecca correu o mais rápido possível escada acima e se atirou na cama.

Os sonhos de Rebecca terminavam naquela corrida escada acima, dois degraus de cada vez, o coração saltando no peito. Porém nos sonhos jamais chegava até o quarto. Continuava correndo, para longe de tudo e na direção de nada, como a sensação dos beijos do rapaz nos lábios e as palavras da mãe reverberando nos ouvidos.

Não contou a Sam sobre o sonho, talvez porque se tornara parte de sua vida noturna, e não do que a mente desperta podia enxergar.

Mas contou todo o resto.

Em fevereiro foram a um hotel no Wisconsin a apenas alguns quilômetros da pequena cidade onde Sam crescera. Ele a levava ali para mostrar o interior do estado.

— Está vendo aquilo? É tudo muito novo, em termos geológicos. As geleiras raspam a superfície da terra e levaram todos os lagos. Isso aconteceu há apenas alguns milhares de anos. A maior parte do solo para o qual estamos olhando agora é proveniente do deslocamento das geleiras do Canadá. Eu não ficaria surpreso se existisse minério desde aqui, até perto de Grace Island.

Rebecca ponderou essa estranha noção. Grace Island, para ela, parecia um mundo muito distante do Wisconsin.

— A verdade é que a chamada Idade do Gelo ainda não terminou de jeito nenhum. As geleiras vieram uma dúzia de vezes ou mais, e virão outra vez.

Ele sorriu com a expressão de espanto dela.

— Sabe, eu costumava observar essa terra quando era menino. Como se tudo sempre estivesse estado aí e fosse permanecer eternamente. Mas agora sei como essa história é excitante. Imagine só, Rebecca, em mais cem mil anos essa paisagem estará completamente transformada outra vez. Com terra vinda sabe lá Deus de onde — concluiu Sam, inspirando profundamente o ar puro.

Ela riu.

— Você fala sobre cem mil anos como se fosse depois de amanhã.

— Acho que sempre fico entusiasmado quando falo sobre isso. Estou fascinado pelas causas. Tudo tem uma causa. Mas entre as causas e os possíveis efeitos, há também o acaso. Isso é o que torna a vida interessante — disse Sam, correndo os olhos pela paisagem. — Sabe, Einstein costumava dizer que Deus não jogava dados com o Universo. Não quero me comparar ao gênio, mas não gosto dessa afirmação. Se Deus não introduzisse o elemento do acaso, não haveria risco. E sem riscos, não existiriam mudanças verdadeiras. Nem lagos, nem novas colinas, nem rochas com formatos interessantes.

Os olhos azuis dele brilhavam, absorvidos pela terra aos pés de ambos. Ela podia sentir a ansiedade adolescente nele, embora temperada pelo intelecto de um homem maduro.

— E uma maneira bastante ousada de entender as coisas — observou Rebecca. — Algumas vezes não posso deixar de desejar que o mundo do inesperado se dissolva e me deixe em paz.

Sam ergueu uma das sobrancelhas.

— Ah, mas nesse caso você não estaria comigo, certo? Ela permaneceu em silêncio.

— E eu não teria você a meu lado. Imagine só todos os acidentes que foram necessários para promover nosso encontro.... e todo esse tempo eu nem sonhava ter tanta sorte. Mas assim é a vida.

— Estou contente que tenha ficado feliz com essa volta da roleta — respondeu ela, sorrindo.

Sam possuía a incomum habilidade de acelerar a passagem do tempo em sua mente e assim enxergar coisas comuns como se elas tivessem acabado de se materializar em sua vida presente. Adorava acidentes geográficos, locais históricos, lugares onde acontecimentos importantes tinham ocorrido. Ele experimentava uma espécie de magia imponderável no ato de olhar para uma colina ou um riacho e refletir que dez mil soldados da União e dos Confederados haviam perdido suas vidas sob o mesmo sol, sentindo a mesma brisa, pela posse daquela terra. Rebecca achava incrível isso, porque antes de conhecer Sam a história jamais significara coisa alguma para ela, a não ser pela presença de marcos ou placas comemorativas de bronze em velhos prédios e parques.

Ele adorava arqueologia quase tanto quanto geologia. Antigos artefatos estavam tão vivos para ele como os novos de sua própria loja. Tinha também uma paixão quase infantil por sismologia. Sabia tudo o que havia para saber sobre falhas geológicas, terremotos e placas tectônicas. Adorava dizer que a paz da superfície era o resultado de uma batalha de forças desiguais, uma das quais fatalmente venceria. Cada rio, cada montanha cada continente era o resultado de um cataclismo no qual uma das forças vencia a outra.

Rebecca ficou emocionada com o entusiasmo demonstrado por Sam ao admirar o mundo. Havia uma certa inocência nele que a refrescava e deixava admirada. Agora que o conhecia melhor percebeu que essa qualidade vinha de uma força incomum de personalidade. Ele não demonstrava a preocupação machista de parecer poderoso, de estar no comando de ludo. Encarava a vida como um presente para ser recebido com entusiasmo, não como um adversário a ser derrotado. Ela jamais vira essa qualidade num homem, antes. Certamente não em Damon. Para dizer a verdade, nem em Tony.

Descobriu que ele nem sempre fora assim. Num certo sentido, descobrira a juventude na meia-idade.

— Eu era viciado em trabalho até Margery ficar doente. Para dizer a verdade, mal notei minhas filhas enquanto eram pequenas. O trabalho continuava oscilando, e eu oscilava com ele, como um marionete — confessara ele. — Depois que Margery morreu, eu cheguei ao fundo. Percebi que não vivia de verdade. E não era possível sair do desespero como um homem inteiro, a menos que colasse os pedaços de outro jeito. Eu me sentia como uma máquina sem alma. Tinha de começar a ser outra pessoa. Ser esperto, estar no controle e à frente... essas coisas não tinham nada a ver com ser uma pessoa. Foi uma lição difícil de aprender. Mais difícil para um homem, talvez, do que para uma mulher.

Quando Rebecca lhe contou o próprio passado, percebeu que ele deduzira um bocado da verdade pelo que conheceu dela no Canadá. Pareceu surpreso por uma mulher tão controlada ter passado por uma aventura tão estranha. Mas não desaprovava.

— Pensamos que sabemos quem somos — disse ele. — 'Mas existe tanta coisa acontecendo embaixo da superfície. Algumas vezes não existe forma de romper os padrões antigos sem soluções drásticas.

— Eu me preocupo com Tony — confessou ela. — Na verdade, me preocupo com todos.

— Rebecca, você foi vítima por um longo tempo. Algumas pessoas dependeriam de você nesse papel. Não porque eram más, mas porque era o único papel que conheciam para você. Para se libertar, você precisou magoá-los. Mas qual é melhor? Causar mágoa a curto prazo ou continuar sendo vítima pelo resto da vida? Você acha que foi bom para Dusty ter uma mãe tão infeliz?

— Se comparada a uma mãe que fugiu... Sam passou o braço ao redor dos ombros dela.

— Tudo isso terminou. Você precisa deixar esses acontecimentos para trás.

Enquanto Sam a consolava, Rebecca sentiu a enorme ironia da situação. Fora seu próprio pecado que a trouxera para Sam. Ele era um resultado indireto dos próprios descaminhos, de suas andanças pelas trilhas da vida. Tendo abandonado a família por Tony, abandonara este pelo próprio Sam. Ele fazia parte da enorme destruição que ela espalhara. Sentia-se covarde, aceitando os conselhos dele.

— Sam, foi um pecado — interrompeu ela, com ansiedade. — Entendo o que está dizendo, mas me sinto pecadora. Você precisa me ajudar a...

— Expiar o pecado?

— Isso — concordou ela, pensativa.

— Se é o que você precisa, sou seu homem — disse Sam, abraçando-a. — Suponho que me deixe ajudá-la a se perdoar por ser humana. Para dizer a verdade, meu bem, esse pode ter sido seu problema a maior parte do tempo. Desde o começo.

Rebecca mediu as palavras dele. Talvez Sam tivesse razão. Há muito tempo atrás, quando ela era jovem demais para saber as coisas, pecou contra si mesma. Fizera o que imaginara ser esperado dela e perdera sua alma nesse processo. Porém para conquistar a si mesma outra vez, cometera um segundo pecado, um pecado que trouxera mágoa a muitas pessoas. Poderia ter esperança de passar por tudo sem punição?

Era uma barganha cruel, pensou. Um jogo com regras duras e punitivas. Um jogo no qual, como diria Sam, o acaso desempenhou um papel crucial.

Se Rebecca não tivesse conhecido Tony na época exata em que o fato se deu, provocando nele aquele efeito inesperado, toda a sua vida poderia ter continuado segundo os padrões estabelecidos durante seu casamento com Damon. Como uma daquelas colinas tranqüilas que pareciam tão permanentes até que as pressões enormes sobre as falhas geológicas as fizessem rachar em pedaços. Falhas geológicas, pensou Rebecca com um sorriso amargo. Que expressão adequada para os defeitos no caráter humano. No seu caráter.

Ainda não se dava bem com o jogo. Havia tropeçado em cada obstáculo. Mas sua jornada longa e desigual a trouxera até Sam, e por isso ela era grata. Ela sabia que poderia ter de pagar um preço alto por tudo aquilo, mas não tinha mais receio.

Escrevera para Tony poucos dias depois de sua partida de Grace Island. Fora bondosa nessa carta, culpando apenas a si mesma por tudo o que acontecera. Tony era uma vítima inocente. Ao persegui-la, ele obedecera a um impulso apaixonado, porém não era o de um homem maduro escolhendo uma companheira. Por isso, mesmo que não houvesse encontrado Sam, as coisas não iriam dar certo entre ambos.

Uma semana depois de colocar a carta no correio ela telefonou para Tony. Ele ainda estava hospedado no Royal Grace. Perguntou a ela onde ela estava. Rebecca não negou que estivesse com Sam.

— Eu bem que suspeitei, não foi? Pelo menos isso você tem de admitir — disse ele.

— Bem, acho que sim.

— É... uma mulher precisa agir de acordo com a própria idade. Acho que eu não devia ter forçado você a desistir de tudo o que tinha.

— Ninguém me forçou — respondeu Rebecca.

— Você pretende se casar com ele? — indagou ele, depois de longo silêncio.

— Não sei. Não estou pensando nesse assunto por enquanto. Preciso de um pouco de tempo para descobrir quem sou.

— Desculpe por não ter ajudado nessa busca — disse Tony.

— Como assim? Você ajudou muito, Tony. Contribuiu muito para minha vida. Não sei o que teria feito se não fosse por você. Não pretendo voltar para Damon nunca.

— Acho que isso já é um progresso.

— E quero muito que seja feliz. Quero que faça o que é melhor para você. Espero que, algum dia, em algum lugar, eu possa ajudá-lo de alguma maneira.

Novamente um longo silêncio foi a resposta, dessa vez mais ambíguo. Rebecca, desconfortável, perguntou:

— Quais são seus planos?. Importa-se que eu pergunte?

— Pretendo ficar aqui até o fim do ano, assim conseguirei uma boa recomendação de meus patrões — contou Tony, em voz um tanto fria. — Depois quero voltar para casa e terminar a faculdade de direito. Já escrevi para o reitor. Posso começar outra vez no outono. Só adiei minha formatura por um ano.

— Isso é ótimo.

Rebecca pensou que, possivelmente, quando Tony se formasse, o romance e a fuga com ela estariam virtualmente esquecidos. Não tinha intenção de deixar marcas na vida dele. O melhor seria que ele pensasse nela como um erro de juventude... ou não pensasse de forma alguma.

— Bem, então... — começou ele.

Ambos pensavam a mesma coisa. Assim como ela jamais voltaria para Damon, Tony jamais voltaria para Dusty. Era tarde demais.

— Não vamos dizer mais nada — pediu Rebecca.

— Está bem.

Ela começou a colocar o fone no gancho, mas pensou ter escutado a voz dele e recolocou o receptor no ouvido. O único som que distinguiu foi o ruído da ligação interrompida.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Porém ao desligar, ela pensara ter escutado três palavras: Ainda amo você.

CAPÍTULO 29

Na primavera, Rebecca mudou-se para Chicago e conseguiu um emprego como editora e consultora técnica para uma firma de publicidade: Passou a morar num apartamento com vista para o lago Michigan, um lugar que já custara uma fortuna, mas agora atingia patamares bem mais acessíveis enquanto os cidadãos ricos da cidade abandonavam o centro.

O apartamento ficava no décimo quarto andar e apresentava uma vista espetacular da imensidão de água fria, geralmente acinzentada ou verde-oliva, já que o tempo na cidade varrida pelo vento era ruim na maior parte do tempo.

Escolhera Chicago por causa de Sam. Queria ficar perto da casa dele em Wisconsin, mas não perto o suficiente para interferir na família dele. Ele não ocultara seu desejo de se casar com ela, mas respeitava a necessidade quê ela sentia de ficar sozinha.

— Seja tão independente quanto possível — encorajou ele. — Seja o que você quiser e faça o que quiser. Junte todos os pedaços de forma a encaixarem. E se isso significar que algum dia poderei ser seu marido, então terei muito prazer nisso.

Ele a via com frequência, pois quase sempre precisava fazer escala em Chicago. Rebecca descobriu com surpresa o prazer de cozinhar, aprender os pratos favoritos dele e fazer outros por conta própria. Decorou o apartamento com mobília simples e pinturas abstratas. Descobriu a si mesma experimentando gostos que haviam permanecido adormecidos em seu interior enquanto fazia o papel da esposa de um conservador advogado novaiorquino.

Também visitava Sam no Wisconsin. Ele a apresentou às filhas como o que ela era agora, uma editora de Chicago, que fora criada em Boston e estava se divorciando. O episódio de Grace Island, por motivos óbvios, permaneceria para sempre como segredo de ambos.

Christine, a filha rebelde de quem Sam era mais íntimo, sentiu bastante afinidade por Rebecca. Talvez Christine tenha visto Rebecca como uma mulher forte, encarregada de seu destino, alguém com os próprios interesses e carreira. Uma pessoa apaixonada.

Em princípio, Rebecca ficou tentada a descartar essa imagem de si mesma com uma risada e assegurar a Christine que na realidade ela era a mais cautelosa e covarde das mulheres. Porém sentia-se cada vez menos à vontade com a verdade sobre si mesma, pelo menos com aquela verdade, e gostava mais da versão de Christine. Se não fosse uma pessoa apaixonada, pelo menos assumira os mesmos riscos que uma pessoa apaixonada teria assumido. Cometera os mesmos pecados, ou até maiores.

— O que não posso entender é como meu pai encontrou uma mulher como você — disse ela. — Ele é tão tolo. Pelo menos politicamente. E é muito machista.

— Não acho que esteja sendo justa com seu pai, Christine — respondeu Rebecca com um sorriso. — Sam respeita as mulheres. Ele pode ser um pouco antiquado em relação à forma de manifestar isso, mas talvez nunca tenha sentido tanto respeito num homem antes.

A imagem de Damon formou-se em sua mente ao pronunciar aquelas palavras.

— Você diz isso porque não é filha dele — argumentou Christine. — Se tivesse crescido embaixo do jugo desse homem, talvez não o defendesse tão rápido.

— O relacionamento entre pais e filhas nunca são fáceis. Os homens na verdade não sabem bem como se sentir em relação às filhas.

— Acho que é uma forma branda de dizer isso — afirmou Christine, girando uma mecha de cabelo no dedo, um de seus gestos favoritos.

— Um bom pai, como o que você tem, quer que a filha seja independente. Mas ao mesmo tempo deseja protegê-la. Isso pode dificultar o equilíbrio. Não acho que a morte de sua mãe tenha sido fácil para Sam.

Christine sorriu.

— O que a faz ser tão tolerante? — quis saber a garota.

— Erros, minha menina. Muitos erros. Mais do que me era permitido — respondeu Rebecca. — Mais do que eu tinha direito.

Christine recostou-se contra o sofá, sentindo-se confortável. A resposta de Rebecca a agradara de uma forma que não pretendia revelar.

Rebecca se permitiu ser envolvida por um novo relacionamento como amiga e confidente de Christine. Pressentiu que as inseguranças da menina estavam relacionadas, de alguma forma, com a perda da mãe. Assim, foi fácil para Rebecca apoiar a garota em suas opiniões, antecipando o fato de que seu papel de confidente terminaria em breve.

Como que para trazer um reinício a esse processo de regeneração, Dusty entrou em contato com Rebecca naquela primavera, convidando-a para seu casamento. A primeira carta foi breve, pouco mais do que um bilhete. Mas quando Rebecca respondeu com uma carta de congratulações e amor, Dusty correspondeu. Na Páscoa, telefonou.

Sua voz continuava a mesma. Conversaram por um longo tempo, Dusty no apartamento desconhecido de seu noivo, Rebecca acomodada no sofá de seu apartamento, descortinando o lago Michigan. O deslocamento estava completo, as vidas antigas encerradas para sempre, e por esse motivo ambas pareciam mais à vontade.

Mais telefonemas se seguiram, e uma nova versão da antiga intimidade começou timidamente a se iniciar. Dusty estava muito animada com Cameron e seus planos para o futuro; Rebecca a encorajou nisso e ficou orgulhosa da própria confiança.

— Ele está ansioso para conhecer você — disse Dusty. — Contei a ele sobre você.

Rebecca sofreu em silêncio as implicações daquela declaração, acreditando que a filha não teria revelado a terrível verdade por completo.

— Também mal posso esperar para conhecê-lo. Como ele está se saindo com seu pai?

— Muito bem, ao que parece. São completamente diferentes, mas parecem gostar um do outro.

Rebecca sentiu algo estranho com essas palavras.

— Fico contente.

Por algum tempo as duas ficaram com receio de se encontrar outra vez, mas a comunicação entre elas, as chamadas e respostas consecutivas de várias formas acabaram por fornecer a coragem necessária. Começaram a fazer planos concretos para o casamento que as aproximaria outra vez.

A primavera em Chicago começava a ficar mais quente, ainda que, vez ou outra, houvesse chuva ou um dia de vento gelado. No Wisconsin, a neve ainda permanecia no solo. Rebecca sentia a vida vibrando em cada parte do corpo. Mal podia esperar pelo verão.

Ela e Damon já faziam planos para o divórcio. Seu advogado em Chicago estava elaborando os detalhes iniciais com o advogado pessoal de Damon, em Nova York. A situação era surpreendentemente amigável. Damon parecia ter exaurido seu ódio contra Rebecca depois da visita ao Canadá. Agora era educado, um tanto remoto e mais preocupado com a felicidade de Dusty do que cota o próprio casamento falido.

— Fiquei sabendo que vocês, têm conversado — comentou ele, num dos telefonemas.

— E verdade.

— O que você acha?

— Ela parece excitada. Cameron deve ser um jovem muito especial. Dusty diz que você já o conheceu.

— Já. Já o conheci.

— Como ele é?

— É sossegado. Muito serro com o trabalho — disse ele.

Rebecca já sabia que Cameron não tinha ambições para uma carreira como a de Damon. Sem dúvida Damon estava tendo dificuldade em satisfazer seu desejo que Dusty tivesse um futuro brilhante.

— Como ele é com Dusty?

— Acho que você mesma vai descobrir.

Havia uma farpa nessa última observação, que fez com que Rebecca terminasse mais depressa a ligação. Ela e Damon sabiam o que acontecera da última vez que conhecera o namorado de Dusty.

De sua parte, Damon estava envolvido consigo mesmo e com sua própria vida. Ele se libertara da mágoa provocada por Rebecca e se movia cheio de energia em direção ao futuro que planejava para si mesmo.

O projeto Hightower estava próximo de tornar-se uma realidade. Graças ao trabalho esforçado de Damon e dos contadores envolvidos, a proposta passara na assembléia estadual. Comentava-se que o Hightower faria de Nova York um local de incentivos fiscais, procurado por investidores de outros países e deflagraria o

progresso ao longo da costa na década seguinte. Ainda havia problemas em Washington, onde opositores ao projeto, provavelmente por motivos políticos próprios, estavam obstruindo a aprovação de fundos federais. Porém o governador sentia razoável segurança de que sua influência pessoal iria resolver o assunto. Ele elogiava bastante o trabalho de Damon.

— Você sempre foi a arma secreta por trás de tudo. Se Você não mantivesse satisfeitos os egos na prefeitura, toda a ideia teria ido por água abaixo há muito tempo.

— Que bom que acredita nisso, Ron — respondeu Damon, cheio de modéstia.

— E não pense que seu trabalho passou em brancas nuvens — acrescentou o governador.

— Bem, isso é ótimo.

— Eu mesmo fiz questão de que todos reparassem em seu empenho. Nossos amigos sabem como apreciar um talento como o seu. A propósito, você sabia que o vice-presidente estudou em Harvard?

Damon suspeitou de que talvez lhe oferecessem um cargo político. Sem dúvida o governador certificava-se de que quando a hora viesse, Damon se recordaria de quem fizera o favor.

Damon começara a ver Alison Shore outra vez. Ela lhe perdoara por seus modos na noite da discussão sobre Rebecca, e as coisas continuaram mais ou menos do ponto em que haviam parado. Havia rumores de que Alison tivera um amante muito jovem, quase um menino, depois da briga com Damon. Mas o relacionamento ou não funcionara ou fora abandonado com a reaproximação dos dois.

Alison parecia excitada com o futuro de Damon, tornando um prazer o relacionamento. Suas carícias familiares eram reconfortantes, assim como a inteligência e maturidade de sua conversa, que freqüentemente eram sobre pessoas que ambos conheciam. Quando estava com ela, sua velha frustração sobre Rebecca parecia distante, como se o relógio tivesse retornado no tempo, para uma época mais simples. Damon sentiu que controlava melhor as coisas.

Ashley fizera o aborto, e Damon fora bondoso com ela, vendo-a com freqüência durante as primeiras semanas após o procedimento, depois passando um final de semana inteiro com ela. Ela parecia fraca, mas já voltara à própria personalidade. Preocupava-se com os efeitos do aborto em sua vida sexual; na cama, continuava tão ansiosa e criativa como sempre.

A nova situação de Damon, que oferecia intimidade a ambas as mulheres, trazia uma certa semelhança com a antiga vida com Rebecca e Alison. Ele era capaz de intercalar as carícias mais maduras de Alison com a paixão de Ashley, mais ou menos segundo sua vontade. Não podia deixar de imaginar que possuía o melhor de dois mundos: uma mulher mais velha para entendê-lo e uma mais nova para excitá-lo.

Para Damon, assim como para Rebecca, a aproximação do casamento de Dusty era um evento complexo e excitante. Lembrava-lhe de suas conquistas na vida, seu papel como pai de família e seu sucesso profissional. Não se sentia mais velho por causa disso. Afinal, mantinha intimidades com uma garota pouco mais velha que a filha,

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

uma garota que estava livre da indesejada gravidez e que sem dúvida seguiria o exemplo de Dusty, casando-se, mais cedo ou mais tarde.

Tinha vontade de conhecer Rebecca e seu novo namorado, Sam, no casamento. Sabia que se tratava de um homem, mais velho, inclusive mais velho que o próprio Damon, e via aquilo com certo triunfo. Por um lado, não precisaria mais se atormentar sobre Rebecca e o rapaz, Tony. Por outro lado, podia mentalmente contrastar sua própria e excitante vida com a situação monótona na qual Rebecca se metera, no Meio Oeste, com Bittman. Dessa forma, Damon sentia que seu próprio orgulho ficava restaurado, assim como o equilíbrio em seu relacionamento com a ex-esposa. Tudo se encaixava em seus lugares.

CAPÍTULO 30

O casamento de Dusty teve lugar na segunda semana de junho. A seu próprio pedido, ninguém a não ser as famílias diretamente envolvidas e apenas alguns amigos foram convidados. A cerimônia ocorreu na capela da universidade.

Dusty imaginara conseguir um emprego logo depois da lua de mel. Por sua insistência, iriam morar no apartamento de Cameron por enquanto. Dusty tinha muitas lembranças agradáveis do apartamento e gostaria de iniciar lá sua nova vida.

Rebecca chegou duas semanas antes do casamento. Tinha muita limpeza para fazer, tanto no apartamento quanto na casa em Long Island. Era irônico, porque algumas das coisas iriam para Chicago mais tarde, e outras ela daria, como qualquer mãe orgulhosa, para Dusty, quando ela e Cameron tivessem um apartamento novo. Sentia que assim ajudava duas novas vidas, a própria e a de Dusty, além de passar uma esponja no passado ao mesmo tempo.

A mãe e a irmã de Cameron vieram de Binghamton alguns dias antes da cerimônia. Rebecca almoçou com elas num pequeno restaurante no Village. Era gente sossegada e despretensiosa, de convívio agradável, embora não tão interessante quanto as filhas de Sam Bittman. Observou a semelhança física e temperamental de Cameron e sua mãe e ponderou que a figura do pai divorciado ausente, ele nem mesmo fora convidado para o casamento, devia ser responsável por muitos aspectos de Cameron e de sua irmã.

O reencontro com Dusty foi um momento muito difícil para Rebecca. Aconteceu na noite em que chegara a Nova York. Dusty dera-lhe o endereço do apartamento e a própria Rebecca fora do hotel até o Village e tocou a campainha às sete horas.

Quando a porta se abriu, ela teve a impressão de entrar num território de ninguém que ela mesma tinha feito. Suas andanças tresloucadas do passado pareciam colorir o corredor à sua frente, tornando sua aparência hostil e impossível, como se ficasse além dos confins da Terra.

Mas Cameron estava à porta, sorrindo do alto de seus quase dois, metros.

— Você deve ser Rebecca.

Por um instante ela segurou a mão dele e trocou algumas frases, com receio de entrar no apartamento. Então a porta abriu-se mais, e Dusty veio em sua direção. Rebecca avançou e abraçou forte sua filha, sentindo o corpo familiar em seus braços, sem ousar encarar o rosto jovem.

— Meu Deus! Como senti sua falta — disse ela, com voz trêmula.

— Eu também, mamãe.

Dusty usou o tratamento carinhoso, tão raro depois da infância, e isso cortou o coração de Rebecca.

Houve um instante de confusão quando os três entraram no apartamento, e as estantes, gravuras e a mobília velha distraíram a atenção de Rebecca do rosto da filha.

Só então olhou de verdade para Dusty.

— Você está tão diferente! — exclamou, com voz espantada.

— É mesmo?

A mudança era óbvia. Dusty ainda parecia jovem, mas alguma coisa fundamental parecia ter sido modificada. Estava mais magra, as roupas que Rebecca comprara naquela primavera provavelmente não serviriam. Ela resplandecia, como qualquer noiva, mas a meninice era claramente uma pose, encobrindo o sofrimento interior pelo qual Rebecca tinha boa dose de responsabilidade, talvez toda. A vergonha se agitou em seu interior quando compreendeu isso. Mas Dusty já estava mostrando seu pequeno apartamento, levando-a pela mão.

— Aqui é onde trabalho... as coisas de Cameron estão todas no outro quarto. Lembra-se desse quadro? Brit me ajudou a pendurá-lo. Ela diz que o gosto de Cameron é bastante discutível... sabe como é o jeito da Brit, não sabe?

As coisas estavam indo bem até que Rebecca percebeu que não estava retendo o significado das palavras de Dusty, pedindo sempre para ela se repetir. Em seguida reparou que Dusty lhe passava alguns lenços de papel.

— Fique logo com a caixa — dissera ela, sorrindo. Rebecca não parara de chorar desde que entrara no apartamento.

Finalmente acomodou-se e começou a fazer o jantar na cozinha acanhada. Gostara de Cameron desde o primeiro momento. Embora tivesse comportamento adulto, como a maturidade, a distração e a escolha cuidadosa de palavras, ainda havia nele algo de adolescente com sardas, que encantou Rebecca. E ficava claro para qualquer um que ele amava Dusty.

Dusty achou que a mãe mudara drasticamente. Rebecca parecia mais acomodada, mais em paz consigo mesma e mais dinâmica do que antes. Falava bastante e estava cheia de idéias, consciente de sua posição. Parecia livre, pensou Dusty, Livre e desimpedida.

Depois do jantar, Cameron pediu licença um tanto desajeitadamente para visitar o laboratório, e Rebecca ficou sozinha com Dusty. Passou um instante aflitivo tentando recordar o discurso que ensaiara durante o inverno e a primavera, depois resumiu tudo numa pergunta:

— Você consegue me perdoar?

— Já perdoei você.

A resposta da filha fora rápida, talvez ensaiada. Mesmo assim, era tudo o que Rebecca precisava escutar.

— Sinto que, arruinei sua vida. Nunca vou perdoar a mim mesma.

Dusty pareceu consciente da distinção entre essas duas coisas, mas comentou apenas a primeira.

— Você não, arruinou nada, mãe. Cameron é uma pessoa maravilhosa.

Rebecca enxugou os olhos.

— Estou vendo, meu bem. Fico feliz em ver você assim.

Conversaram por um bom tempo, sentadas no velho sofá. Mas as trocas de novidades logo se tornaram repetições das coisas que já haviam ditas ao telefone durante a primavera. Conversa mesmo era impossível. Muita coisa acontecera. A ironia da situação... duas mulheres encontrando a felicidade com homens que não conheciam um ano antes, exatamente pelo que acontecera entre Rebecca e Tony...

Ela não ficou perdida. Mas em algum momento no decorrer da conversa sentiram que havia espaço sólido para comunicação sincera. Rebecca encontrou a si mesma chorando outra vez; depois rindo como uma estudante. Então Cameron voltou e ela partiu, exausta, de volta ao hotel e a uma nova fase de sua vida.

Dois dias antes do casamento, Sam chegou a Nova York. Dusty insistiu em conhecê-lo o mais rápido possível, e Rebecca levou-o logo para o apartamento. Enquanto ele cumprimentava Cameron, na sala, Rebecca descobriu-se apreciando emocionalmente a irrerealidade da situação. Todos estavam tão longe das posições que ocupavam um ano antes. Não conseguiu deixar de pensar na fascinação de Sam sobre as placas na superfície terrestre. Como aqueles pontos remotos que por fim se aproximam quando uma das placas tectônicas desliza para baixo da outra, Sam e Dusty haviam sido colocados em contato pela enorme improbabilidade da aventura de Rebecca com Tony.

Para seu alívio, Sam elevou-se acima do embaraço do momento e conseguiu ser simpático tanto com Cameron quanto com Dusty. Perguntou, cheio de interesse sobre a pesquisa química de Cameron e cumprimentou Dusty pela formatura em jornalismo.

— Sempre admirei pessoas que sabem escrever — disse ele. — E um talento que nunca tive. Ficaria envergonhado se vocês vissem algumas das cartas que escrevi para sua mãe. Parecem algo escrito por um estudante de oitava série.

A pedido de Dusty, ele mostrou fotografias das filhas e contou sobre a admiração de Christine por Rebecca.

— Ela não pôde vir nessa viagem por causa das provas. Ficou desapontada, isso eu posso dizer. Mas você logo vai estar com ela. Crissie está morrendo de vontade de conhecê-los.

Em resposta às perguntas de Dusty, ele falou sobre o plano de construir uma casa para si, em Lake Geneva, no Wisconsin.

— Ouvi falar de Madison depois de trinta anos. Sinto-me como se fosse iniciar num lugar completamente novo. Quero ficar perto o suficiente para ver minha família. E ainda há Christine para pensar... pelo menos até que ela se forme na faculdade — declarou Sam.

Ele sorriu para Dusty, e ela retribuiu com sinceridade.

— Sua mãe consentiu em usar um pouco da habilidade que possui em decoração para me ajudar, quando chegar o momento — disse ele. — Estarei precisando muito, isso eu garanto. Meu gosto deriva para o bárbaro, como diria Crissie.

Embora a noite tivesse passado de forma amena, havia uma certa comemoração no ar, como se todos tivessem sido apanhados por um tornado, Rebecca mal podia acreditar no fato de que o destino fora tão misericordioso com ela, a ponto de trazer

a filha de volta. E havia Sam, envolvido em conversas masculinas com Cameron sobre as necessidades de diplomas de faculdade, requerimentos de empregos e carreiras. Tudo era real, embora parecesse ser um sonho bom.

Alguns dias antes do casamento, Damon e Rebecca encontraram-se para almoçar. Conversaram um pouco sobre o divórcio, que teria a sentença final, ironicamente, um dia antes do casamento de Dusty. Depois conversaram descontraidamente sobre a vida da filha.

— O que achou de Cameron? - indagou Damon..

— Ele parece um ótimo rapaz. Talvez não tenha muito traquejo social, mas é firme e parece decidido.

— É verdade, ele é mesmo assim.

— E é jovem de coração, do jeito dele. Essa é uma grande qualidade — comentou Rebecca.

Corou ao perceber que ambos comparavam mentalmente um com o outro.

— É o que parece.

Ela sabia que Damon não poderia gostar de Cameron como gostara de Tony. Cameron vinha de uma família modesta e mesmo que se distinguisse na carreira acadêmica, jamais seria um pilar da comunidade, como Damon.

— O que você achou dela? — quis saber Damon, encarando-a.

— Achei que ela está feliz. E forte. Estou orgulhosa dela.

Damon afastou os olhos, depois voltou a encará-la.

— Então seu amigo está com você — disse ele. Rebecca assentiu.

— Você pode encontrar com ele se quiser. Espero que não se importe por ele vir ao casamento.

— De forma alguma. Traga-o. Qualquer amigo seu é meu amigo, como eles dizem

— Damon mostrou-se civilizado.

Além disso, Dusty seria a ligação entre eles. Rebecca sempre parecia estar a um milhão de milhas de distância. Os últimos meses a haviam mudado. Quando ele a vira no Canadá, dera-lhe a impressão de rebelde e determinada... mas não estava feliz. Agora parecia calma, sorridente e muito em paz consigo mesma, de uma forma que ele jamais a imaginara. Sam devia ter feito muito bem a ela.

Damon não teve coragem para reprová-la ainda mais. Fizera isso no Canadá e não ajudara em coisa alguma. Surpreendentemente não havia motivo para que ele não desejasse a felicidade dela agora. Tanto por Dusty quanto por ele mesmo. Ele sentia que era homem o suficiente para ser magnânimo com ela. Todos haviam sobrevivido, e ele tivera suas compensações.

— Vou sentir falta de você — disse ele.

— Também vou sentir falta de você, Damon — respondeu ela, apertando-lhe a mão.

Ele sentiu uma ponta de dor em algum lugar de seu coração e forçou um sorriso aos lábios.

A cerimônia foi íntima. A capela deixou a festa de casamento mais aconchegante. Brit foi a dama de honra. Um jovem da cidade de Cameron foi o padrinho. Damon levou Dusty até o altar.

Sam sentou-se ao lado de Rebecca. Damon o encontrara brevemente naquela manhã. Estava intrigado. Sam parecia um sujeito muito simplório, sem charme ou distinção. Era esse o homem que tornara Rebecca tão feliz? Parecia incrível.

O capelão realizou a cerimônia ecumênica... Rebecca não passara sua crença católica para Dusty, e a família de Cameron era vaga sobre religião... não adicionou um sermão por conta própria.

— Dusty, você aceita esse homem... — começou o pastor.

As palavras do ritual atingiram Rebecca, e as lágrimas vieram aos seus olhos, assim como aos da filha. Tanto a prometer, pensou. Tanto a ousar, em poucas palavras. Pensou nas próprias promessas, feitas tantos anos atrás a Damon e na forma como o casamento de ambos terminara.

— Aceito.

Não conseguiu ver o rosto de Dusty. Sentiu que Sam apertava sua mão. Quando deu por si, tudo terminara. A noiva e o noivo estavam abraçando a todos e pareciam ansiosos para partir em lua de mel.

Quanto a Damon, sentiu certa superioridade em relação a tudo aquilo. Algo sobre a modéstia da cerimônia e da vida futura de Dusty, deve tê-lo ofendido. Sempre fora um homem ambicioso, um homem que desejava fazer sua marca no mundo. Toda a cerimônia parecia um repúdio de tais horizontes amplos. Um marido com giz nas mangas e uma casa pequena cheia de crianças em alguma cidade universitária; esse era o sonho aos olhos de Dusty.

Ainda assim havia uma quantidade enorme de felicidade naquela capela. Dusty estava resplandecente. Cameron parecia orgulhoso e excitado. Rebecca, com as lágrimas caindo pelo rosto, parecia estranhamente bela.

Enquanto Cameron beijava Dusty, Damon não conseguiu deixar de se impressionar com a intensidade da ocasião. Dusty e Cameron escolheram um ao outro contra a maré e ousavam caminhar para a vida a despeito das terríveis incertezas dessa era. Com respeito a Rebecca, embora ela tivesse pecado contra a família e a religião, encontrara a liberdade, ou pelo menos o que pensava ser a liberdade. E Sam Bittman, tendo lutado contra a perda, agora encontrara Rebecca. Isso, Damon era obrigado a admitir, era um achado considerável.

Damon sentia o peso da improbabilidade nesses relacionamentos e a coragem necessária para ultrapassar essa improbabilidade. Todos ali eram falíveis, imperfeitos... mas todos tentavam fazer a escolha certa. Fazer o melhor. Fraqueza e força encontravam harmonia no brilho do amor que enchia todos os rostos. E o amor não se podia distinguir da esperança. Damon percebeu isso e ficou tocado.

Naquela noite, depois da recepção, ele telefonou para Ashley e disse que queria terminar o relacionamento. Ela escutou em silêncio os motivos dele, que para dizer a verdade, eram vagos tanto para ele quanto para ela.

Então, depois de gritar um palavrão, Ashley desligou o telefone.

CAPÍTULO 31

Rebecca e Sam voltaram ao Meio Oeste imediatamente após o casamento de Dusty. Tinham muito o que fazer. Havia uma casa a construir, mobília para escolher e um milhão de detalhes a supervisionar.

Christine encontrou tempo para passar um final de semana prolongado com Rebecca, em Chicago. Foram assistir David Mamet no teatro Steppenwolf e passaram um dia inteiro no Museu de Arte. Rebecca insistiu em comprar um vestido novo na Marshall Field. Quando Christine saiu do provador, Rebecca recordou a ocasião em que ajudara Sam a escolher um traje para a filha, em Grace Island. Em pouco tempo, talvez conhecesse o tamanho exato do corpo de Christine, como conhecia o de Dusty.

Rebecca visitava Sam em Madison e o ajudava a cuidar dos netos das outras filhas. Fazia compras com Gretchen e passeava com Sam entre a assembléia estadual e a universidade, onde viu o apartamento de Christine perto do campus. O ar estava perfumado pela resina, os lagos refletiam o céu sem nuvens, e Rebecca sorria quando Sam a avisava sobre o inverno rigoroso que tornava todos os passeios impossíveis durante seis ou sete meses por ano.

A ironia da situação de Rebecca estava começando a ser eclipsada por novos hábitos que tornaram o passado ainda mais remoto. Compreendeu que não era a única mulher nos Estados Unidos cujo casamento fracassara, atirando-a num mundo completamente novo. A vida moderna impunha deslocamentos a milhares de pessoas. Pouca coisa era permanente.

Mas considerava-se uma pessoa de sorte. A família Bittman era feliz e acolhedora. Fora recebida de braços abertos. E o mais importante de tudo era que, a despeito dos próprios erros, não perdera Dusty. Falava com a filha ao telefone todas as semanas e nunca esquecia de agradecer aos céus por aquela reconciliação.

Depois de romper com Ashley, Damon passava mais tempo com Alison. Embora estivesse contente por se livrar de Ashley, havia ainda ecos distantes da humilhação que sofrera com Rebecca, no ano anterior. Não gostava de solidão. Além disso Ashley sempre fora uma poderosa fonte de energia em sua vida, tanto psicológica quanto sexualmente. Deixara um espaço vazio.

Alison não parecia consciente de que algo mudara. Retornara à antiga personalidade, cheia de ironias brilhantes sobre os amigos que ela e Damon tinham em comum. Damon percebeu que apreciava cada vez mais a inteligência e personalidade dela. Mesmo quando trabalhara contra ele, como na discussão sobre Rebecca, ele respeitava seus pensamentos e o poder de previsão dela. Tratava-se de uma mulher notável.

Ocorreu a ele pedi-la em casamento quando recebeu os papéis de divórcio através dos advogados de Rebecca. Alison era uma mulher especial demais para ficar solteira. Ele faria a si mesmo um grande favor se a tornasse sua esposa. Com os

contatos políticos que ela possuía, o arranjo ficava ainda melhor. 'Poderiam mudar-se para Washington, juntos.

Damon encontrou-a no final de semana na capital e procurou casas em Georgetown com ela. Alison parecia partilhar sua excitação sobre o futuro. Ele se sentia bem quando estava com ela. A elegância com que se portava enquanto fazia as perguntas corretas sobre a casa e a vizinhança o deixaram impressionado. Já era uma especialista em Washington. Seria uma ajuda inestimável para Damon.

Ele encontrou regularmente Dusty e Cameron durante o verão. Convidou-os para passar fins de semana na casa de Long Island. Pareciam felizes e satisfeitos um com o outro e com ele. Rebecca retirara muitas de suas coisas, contudo a casa não estava diferente. Era estranho sentir, o fantasma dela pairando entre eles na casa e na praia. Estranho, mas não doloroso. Todos agora tinham o que desejavam, incluindo Rebecca. O passado deles era diferente do futuro, só isso.

A própria Dusty parecia mais afeiçoada a Damon do que nunca. Era como se, tendo encontrado um marido, passasse a respeitar mais o pai e se sentisse mais à vontade com ele. Damon apreciava isso e sentia-se mais próximo à filha.

Estava aprendendo a gostar de Cameron. Vagarosamente, tornavam-se uma família. A única que faltava era Rebecca. A culpa, naturalmente, era dela, pois fora ela quem fugira. Damon quase se sentia agradecido por isso. A partida dela não danificara, sua carreira política e o libertara de uma vida estupidificante, ajudando-o a escolher novos rumos.

Pouco depois, no edifício do Senado, em Washington, encontrou uma jovem que lhe agradou muito, uma assistente legislativa do senador Drake, e sentiu que o futuro era cheio de promessas. Conversou com ela sentindo receptividade, uma loira de sardas sem anel de casamento. Parecia conhecer sua reputação. Damon comentou que estaria de volta com frequência e ela pareceu interessada em tal informação.

No início de agosto, Bob Krieg mandou chamar. Damon. Tinha um ar grave ao iniciar a conversa.

— Damon, existe uma coisa que preciso mostrar a você.

Bob empurrou na direção do sócio uma fotocópia. Tratava-se do artigo que seria publicado no Washington Post, no dia seguinte. Damon colocou os óculos e o leu cuidadosamente.

AMANTE DO ADVOGADO DE LAZARE DECLARA QUE ELE TRABALHOU CONTRA O HIGHTOWER

Uma funcionária pública, que afirma ter sido amante do conselheiro jurídico do prefeito Lazare, Damon A. Lowell, afirma que Lowell trabalhava secretamente para minar o projeto Hightower, enquanto parecia fiel aos conceitos de Lazare para o projeto.

Lowell, segundo a informante, trabalhava para certas pessoas de influência no governo estadual para assegurar a reeleição do governador, no próximo ano. O projeto

Hightower, se bem sucedido, seria um grande trunfo na campanha eleitoral de Lazare, contra o governador.

Os repórteres do Post investigaram os telefonemas entre Lowell e os assessores do governador, e constataram a coincidência deles com esforços em Albany e no Capitólio para evitar a liberação de fundos estaduais e federais para o projeto Hightower. Segundo essa fonte não identificada, Lowell comunicava estimativas de custo a longo prazo e outras informações financeiras danosas ao Hightower, para lobistas intimamente associados ao governador. "Ele assumiu a tarefa de tranquilizar o prefeito e seus assessores sobre o Hightower, enquanto mantinha o governador e os outros informados sobre todas as fraquezas do projeto", afirma nossa fonte.

A firma de Minter, Gaeth, Blackman, Krieg e Lowell, da qual Lowell é sócio majoritário, negou qualquer envolvimento com a alegada ideia de "agente duplo". "Nossa firma não tem conhecimento dos detalhes do Hightower — disse um porta-voz dos advogados. — Damon Lowell era o único sócio e único representante nesse projeto. Achamos a acusação incrível. Nossa firma jamais agiu contra os interesses de um cliente em toda a sua história."

Ken Prieto, um assessor do prefeito, disse aos repórteres que o esquema do "agente duplo" fora descoberto pelos assessores havia quase um mês, e permitiram que ele continuasse de forma que "o prefeito pudesse monitorar a oposição ao Hightower."

Essa história de capa-e-espada vazou a um repórter do Post por intermédio de uma funcionária pública, cujo nome foi ligado a uma ação legal contra a firma de Damon Lowell pela cidade. Entretanto, uma investigação sobre o assunto está sendo cogitada em nível estadual e pela Ordem dos Advogados.

Damon ergueu os olhos para Bob, do outro lado da escrivaninha, que evitou seu olhar.

— O que é essa besteira? — quis saber Damon.

— Infelizmente não é besteira — afirmou Bob.

— O Município terminou oficialmente sua ligação conosco no projeto Hightower esta manhã. Lazare disse a Roy Minter que você não deve colocar os pés na câmara municipal para tratar do projeto Hightower, nunca mais. Em outras palavras... fomos despedidos, Damon.

Damon ficou intrigado.

— Não estou entendendo. O Hightower está indo bem. Falei ao telefone com todos os envolvidos nas últimas quarenta e oito horas.

A forma como Bob se remexeu na cadeira indicou a Damon que as piores notícias ainda estavam por vir.

— Damon, nós dois trabalhamos juntos há muito tempo, não é? Sinto como se estivesse cortando meu próprio braço direito ao ter de lhe dizer o que vou dizer. Mas os sócios pedem sua demissão. Agora.

— Pedir demissão? Está maluco, Bob? Por que eu deveria pedir demissão?

— E para o bem da firma — argumentou Bob.

— Não pense que é uma coisa que eu goste de fazer, Damon. Ontem à noite, intercedi a seu favor, mas todos os outros sócios se juntaram contra mim. Contra um só. Uma coisa é embarçar a você, Damon. Outra coisa é embarçar a firma.

— E posso saber como embarcei a firma?

— Pelo amor de Deus, Damon, temos sócios a. associados trabalhando em cerca de duzentos contratos municipais — disse Bob. — Quanto tempo acha que continuaremos trabalhando para eles, após , a publicação dessa notícia? Traímos nosso próprio cliente. E acontece que esse cliente era a cidade de Nova York. Estamos ocupados até o pescoço na reparação dos danos. Ninguém dormiu a noite passada. Você é capaz de imaginar o que uma coisa dessas pode fazer. Nosso bom nome como firma digna de confiança será destruído.

Damon sacudiu a cabeça, como se assim pudesse raciocinar melhor.

— Mas isso não é verdade! — protestou ele. — Como pode uma coisa destruir nossa credibilidade se não é verdadeira? Nunca fiz nenhum esquema contra o Hightower. Você sabe disso. Fiz o melhor que podia naquelas previsões para conseguir que o projeto passasse.

Bob permaneceu em silêncio.

— Não é verdade, é? — insistiu Damon, com uma ponta de esperança na voz.

Bob não disse nada. Seu olhar era evasivo. Damon ficou intrigado. Por que Bob agia daquela forma?

— É?

Bob continuou em silêncio.

Como uma doença fatal, oculta nos sintomas mais simples, a verdade caiu sobre Damon.

— Meu Deus — murmurou ele, abalado. — E verdade, não é?

Bob olhou para o outro lado. O East River serpenteava ao lado de fora da janela, encoberto pela poluição. A água imunda tinha um aspecto pitoresco, vista daquela altura. Parecia que ninguém conseguiria afogar-se nele.

— Vocês estavam nisso o tempo todo, não é? — indagou Damon. — Você e o governador. E Roy, Tom e Evans, também. Vocês me usaram como bode expiatório para o Hightower, e o tempo todo estavam sabotando o projeto!

Ponderou a enormidade de sua decepção. Todo o seu trabalho, as reuniões semanais com o pessoal do governador, as sessões intermináveis com Lazare, um homem do qual nem ao menos gostava... tudo em nome de um projeto que seus próprios sócios pretendiam destruir desde o início.

— Por quê? Bob suspirou.

— Porque se isso passasse, Lazare seria um herói. Ele teria feito da obra o ponto principal de sua campanha para governador. Não podemos nos permitir ter Lazare como governador, Damon. Ele tem os amigos errados. Iria destruir tudo o que o governo está lutando para fazer.

Damon finalmente enxergou a verdade. Não era de se admirar que sempre tivesse parecido fora de padrão os amigos antigos do governador... incluindo o próprio Damon... estarem trabalhando lado a lado com Lazare.

— Por que não me disse nada? — perguntou ele a Bob. — Por que me deixou esticar o pescoço dessa maneira, quando tudo era uma farsa?

Um olhar entre embaraçado e penalizado distorceu as feições de Bob.

— Nós pretendíamos contar tudo a você — declarou ele. Mas no começo você estava fazendo as coisas parecerem tão simples, que não havia motivo para desmotivá-lo. O governador queria que Lazare se comprometesse tanto quanto possível, antes de... bem, acho que você já entendeu tudo. A esperança era que quando o projeto falhasse, Lazare fosse o grande perdedor.

Ele deu de ombros, sem encarar o sócio.

— Tudo estava acontecendo de acordo com o plano. Mas depois que Rebecca partiu, você se tornou descuidado. Perder Alison e ficar com aquela garota... simplesmente não teve o cuidado suficiente. Você deixou vaziar informações sobre o Hightower. Isso ficou sabido por todos. Detesto dizer isso, Damon, mas nessa época todos concordamos em que você começava a representar um risco. Era uma posição de segurança. Tínhamos de ter um cuidado extremo.

Damon olhou outra vez para a cópia do artigo no Post. Sim, ele se tornara um risco para a segurança do projeto. Brincara com Ashley sobre o Hightower quando estavam juntos na cama. Ela era empregada do município. O pessoal de Lazare era constituído de gente como ela. Talvez ao invés de ele ter se aproximado dela, a verdade fosse ela ter se aproximado dele. Qualquer que fosse a oferta dele, deve ter parecido atraente para ela em relação ao que Damon tinha a oferecer, como possibilidade de confidências.

Damon bateu no artigo com um dedo manicurado.

— O que faz você pensar que eles podem dar credibilidade a essa matéria?

— Lazare é uma verdadeira raposa com a mídia. O Post é só o começo. Ele vai inundar a cidade com esse assunto. E tem munção suficiente com os trabalhadores para usar isso em sua vantagem. Firma de interesseiros em conluio com Albany para prejudicar a cidade!, e coisas parecidas.

Damon pensou na possível fotografia que o Post utilizaria para ilustrar o artigo quando fosse publicado.

— Então... é tarde demais para fazer qualquer coisa.

— É — concordou Bob. — E posso garantir que ninguém lamenta mais do que eu, Damon.

— Eu poderia ter sido um pouco mais cuidadoso se soubesse da verdade — argumentou Damon. — Como espera que um homem lide com uma situação complexa quando ele desconhece o elemento principal?

Bob balançou a cabeça, como se estivesse conversando com uma criança teimosa.

— Como eu já disse, nós pretendíamos contar...

Damon parou de escutar, pensando no governador, que parecia tão amigável e cooperativo nos últimos meses. Parecia muito mais fácil de lidar do que Lazare. Agora Damon lembrava que o governador sempre fora amigo de Bob Krieg, seu colega em Harvard. Quando resolveu que o Hightower podia ser uma possibilidade política no

jogo da candidatura de Lazare para o governo estadual, resolveu confiar em Bob e nos outros.

— Maldição! — desabafou Damon, incapaz de conter sua raiva. — Por que eu tenho de assumir toda a culpa sozinho? Fui usado. O mínimo que podia fazer por mim era me dar tempo para rebater as acusações.

Bob sacudiu a cabeça, num gesto negativo. Outra vez a expressão benigna desenhou-se no rosto dele.

— Tanto quanto o mundo vai saber, você sempre foi o único a entrar em contato com o governador ou com o pessoal dele.

— Meu Deus, nunca pensei que fossem inteligentes a esse ponto — desabafou Damon. — Não consigo entender como fui tão tolo...

— Como eu disse, desde que Rebecca partiu, as coisas não foram as mesmas...

Isso Damon não poderia negar. Um ano atrás ele poderia enxergar com facilidade uma conspiração como aquela. Afinal, havia muito que ele aprendera a não confiar em ninguém de sua profissão. De uma forma peculiar, perdera mesmo o controle das coisas depois que Rebecca se fora.

Sorriu para Bob.

— Mas Lazare percebeu a jogada. Ele deve ter percebido há muito mais tempo. Por isso ele...

Deixou que as palavras morressem ao perceber que ia elogiar Lazare por ter a inteligência e sagacidade que ele, Damon, não tivera quando todos mais precisavam disso. Lazare, o político "lutador de rua", percebera a trama. Devia ter achado estranha demais a solicitude do governador para confiar nela. Assim, enxergara através do exterior educado de Damon. Os relatórios sobre o que estava acontecendo em Albany, e as possibilidades de traição. Uma traição da qual o próprio Damon estivera inconsciente, cego pelo sentido da própria importância para o projeto e pelas ambições políticas.

Ambos os lados foram espertos, mas o prefeito vencera a batalha. Quanto a Damon, fora a ferramenta de todos, enganado e usado por todos os lados. Agora, ia ser atirado aos lobos.

— Então agora, você espera que eu me demita.

— É o melhor a fazer. A única coisa. Pense em todas as carreiras que estão em jogo, Damon — argumentou Bob.

— Só me interesse por minha carreira.

— Vai morrer afogado na praia, se insistir. Não será tão ruim para você quanto está imaginando.

— Eu poderia ir até o Post e contar minha própria versão da história, sabia? Aliás, outros jornais também iriam se interessar — ameaçou Damon.

— Você sempre foi um bom soldado, Damon. Um sujeito que joga pelo time — disse Bob, sacudindo a cabeça. — Todos sabem disso. Você não iria querer jogar fora uma reputação de trinta anos por um escândalo na mídia como esse. Seu silêncio é sua melhor arma.

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

Damon não podia negar essa verdade. Já tinha violado o código de discricção dos advogados de várias formas, não precisava desabafar para a mídia; seria seu fim.

Houve uma pausa.

— E quanto ao Hightower? — quis saber ele. Bob deu de ombros.

— Conversei com o governador há alguns minutos. Ele acha que o projeto provavelmente será aprovado. Acho que todos subestimamos Lazare.

Damon olhou para o rosto do velho companheiro. Gostaria de poder matá-lo com as próprias mãos.

— Existe uma coisa que me intriga — declarou Damon. — O que você teria feito se eu não existisse para levar a culpa?

— Teríamos encontrado alguma outra forma — respondeu Bob, dando de ombros. — Existe sempre uma maneira de contornar qualquer obstáculo. Não era isso que você mesmo sempre dizia? Mas o problema, Damon, é que você estava lá. Perdeu essa rodada.

Um silêncio seguiu essas palavras. Damon olhava para fora, através da janela. Pensava em Ashley. Recordou seu telefonema para ela no dia do casamento de Dusty. Não levava a sério a raiva dela. Fora um erro fatal. Ela não era o tipo de garota que se podia descartar e esperar que não houvesse reação. Mesmo porque abortara uma criança por causa dele. Ao examinar tudo, Damon desejava ter entendido melhor as mulheres.

— Querem anunciar sua demissão às duas da tarde — declarou Bob. — Na verdade eles me mandaram aqui, como seu amigo mais íntimo, para que a levasse. Devo levar o documento assinado comigo. Sinto muito, Damon.

Damon olhou para a_ fotografia de Rebecca e Dusty em sua escrivaninha. Havia meses imaginara colocar uma fotografia apenas da filha, mas sua preocupação com o Hightower o deixara sem tempo para as pequenas coisas.

— Também sinto.

CAPÍTULO 32

Estavam em dezembro, seis meses depois do casamento de Dusty. Rebecca tirara uma semana de férias de seu trabalho para ajudar Sam a planejar a decoração da nova casa. As obras progrediam bem. Sam estava suficientemente perto das filhas para estimular visitas e ao mesmo tempo longe o bastante para ter privacidade.

Christine provavelmente não ficaria em casa no verão seguinte. Havia encontrado um estágio em Milwaukee e fazia planos para sublocar um apartamento lá. Sam suspeitava de que isso tinha alguma coisa a ver com um novo namorado, também de Milwaukee, mas guardou sua opinião para si.

A casa, um modelo típico de bairro, com quatro quartos para acomodar convidados e netos, fora construída por uma firma com a qual Sam fizera negócios no passado, mas ainda se encontrava completamente sem mobília. Para conseguir que fosse habitada até o Natal, Sam trouxera sua antiga mobília da casa de Madison. As peças não pareciam muito apropriadas para a nova casa, e Sam sugeriu que fossem vendidas. Rebecca resolver ficar com elas por algum tempo. Seu sentido de ironia foi aguçado pela presença da mobília tão longe do local original.

— Não é tão estranho, se você pensar bem no assunto — dissera ela a Sam.

Ali naquele ambiente tão diferente de Boston, onde fora criada e de Nova York, onde vivera tantos anos, ela se sentia quase como um peixe fora d'água. Uma casa sem ostentação, no campo, exatamente como a de Sam, teria sido do seu agrado, se ela tivesse a oportunidade de rever suas escolhas com maior bom senso, na época em que saía da faculdade.

A cidade cinzenta de Wisconsin, o lago gelado, os vizinhos taciturnos com seus jipes e caminhonetes, tudo isso trazia o sabor de novidade para Rebecca, que saboreava cada faceta. Não havia vizinhos pretensiosos como em Long Island! nem sócios para criticar as mobílias que Sam escolhera para sua casa. Sam Bittman apreciava um direito que Rebecca se negara a vida inteira: o direito de ser simples.

Passava um pouco da uma hora. O fogo que Sam acendera ainda crepitava na lareira. Ele estava de saída para o trabalho.

Deu um beijo nos lábios de Rebecca e abraçou-a com força.

— Não gosto de sair daqui num dia como esse. Está vendo aquelas brasas? A gente devia ficar a tarde toda no sofá em frente a elas. Por que tenho de gastar meu tempo no escritório? — queixou-se ele.

Ele continuava romântico em relação a Rebecca. Valorizava cada momento que passavam juntos. Maldizia o novo negócio que o afastava dela. Porém Rebecca insistia para que não desistisse, porque achava que o desafio era estimulante para ele.

— As lareiras da casa estarão acesas quando você voltar — assegurou ela.

— Veja se me consegue também uma sala de estar quando eu voltar.

Ele acenou antes de desaparecer pela porta. Tinha dado carta branca para Rebecca no tocante à decoração da casa. Era um trabalho difícil, mas ela queria decorar tudo de uma forma que se adaptasse à nova vida de Sam. Queria que fosse confortável e estimulante ao mesmo tempo, para que quando ele voltasse do trabalho sentisse que entrava num local novo, excitante.

Escutou o ruído dos pneus no cascalho da alameda, que ainda não fora pavimentada. A seguir o ronco do motor aumentou, depois diminuiu quando Sam partiu. Rebecca saboreou seu café e observou o fogo. Olhou para os livros de decoração, querendo trabalhar, mas uma onda de bem-estar a fez recostar-se no sofá e ficar olhando as chamas.

Sobre a mesa de café estava o velho exemplar de *The Past Recaptured*, de Proust, que não abria havia muitos anos e que fora descoberto na mudança. Só o folheara na época de faculdade porque os seis volumes anteriores da história lhe haviam consumido o fôlego necessário para o último. Agora, tendo esquecido virtualmente todos os acontecimentos dos outros livros, saboreava o último com grande interesse. Sentira-se um pouco indolente, pulando o final, e isso aumentou o prazer da leitura atual.

Infelizmente o francês era difícil. Mas Rebecca lutou, consultando o velho dicionário que em si era uma relíquia dos dias de faculdade. Estava usando a última carta de Dusty como marcador, e retirou-a para ler um trecho. Dusty trabalhava como repórter - durante meio período e professora de inglês enquanto Cameron não obtinha o mestrado. Estava grávida, como anunciara cheia de excitação para a mãe pelo telefone no mês anterior.

Num repente, Rebecca levantou-se, com a carta na mão, caminhando até o telefone. Consultando o relógio, ela pensou que Dusty não teria ainda chegado do trabalho, mas discou assim mesmo.

— Oi, não podemos atender no momento — disse a voz gravada de Cameron. — Deixe um recado depois do bipe, e nós ligamos para você assim que for possível.

Rebecca esperou o sinal, e por um instante não conseguiu pensar em nada para dizer. Falar com gravadores sempre a deixava nervosa. Em seguida olhou para a carta.

— Olá, crianças. Estou ligando para conversar sobre os vãos que vocês mencionaram na carta. Eu os buscarei no O'Hare, se estiver, tudo certo. Não quero que tomem táxi nem limusine para vir até aqui.

Dusty deveria visitar Rebecca depois do Natal, e os detalhes diziam respeito à viagem. Hesitou um instante. Quase podia sentir sua filha invisível no silêncio da linha.

— Que besteira... a verdade é que eu queria ouvir sua voz, minha filha. E conversar sobre o bebê. Ligue quando tiver um tempinho. Estou com saudade. Dê um beijo em Cameron por mim.

Desligou, sentindo-se envergonhada. Nunca fora muito boa para falar com secretárias eletrônicas. Algo sobre o contato íntimo à grande distância era artificial e inquietante. Damon costumava dizer que ela era tão primitiva quanto os rituais dos ancestrais da Nova Inglaterra, pelo menos no que se referia a máquinas e telefones. Se ele não a controlasse, ela gritava as respostas ao receptor.

Retornou ao sofá com a carta na mão. Olhou outra vez para a caligrafia de Dusty, que nos últimos anos vinha parecendo cada vez mais com a sua. Havia uma fotografia mostrando Dusty e Cameron em frente ao prédio de química, na universidade. Cameron parecia alto, e Dusty parecia bonita. O brilho da nova gravidez estava nos olhos dela.

Rebecca fechou a carta e abriu o livro. A página que estivera lendo era densa, sem divisões de parágrafo. Ela suspirou enquanto pensava na sintaxe tortuosa de Proust, dividida por intermináveis encadeamentos de orações. Era preciso uma grande dose de paciência para chegar ao final das orações mais longas. A noite, quando se estava cansado, isso era virtualmente impossível.

Recordou que na noite anterior parara exatamente naquela página, especialmente densa. Lembrara a si mesma para ler outra vez quando estivesse desperta. No meio, havia uma sentença: "Eu precisaria ter a coragem, de recusar aqueles que vêm me visitar ou me pedem para visitá-los, baseado no fato de que tenho um encontro crucial e urgente comigo mesmo."

A frase a tinha impressionado, não apenas porque tinha dela uma vaga lembrança do jovem e intenso professor declamando-a, mas porque a atingia agora da mesma forma que quando era jovem. Isso mesmo, pensou. Existia uma época da vida quando a obrigação para com as outras pessoas precisa dar lugar às obrigações consigo mesmo. Frequentemente, para adaptar-se ao mundo, as pessoas esqueciam a verdadeira forma do próprio espírito e o forçavam como um objeto quadrado num furo redondo, gradualmente desgastando as arestas, até que não existisse mais ego para se encontrar. Seria isso o que Proust queria dizer? Não estava certa.

Tentou descobrir a resposta, mas continuava em dúvida. O esforço mental deixou-a cansada, e ela se deitou no sofá com o livro aberto sobre o peito.

O fogo estava deliciosamente quente. Tinha o calor concentrado na madeira, já quase toda consumida, restando a concentração das brasas para aquecer a lareira. Rebecca olhou para os carvões aquecidos, um dos quais se desfez com um silvo; cerrou os olhos, embalada pelo calor.

Aquele era o sofá no qual as filhas de Sam haviam brincado tanto que a falecida esposa fora obrigada a mandar fazer uma reforma completa. Naquele sofá, Sam sentara para ver televisão e ler jornal à noite, ao lado de Margery. O mesmo sofá que ele passara a evitar após a morte dela, assim como evitara a cama na qual haviam dormido juntos.

Rebecca quase podia sentir um milhar de horas familiares girando ao seu redor, mascaradas pela cortina do tempo, ainda que reais da mesma forma e mais insistentes do que apenas lembranças.

Tudo mudara. As coisas reais perdem a importância pela passagem dos anos e desaparecem. Ou ainda, reaparecem em lugares e formas irreconhecíveis, como os topos de montanha de um continente que se tornam leitos de lagos no outro.

Pessoas mudam do mesmo jeito, pensou Rebecca. Os olhos semicerrados fechavam ao crepitar do fogo que se extinguia e lhe aquecia o rosto. Viu a si mesma com Josey, procurando encrenca, olhando para os rapazes. Como era diferente naquela

época. Geralmente era ela a líder, merendo Josey em aventuras proibidas com uma imprudência total, que logo seria eliminada de sua personalidade pelo tempo e pelas circunstâncias.

Ainda assim a vida fazia um círculo completo. Naquele dia sentia um gosto pela aventura que não era muito diferente da emoção que sentira quando encontrara aquele menino sem nome no parque estadual e entrara no bosque com ele. A sensação de estar à beira de algo perigoso, a perda de equilíbrio que não se teme, porque é preciso ousar, desafiar...

Sentiu as mãos dele em seus ombros e ouviu os ruídos nas folhas de pinheiro no chão quando ela se ajeitou para facilitar tudo.

Agora lembrava-se de como fora voltar para casa naquela noite e descobrir a mãe sozinha. Ficara na soleira da porta, com agulhas de pinheiro na roupa, escutando sua mãe chorar e lamentar-se. A criança imprudente cujo corpo estava coberto de beijos e terra afastou-se, de olhos arregalados, para dar lugar a outra personalidade, olhando a carta amassada que a mãe esfregava em seu rosto. E aquela criança jamais retornara, embora todos aqueles anos Rebecca tenha preferido guardá-la no coração contra a crueldade e perigos do mundo.

Tenho um encontro comigo mesmo.

Lutou para, permanecer acordada, porém o sono envolveu-a como uma onda avassaladora. Os sonhos giravam em seu interior, cheios de palavras e discursos, como pensamentos. De uma certa forma ela estava discutindo consigo mesma. Parte dela dizia que vivera de forma razoável e valiosa, desde o princípio. Outra voz a reprovava e censurava.

A voz dizia que Rebecca abandonara o encontro consigo mesma havia muitos anos, preferindo primeiro sua mãe, depois Damon, depois o mundo de seus amigos, suas obrigações, e até mesmo Dusty. Era bom ser uma mãe carinhosa. Mas era bom enterrar a própria alma sob a devoção aos outros? Mesmo que fosse uma filha?

Teria preferido qualquer um a si mesma... como se sua própria companhia fosse inútil. E então, quase tarde demais, ou já teria sido tarde demais?, ela quebrara os laços, transgredira a lei.

Sim, fora aquele seu primeiro pecado, pensou Rebecca. Aquele que nunca fora capaz de confessar. Aquele que nem pensara em confessar, porque fazia parte dela. O pecado de atirar fora a própria personalidade em favor de um mundo ao qual se queria adaptar.

E quanto ao segundo pecado? Aquele pelo qual o mundo a condenara com rigor. Aquele que arrebatara as correntes e a atirara no limbo, de onde não parecia haver escapatória a não ser o fogo do inferno, e que, de repente, fora redimida.

A jornada da pessoa perante a vida pode levar a um vazio que só parece natural e real porque nos acostumamos a ele em nossa jaula. Então um dia, como ao acordar de um pesadelo, percebemos que a prisão está nos destruindo, e corremos, fugimos. O mundo grita sua desaprovação e nossa culpa. Porém na esquina seguinte, esquecida como um fantasma, ficou a personalidade verdadeira, imaginando se teria coragem de voltar.

O segundo pecado a levava ao exílio. Com esse pecado, rapidamente confessado, tudo se iniciou.

Escutou um ruído que ela imaginou serem os troncos ardentes a se acomodar. Mal perturbou o sono que descia sobre ela, que sorria. Era bom dormir, era doce e reconfortante.

Quando um momento mais tarde abriu os olhos e deparou com Tony sobre ela, pensou que ele fazia parte do sonho, parte da discussão no interior de sua cabeça. Afinal, não era onde ele pertencia? Não fora ele a chave para que escapasse de seu próprio passado, o primeiro passo na redescoberta da alma que perdera? Ele poderia reivindicar o direito de ser o líder, o libertador, aquele que mostrara a luz e o caminho.

Porém o olhar no rosto dele revelava que não se tratava de um sonho e que ele tinha mudado. Estava pálido. Envelhecido. Olhava para ela cheio de ódio. Não ficou surpresa ao ver uma arma aparecer na mão dele.

Tony disse alguma coisa, mas os assuntos urgentes do sonho o imergiram por um instante, tornando confuso o som das palavras.

— Você fez isso — disse ele, o revólver tremendo em sua mão.

Ela lutou para se libertar do sonho, para discutir com ele, mas compreendeu que era tarde demais; ele estava justificado, em sua juventude e sua raiva. Fora o segundo pecado que o trouxera de volta.

Sorria para ele como uma mãe sonolenta e misericordiosa quando a arma disparou.

CAPÍTULO 33

O funeral foi em Lake Geneva, a pedido de Dusty. Ela sabia que Rebecca amava aquele lugar e nutrira a esperança de poder viver ali algum dia. E verdade seja dita, não havia outro lugar ao qual se poderia dizer que ela pertencesse.

Irene veio da Flórida, bronzada a despeito da doença, que parecia derrotada pela sua teimosia em viver. Damon encontrou-a em O'Hare e voou com ela para Madison, onde se juntaram a Sam antes de ir para Lake Geneva.

Dusty e Cameron haviam voado para Chicago e ali alugado um carro. No trajeto, Dusty continuava ouvindo as últimas palavras da mãe, ao telefone, sobre sua chegada em O'Hare. Ela aterrissara na pequena cidade no dia combinado, porém a caminho do funeral da mãe. A voz de Rebecca ainda estava gravada na secretária, em Nova York. Dusty tinha certeza de que jamais teria coragem de escutar a gravação.

Compreensivelmente, ninguém dá família de Tony viera. Tony fora enterrado em Nova York, no dia anterior.

Os corpos haviam sido encontrados juntos. Ele colocara Rebecca nos braços antes de enfiar o cano na boca. Não havia nota. Apenas o cenário, encontrado por Sam e depois mostrado à polícia: os dois juntos perante o fogo ainda aceso.

O dia era típico do inverno em Wisconsin, frio e ensolarado, com uma sugestão de neve futura em algumas nuvens acinzentadas, movendo-se lentamente para oeste. As árvores sem folhas pareciam envergonhadas pela luz do sol, que brilhava em poças meio congeladas da última tempestade.

O serviço foi realizado pela igreja católica local. Christine viera com Sam. As outras filhas ficaram com as crianças em Madison. Sam e Christine retornariam naquela noite. Cameron e Dusty pretendiam passar um dia com eles antes de voltar para casa. Damon e Irene iriam voltar para Chicago naquela tarde, a tempo de apanhar conexões para Nova York e para a Flórida.

Todos se cumprimentavam, mas não pareciam à vontade uns com os outros. Damon, visivelmente preocupado, conversou brevemente com Sam. Dusty ficou próxima a Cameron, Sam abraçando Christine. Damon ficou de braço dado com Irene a maior parte do tempo.

O padre de Lake Geneva não conhecera Rebecca, mas Dusty e Sam o haviam instruído sobre o que dizer. Houve certo embaraço quando falaram sobre sua vida e a causa de sua morte. O padre parecia saber mais do que devia; sentiram uma certa censura em suas palavras.

O cemitério era pitoresco, estendendo-se pelo sopé de uma colina fora da cidade. Podia-se ver o lago como um brilho azul e distante atrás dos desfiladeiros. Ninguém de nenhuma das famílias estava enterrado ali. Seria apenas para Rebecca.

A pequena procissão avançou devagar pelo caminho, os pneus do carro produzindo ruído na terra dura. Todos se reuniram estremecendo ao redor da

sepultura, e Dusty teve o estranho pensamento de que deviam apressar-se, pois o vento era tão frio que seria mais quente para Rebecca embaixo da terra.

Depois das preces usuais, o padre adicionou palavras suas.

— Pai, pedimos seu perdão e sua bênção para nossa Rebecca. Pedimos perdão pelos pecados dela, e bênções pela coragem que demonstrou. Quaisquer que fossem os erros, ela soube reconhecê-los. Ousou admitir seus pecados para si mesma e para Vós. Julgue-a e seja misericordioso, através de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor Nosso, amém.

A pequena multidão afastou-se, pouco a pouco, depois que o caixão foi baixado. Apenas Irene estava chorando abertamente. Por um instante Damon ficou ao lado de Sam, olhando para a sepultura. Depois levou Irene dali.

Sam saiu com Dusty e Cameron. Os três permaneceram juntos por vários minutos, unidos por um impulso não externado. Os dois homens seguravam as mãos de Dusty.

Sam afastou-se e caminhou na direção dos carros; Dusty foi atingida por um sentimento de perda. Nos últimos meses aprendera a amá-lo quase como a um pai. Agora a intimidade de ambos tornara-se irreal, pois era apenas Rebecca que os unia, e agora que ela se fora, não possuía nada a não ser o sentimento de que a afeição instintiva os teria mantido próximos por quanto tempo ela vivesse. Dusty talvez nunca mais o visse. Por causa disso, a perda de Rebecca parecia subitamente mais irreparável e terrível.

Dusty olhou para a sepultura. Um floco de neve caiu de uma nuvem distante para congelar sua face e despertou as primeiras lágrimas. A luz era mais brilhante do que antes. Era o tipo de dia em que os gritos das crianças ecoam em distâncias longas na neve. O lago, embora meio congelado, brilhava entre as colinas nevadas.

— Mamãe...

Dusty curvou-se para tocar a terra, já fria. A fraqueza ou um súbito aperto no coração a fizeram perder o equilíbrio, e ela quase caiu. Cameron amparou-a a tempo.

— Cuidado.

Você é tudo o que eu tenho.

Ele a ajudou a ficar em pé. Dusty agarrou-lhe a mão, de forma que ele não a soltasse.

Sua dor surgiu quando sentiu a estranha incidência entre a Carne humana e seu amor. Como tudo era pouco durável! E como era improvável. O próprio Cameron entrara em sua vida como uma conseqüência das andanças de Rebecca. Cameron, cujo filho agora tomava forma em seu interior.

— Você está bem? — quis saber ele.

— Estou.

Agora ela se apoiava nele. Nenhum dos dois se moveu, mas a sepultura pareceu retroceder, como se alguém os estivesse separando de Rebecca, levando-os para outra vida.

Todas as coisas vêm de longe, pensou Dusty, sentindo o braço dele curvar-se em torno de sua cintura. Todas as coisas se aproximam ocultas e ao final escapam por

BestSeller n. 07 - Confissão - Elizabeth Gage

entre nossos dedos. Tateamos à frente para apanhá-las e só encontramos a nós mesmos. Ainda assim, ao final, o mundo se apieda, a roda gira uma última vez e não estamos sozinhos. Pura sorte ou apenas sonho...

A pergunta tornou-se um sorriso suave nos lábios de Dusty, quando olhou mais uma vez para Rebecca.

Então voltou-se da sepultura apoiada nos braços do marido e caminhou para o carro que a aguardava.

FIM